

REVISTA DA SEMANA

N.º 13



Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

27-3-48





Os tripulantes que dirigem os gigantescos Clippers são dos mais experimentados do mundo.

Deliciosas refeições - cuidadosamente preparadas - são servidas a bordo do Clipper.

O requintado conforto de que V. S. goza a bordo do Clipper faz o tempo voar ainda mais depressa que o próprio avião.

Viaje pela PAA

— melhor maneira não há!

Hoje em dia, o emblema da PAA é reconhecido em mais de 68 países como o símbolo do que há de melhor em transportes aéreos. Para viajar, não há maneira melhor.

Viaje pela rede aérea

com experiência **EXTRA!**

VIAGENS PARA TODA PARTE - CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores



A ÁGUA, ESSA DESCONHECIDA

QUE me desculpe o fantasma de Alexis Correll, mas, como estou em vias de me tornar cientista, acho que posso começar por tomar certas liberdades com ele. Eis como me aconteceu essa vocação. Vou contar em detalhes porque acho que uma história contada por alto perde cem por cento do valor educativo. E isto é coisa séria, educativa e profunda. Sobretudo movimentada e cheia de termos técnicos, como não de ver se tiveram a bondade de ir até o fim. Acontece que eu leio sempre os conselhos da SNES e li este "APARENCIA QUE ENGANA" — Várias substâncias modificam a coloração, o cheiro e o sabor da água. No entanto, a água pode conter impurezas prejudiciais ao organismo, sem que se modifiquem sensivelmente tais características. Antes de utilizar a água de beber, procure certificar-se de que ela não está alterada por alguma impureza.

Fiquei impressionada. Sou uma grande bebedora de água. Adoro a água. Chover para mim é corícea. Enxurrada é orquestra. Água correndo na torneira é festa, quando não é milagre. Sei coisas e coisas sobre a água e, se eu fosse egípcia, estaria entre as adoradoras do Nilo. Não sendo egípcia, tenho que voltar toda a minha veneração para o rio Nílo. É um rio que, segundo dizem, dá água, com certa má vontade, para todos nós. Entre as coisas que eu sei sobre a água, é que ela deve ser incolor e inodora. Também qualquer gostinho que apresente é fora do programa. Eis que vem a SNES e perturba toda a minha sabedoria. Ela afirma que a água tem que ter gosto, cheiro e cor. Só não terá as certas substâncias intrometidas lhe vierem tirar o sossego. E ainda, insidiosamente, declara que ela pode não dar sinal nenhum e conter terríveis impurezas. E conclui com aquele conselho que me valeu grandes aflições. É preciso ter certeza de que a água está mesmo em condições, antes de bebê-la. Ter essa certeza dá um trabalho dos diabos. O único jeito é analisar a água. Mas, ou a gente segue um conselho, ou então não segue. Se vai seguir, não deve medir trabalhos. E eu não posso deixar de seguir. É uma coisa irresistível. Assim que vejo um conselho, brucutu, não aguento. Eis pois que, para se beber um copo d'água, com dignidade e sem preocupações, deve-se estar de posse das seguintes coisas. Primeiro: — um balão de Erle Meyer, hermeticamente fechado, para se proceder a colheita da água. De posse desse encantador balão, deve-se conseguir, com urgência, um colosso de gelo. A água precisa ser conservada no ambiente esterilizado do balão e guardada no gelo, desde o lugar de onde saiu até o lugar onde vai ser analisada.

Suponhamos que eu esteja em casa de uns amigos, o casal Mauricio Rosenblat, por exemplo, e me seja oferecido um copo d'água. Na mesma hora devo providenciar o balão, o gelo e vinte pipetas graduadas, para a distribuição da água no meio da cultura. Creio que não haveria inconveniente em incluir o balão e as pipetas na minha bagagem pessoal. Mas o diabo é a estufa. Porque é preciso estufa. E uma estufa que tem que ser graduada certinho, a vinte e seis graus centígrados. Outra coisa que atrapalha também esse movimentado e entusiasmado conselho é a inclusão de sessenta tubos e mais trinta placas de petri, sem o que a festa se torna impossível. Com essa dificuldade da gente conseguir lugar nos ônibus, sendo magra e sózinha, não carregando senão uma bolsa, como é que se pode imaginar sair com tanto tubinho e tanta plaquinha?

Mas, ah! ou a gente segue um conselho ou então não segue. Compre-se o balão, compre-se a estufa, compre-se a coleção completa dos tubos e até o petri. Eis aí algo que me apetece comprar. Petri. Andei investigando em quanto poderia ficar essa compra toda. Por menos de trinta contos não se consegue nada. Arranja-se financiador. O conselho tem que ser seguido à risca e preciso saber se a água que vou beber é pura ou não.

E eis que, depois de todo esse esforço, de todo esse gasto, de toda essa boa vontade, eis que, depois de ser dona de um balão Erle Meyer, e de uma estufa, coisas que matariam de inveja qualquer das minhas amigas, ainda não posso saber se a água que me deram meus amigos é digna de confiança ou não. E por que não? Simplesmente porque não conheço bacteriologia. Vou para o microscópio (a essa altura já comprei um microscópio) e vejo um bichinho se mexendo. Como é que vou saber se ele é a favor ou se é contra? De que me adiantam os sessenta maravilhosos tubinhos se eu não conheço os habitantes da água? O único jeito é tomar o trem e suplicar uma matrícula em Manguinhos. Fazer um curso completo de bacteriologia e, depois, voltar e tomar posse do balão e do resio.

Mas, nesse meio tempo, como é que vai ser? Beber água na incerteza?

Isso nunca! Esquecer o conselho? Também não. Trata-se de um conselho inesquecível. Desprezar a água? Deus me livre. Até eu sair desse embarço serei constrangida a ajudar a indústria do uísque. Uísque com soda, meus amigos Rosenblatts. Uísque com soda, até que eu desvende por completo o segredo da água. Até que, provida de um diploma, no meio de retortas e tubos de ensaio, eu possa ingerir meu copo d'água de coração tranquilo e com a consciência serena de quem cumpriu o seu dever.

LUCIA BENEDETTI (Especial para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

A água, essa desconhecida (Lucia Benedetti)	3
O descobridor muda de pouso (Berilo Neves)	16
Dois cinquentenários	17

BIOGRAFIA:

A vida de São Francisco de Assis (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	30
---	----

CARICATURA:

Bom humor	40
-----------------	----

REPORTAGENS:

Em Belo Horizonte há um homem que faz milagres! (Milton Pedrosa)	6/11
Arturo de Cordoba no Rio (Ney Machado)	14/15
"Cabeleireiro de senhoras", no cartaz de Mesquitinha	20/21
Revelação de uma nova autora dramática	22/23
O maior dos poetas franceses é um ladrão (Romain Lesage)	26/27

CONTOS:

Mateo Falconi (Prosper Mérimé)	18/19
Um amor se cura com outro (Yvonne Botkay)	24/25
O tropeiro (Alberto Leal)	28/29
Vem para a sala de visitas, Pequeninha (Helena Silveira)	42

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	12
Música	44
Pelas estradas do céu	47

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	31
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	32
Muro das lamentações	33
Mães e filhos (Zóia de Laet)	34
O espírito feminino através dos tempos	37
"Week-end" na cozinha (Mary Cook)	38
Caixa de Ressonância (Demóstenes Varrela)	39

ILUSTRAÇÃO:

Ana Zagorska, Armando Pacheco, Orlando Matos e Abelardo Zaluvar.

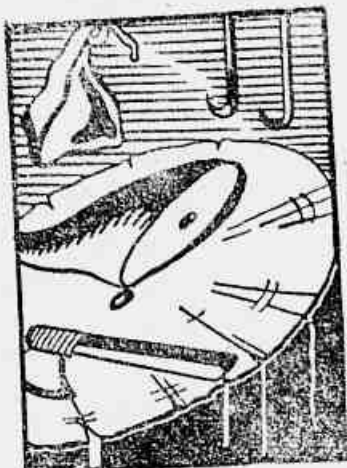
NOSSA CAPA



Nossa capa apresenta hoje uma nova revelação da Universal-International, a simpática Paule Croset. Nascida em Tahiti, ela terá sua oportunidade no filme produzido por Douglas Fairbanks Junior e dirigido por Max Opula "The exile" (ainda sem título em português), ao lado do próprio Douglas Fairbanks e de Maria Montez. Paule Croset está sendo apresentada aos fãs dos Estados Unidos numa excursão especialmente preparada pela Universal-International, na qual ela percorrerá nada menos de vinte e três grandes cidades.

a Semana em Revista

CONVERSA PARA BOI DORMIR...



Há certos comerciantes, no Rio, senão em todo o país, que ficam "doentes" quando vêem o seu negócio honestamente controlado e fiscalizado pelo governo. Começam a gritar que isto é ditadura, esquecendo-se que lucro excessivo é roubo e que tal crime em outros países não totalitários, é punido com longos anos de cadeia, coisa da qual aqui no Rio se livram sempre. Isto vem a propósito das lamentações que os donos de açougues vêm fazendo perante vereadores, autoridades e até em alguns órgãos da imprensa. Alegam os varejistas da carne verde que "o seu lucro é infimo". Acusados de misturarem carne de segunda ao péso da carne de primeira, declararam esta inocência: "assim fazemos porque não recebemos carne de primeira em quantidade suficiente. E os fregueses só querem desta qualidade". Muito bem! Porque os fregueses só querem carne de primeira, os açougueiros acharam a fabulosa solução: vendem carne de segunda como sendo de primeira! Outros açougueiros pretendem usar do fantasma do "lock-out" e ameaçaram o prefeito: se não forem atendidos em nossas pretensões (são inúmeras as pretensões) entregaremos os nossos açougues à Prefeitura. Aprenderam o golpe com os padeiros, quando estes conseguiram o último aumento no preço do pão. A Comissão de Agricultura, Indústria e Comércio da Câmara dos Vereadores, sob a presidência do edil João Luis de Carvalho, está ouvindo pacientemente as lamúrias da "laboriosa classe". Assistem a Comissão representantes da União Feminina Contra a Carestia. Nesse momento em que periga a bolsa do zé-povinho, ameaçado de ver novamente aumentado o preço da carne, não podemos deixar de protestar contra os

argumentos particulares dos açougueiros em defesa do aumento dos seus lucros. Eles só têm razão em um ponto: quando acusam a profecia de que gozam os frios, açougueiros, açougueiros, monopolizadores de todo o comércio da carne verde. Entretanto, o prefeito Mendes de Moraes já resolveu em parte a distribuição da carne aos açougueiros, conseguindo, inclusive, fazer com que voltassem a funcionar matadouros que estavam fechados por falta de reses. Para que os senhores vereadores e demais autoridades se compenem das falsas reclamações dos açougueiros, basta atentar para o escândalo da carne que está sendo debatido na Câmara dos Deputados de São Paulo. O deputado Juvenal Sayon demonstrou como os açougueiros abusam do "câmbio negro". O açougueiro Luis Grecco é ali incumbido de fazer a coleta de dinheiro para a "caixinha" da polícia e todos os colegas que contribuem para a mesma estão a salvo das diligências policiais!!! Entre outras notas o repórter Arlindo Silva informa que no ano passado essa coleta rendeu oitocentos mil cruzeiros, empregados para fechar a boca de certas autoridades da polícia paulista. Entre os investigadores cumplicados na marqueteira estão Mario Napoli e Omar Xavier, que todas as semanas recebiam quatrocentos e cinquenta cruzeiros por intermédio de Luis Grecco. Isso tudo vem atestar que a confraria é poderosa e esse sistema de "caixinhas" está se tornando usual entre os exploradores do povo. Os senhores vereadores têm a obrigação de defender os interesses do povo em primeiro lugar e, satisfeitos aqueles, zelar pelo interesse das classes que servem o público. O que não podem fazer é levar o carro adiante dos bois, precipitando lucros superiores a vinte por cento (e chega!) aos negociantes e racionando ainda mais a parca refeição do carioca. Não acreditem que os açougueiros andem mal de finanças. Comparem o seu padrão de vida com o das famílias dos subúrbios a que servem. Esse lero-lero de "lucro infimo" é conversa mole para boi dormir...

UM GESTO SIGNIFICATIVO DE UM HOMEM PÚBLICO



prégo público, um cartório, um lugar numa representação do país no exterior, a presidência de um instituto ou de uma caixa de aposentadorias, de um banco ou

Telegrama de Salvador, capital da Bahia, narra-nos um fato interessante, que vem pôr em relevo, mais uma vez, as atitudes eminentemente democráticas de um dos mais ilustres homens públicos do Brasil. Aludimos ao sr. Otavio Mangabeira, que muito cooperou para a volta do país ao regime legal e que logrou ser escolhido pela quase unanimidade do povo baiano para dirigir os destinos do grande Estado. E' muito difícil, no Brasil, a um homem público, fugir aos adulares, à ação da lisonja, às homenagens empreitadas dos que, não se impondo pelos seus méritos pessoais, visam se impor pela subserviência hipócrita, pela cortesanice mais ou menos indecorosa. Saimos, justamente, de um regime em que se usou e abusou desses recursos e expedientes. Quem queria um em-

de uma companhia de seguros, não precisava senão de fazer a corte ao todo poderoso detentor do poder pessoal e absoluto. Por isso mesmo, a glorificação do ditador, mais tarde aliado do poder excedeu todos os limites, chegando a parecer a do pitoresco general Juan Manuel Rosas, quando no poder, na Argentina. — época em que até as cartas de baralho e os leques das senhoras traziam impressas a sua efígie e os padres eram obrigados a convidar os fiéis, em cada missa, a orar "pela saúde do excelentíssimo senhor presidente". Muitos não se aperceberam, ainda, de que alguma coisa mudou no Brasil e querem insistir nos mesmos processos, desmoralizados e sediciosos. Foi assim que alguém, para bajular o sr. Otavio Mangabeira, sugeriu a aposição de seu retrato ao salão de honra de todas as municipalidades da Bahia. Só vender retratos e molduras para tantos municípios já era um bom princípio de negócio, mesmo porque, depois das municipalidades, poderiam vir as escolas, as delegacias, os quartéis, as coletorias, etc... O sr. Otavio Mangabeira, entretanto, cortou a exploração pela raiz, deautorizando imediatamente esse ensaio de getulização... Os donos da idéia devem ter ficado de nariz no ar, ou de cotovelo doendo. — mas os verdadeiros democratas não têm motivos senão para louvar essa magnífica e nobre atitude.

O DISCURSO ENÉRGICO E OPORTUNO DO PRESIDENTE TRUMAN



antigo Komintern por um instrumento novo e ainda mais eficaz de penetração, o Kominform, que tem operado com grande êxito, especialmente nos países da Europa. A Rússia, pela pressão diplomática, pela ação política dos comunistas europeus, como pela pressão militar, tem suas fronteiras hoje em dia muito além do que jamais as teve na época do imperialismo czarista. E', na verdade, a

O mundo está numa encruzilhada, — e nesta encruzilhada se defrontam duas forças igualmente poderosas. De um lado, o mundo ocidental, com um sistema de vida peculiar à sua formação histórica, à sua cultura e à sua economia. Do outro lado, o mundo oriental, dominado pelo colosso eslavo, pela gigantesca Rússia comunista, onde se processa uma experiência que já conta trinta anos e que se obstina em alargar-se, em expandir-se cada vez mais, atribuindo suas vicissitudes não ao fracasso desse sistema nessa aplicação já bastante prolongada, mas na existência de um sistema diverso, inconciliável com o comunista. Assim, voltou, após a guerra, o colosso soviético a tentar conquistar o mundo, a tentar realizar a sonhada revolução mundial, substituindo o

Grande Rússia, quer na Europa, quer na Ásia. Cairam sob seu domínio nações e mais nações: Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, România, Bulgária, Checoslováquia, Iugoslávia, Albânia, sem contar com grande parte da Alemanha, que lhe tocou como presa de guerra. São inequívocas as ambições de predomínio comunista em toda a Europa, especialmente na Itália, através de Togliatti, e na França, através de Thorez. Foi no intuito de advertir a Rússia e o mundo do perigo em que importa esse expansionismo de claras tendências agressivas, que o presidente dos Estados Unidos, sr. Harry S. Truman, proferiu na semana passada, em Washington, modelar discurso, de formidável repercussão internacional. Falando clara e francamente, o eminente estadista veio marcar a posição firme dos Estados Unidos em relação aos problemas mundiais, fazendo ver aos russos que não serão toleradas novas violações ou tentativas de implantação de regimes totalitários, fundados em partidos únicos obedientes a Moscou. Esse discurso de Truman pode ser colocado ao lado dos grandes discursos de advertência do inesquecível presidente Roosevelt quando fez ver a Mussolini, a Hitler e a Tojo que não podiam levar adiante seus atentados contra a soberania de povos livres. Se Stalin for surdo a essas advertências, como surdos foram Mussolini, Hitler e Tojo, poderemos dizer que não existirá nada de mais precário do que a paz de que goza o mundo...

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 13 — 27-3-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5492

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", A. rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 62 — 1.º andar, sala 217. Telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

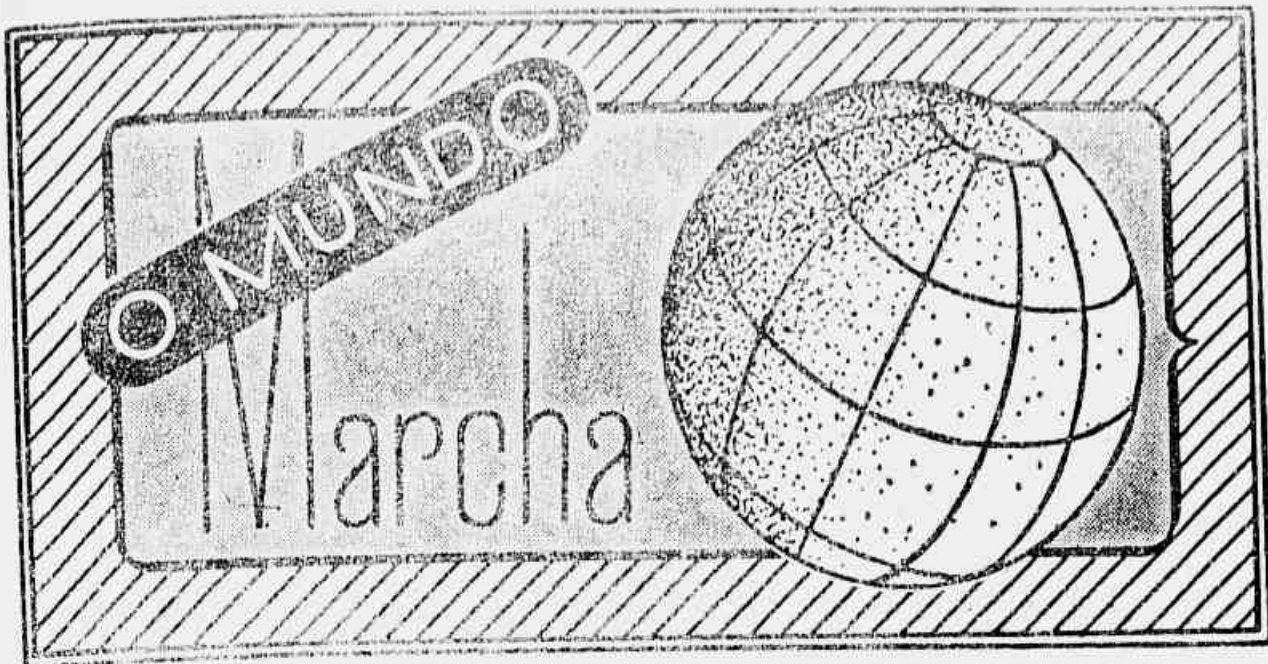
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que está à venda em todo o Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — So serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

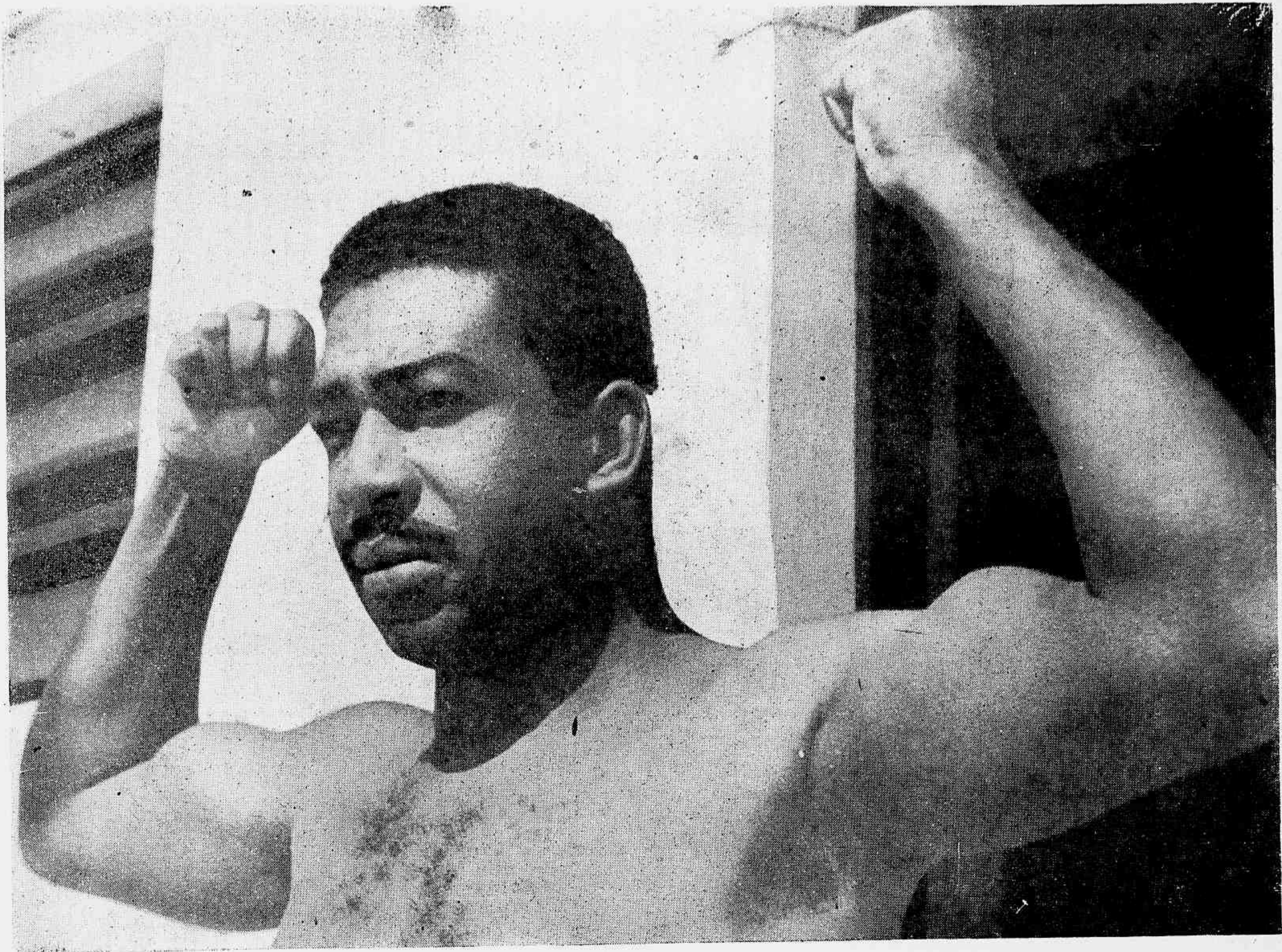
5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

A quinzena não esteve muito feliz para o transporte aéreo por essas latitudes. Depois dos dois desastres com aviões da FAB no Pará, a imprensa noticiou na semana passada o acidente verificado com um avião da Cruzeiro do Sul, em São Paulo, morrendo todos os quatro tripulantes. Também no Rio, em Jacarepaguá, caiu um avião, de treinamento, sucumbindo o seu piloto. De acordo com a gira aeronáutica, a "bruxa" ainda fazenda das suas... Completaram ontem, dia 26, as bodas de prata o rei Jorge VI e a rainha Elizabeth, da Inglaterra. Um casal singular neste mundo revolucionado... O senhor Lopes Gonçalves, representante da imprensa na Comissão Central de Freios, provou a essa entidade a ganância criminosa de certos hotéis que aumentaram os preços de seus hotéis de trezentos por cento em menos de um ano... Continua batendo os recordes de permanência em cartaz "O Caso de Aracy Abella". Novamente presa, sua história já mereceu a transcrição em novela e provocou até uma edição extra de conhecido semanário carioca. A abelha criminosa ainda não confessou o delito... O sr. Benedito Valadães, tido como responsável por várias joias de expressão que figuram no anedotário popular, resolveu desmentir essa fama, — se não for tarde de mais, — e, ao que se anuncia, lançar em breve seu primeiro romance, intitulado "O Esperidião". Disseram-lhe que seria um autêntico "best-seller" e o ex-ator de máscaras quase deu no engraçadinho. Tomou a coisa como ofensa... A Central do Brasil vai passar a explorar o serviço de "burets" nos trens. Esperamos que não o "explore" em demasia!... O comandante Augusto do Amaral Peixoto, desmentindo as notícias de um vespertino, afirmou que os navios do Lloyd Brasileiro nunca viajam vazios. Igualmente aos bondes ipanema... Os Estados Unidos dos Estados Unidos, com especialidade a Georgia, continuam dando um triste exemplo de racismo e intolerância para com os negros. A Ku-Klux-Klan tem feito "miserias", principalmente depois que o presidente Truman proclamou o programa de direitos civis iguais para brancos e negros. Ah, não gostam desse fardo democrático do mestre presidente dos Estados Unidos... Um fato escandaloso está passando despercebido aos nossos vereadores e deputados: as verbas com as despesas de pessoal nos institutos de previdência são maiores que as dos ministérios, segundo relatório de "O Grupo"! Parece que a maior obra de assistência social dessas autarquias são os papados ordenados aos seus milhares de funcionários... Os auditores do Tribunal de Contas, alegando que os vencimentos dos ministros daquele tribunal foram aumentados, pedem também melhoria de salário para Cr\$ 7.400,000 mensais. O presidente da República resolveu designar a seguinte delegação a Noná Conferência Americana, a realizar-se em Bogotá: chefe da delegação, embaixador João Neves da Fontoura; delegados, general do Exército Salvador Cesar Góes, ministro plenipotenciário Antônio Caramelo de Oliveira, senador Artur Ferreira dos Santos, deputados João Henrique Sampaio Vieira da Silva e Gabriel de Nezenne Frazão, sr. Emanoel Gomes Carvalhal e professor Jorge Tenpe Katari; delegados suplentes, major brigadier Flávio de Sa, contra-almirante Ernesto de Araújo, assessores, coronel Emanoel Maurício Filho, major Nelson de Almeida Herrera, Sérgio Correa Aronso da Costa; secretário geral, 1.º secretário João Guimarães Rosa; secretários, conselheiro Milton Faria, 2.º secretário, Carlos Alfredo Bernardes, 3.º secretário, Evaristo de Lima, conselheiro Roberto Luis de Assunção de Araújo, conselheiro Luiz Henrique de Castro e Silva e conselheiro Jorge Faria de Carvalho. Segundo noticiário da imprensa, os EE. UU. continuam ainda nessa Conferência os entraves legais existentes em vários países sul-americanos (inclusive o Brasil) que impedem ao capital estrangeiro explorar o petróleo e outros produtos minerais. Por não terem conseguido ainda tal coisa e que o petróleo do Lobo está custando tanto a ser explorado comercialmente... O ministro da Reconstrução da Noná conseguiu crédito da Câmara para construir quarenta mil casas este ano e ainda, assim, o problema de moradia. Isto sendo terminadas umas mil casas por mês. Não, lá eles não possuem uma operosa Fundação da Casa Popular para arripantar... A Associação Comercial de Porto Alegre protestou contra o ante-projeto de lei sobre limitação de lucros. Não admira! O controle de preços arruinaria o país! — dizem os nossos... Mas, que é o povo? Um casal provocou um escândalo no prédio da Rua Pedro Ernesto, 41. A Rádio Patrulha ocorreu e deteve os conjuges: ela é Sibila Mizniska, polonesa, com 67 anos; ele é Raimundo Roberto da Silva, brasileiro, com 23 anos, moço, incompreensível de... lúcido... O professor Edward Streker, famoso psiquiatra norte-americano, explicou porque quarenta por cento dos convalescentes do seu país foram rejeitados por "motivos psiquiátricos" afirmou que isso se deve ao "maternismo", isto é, "a tendência crescente dos jovens norte-americanos se agarrarem às suas mães, muito tempo ainda depois de se tornarem emancipados"... Pareceu a semana passada o artigo jornalista Junio Gomes da Cunha Muniz que há vinte anos sua durante os três dias de Carnaval, fazendo o "Bico do Eu Sozinho", uma das tradições da folia carioca... Vai chegar ao seu lançamento... A senhora Irene Joliet Curie, filha de Mme. Curie, quando aterrissava no aeródromo La Guardia, foi recebida pelo Serviço de Imigração do país. A filha da descobridora do rádio fora convidada para fazer em favor dos republicanos espanhóis no Comitê de Refugiados Antifascistas. Mas essa organização tem de ser considerada subversiva pelo secretário de Justiça... Na sessão do Conselho da República Francesa houve uma sessão de pugilato, durante meia hora, entre comunistas, direitistas e degaunistas... Em Londres, o senhor Douglas Hyde, redator do "Daily Worker", depois de permanecer durante vinte anos ao Partido Comunista, abandonou o mesmo, declarando que não poderia continuar aceitando a política expansionista e totalitária do Partido. "O movimento pelo qual lutei durante vinte anos está destruindo aquelas mesmas liberdades e conquistas pelas quais alegava estar lutando", declarou, como despedida, o jornalista Hyde... Aqui no Rio comemora-se hoje com grande pompa a "Mi-Careme", um segundo carnaval. Foi eleita "Rainha da Cidade", em renhido pleito, a srta. Arlete Braga Sales. O movimento teatral continua intenso. Bibi Ferreira bate todos os "records" de bilheteria em "A Pequena Catarina". Dulcina vai reaparecer em "A Águia de Duas Cabeças", de Jean Cocteau, e Orlan anuncia a "Barra da Comédia". Jayme Costa, Mesquitinha, o Teatro do Estudante continuam firmes. E o "Mártir do Calvário" assola o Recreio, o João Caetano e vários pavilhões. Por hoje, é só. Até sábado vindouro!



As duas internadas mais antigas do Sanatório Morro das Pedras. A vovózinha, à esquerda, ainda tem esperanças de ficar boa. Pois não dizem que o doutor Marques Lisboa é um verdadeiro santo? Bem pode ser que ele faça o milagre de curar os seus pulmões. Em sua casa, meia dúzia de netinhos esperam o retorno da vovó.



Este gaúpo rapaz pertence ao menor de todos os grupos... o dos que se curam. Mais uma vida restituída ao trabalho e à família pelos médicos e enfermeiras que lutam todos os dias no sanatório para diminuir o índice de mortalidade dos internados, que é atualmente de vinte por cento.

EM BELO HORIZONTE HA' UM HOMEM QUE FAZ MILAGRES!

NÃO É SANTO, NEM MÁGICO — É APENAS UM VELHO PROFESSOR DE BOM CORAÇÃO — A HISTÓRIA SINGULAR DO DR. MARQUES LISBOA E DO SANATÓRIO MORRO DAS PEDRAS — FOI UM COLABORADOR DE OSWALDO CRUZ

Reportagem de MILTON PEDROSA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Fotos de AUGUSTO CARDOSO

REGOZIJAI-VOS, cidadãos do Brasil, vós que vindes a Belo Horizonte, que vindes a Belo Horizonte tratar de vossas indústrias, de vosso comércio, de vossos casos políticos ou de vossos corpos.

Regozijai-vos e, principalmente, não tenhais medo. Uma notícia vos dou, atental bem para ela; não ultrapassa oito mil o número de tuberculosos na capital mineira. E talvez este cálculo ainda seja exagerado. Não julgueis que eu esteja descobrindo a pólvora. Os médicos sabem disso, os especialistas têm certeza, pois que eles têm uma longa experiência e calculam que para cada grupo de 100 mil habitantes pode-se dar uma média de 2.800 tuberculosos. E esta verificação já é um tanto velha, e o cálculo se aplica também ao Rio, a S. Paulo e a outros centros. Vale a divulgação que ora vos faço, para leigos, leigos como o leigo repórter, e não para doutos, em verdade é o que vos digo, pois que eu também pensava que no mínimo trinta por cento da população da bela capital de Minas pecavam pelos seus pulmões.

Em verdade, ainda vos digo que a revelação não me veio nas asas de algum estalo, nem a busquei eu nas páginas de algum livro. Ela veio através de uma palestra com alguns médicos, entre eles o velho professor Henrique Marques Lisboa, realmente o assunto de que vos quero falar hoje, não passando tudo quanto já vos disse acima de mero, nada

lindo, nem mesmo necessário «nariz-de-cera», sujeito inclusive ao corte do secretário da revista.

UMA PROFISSÃO DE FÉ NA CIÊNCIA

No dia em que visitei o professor Henrique Marques Lisboa, ele recebia u'a manifestação de alunos e colegas, pois que fazia 70 anos de vida e já ultrapassara 33 de magistério, preparando-se para a aposentadoria.

É uma longa vida, que se desenvolve desde aquele 17 de fevereiro de 1876 (se quisermos tomar como ponto de partida a data de seu nascimento, em Barbacena) e se consubstancia hoje na profissão de fé, não de fé religiosa, mas de crença científica, que ele leu aos seus manifestantes.

Justificando a necessidade dessa profissão de fé na ciência, declarou o professor Marques Lisboa, havia quem pensasse que ele não acreditava nem em micróbios, visto que, certa vez, em companhia de um filho, também médico, havia ingerido culturas puras de bacilos tíficos.

E para saber de onde proveio essa crença é preciso acompanhar a sua vida, principalmente a sua carreira médica, que se inicia com a formatura pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pois para ali se mudara aos dois anos de idade, e ali residiu durante muitos anos em companhia de seu avô, o marquês de Tamandaré.

Foi aí, no então Instituto de Mangueiras, que tudo teve início para aquele estudante de parasitologia que ingressou nos serviços de vacinação contra a peste bubônica, por indicação do próprio Oswaldo Cruz.

A PESTE BUBÔNICA NO RIO

Foi aí que o jovem médico atravessou o surto epidêmico que ocorreu no Rio durante o verão 1902-1903.

Oswaldo Cruz ordenou a Marques Lisboa que fosse morar no Hospital de Juruja, a fim de servir de ligação entre os trabalhos da clínica hospitalar e os de laboratório. Sua função principal era fazer com que o tratamento dos pestosos fosse feito à base do soro antipestoso, então absolutamente desacreditado, e não pela extirpação dos bubões, o que era extremamente doloroso. Melhor do que ninguém, o professor Marques Lisboa rememora essa fase de sua vida: «Havia junto ao hospital um forno crematório, que não servia para cremação, pois apenas conseguira assar o cadáver de um cão, aí colocado para ser cremado. Isso importou, entretanto, em maléfico preconceito, pois os pescadores da vizinhança afirmavam que moribundos, ainda com vida, eram aí queimados. Justificava em parte esta idéia de doentes queimados ainda vivos o berreiro enorme de doentes, cujos bubões, extraordinariamente sensíveis ao mais leve contacto,

eram extirpados sem anestesia, pelos cirurgiões da casa. Os pescadores da vizinhança, ouvindo os gritos de dor, espalhavam a lenda da cremação em vida».

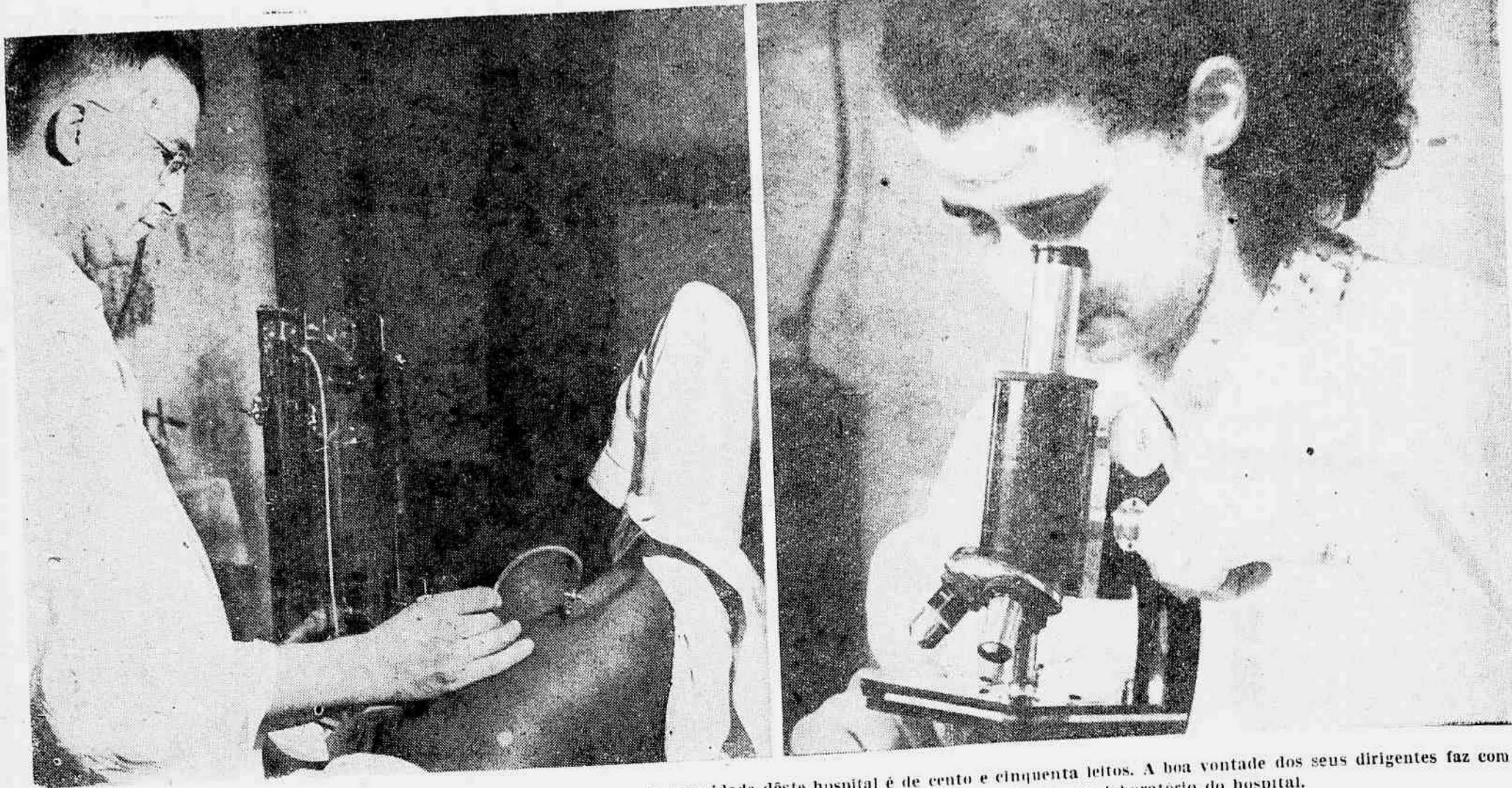
A luta era em duas frentes: contra a doença e contra o tratamento então adotado. «Entretanto — acrescenta o professor Marques Lisboa — foi uma grande sorte para mim que a mesa de operações tivesse de ser mandada para a oficina de consertos, pois assim os doentes em melhor estado não foram os reservados para o bárbaro tratamento cirúrgico, e desse modo todos puderam ser tratados pela soroterapia, e não apenas os moribundos, o que era uma grande desvantagem para a nova terapêutica. Resultados admiráveis se seguiram, o soro de Oswaldo Cruz saiu vitorioso e a mesa de operações passou para mesa de curativos».

Na verdade esta constituiu a primeira etapa na vida do jovem médico.

ATACADO DE PESTE

A segunda havia de começar com a sua nomeação para auxiliar-técnico do Laboratório Bacteriológico Federal, com a função de visitar doentes suspeitos de peste bubônica, para punccionar-lhes o bubão e extrair material de que necessitava o laboratório.

Depois foi encarregado por Oswaldo Cruz da desinfecção e expurgo de ratos nas zonas comerciais; após foi enviado



A esquerda: o doutor José Feldman faz uma aplicação de pneumotorax. A capacidade d'este hospital é de cento e cinquenta leitos. A boa vontade dos seus dirigentes faz com que exista sempre um número maior de internados. A direita: o exame de uma lâmina no laboratório do hospital.

ao Maranhão, onde passou o período mais trabalhoso de sua vida, como único médico responsável pelo combate à epidemia que por lá se alastrava, de tal modo que acabou, ele mesmo, regressando ao Rio, atacado de peste. A seguir foi nomeado, ainda por Osvaldo Cruz, delegado de saúde pública do 3º distrito sanitário da Lapa; depois, do 1º distrito, em Copacabana e Botafogo, e lá se foram mais de dez anos.

Depois... E poderíamos continuar assim por páginas e páginas, alinhando datas, alinhando nomes, alinhando cargos, e isso juntando os trabalhos que publicou, as experiências que fez, as teorias que pôs em dúvida, as teses que levantou, os resultados de sua experiência, tudo o que viu, os bicos tortuosos e sujos do Rio de Janeiro, visitas a casas onde as pulgas saltavam formando montículos sobre a pele, tudo isso que esgota uma vida e que faz uma experiência, expe-

riência que se transmite, que se enriquece e que forma uma crença.

Mas não. Preferimos falar de outra coisa, de algo que está ligado à sua vida, como a unha à carne.

Preferimos falar daquilo em que a obra e o homem se confundem. Falar do «Sanatório Marques Lisboa», que é o mesmo que o «Sanatório Morro das Pedras».

ONDE APARECE UM BARBEIRO

Mas, de início, falemos de um barbeiro. Sim, senhores, falemos de um barbeiro que se chamou José César dos Santos, que falar dele é falar também do Sanatório, pois foi dele a idéia, vaga e teimosa idéia de amparo aos tuberculosos, teimosa, de todas as horas e de todos os dias, e que o fazia falador, tão falador como só mesmo um barbeiro podia ser.

Falemos dele, que falar dele é falar de uma instituição tão indispensável com-

indispensável é o cidadão fazer a barba, tão indispensável que existiria ainda mesmo que apenas um varão existisse sobre a face da terra.

Falemos dele, tanto quanto ele falava de seus planos, pois que o seu nome vai sendo esquecido.

E falemos principalmente para lembrar o dinheiro com que ele auxiliava os tuberculosos, das festas que ele armava para fazer finanças, das reuniões, dos «bate-papos» que ele inventava quando alguém batia à sua porta, ou simplesmente quando ele saía à rua.

E falemos dele também por que ele fechou a barbearia e «abriu» um café, onde era roubado sabendo e, sabendo, não se incomodava, e, não se incomodando, «quebrou» e morreu na miséria, como empregado de outro patrão, que não falava tanto, não era barbeiro nem tinha idéias altruísticas.

E falemos para dizer que ele não ra-

tuberculoso nem comunista, que neste tempo a polícia tinha mais que fazer e mesmo havia menos polícias que ladrões, e não chegavam para os mestres da capoeira que havia pelos morros fazendo coisas do arco da velha.

Falemos, falemos. Falemos para dizer que o dr. Marques Lisboa, recém-chegado a Belo Horizonte era um de seus fregueses e que, enquanto a navalha escorria pelo queixo, a conversa escorria pelos ouvidos: patatá, patati, patatá, patati.

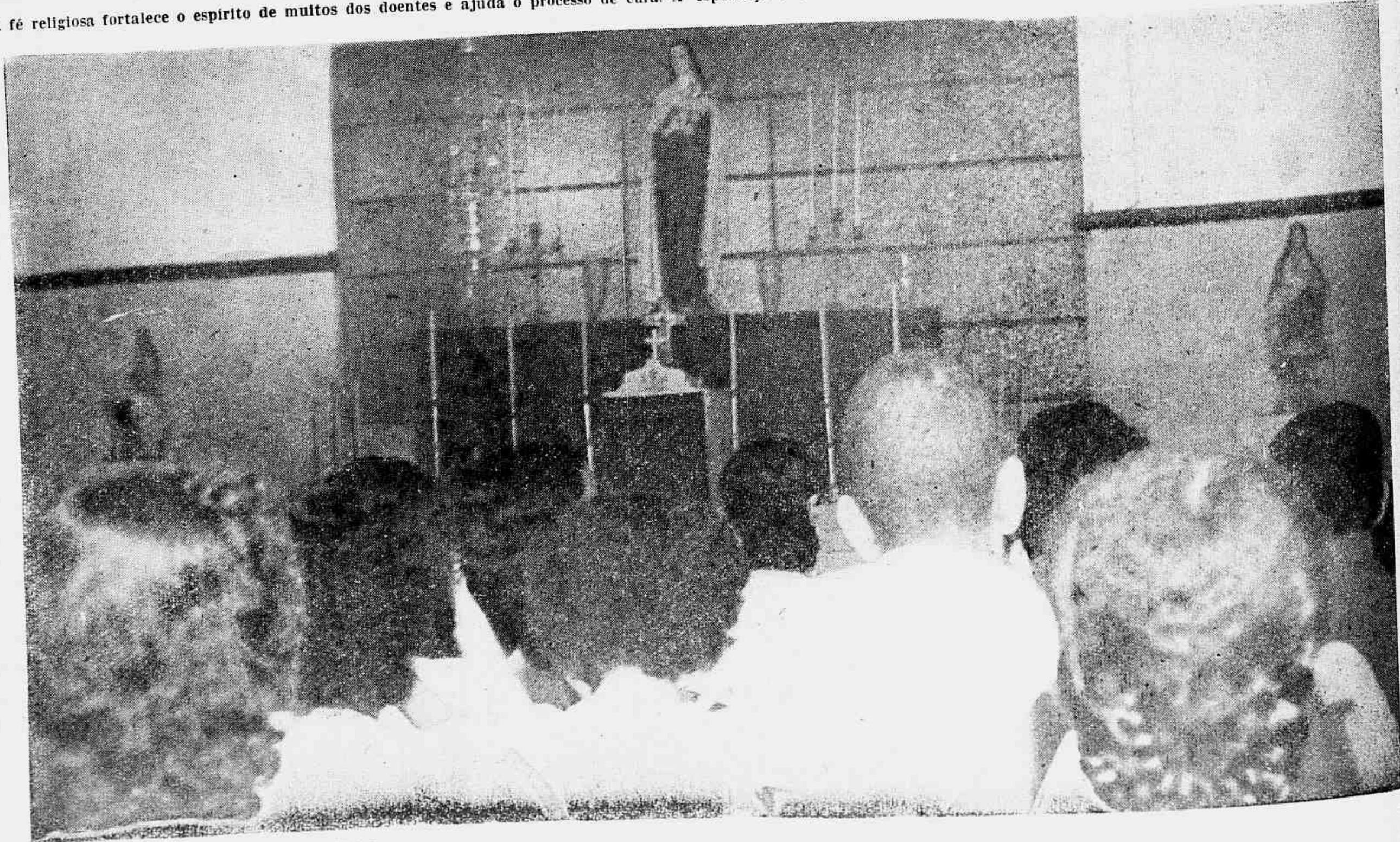
COMO NASCEU O SANATÓRIO

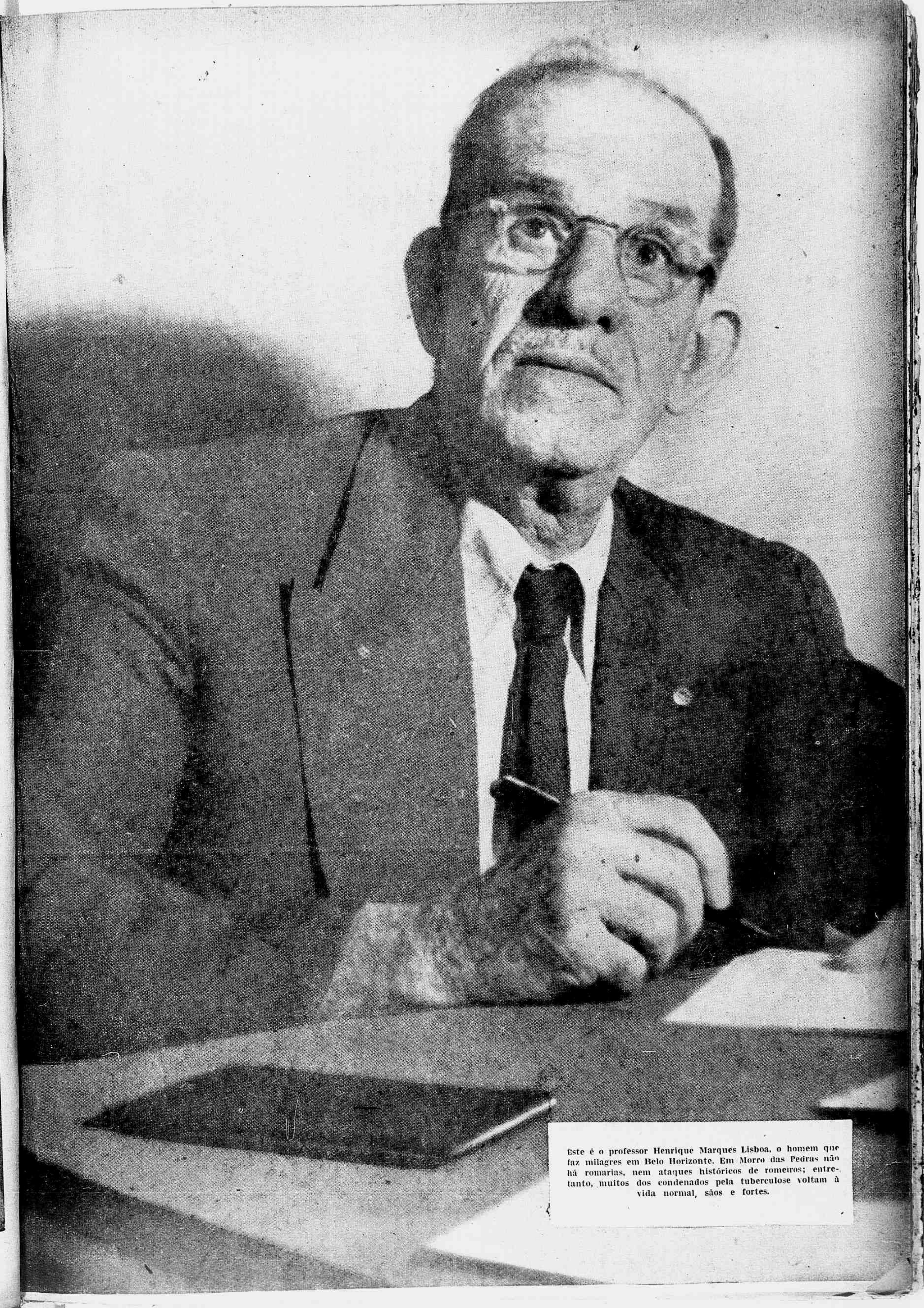
E daí — de tanto falar um e de tanto ouvir outro, médico e barbeiro se uniram.

E nasceu o «Sanatório Morro das Pedras».

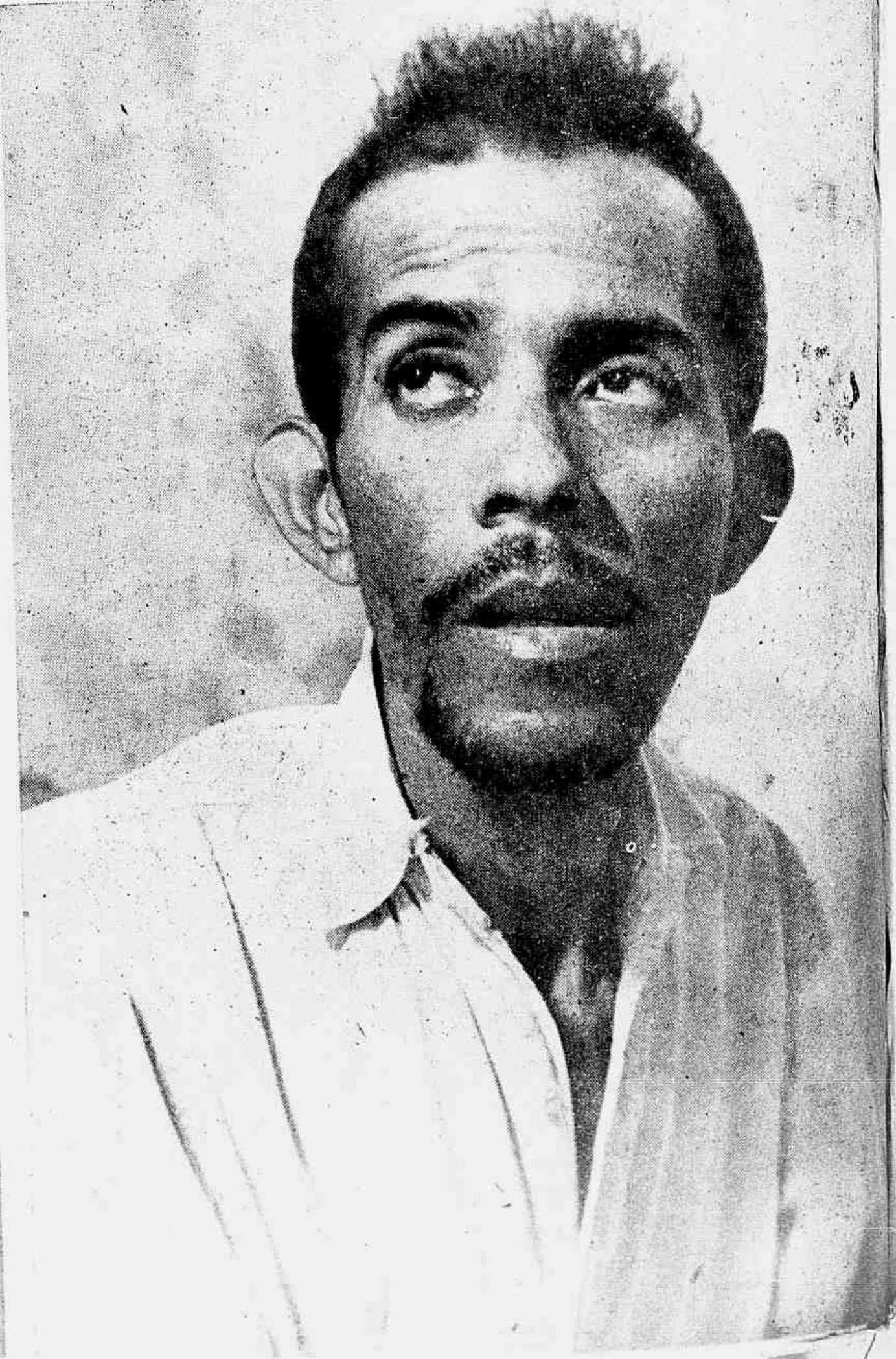
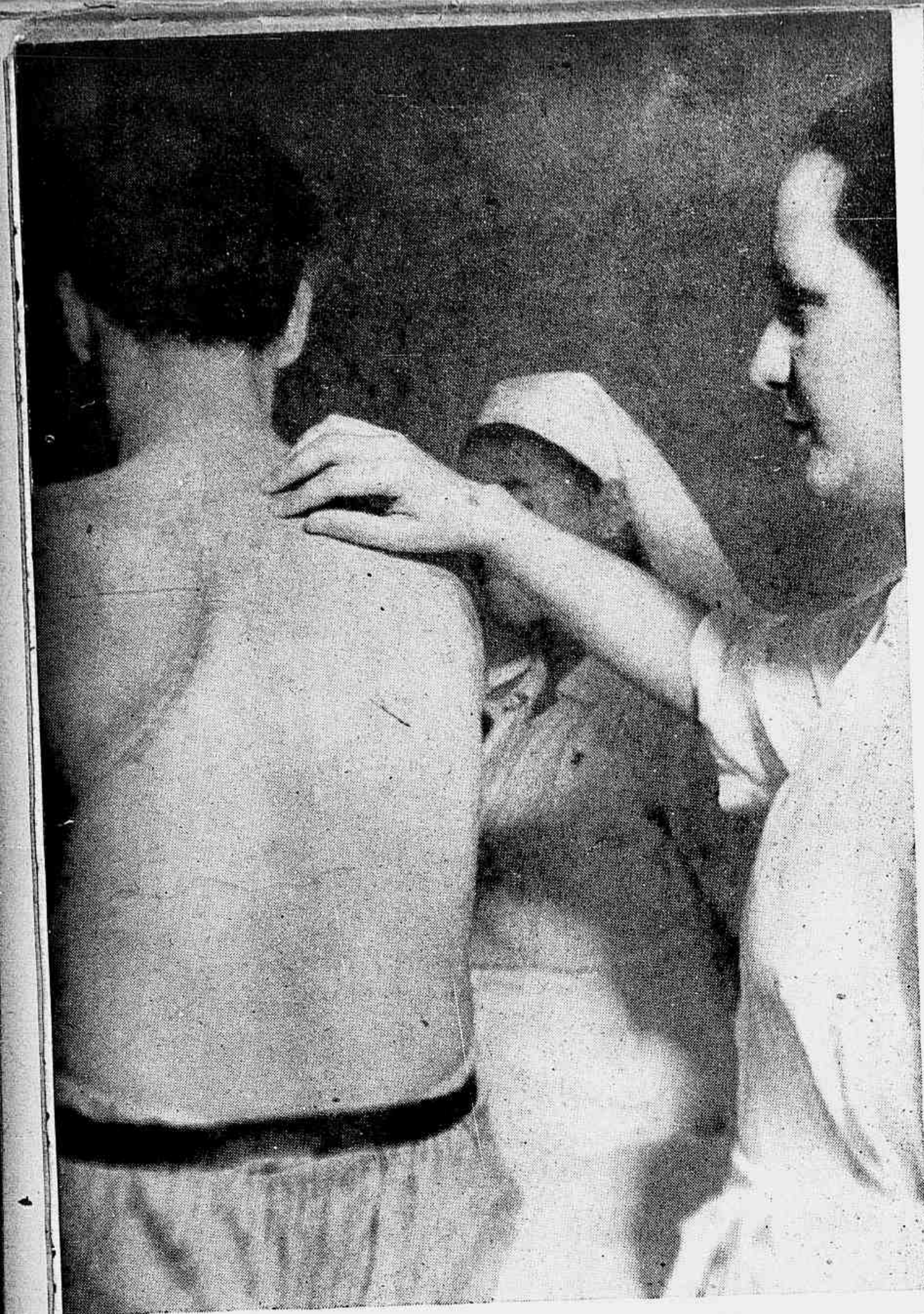
Nasceu de uma tómbola que rendeu 105 mil cruzeiros. Com isso foi a água instalada, foi instalada a eletricidade e surgiram as primeiras casinhas de adobe,

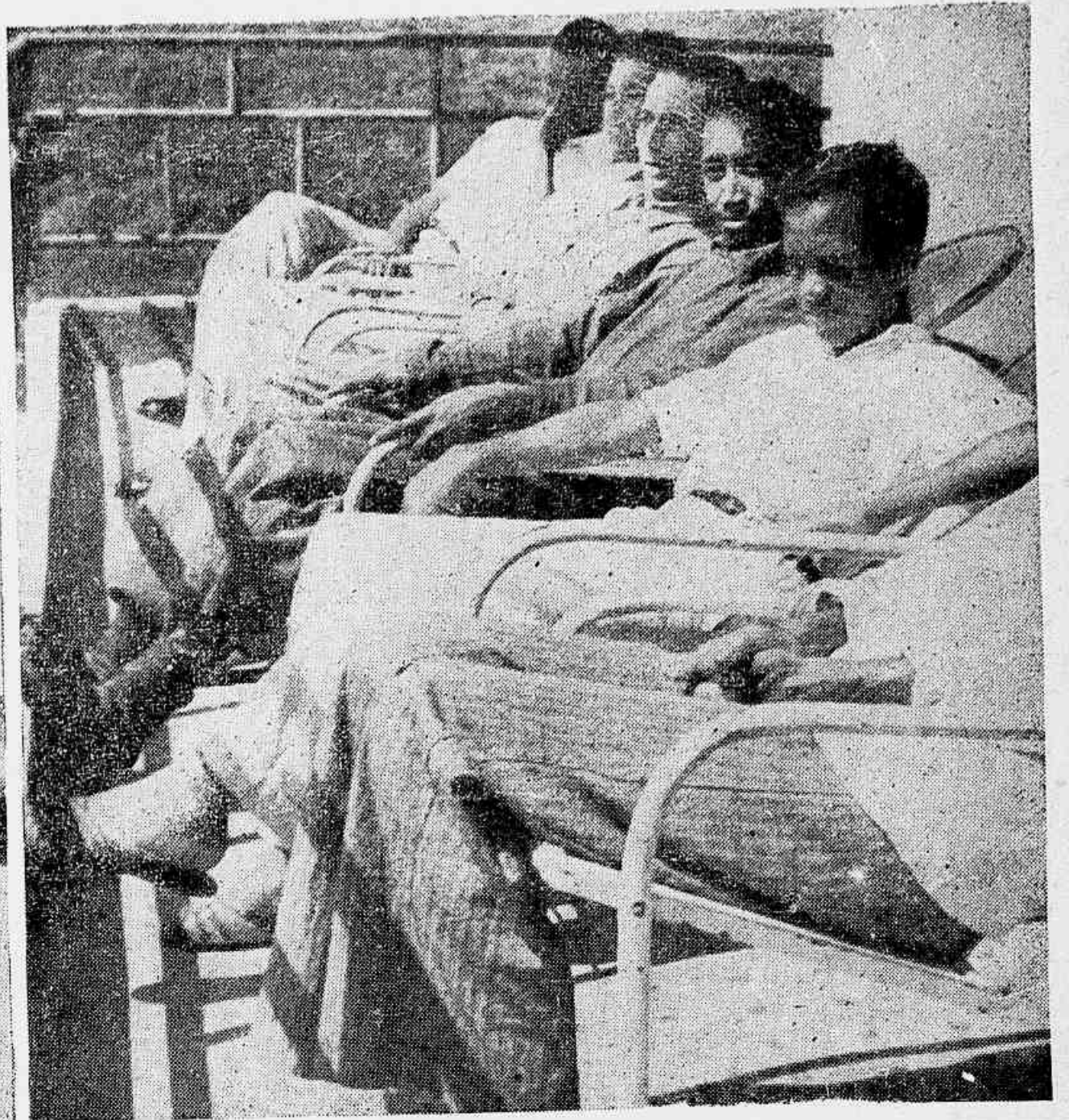
A fé religiosa fortalece o espírito de muitos dos doentes e ajuda o processo de cura. A esperança é a última que morre, mesmo nos que estão desenganados pela medicina.





Este é o professor Henrique Marques Lisboa, o homem que faz milagres em Belo Horizonte. Em Morro das Pedras não há romarias, nem ataques históricos de romeiros; entretanto, muitos dos condenados pela tuberculose voltam à vida normal, são e fortes.





Ao alto, à esquerda: um detalhe da cozinha do sanatório. A direita, um grupo de internos descansando ao sol amigo da cidade mineira. Na página ao lado, vários flagrantes da vida do sanatório. Ao alto, à esquerda, a enfermeira mostra um doente que sofreu com êxito a toracoplastia. A direita: a boneca pôde mais do que a doença... foi capaz de fazer sorrir a triste menina. Em baixo, à esquerda, também o amor é mais forte. O romance nasce também nos corações aflitos e desesperados... Em baixo, à direita: milhões de brasileiros têm no olhar a mesma melancolia do interno que aparece na foto. A melancolia que vem de um mal para o qual não existe no país assistência hospitalar suficiente.

não mais de quatro, onde cabiam apenas 14 doentes e funcionava uma oficina de meias de senhoras. O dinheiro não apareceu todo de uma vez. Vinha por partes, e a cada entrada de nova parcela o conjunto se ampliava. Assim foi construída a primeira casa de tijolos, com capacidade para dez doentes, e depois a primeira casa de alvenaria de pedras, com lugar para vinte doentes, uma sala de curativos e um laboratório. Em seguida, um pavilhão: raio X e 36 leitos.

Eis por que o Sanatório tem hoje o aspecto de uma colcha de retalhos, com seus 150 leitos distribuídos por várias construções, que se estendem por quatro alqueires geométricos de terreno, doação do governo mineiro.

Um ano durara a campanha inicial pela

fundação do Sanatório e, em 28 de maio de 1928, foi fundada a Associação de Assistência aos Tuberculosos Proletários, da qual era presidente o dr. Henrique Marques Lisboa e o barbeiro José César dos Santos representante das classes proletárias e sócio fundador.

O que manteve o Sanatório, nos seus primeiros dez anos, foi quase exclusivamente a caridade pública, e a primeira contribuição foi de um espírito, que doou um saco de feijão. Hoje as verbas de auxílio existem, porém estão longe de satisfazer às necessidades do Sanatório.

A CÂMARA MUNICIPAL E O SANATÓRIO

No momento em que escrevo, o «Sanatório Morro das Pedras» está na ordem

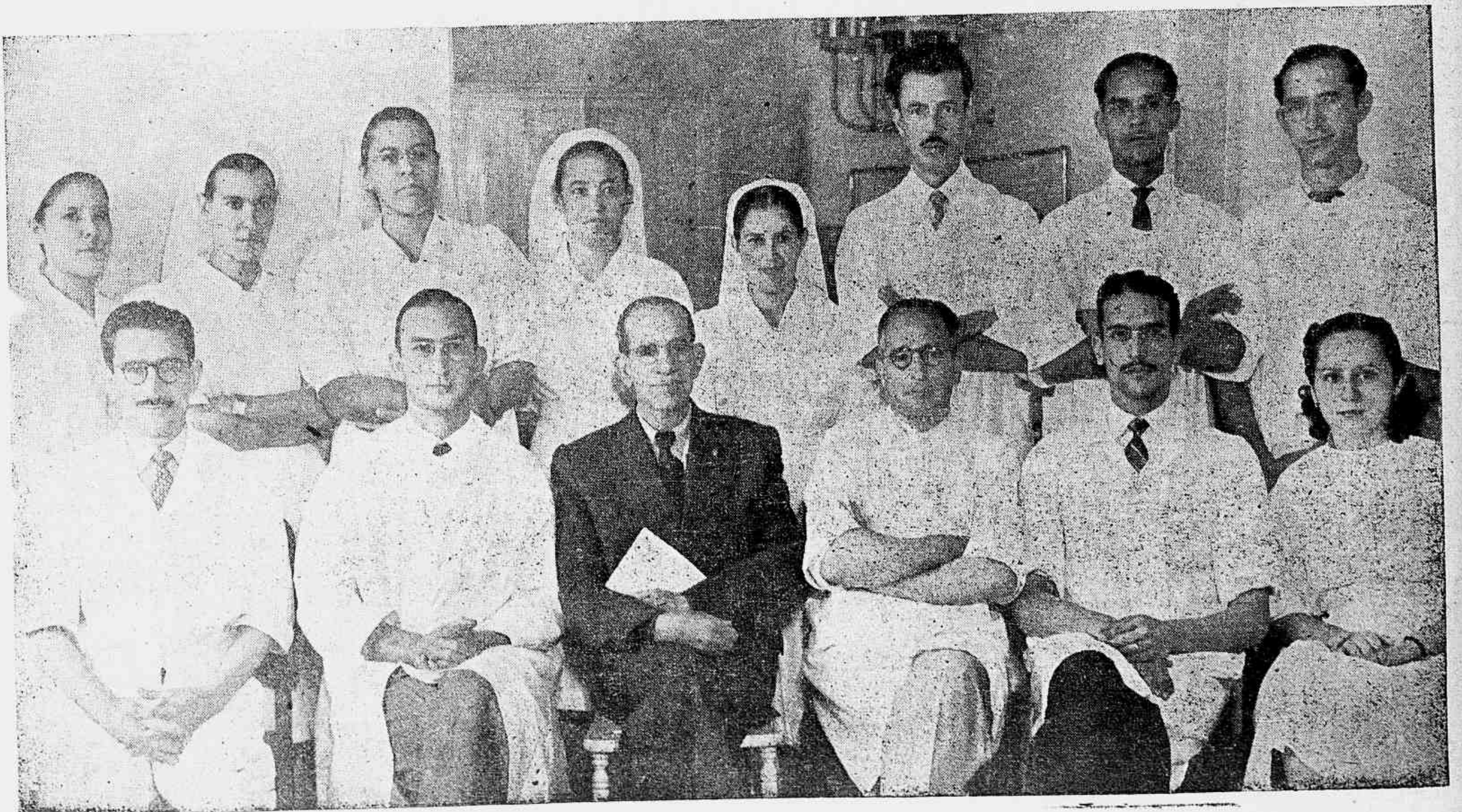
do dia. Na Câmara Municipal, vereadores levantaram a questão de sua encampação pelo Município, designando-se uma comissão para fazer também uma sindicância a respeito da administração naquela casa. Embora evitassem alusões ao nome do professor Marques Lisboa, esta, como presidente da Associação de Assistência aos Tuberculosos Proletários, dirigiu-se ao legislativo da cidade fazendo-lhe ver que a Associação é uma sociedade particular, com personalidade jurídica, vivendo da caridade particular, não estando sujeita a nenhuma interferência, nem dependia do legislativo. Entretanto, declarava-se à disposição dos interessados em informações sobre suas atividades e seu movimento financeiro. Compareceram vereadores individual-

mente, compareceu a comissão ao «Morro das Pedras», ouviram-se médicos, doentes, enfermeiras, empregados. Tudo o que então se perguntou e o que se respondeu foi gravado em discos e foi, posteriormente, reproduzido na Câmara Municipal, durante 90 minutos, em uma sessão especial.

O assunto vai apenas em começo. Não está em foco propriamente o nome do professor Marques Lisboa; os jornais dão apenas informações vagas, com amplas generalizações que, afinal, nada conseguem aclarar e apenas deixam no ar um vago rumor de suspeitas muito propício a provocar a expectativa de um escândalo, que afinal acabará não vindo e, portanto, nem vale a pena falar dele.

(Continua na pág. 50)

O doutor Marques Lisboa entre os médicos e enfermeiros do Sanatório Morro das Pedras. Um pequeno grupo de abnegados luta todos os dias anonimamente para salvar a vida de gente pobre e sofridora.





MARIO Ernani Sarmiento de Castro, locutor e rádio-ator exclusivo das emissoras associadas, nasceu em Belem do Pará, a 11 de abril de 1917. Sua primeira aventura artística foi no teatro, como baixo cantante da Companhia Lírica Nacional, organizada pela sra. Besanzoni Lage. Tomou parte em diversas temporadas do Teatro Municipal, cantando ao lado de Violeta Coelho Neto de Freitas. Mais tarde, levado pela vontade de conhecer outras atividades, ingressou na Rádio Club do Pará, atuando como locutor. Sua projeção na PRC-5 deve-se, em parte, ao interesse que demonstrou pelos programas infantis. A seguir, atendendo amável convite, foi dirigir a Difusora de Macapá, onde se manteve até vir para o Rio. Na terra carioca fez-se comerciante, trabalhando como vendedor de importante firma. Depois, tornou-se negociante, vendendo máquinas. E, finalmente, ingressou no comércio de gravações, fundando com o compositor Sivan, um estúdio para gravar. Por essa altura, o microfone voltou a interessar-lhe. Mario Ernani procurou a Rádio Globo, em cujo prefixo permaneceu por curto espaço de tempo. Eis quando a Tamóio, interessada em completar seu quadro de locutores, ofereceu-lhe uma vaga. Na PRB-7, o nosso biografado desempenha o cargo de locutor e rádio-ator, participando de todas as novelas. Agora mesmo está desempenhando o papel de Januário, em "A vida começa amanhã", trabalho de Caspary.



MARIA Luiza Landim, cartaz internacional que a Rádio Mayrink Veiga está apresentando, é a maior expressão do "broadcasting" mexicano, no dizer da crítica desse país amigo. Interprete das bonitas composições de Agustín Lara, sua voz fascina, tal a delicadeza de que é dotada. Com atuação brilhante nas grandes emissoras sul-americanas, sua vinda à nossa terra prende-se a vantajoso contrato com uma das boites locais, onde todas as noites a bonita cantora faz desfilhar as sentimentais composições do cancionero azteca. Maria Luiza Landim possui inúmeras gravações de sucesso, algumas das quais conhecidas em nosso país. E' ela uma seria rival das grandes vozes mexicanas que nós já conhecemos, inclusive da famosa Elvira Rios. Tendo participado de algumas peniculas, nem por isso se interessou pelo cinema. Sua preferência recaiu no radio onde, segundo afirma, pode dar maior expansão à sua atividade artística. Mexicana de nascimento, começou sua carreira artística em plena juventude através da mais importante estação azteca. Logo sua voz chamou a atenção dos radiolistas que, ávidos por novas "estrelas", lhe garantiram a desejada oportunidade para triunfar. Hoje, com seu nome projetado além fronteiras, Maria Landim vive a existência que sonhara, difundindo as músicas de seu país em terras estranhas, inclusive nas do Brasil.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

JOSÉ Maria Campos Manzo, locutor dos jornais falados da Rádio Globo, nasceu na cidade de São João Nepomuceno. Com dezessete anos de idade fez seu debut radiofônico, dirigindo os programas da Rádio Sociedade Ubaense. Nessa emissora permaneceu até vir para o Rio. Aqui chegando, tratou de travar conhecimento com o "broadcasting" carioca. Foi feliz nesse empreendimento, uma vez que a PRE-3 logo se interessou por seu concurso, confiando-lhe a tarefa de informar aos ouvintes os principais acontecimentos do dia. J. M. Campos, antes de enfrentar o microfone, exerceu funções de escrivão numa importante empresa. Sua vocação, porém, era outra. Daí, seu completo alheamento às tarefas que lhe confiavam. Nosso biografado interessava-se mais pelas apresentações feitas por Aurélio de Andrade, Mario Mansur e outros do que propriamente pelas escritas comerciais... Presentemente, o exclusivo da PRE-3 está com 20 anos, pois nasceu a quatro de maio de 1927. Possui o curso científico e continua a estudar, uma vez que deseja possuir um diploma. Sua grande ambição, no momento, é trabalhar como rádio-ator. Afirma não ter fatos curiosos em sua carreira artística, desconhecendo, também, o que seja uma grande emoção. E' muito estudioso, aproveitando o tempo que lhe sobra na leitura de bons livros. Gosta de cinema e aprecia os bons espetáculos teatrais.

HERIBERTO Muraro, pianista exclusivo da Rádio Mayrink Veiga, é um dos maiores propagandistas da música popular brasileira. Artista conscio de suas obrigações para com o público, suas realizações ao microfone PRA-9 sempre mereceram a aceitação unânime dos ouvintes. Criador de interessantes programas musicais, Muraro impôs-se à admiração de todos, grangeando a simpatia de quantos com ele têm a felicidade de privar. Conhecido nos principais centros artísticos sul-americanos, preferiu radicar-se no Brasil a viver em sua terra de origem: a Argentina. Hoje, com enorme cartaz no "broadcasting" nacional, tendo seu nome ligado a diversas iniciativas culturais, Muraro prepara-se para mostrar aos portugueses, tudo quanto de belo existe em nossas melodias populares. E' que o apreciado pianista foi contratado pela Companhia Eva Todor para tomar parte na temporada que a mesma levará a efeito no país irmão. Assim, após vitoriosa excursão pelo "hinterland" brasileiro, onde teve oportunidade de exibir sua arte, Muraro segue para a Europa, precedido de enorme prestígio. Ao microfone da Mayrink Veiga, entre outros programas, lançou "Quadrilhas Musicais" que nos revelou o cantor Ciro Monteiro. Manteve ainda "Rapsódias Musicais" e fez interessantíssimos arranjos. Pertenceu a importante casa editora de músicas e escreveu várias composições.





DEFENDENDO OS INTERESSES DO POVO

NINGUÉM desconhece as dificuldades de toda a ordem com que defronta o nosso povo — mercê da crise que assoberba o mundo de após guerra. Assim, num momento em que tudo ou quase tudo sobe astronômicamente, aumentando dia a dia as aflições da população — são sempre recebidas com simpatia e entusiasmo as iniciativas, quer sejam partidas do governo ou de particulares que dizem respeito ao barateamento da vida. Por isso mesmo, chamou a atenção da reportagem, ávida sempre de novidades, a efusiva propaganda de uma casa de sedas da rua do Ouvidor, denominada "Sedas Ouvidor", anunciando para o dia 16 do corrente o início de uma sensacional venda, prometendo em seu slogan "sedas a preços de chita". Seria possível? Ou era apenas propaganda? Saímos em campo. A rua do Ouvidor vibrava, como todos os dias, com aquele formigueiro humano, no vai e vem que a tornou a mais movimentada artéria da cidade. Em frente ao número 160, onde está instalada a casa em questão, grande massa procurava uma brecha para penetrar em seu interior. A custo, também conseguimos o nosso objetivo, que era chegar, entrar, observar e contar após aos nossos leitores. Um caixeiro, solícito, atende simultaneamente a duas freguesas e ainda vem ao nosso encontro:

— Então, já escolheu?

A nossa resposta, que estávamos apenas olhando, agradece e corre a atender outros clientes. A conhecida casa, no seu interior, apresenta aspectos dos mais agradáveis à vista, pois a multiplicidade das padronagens e das cores tornam o ambiente festivo e alegre. São centenas de côrtes, milhares de metros de seda bonitas e sugestivas, esperando o agradável momento de serem vendidas e transformadas em belos vestidos que encherão de encantos a mulher carioca...

Incontestavelmente, "Sedas Ouvidor" com a sua magnífica venda, está contribuindo de maneira eficaz e patrioticamente para o barateamento da vida, e para minorar o sofrimento do povo, que afinal de contas precisa vestir-se, como necessita alimentar-se!

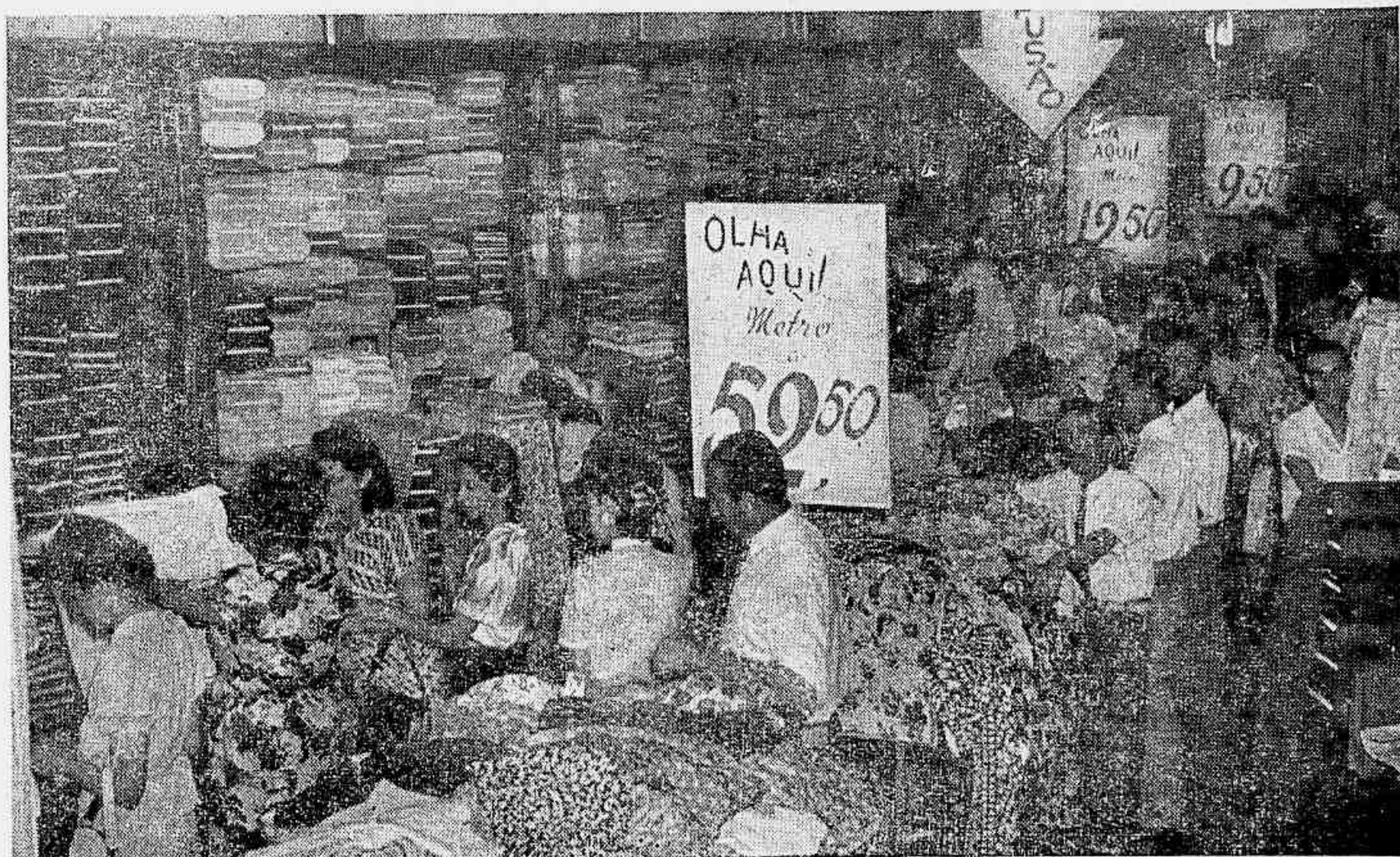
Ainda no interior de "Sedas Ouvidor", a reportagem ia observando detalhes interessantes do movimento. Senhoras e senhoritas na sua maioria, superlotavam o estabelecimento. E naquelas fisionomias lia-se o contentamento e a satisfação de que estavam possuídas. Afinal, que alívio, que coisa sumamente boa, poder comprar o que se deseja e necessita, sem grande dispêndio. O marido, naturalmente, irá ficar satisfeito com os "milágres" da esposa... o que o levará a pensar que nem tudo estava perdido neste mundo de Deus. Uma senhora, que estava ao nosso lado, escolhia a sua fazenda, e ouvimos quando disse entusiasmada:

Sou fã de todas as liquidações. Comprar barato é comigo. Mas, por estes preços, nunca vil!

Era a voz do povo reconhecido a um estabelecimento comercial que em verdade estava demonstrando interesse pelo bem estar desse mesmo povo. E, concluindo, podemos dizer sem medo de errar: Sim, vimos, ali, sedas a preço de chita!

★

As gravuras que ilustram esta página dão aos nossos leitores uma ideia aproximada de como foi recebida e está sendo aproveitada pela população desta cidade a maior das liquidações de tecidos de seda de que temos memória.





Em cima: Arturo de Cordoba, o "astro" do cinema continental, protagonista de "Deus lhe pague" e de "Passaporte para o Rio", falando a Ney Machado, de REVISTA DA SEMANA e de A CENA.

ARTURO de Cordoba está presente-mente no Rio. Tem a mesma estampa que estamos acostumados a ver nos filmes. Alto, moreno, bonito. Mas, em pessoa, é muito mais simpático. Não tem pose e a sua cordialidade é sincera. Uma entrevista com o artista mexicano, que veio filmar cenas de "Passaporte no Rio", transforma-se em pouco tempo num bate-papo agradável em que o repórter responde mais do que pergunta. Essa facilidade de penetrar nos interesses e no ponto de vista do in-

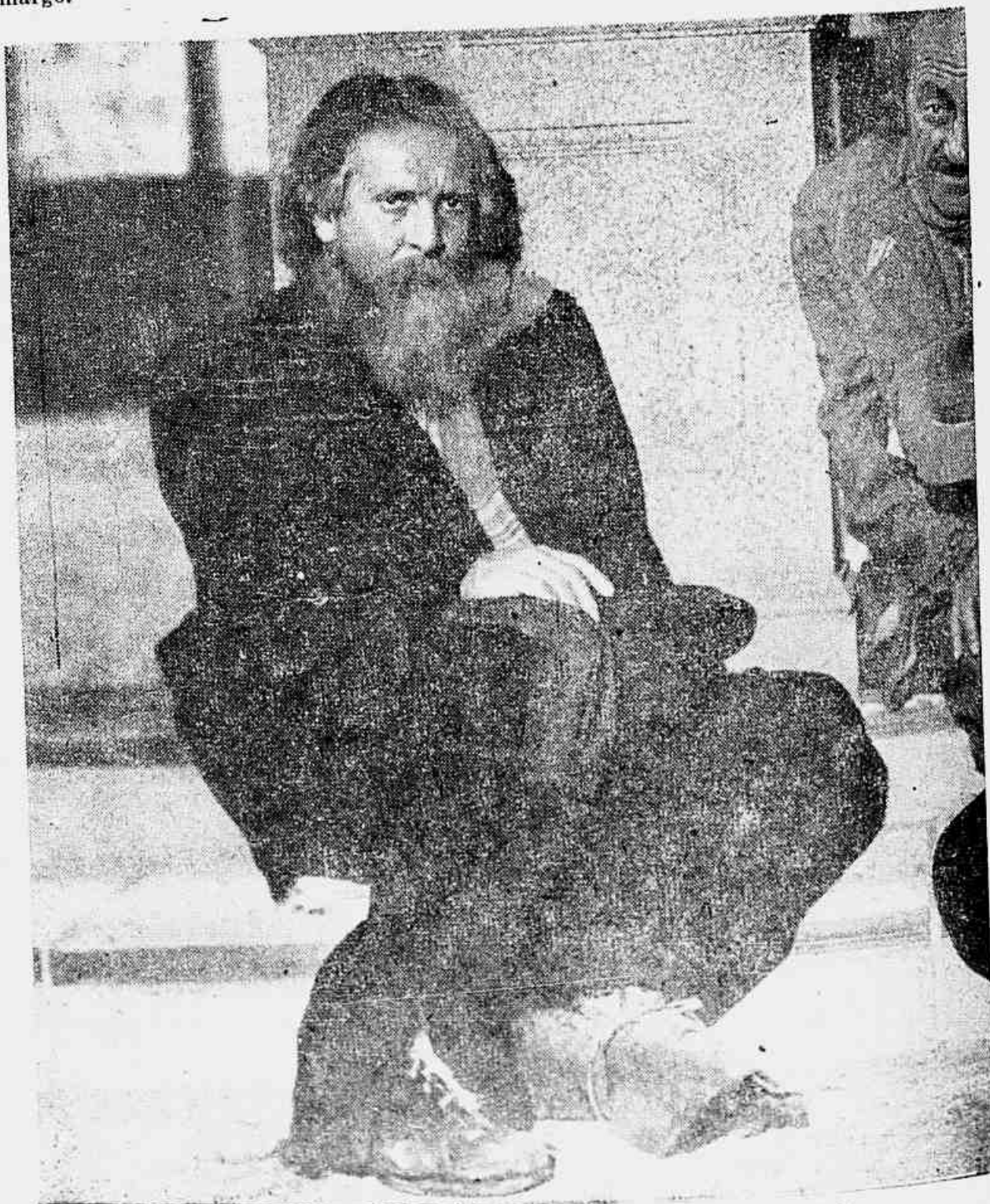
ARTURO DE CORDOBA NO RIO!

O intérprete de "Deus lhe pague" diz que vai deixar de ser ator! — Lembra sua passagem no Rio, em 1929, como jornalista — Como conheceu e se entusiasmou por Carmen Miranda — Ele quer sol, mas não todo o dia — Ficará fã de Oscarito? — Sua nova atividade dentro de dois anos

Reportagem de NEY MACHADO

terlocutor. Arturo de Cordoba, conquistou-a, com certeza, nos tempos em que foi jornalista itinerante da United Press. E conservou muita coisa do seu temperamento de repórter. É curioso e, aparentemente, interessa-se por todos os assuntos da conversação. Não fala, nem entende somente de cinema. Já esteve em tantos empregos que chegou ao ponto de conhecer um pouquinho de cada coisa. Quando nós chegamos, mostramos-lhe o número da REVISTA DA SEMANA do ano passado no qual publica-

Em baixo: à esquerda: Arturo de Cordoba vendo, na REVISTA DA SEMANA, a reportagem publicada sobre "Deus lhe pague"; e, à direita, no papel do mendigo da famosa peça de Joracy Camargo.



ramos uma rápida reportagem sobre o filme que acaba de terminar na Argentina, "Deus lhe pague", extraído da peça do mesmo nome de Joracy Camargo. Arturo de Cordoba analisou a reportagem como entendido em jornalismo, fez algumas observações justíssimas e disse por fim, olhando para uma sua fotografia:

— Não há muita sinceridade nesta expressão. No celuloide está bem melhor.

CARMEN MIRANDA APARECE

Como a conversa não segue um ritmo determinado, passamos do filme para Carmen Miranda. Arturo de Cordoba abre um largo sorriso e recorda:

— Vocês têm uma patriota encantadora. Prende a gente à primeira vista. Lembro-me bem da primeira vez que a vi pessoalmente. Dançava uma noite no "Mocambo", quando ouvi uma voz desconhecida que me dizia em bom castelhano: — Aló Arturo, como te vás? Olhei e vi uma morena de olhos grandes a me sorrir. Não sabia quem era. Quando parei de dançar perguntei a um meu amigo. — Quem é aquela pequena? Ele me olhou espantado. — "Não sabes? É Carmen Miranda, a "brazilian bomb-shell"! Isto aconteceu em 1943. Fomos apresentados na mesma noite e desde então temos sido amigos inseparáveis. Quando parti para a Argentina, senti que Carmen estivesse em Miami. Se pudesse vê-la antes do embarque ela teria muitos recados para mandar. Ela não se esquece do Rio nem dos cariocas...

ESPERANDO O SOL DO RIO

Arturo de Cordoba acabara de almoçar na "boite" do Hotel Serrador. Pediu-nos que o acompanhássemos à varanda. Quando viu o sol e o céu azul, que sucederam a um dia chuvoso, ele nos disse:

— Quanto mais sol houver nos próximos dias, menos me demorarei no Rio. Pedimos que nos explicasse a charada e ele traduziu:

— Logo que terminei "Deus lhe pague" a mesma companhia argentina contratou-me para fazer um novo filme, com Mirtha Legrand. Arranjei permissão de Hollywood e iniciamos a filmagem. Chama-se "Passaporte para o Rio" e tem todos os exteriores filmados aqui nesta cidade. Se o tempo ajudar, em dez dias os operadores darão pronto o trabalho. Como estou gostando da terra, um ou outro dia de chuva não seria nada mau...

O intérprete de "Gaivota Negra" conta-nos mais ou menos o que será o filme. O enredo é policial e as aventuras entre bandidos e "sherlocks" passam-se em Buenos Aires e no Rio. No dia em que o entrevistamos, ele filmaria várias cenas no aeroporto Santos Dumont, documentando o desembarque do "mocinho". Também a Praia Vermelha aparecerá na película e, além dos exteriores que serão tomados no local, todo o interior da "boite" Casablanca está sendo construído nos estúdios argentinos. É este o primeiro filme de enredo policial que Arturo de Cordoba fará e ele tem confiança no êxito razoável da película, pois já ficou comprovada a boa direção da companhia que o contratou com o sucesso do filme anterior. A este respeito ele nos conta:

— O filme "Deus lhe pague" foi estreado no dia onze deste no Cine Grand Rex, de Buenos Aires. Não tive tempo de assistir a "premiere", mas soube pelos jornais platenses que a acolhida do público e da crítica foi entusiástica.

ELE VAI COM OSCARITO

A uma pergunta nossa, ele confessa:

— Não, não conheço o cinema brasileiro. É esta a primeira vez que visito realmente o Brasil. Em 1929 desembarquei no Rio, apressado, quando ainda trabalhava como correspondente da United Press. Não tive tempo de conhecer a cidade. Creio que agora vou conhecer muita coisa do que Carmen Miranda tanto fala.

E depois, pergunta-nos interessado:

— O primeiro filme brasileiro que pretendo assistir é a produção carnavalesca "E' com este que eu vou". Dizem que o comico Oscarito é engraçadíssimo, como o Cantinflas mexicano. Verdade? O samba já conheço há muito tempo. Verei agora como vocês o aproveitam no cinema.

Nós queríamos fazer umas observações a Arturo de Cordoba. Desculpar o

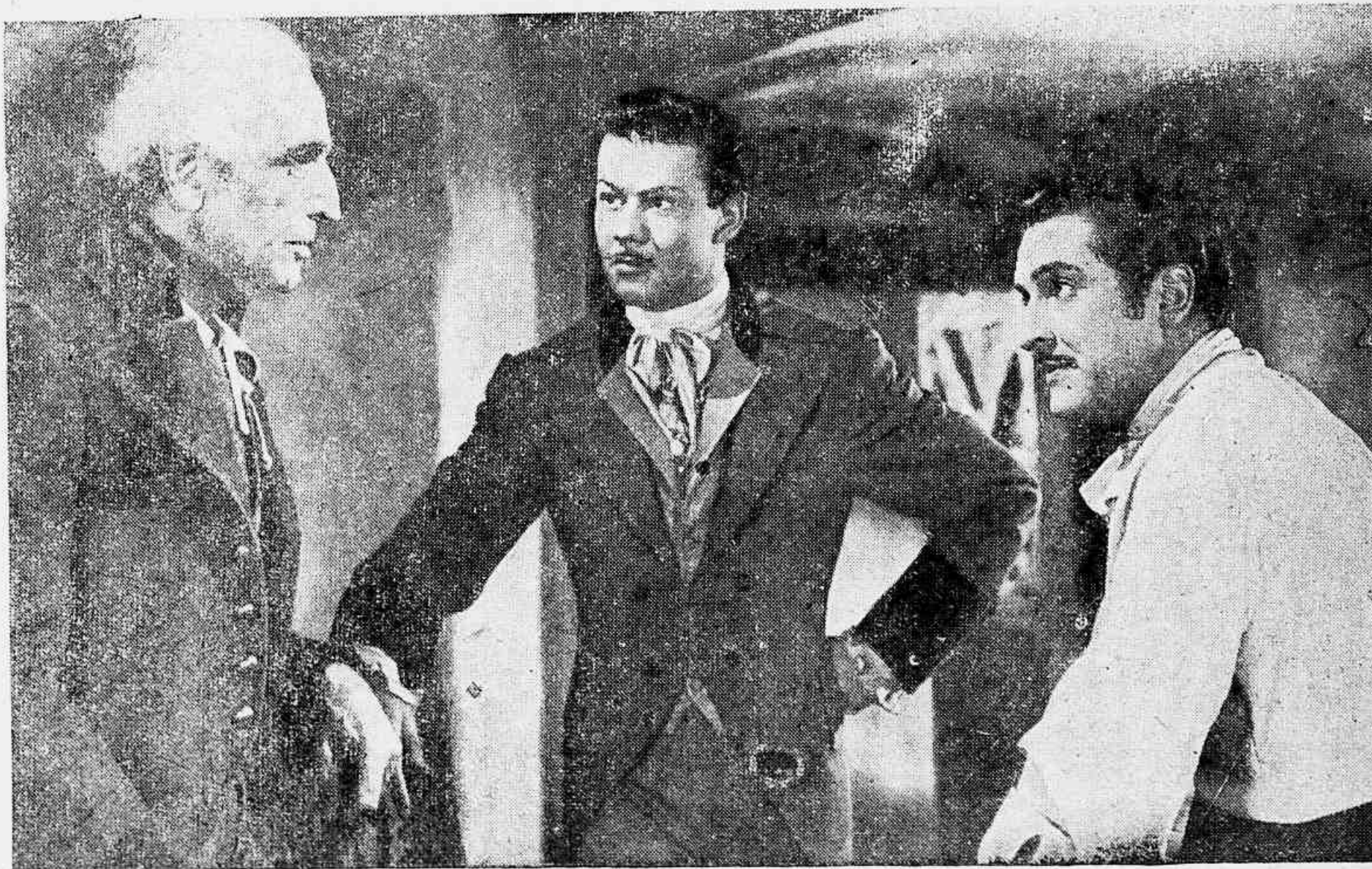
(Continua na pág. 48)



Arturo de Cordoba e Dorothy Lamour em "A morte de uma Ilusão".



Arturo de Cordoba e Joan Fontaine, em "A gaivota negra".



Arturo de Cordoba com Turhan Bey e Pedro de Cordoba, em "Casanova aventureiro", um dos seus últimos filmes em Hollywood.

O DESCOBRIDOR MUDA DE POUSO...

OS HEROIS NÃO DEVEM SER DESALOJADOS

Por BERILO NEVES

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

lombo. Os reis católicos de Espanha estavam, agora, de posse de um mundo inteiro: o *Mundus Novus*, de Vespúcio. Os discípulos de D. Henrique, os rijos vencedores do cabo Tormentório, os impávidos decifradores dos mistérios atlânticos, precisavam realizar proeza digna da que pusera por obra o emissário feliz de Fernando e Isabel. A Europa, sentindo abrirem-se-lhe aos pés os mistérios da oceanos, farejava novas terras, com o apetite secular das raças conquistadoras e ambiciosas... A África ainda era um ponto de interrogação negro, a meio caminho das fabulosas Índias. As *Crueadas*, facilitando o tráfego dos mercadores e aproximando do Ocidente católico o Oriente misterioso, tinham aberto a rota das grandes conquistas e apressado o fim das velhas instituições feudais. Restava, aos lusos, o caminho dos mares — já agora alumiado pela bússola, instrumento de Deus para uso e gozo dos homens... A bússola tinha, dentro de si, o segredo dos acontecimentos futuros. A luz pálida das estrelas já não bastava a traçar rumo às naus do século XVI que mal se iniciara... A corte de D. Manuel fervilhava de nautas improvisados, que traziam, nas mãos cheias de mapas e desenhos náuticos, a oferta magnífica de novos reinos... O século de Camões abria-se como uma flor dos tempos, pejado de prognósticos felizes, de profecias deslumbrantes...

brimento deviam juntar-se os méritos e prosápia dos descobridores. Homens de muito saber fraterno, nas naus cabralinas, com soldados de nobre experiência. Portugal mandava-nos a mais estupenda embaixada do século. A Providência assentava a mão na escritura de um dos seus misteriosos designios. Para descobrir meia dúzia de bugres não se fazia mister tal embaixada. Era a precência nacional dos grandes destinos do Brasil. A frota de Cabral traz em si mesma os atributos de uma embaixada eminente. Fomos despertados do nosso sono multi-secular, em meio das nossas florestas bravias, por uma pléiade notabilíssima de soldados, marinheiros, escrutadores de astros e apontadores de eventos... Pero Vaz Caminha é o cérebro literário da empresa. A sua «Carta» é um milagre de inteligência e observação. O «acaso» a que se reportam os compêndios históricos e geográficos é pseudônimo vulgar da Providência. Não há acaso na vida das nações. Há decretos de Deus, mal julgados ou mal entendidos dos homens...

Eis as considerações que evoca o povo no assistir à transposição compulsória da estátua do descobridor. Inaugurada ao celebrar-se o quarto centenário do Descobrimento, ela teve, ao erigir-se, como penhor e caução, a palavra de homens eminentes, que lhe asseguraram estabilidade honrosa pelos séculos dos séculos... Nem meia centúria era passada, e já lhe fazemos andar às costas de carregadores, aos pedaços, como versos estropeados de uma ode maravilhosa... A estátua parece ter perdido um pouco da sua dignidade neste despêjo urbano, nesta fuga imprevista... Não se compadece, com a idéia da imortalidade, o princípio das mudanças... Os heróis, como os santos, requerem altares de onde não os desalojem, nem os séculos sucessivos nem os intuitos passageiros... Não há culpar o povo pelo sentimento de tristeza com que vê decretar-se o exílio do grande almirante de D. Manuel o Venturoso... Esta mágoa, esta estranheza, provam apenas que na alma das nações as grandes verdades se estratificam e adquirem, por vezes, a serenidade histórica do bronze ou a perpetuidade natural do granito...

Foi em meio às esperanças cíclicas do dealbar da centúria que Pedro Álvares Cabral pôs a proa das suas naus a caminho da Índia... Inda que se não prove o propósito de descobrir terras novas, certo é que a armada vinha composta em estilo de verdadeiras pomposas, ajazada de riqueza, provida de homens, de armas, e até acautelada com um escriba que poria em crônicas os eventos que ocorressem... Portugal mandava, ao fazer História, um historiador digno dos fastos previsíveis... Pero Vaz Caminha foi o nosso primeiro escritor, o anotador fiel dos nossos esplendores, o inventariante exato dos nossos recursos... Aquela carta é a «certidão de batismo da pátria» — como lhe chamou um homem eminente... Cabral era, de si, fidalgo de alta linhagem. A excelência do desco-

AO LADO — A estátua de Cabral, que desapareceu do lugar. EM BAIXO — O local em que vai ficar o descobridor...



QUAL A PALMEIRA QUE DOMINA UFANA

AS ALTAS TORRES DA IGREJA DE N. S. DO ROSÁRIO

A mudança da estátua de Pedro Álvares Cabral comoveu a cidade. O vêem-se no chão aqueles signos históricos evocativos da epopéia de 1500, filtrou no ânimo do povo a tristeza que segue às injustiças... Não é que a mudança não revestisse motivos ponderosos, nascidos do desejo de benfazer ao público: é que as estátuas têm o seu lugar nas cidades, assim como os heróis possuem o seu asento nas crônicas. Monumentos são como retratos feitos para a eternidade: devem lograr a estabilidade própria e privilégios irrecusáveis... O pendão que guiou as naus do almirante que ia às Índias não devia, nunca, rojar no pó das ruas. Fora trabalho talhado em bronze para viver nas alturas. Como as imagens, a bandeira do Portugal quinhentista só estaria bem na eminência, no topo de um mastro, no cimo de uma coluna, na pedra santa de um altar... Por isso, o povo assistiu melancolicamente ao despêjo do descobridor... Em verdade, não era um monumento que se mudava: era uma idéia a que se punham mãos profanas. O largo da Glória era dele, por coincidência de nome e justiça de fato. Pode ser que o conservem nalgum canto da praça, mas o melhor é que o almirante lhe ocupe o centro, para ser visto de todos, e de todos admirado e louvado...

Cabral ia às Índias — na maior e mais vistosa expedição que já se vira partir do Restelo. A pompa do embarque; a grande cópia dos homens de armas; a presença do rei; as bênçãos da Igreja — tudo fôra feito em estilo grandiloquo, como se se estivesse escrevendo o prólogo do mais belo capítulo da história de Portugal. Estava descoberto, por Vasco da Gama, o caminho marítimo das Índias. Um novo mundo acabara de enfeudar-se à coroa de Espanha, mercê do gênio e previsão de Colombo. Vespúcio impugnara ao genovês a crença de que se acabava de descobrir a face ocidental do reino de Prestes João, ou das Índias lendárias da Meia Idade. O tratado de Tordesilhas, dividindo geometricamente o futuro, aguçara o apetite dos reis e a ousadia dos navegantes. Depois da viagem épica de Gama, Portugal não lograra realizar façanha comparável à de Cristóvão Co-



DOIS CINQUENTENÁRIOS

PEREGRINO JUNIOR E RIBEIRO COUTO HOMENAGEADOS NO SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

UM duplo cinquentenário no nosso mundo intelectual se verificou a 12 do corrente, dando ensejo a que fossem festejadas as personalidades de Peregrino Junior e Ribeiro Couto, ambos escritores ilustres e membros da Academia Brasileira de Letras. Peregrino Junior recebeu de seus amigos um quadro de Cândido Portinari, que lhe foi entregue durante a recepção que o autor de "Histórias da Amazonia" e sua esposa, D. Wanda Peregrino, ofereceram à sociedade carioca. Ribeiro Couto foi lembrado em todos os suplementos literários, em artigos de Odylo Costa, filho, Afonso Arinos de Melo Franco, Raul Lima e outros. Na festa em casa de Peregrino Junior, Ribeiro Couto foi também lembrado. Depois de discursos sérios de Austregésilo de Athayde, Augusto Frederico Schmidt e drs. Arnaldo de Moraes e Deoclides de Carvalho, falou em tom humorístico, R. Magalhães Junior, intérprete dos sentimentos de dois clubes sem estatutos, e do Jantar dos 13 e os Peregrinos (estes com reuniões todas as segundas-feiras, à hora do almoço, na A. B. L.). Foi assim que R. Magalhães Junior falou sobre o duplo cinquentenário:

No dia 12 de março de 1898, duas distintas senhoras, uma em Santos, outra no Rio Grande do Norte, davam ao Brasil em hora talvez igual, dois meninões morenos, cujo destino muito havia de se enredar, em terras do Rio de Janeiro. A senhora do Rio Grande do Norte disse: "Bem, este vai se chamar João", com o que o pai concordou. A senhora de Santos, talvez, quisesse que seu menino também fosse João. Ouço-a dizendo: "Tem que ser João". Mas o pai, republicano recente, ainda inflamado das lutas cívicas, teria retrucado: "João, coisa nenhuma! Tem que ser Ruy, em homenagem ao senador Barbosa!".

Assim foi, mas estava escrito que esses dois brasileiros repudiariam seus nomes próprios, um não querendo ser João, muito cheio de personalidade, o outro talvez achando que Ruy também já era demais... Já foi como Peregrino Junior, apenas, que o moço do Rio Grande do Norte aportou ao Rio, depois de ter comido no Pará mangas da praça Batista Campos e almôços do Angione Costa. O outro moço veio, também, para o Rio, — e eis que se deu, nas mesas de jornais ou em outros lugares igualmente suspeitos, o encontro deles dois. Um poeta, escrevendo já os versos do "Jardim das Confidências", as elegias às rapariguinhas doentes e às moças das estações de pobres, e o outro numa coluna de mundanismo, a fazer os comentários da "Vida Fútil", também um bocado poeta, namorando liricamente as cariocas e o Rio. Enquanto Peregrino Junior se tornava médico, Ribeiro Couto, não podendo segui-lo, ficava doente, em ligação com a medicina, cantando a canção de Manuel Bandeira, esse papa do modernismo, a quem não só Couto, mas Drummond e Jorge de Lima rendem tributo.

"Já fui sacudido, forte,
De bom aspecto, sadio,
Como os rapazes do esporte..."

dizia o menino Ruy. E queixava-se, depois disso, dos seus males. Mas é dos tais que entram em conchavos com a doença, para que sigam vivendo para sempre... E, enquanto isso, vai livro, vem livro. Livros dos dois e, por vezes, de contos, — novo encontro, — tão diferentes, mas de tanto sabor, uns de frutas silvestres, outros de plantas plantadas...

"O meu mal é um mal antigo.
Aos dezoito anos de idade
começou a andar comigo..."

queixava-se o menino Couto. Mas, além desse mal insidioso ainda havia um outro mal, comum aos dois, um mal que a ambos roia por dentro. Esse mal era a

loucura pela farda, não a de major, tão lindamente conquistada pelo mano Umberto do menino João, nem a de ministro plenipotenciário, que o menino Ruy um dia haveria de conquistar. Não! Essa era a farda de almirante em seco, a farda com que todos nós sonhamos tirar ao menos um retrato, — a gloriosa farda de membro da Academia Brasileira de Letras. Torcíamos, os amigos de ambos, pela entrada de um deles, na esperança de que esse, uma vez lá dentro, logo-logo puxasse o outro. Chegou a vez do menino Ruy, que entrou sob os aplausos da nossa brava torcida. Eramos, todos os seus amigos, verdadeiros Pascoalões Carlos Magnos, fazendo escarcéus pró-Couto. Se ele não entrasse, fecharíamos a Academia!

Já acadêmico, continuou ele a fazer conosco alegres loucuras, — ah! mocidade! mocidade... — sem desdenhar sequer uma linda gafeira carnavalesca ao ar livre, onde dançávamos com as nossas parelhas com uns ares de caixeiros em férias, mas caixeiros loucos, meio surrealistas, tendo comido melancias partidas ao meio e usado o resto como capacetes de um pretenso exército vegetariano. Desafiando a superstição contra o dia 13, criamos outra superstição, a dos jantares nos dias 13, presididos de início pelo menino Ruy, que teve como sucessor o menino João, chefe consentido de uma tribo de arrabuzeiros das letras e das artes. O desafio ao dia 13, nasceu da convicção de que os dois meninos irradiavam boa sorte. O treze esgalhou-se nos Peregrinos, internacionalizados com a introdução de embalhadores da Patagonia pelo Souza Brasil e de falsos príncipes poloneses pelo Barros Pimentel. Uma coisa nos afligia, a certa altura das nossas vidas: a ausência do menino Ruy e a despresença do menino João na Academia. Daqui, gritávamos: "Vamos, Joãozinho! Anda! Acerta o passo! Entra!" João entrou. Ficamos felizes. Ruy continuou a entoar o canção do ausente, ralado de saudades, nas terras do marechal Tito. Bastos Tigre diria que ele está de malgrado em Belgrado. Eu e os de nosso grupo só pedimos uma coisa: que o Brasil, com essa mania de cortar relações aqui e ali, corte-as um dia com a Iugoslávia, — e um dia bem cedo, para termos no dia 12 de março de 1949 a festa dos dois meninos, como a de São Cosme e São Damião, os devotos se dividindo entre os dois. Movimentemos o cordão do "morra Tito", para ver se o teremos de volta, — e então, de viva voz, poderemos dizer a ambos:

— Bravos ao menino João!
— Bravos ao menino Ruy!

Em cima: Peregrino Junior. Em baixo: Ribeiro Couto. Muitas coisas em comum... O dia do nascimento, a vocação literária, a loucura pela farda da gloriosa Academia Brasileira de Letras...



MATEO FALCONE

PARTINDO de Pôrto-Vecchio por noroeste e dirigindo seus passos para o interior da ilha, o viajante notará que a terra se eleva rapidamente, e, depois de caminhar três horas por caminhos tortuosos, obstruídos por grandes massas de pedra e, por vezes, cortados de ravinas, encontrar-se-á na orla dum grande miquis. O miquis é domínio dos pastores corsos e daqueles que não estão em paz com a justiça. Convém saber que, a fim de se poupar o trabalho de estrumar a terra, o lavrador corso põe fogo a um pedaço de floresta. Se as chamas se espalham para lá da sua propriedade, tanto pior! De qualquer modo, terá a certeza de fazer uma boa colheita da terra adubada pelas cinzas das árvores queimadas. Colhe apenas as espigas, deixando a palha, que daria um trabalho desnecessário para cortar. Na primavera seguinte, as raízes que o fogo não destruiu enviam para o ar tufo de rebentos que em poucos anos atingem de dois a dois metros e meio de altura. É esse tipo de mato emaranhado que chamam um miquis. Compõe-se de diversas espécies de árvores e mato, tão apinhados e entrelaçados ao capricho da natureza que só de machado na mão um homem pode abrir caminho através dele, e miquis há frequentemente tão espessos e emaranhados que o próprio cabrito montês é incapaz de penetrar.

Se você matou um homem, vá para os miquis de Pôrto-Vecchio. Com uma boa espingarda e bastante pólvora e balas, poderá viver aí em segurança. Não se esqueça dum capote pardo, munido dum capuz, que lhe servirá de manta e colchão. Os pastores lhe darão castanhas, leite e queijo, e você não terá nada a temer da justiça nem dos parentes do morto, salvo quando tiver necessidade de descer à cidade para se reabastecer de munição.

Quando estive na Córsega, em '18... Mateo Falcone tinha sua casa a meia légua destes miquis. Era bastante rico para o lugar, vivendo em nobre estilo — isto é, sem fazer nada — dos rendimentos de seus rebanhos, que os pastores, que são uma espécie de nômades, levavam a pastar aqui e além pelas montanhas. Quando o vi, dois anos depois do acontecimento que vou relatar, pare-

ceu-me ter cerca de cinquenta anos ou mais. Imaginem um homem pequeno, mas robusto, com o cabelo crespo, negro como azeviche, nariz aquilino, lábios finos, grandes olhos inquietos e uma pele da cor do couro curtido. Sua perícia como atirador era considerada extraordinária mesmo na sua terra, onde são tão comuns os bons atiradores. Por exemplo, Mateo nunca alvejava um cabrito montês com chumbo, mas só com bala, abatendo-o de uma distância de cento e vinte passos com um tiro certo na cabeça ou na espádua, a seu capricho. Usava suas armas tão facilmente de dia como de noite. Contava-se um feito da sua perícia que talvez pareça impossível para quem nunca viajou pela Córsega. Colocavam uma vela acesa, a oitenta passos de distância, atrás dum papel do tamanho dum pato. Ele fazia pontaria, apagava-se a vela e, momentos depois, na mais completa escuridão, ele atirava e acertava no papel uma média de três tiros em cada quatro.

Dotado de tão transcendente perfeição no manejo das armas, era natural que Falcone tivesse adquirido grande reputação. Diziam-se que era tão bom amigo quanto perigoso inimigo. Hospitaleiro e caridoso, vivia em paz com todo mundo no distrito de Pôrto-Vecchio. Mas contava-se dele, em Corte, onde casara, que tinha se desembaraçado vigorosamente dum rival que era considerado tão formidável na guerra como no amor. Pelo menos um tiro certo de espingarda que surpreendeu seu rival no momento em que fazia a barba diante dum pequeno espelho pendurado na janela foi atribuído a Mateo. O caso foi abafado e Mateo casou-se com a jovem da sua escolha. Sua esposa dera-lhe, a princípio, três filhas seguidas (o que o enfurecera), e finalmente um filho, que batizou com o nome de Fortunato e que se tornou a esperança da família e o herdeiro do nome. As filhas estavam bem casadas: seu pai podia contar, se precisasse, com os punhais e as carabinas de seus genros. O filho tinha apenas dez anos de idade, mas já prometia ótimos atributos.

Num certo dia de outono, Mateo saiu de casa muito cedo, com sua esposa, para visitar um dos rebanhos numa clareira do miquis. O pequeno Fortunato queria

Conto de PROSPER MÉRIMÉE

Ilustração de ANA ZAGORSKA



ir com eles, mas a clareira era muito distante; além disso, era necessário que alguém ficasse para tomar conta da casa. Por conseguinte, o pai recusou. Já veremos se ele teve ou não razão para se arrepender.

Tinhani-se passado algumas horas, e o pequeno Fortunato estava tranquilamente estendido no sol, olhando para as montanhas azuis e pensando que no próximo domingo iria jantar na cidade com seu tio, o caporal, quando foi subitamente interrompido em suas meditações pelo disparo de um mosquete. Levantou-se e olhou para o lado da planície de onde viera o estampido. Outros tiros se seguiram a intervalos regulares e cada vez mais perto. Por fim, no caminho que conduzia da planície à casa de Mateo, apareceu um homem com o chapéu pontudo dos montanheses, barbudo, coberto de trapos e caminhando com dificuldade apoiado à espingarda. Acabava de receber uma bala na coxa.

Aquêle homem era um fugitivo da justiça que, tendo ido à cidade de noite para comprar pólvora, ao descer as montanhas, tinha caído numa emboscada preparada pela infantaria ligeira corsa. Após uma vigorosa defesa, teve a sorte de bater em retirada, seguido de perto e fazendo fogo de rocha em rocha. Mas levava pouca dianteira aos soldados e o ferimento impedi-lo-a de alcançar o miquis antes de ser alcançado.

Aproximou-se de Fortunato e disse:

— És filho de Mateo Falcone?

— Sou.

— Eu sou Gianetto Saupiero. Estou sendo seguido pelos golas amarelas. Esconde-me, pois não posso ir mais longe.

— E que dirá meu pai se eu o esconder sem a sua permissão?

— Dirá que fizeste bem.

— Como é que o senhor sabe?

— Esconde-me rapidamente. Eles vêm aí.

— Espere até que meu pai volte.

— Como vou esperar? Maldição! Eles chegarão aqui dentro de cinco minutos. Vámos, esconde-me, senão te mato.

Fortunato respondeu com o mais absoluto sangue frio:

— Sua arma está descarregada e não há mais cartuchos no seu cinturão.

— Tenho o meu estilete.

— Mas poderá correr tanto como eu?

E deu um salto, colocando-se fora do alcance do bandido.

— Tu não és filho de Mateo Falcone! Deixarás que me capturem diante da tua casa?

O rapaz pareceu comovido.

— Que me dará se eu o esconder? — perguntou, aproximando-se um pouco.

O bandido procurou numa bolsa de couro que lhe pendia do cinturão e tirou uma moeda de cinco francos, que certamente havia guardado para comprar munição. Fortunato sorriu à vista da moeda de prata. Arrancou-lha da mão e disse:

— Nada tema.

Imediatamente fez um grande buraco numa grande pilha de feno que havia

perto da casa. Gianetto agachou-se aí e o garoto cobriu-o de maneira que pudess respirar, mas disfarçando de tal modo que ninguém pudesse suspeitar de que ali se ocultava um homem. Pensou melhor ainda e, com uma habilidade surpreendente para a sua idade, colocou uma gata com os gatinhos sobre o monte de feno, para que não parecesse que fôra remexido recentemente. Então, notando o rasto de sangue no caminho perto da casa, cobriu-o cuidadosamente com poeira e, feito isto, voltou a estender-se o sol com grande tranquilidade.

Alguns momentos depois chegaram à porta de Mateo seis homens de uniforme pardo com gola amarela, comandados por um ajudante. Este ajudante era um parente distante de Falcone. (Na Córsega os graus de parentesco são acompanhados

(Continua na pág. 43)





Em cima: duas cenas da comédia "Cabeleireiro de Senhoras", de Paulo Orlando, levada à cena no Teatro Rival pela Companhia Mesquitinha, Natará Ney, que aparece nesses dois flagrantes, não quer saber do cabeleireiro Edgard (Mesquitinha), preferindo dar bolas a um estranho (Fernando Villar).

"CABELEIREIRO DE SENHORAS" NO CARTAZ DE MESQUITINHA

UMA COMÉDIA EM QUE HA' FÍGAROS ÀS VOLTAS COM DAMAS NERVOSAS E EMPREGADAS ROMÂNTICAS



MESQUITINHA é um comediante de grandes possibilidades. Iniciou-se na comédia, brilhantemente, ao lado de Dulcina de Moraes e de Iracema de Alencar, no antigo Trianon, dando a comédia norte-americana "Escândalo na Broadway". Desde então, embora por vezes tenha estado no teatro de revistas, no cinema, no rádio e nos "shows" de cassinos e "night-clubs", tem voltado periodicamente a fazer comédia. Com uma companhia de que era a primeira figura, ao lado de artistas como Alma Flora, Manuel Pera e Mário Salaberry, percorreu grande parte do país, levando em seu repertório peças de Carlos Bitencourt, José Wanderley, Daniel Rocha, Mário Lago, Miguel Santos, R. Magalhães Junior, Armando Gonzaga e outros, além de várias traduções. Há um ano, reorganizou sua companhia, com o concurso da atriz Natará Ney, que pertenceu ao elenco de Dulcina de Moraes e colaborou na interpretação de "A comédia do coração", de Paulo Gonçalves, vindo ocupar o Rival.

É é nesse teatro que se encontra de novo, agora apresentando também em seu elenco Telmo Faria, Carlos Tovar, João Martins, Lélia Verbena, etc. Tendo estreado com "O folgado", de Armando Gonzaga, Mesquitinha presentemente apresenta seu segundo cartaz da temporada, a comédia "Cabeleireiro de senhoras", firmada por Paulo Orlando, que já fez nome, especialmente no teatro musical. Trata-se de uma comédia sem grandes pretensões artísticas, mas oferecendo excelentes oportunidades ao emprêgo dos excelentes dotes histriônicos de Mesquitinha, que faz rir aos espectadores com suas aflições e dificuldades amorosas. No papel de um "coiffeur pour dames", Mesquitinha realiza uma caracterização singular, como um amoroso sempre rechaçado em suas investidas. A comédia começa e acaba dentro de um salão de beleza, de um desses cabeleireiros elegantes que são o terror dos maridos econômicos. O cenário desse salão está interessante e ajuda a caracterizar muito bem o ambiente.



A esquerda: Natará Ney e Fernando Villar, em uma cena da comédia "Cabeleireiro de Senhoras", em cena no Rival, há já duas semanas, em apresentação de Mesquitinha e seus artistas.



Aqui estão quatro cenas movimentadas da comédia "Cabeleireiro de Senhores", em que Mesquitinha, comediante de grande popularidade no teatro, no cinema e no rádio, tem um novo e interessante trabalho. Faz êle o papel do cabeleireiro Edgard, que se torna insubstituível para algumas de suas freguesas, tal a delicada leveza de suas mãos... Edgard não é apenas um cabeleireiro; é também um coração ardente, sequioso de amor... Em cima, à esquerda: Mesquitinha, Natara Ney e Léila Verbena; à direita: Ielda Romano, Mesquitinha e Jean Geny. Em baixo: Mesquitinha, Jean Geny e João Martins; à direita: Mesquitinha e Natara Ney.





Heloisa Helena, a encantadora atriz do nosso teatro de comédia, mais elegante do que nunca, desempenha um dos principais papéis de "O Tigre", a peça de estréia de Sarah Marques, uma nova autora que surge em nosso teatro com qualidades para vencer. Aquil está ela sendo truculentamente amordaçada pelo "Tigre" que não é outro senão o ator Jayme Costa.

REVELAÇÃO DE UMA NOVA AUTORA DRAMÁTICA

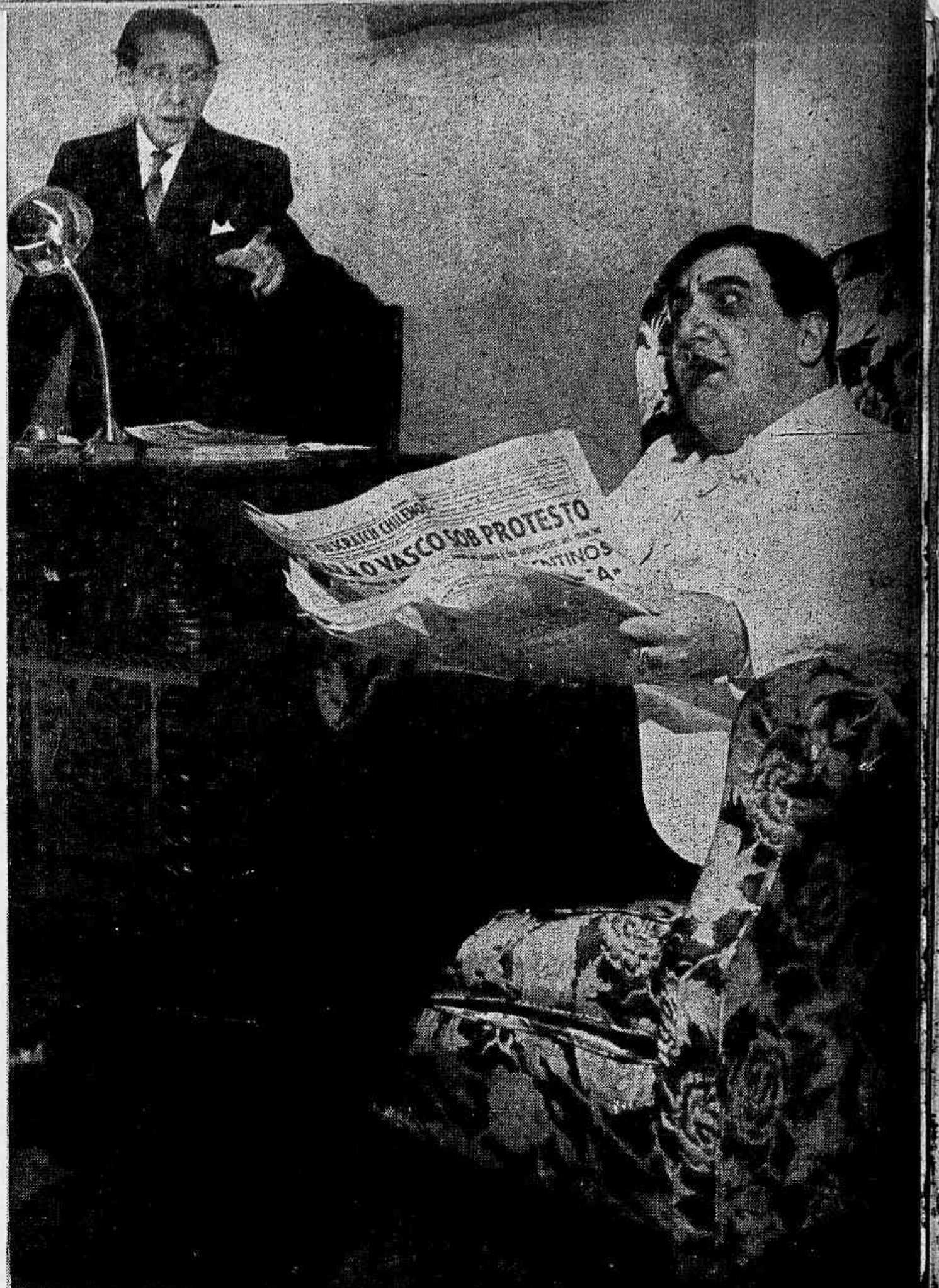
SARAH MARQUES FEZ, COM "O TIGRE", UMA ESTRÉIA BASTANTE PROMISSORA, NO TEATRO GLÓRIA



SARAH MARQUES, uma jornalista de renome firmado através de reportagens nervosas, cheias de vivacidade, de interesse e de brilho, algumas das quais publicadas em nossas próprias colunas, fez sua estréia há dias, no Glória, como autora dramática. E essa estréia foi bastante promissora, tendo-se em conta que a autora pela primeira vez se ensaiava no mais difícil de todos os gêneros literários. Faltando-lhe o conselho da experiência e, ao mesmo tempo, prescindindo de direção literária o elenco que apresentou sua obra de estréia, intitulada «O Tigre», ressentiu-se esta de algumas imperfeições que não precisariam ter vindo a público, como, por exemplo, certos monólogos e apartes, que um bom diretor de cena teria tido o bom gosto de suprimir, — embora aos que fazem o noviciado no teatro tudo aquilo tenha o ar de descobertas e de novidades. Impossível seria, no entanto, negar-se talento à autora, que não só tem o que dizer, como ainda revela inequívoca vocação para o teatro. Sua peça tem uma construção dramática interessante e há nela algumas

cenas de tal efeito que, por vezes, se tem a impressão de que se está diante do trabalho de um autor experimentado. A história de «O Tigre» tem feição romanesco, com algumas tiradas patéticas e um tom geralmente satírico. Não há muita diferença entre o protagonista da peça e qualquer dos «malfeitores de bem» das gestas de vários países: os Robin Hood, os Dick Turpin, os Fra Diavolo, etc. A impressão que se tem é a de que Sarah Marques, com seu inequívoco talento jornalístico, viu no rumoroso caso de «Zé da Ilha», tão fartamente explorado pelas seções policiais de nossa imprensa, possibilidades dramáticas que haviam passado despercebidas aos nossos autores dramáticos profissionais. «O Tigre», da peça, é um ladrão bom, que furta dos ricos para dar aos necessitados, que salva lares ameaçados de desmoronar, que defende a honra de donzelas em risco de se transviarem, — é, em suma, com toda sua ferocidade, muito melhor do que os que não assaltam a mão armada, mas matam os outros pela fome e pelo «câmbio negro».

Apesar dessa catadura sinistra e dessa arma que empunha, o «Tigre», terror da cidade, é um coração de manteiga. Preocupa-se mais com a vida dos outros do que mesmo com a sua. Quer vingar-se, mas hesita. É um cruzamento de Lampião com Robin Hood, de Dom Quixote com Edmundo Dantès. Na página à direita — O «Tigre» em ação em plena alta sociedade, disfarçado em criado, contracenando com Dca Selva, Heloisa Helena, Delorges, Aristóteles Pena e outros



Um amor de cura com outro

AINDA não lhes disse como minha vida se entrelaça e é, por assim dizer, arquitetada em parte por minhas duas maiores amigas Júlia e Laura.

Afinal, só elas são as culpadas... ou antes, eu estou pagando... Bem, vou tentar rememorar para que vocês possam entender meu caso.

Júlia é alta e robusta, de uma beleza que dá um certo medo e respeito, é campeã de natação, e fala grosso. Laura é gordinha e feia, mas ela se considera uma pequena irresistível e fala revirando os olhos e fazendo trejeitos com a boca. Se ainda não casou é culpa exclusiva de seu convencimento tolo; eu por mim não tenho culpa disso, é lógico.

Ah! É verdade, quase ia-me esquecendo de mim mesma: afinal, sou a protagonista do drama ou comédia de minha simples existência, a qual, aliás, tem um valor tremendo para mim, por tratar-se da «minha vida».

Sou «mignon» de tipo, delicada, dizem que bonitinha, de olhos pretos e vivos e cabelos louros e anelados. Todos pensam que sou tão delicada, mas poucos sabem que desde criança, por insistência de meu pai, aprendi o jiu-jitsu, que ele classificava como a melhor arma de defesa para uma mulher. Guardo isso como um segredo profundo. Homem nenhum havia de gostar de uma mulher lutadora, e eles em geral admiram minha fraqueza aparentemente gentil...

Certa vez, em um pique-nique, tive de dar um golpe inevitável em João Chaves, meu ex-colega e namorado de ginásio, o qual ficou tão espantado e mortificado em seu amor-próprio que graças a Deus nunca chegou a contar a ninguém o caso, mesmo porque as condições não lhe foram lá muito favoráveis!

Mas isso tudo nada tem a ver com a história.

Assim, ia eu vivendo minha vidinha de solteira esperançosa. Esperava, como todas minhas amigas, é claro, encontrar um dia o futuro marido, que fosse bonito, rico e romântico. Ainda estava eu em idade de querer tudo isto junto. Ah, doces 17 primaveras!...

Júlia não ligava tanto; queria divertir-se o mais que pudesse e no fim, quando cansasse, agarrar um que fosse rico.

Laura, essa já naquele tempo só almejava uma coisa na vida: ter um marido. Hoje em dia creio que até um pé-rapado, pavoroso, lhe serviria, tal seu desespero de causa. Mas isto também fica para depois. Frequentávamos, pois, as festas

elegantes, os chás de caridade, as corridas de cavalo, enfim tudo o que fosse diversão lá estávamos as três, firmes e dispostas a namorar em busca do «ideal».

Júlia, no entanto, foi avançando o sinal de mais pela sede que tinha de prazer. Já não selecionava tanto companhias; ia a muitos lugares onde nós outras não pensaríamos em aparecer por preconceitos de classe.

Laura, embora muito mais velha, mantinha então um rígido código de moral. Eu oscilava como um pêndulo entre as duas, que se antagonizavam em polos opostos e conciliava as discussões. Júlia divertia-me por suas doidices; Laura, com sua pôe de mais velha, era-me necessária.

Uma noite, ou antes, uma tarde, apareceu-me Júlia em casa. Por coincidência, Laura estava tomando chá comigo. Mamãe fôra a um chá de caridade.

— Que bom encontrá-las juntas! — exclamou, jogando a boina sobre uma poltrona e refestelando-se em outra. — Vim convidá-las para uma festa ma-ra-vi-lho-sa em Santa Teresa, hoje à noite.

— Não posso, Júlia — respondi. — Não preparei vestido nem nada, e depois não tenho vontade nenhuma de ir a festas hoje.

— Vamos — entusiasmou-se Laura, que era verdadeiro pão-de-ló de festas. — Quem sabe se...

— Já sei que vão rapazes alinhadíssimos — disse ainda Júlia, a qual conhecendo o ponto fraco de Laura não deixava de nele malhar.

— Tem uns dois que sei de fonte segura estão loucos para casar.

Afinal convenceram-me.

Quando mamãe chegou contei-lhe o convite de Júlia, que aliás citara um nome de família muito conhecida na alta roda, possuidora de maravilhosa vivenda com parque, piscina, etc.

Obtido o consentimento, vesti-me com apuro e aguardei a chegada das duas.

Júlia apareceu com Laura e um certo rapaz de nome Ernesto, nosso antigo conhecido de praia, dêsses que são puros amiguinhos. Tomamos o caro e lá fomos.

Mas estranhei o caminho. Em vez de Santa Teresa rumamos para as bandas da Tijuca. Quis protestar, porém Júlia explicou que a tal festa fabulosa fôra adiada e fomos a uma outra, na casa de um ex-colega da Faculdade.

Fiquei desconfiadíssima e infelizmente foram certos meus palpites... Numa ruazinha estreita havia muito barulho de música e gente de «se-

reno» apreciando uma casinha modesta, onde muitas pessoas debruçadas às janelas olhavam por sua vez a rua. Era ali.

Entramos. Não sou «snob», longe disso, mas quando sou convidada para uma festa num palacete e termino num lugar completamente diferente, já fico com certa raiva, não sei bem por que.

Minha gente! Umas caras que nunca havíamos visto na vida, povo bom e simples, coitado, mas decididamente não era da «roda» a que estávamos acostumadas. Foi uma sensação nossa entrada. O tal rapazinho amigo de Júlia veio receber-nos com muito espalhafato, dando um abraço violento em Júlia, a qual, risonha, correspondeu, e logo apresentou-nos a todos.

Na sala exígua, os móveis tinham sido afastados e a gente se comprimia, dançando ao som de uma jazz desafinada que vinha do quarto contíguo. A música era composta de um piano, uma flauta e um saxofone. Os músicos, suados, faziam um barulho ensurdecedor.

Havia um cheiro de brilhantina barata no ar. Almofadas vistosas e bordadas a missangas coloridas ornavam as cadeiras onde as mocinhas aguardavam a vez de serem «tiradas». Os rapazes na varanda espia-vam com caras importantes.

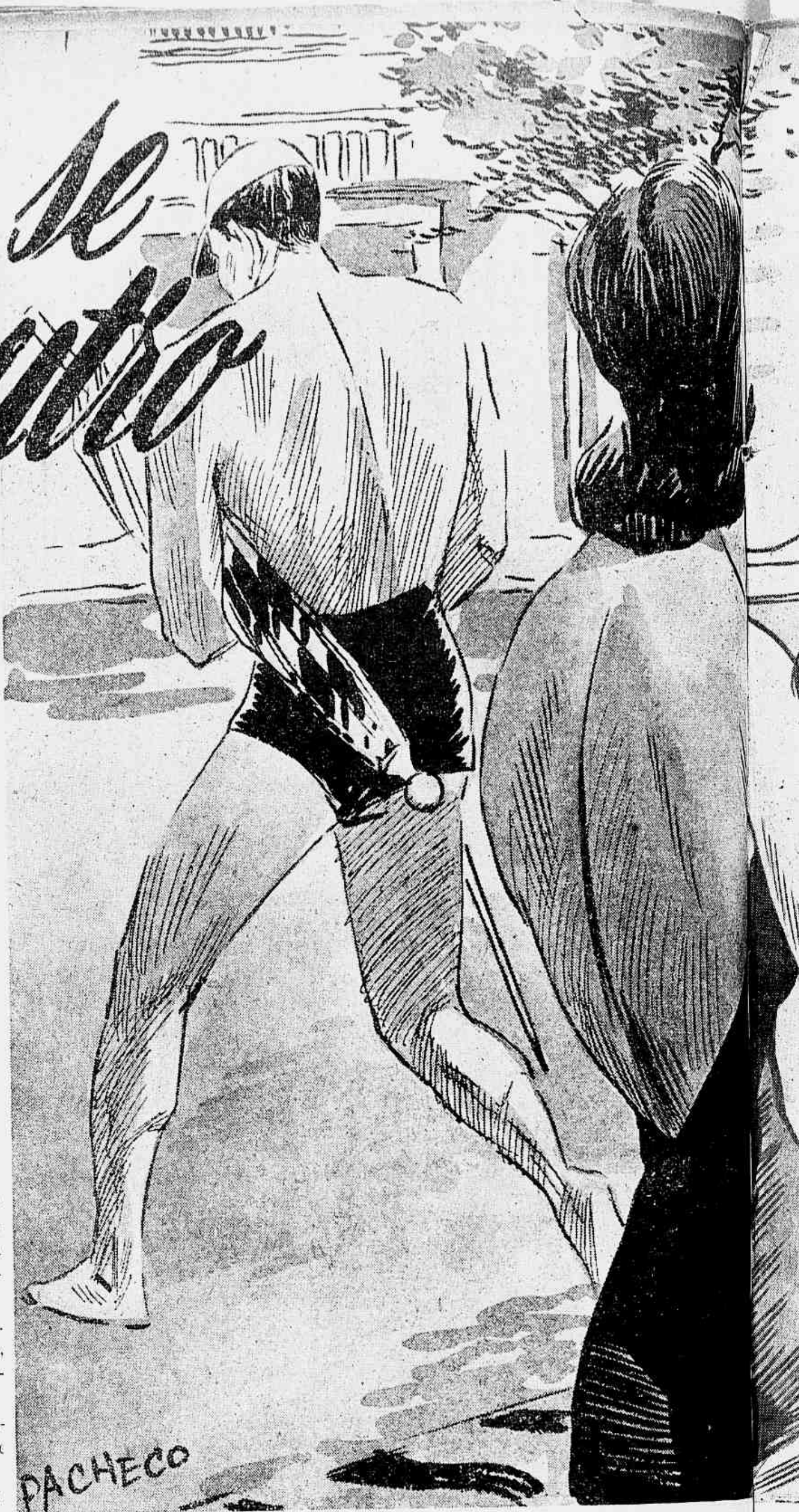
No quarto de vestir nem tivemos tempo de despojar-nos à vontade de nossos agasalhos, pois uma dezena de moças viera observar-nos de perto. «São as granfinas», comentavam.

Tive ímpetos de sair correndo, mas não sabia mesmo como voltar dali.

Júlia já dançava, risonha, com um moreno reforçado, com ares de «boxeur».

— «Senhorita, quer me dar o prazer?» — e lá fui eu rodopiar nos braços de um ilustre desconhecido que, para meu desespero, tinha as mãos calejadas e cheirava a cachapa, de longe, além de ser ainda mais baixo do que eu. Parecíamos dois batoquinhos!

Laura estava furiosa, podia-se ver na expressão, mas nem comentar a falsidade de Júlia consegui-





mos, pois não havia lugar para estarmos a sós! Nem ali conseguiu dançar muito. Não tinha sorte a pobre Laura, definitivamente. Tocaram uma conga e dançamos só nós três. Desta vez Laura também fora «tirada», e todos nos olhavam; ninguém além de nossos pares ainda sabia a tal dança.

Já que ali estava, tratei de tirar partido da noite e dancei com todos e conversei sobre fábricas, carnaval... Procurei não sentir muito o cheiro penetrante da brilhantina barata de certos cabelos por demais alisados, e acabei, com as outras, tomando muito chopp na varanda e comendo sanduiches de goiabada.

Afinal, tendo achado um par melhorzinho conservei-o o resto da noite. A dona da casa, já meio tocada, sentou-se ao piano, desalojando o músico, e massacrava as teclas com vigor, o copo de chopp acompanhando-a de instante a instante.

Só imaginava minha mãe, tão elegante, vendo-me ali naquele meio.

D. Rosinha, a dona da casa, veio conversar comigo num intervalo das danças, descansando os nossos ouvidos do maldito piano, o copo de chopp infalível balançando na mão.

— Festa de pobre, mas não falta animação!

— Está ótima — menti delicadamente.

— Pois fique sabendo que tenho uma filha que também quase, sabe? Quase casou com um ricoço de Copacabana. Meu sobrinho. Era simples estudante, mas de repente caiu-lhe às mãos uma fortuna herdada de um tio afastado, e ele, que namorava a menina desde criança, deu-lhe um bruto fora. Coitadinha, coitada de Marlene! Podia hoje ser também granfina, mas não faz mal, já está se consolando, de namoro ferrado com o caixeiro da venda do «seu» José, ali, olhe!.

E com o beijo protuberante apontou-me a filha. Essa, num vestido de veludo roxo, com fitas amarelas, num canto da sala, sentada de mãos dadas com um latagão feio de doer, olhava estupidamente para o ar.

Enfim, às duas horas acabou a festa, para minha imensa alegria, e o meu par constante deu-me seu cartão, que dizia: «Fulano de tal, doador de sangue».

No dia seguinte, Laura e eu fizemos uma jura solene de não mais

falar com Júlia. Uma semana depois desculpei-a. E duas semanas mais tarde Laura também fez as pazes com ela.

Afinal, era engraçada, e o que mais queria da vida era divertir-se, não obstante o lugar ou o meio.

Riu muito de nós e nem ligou a nossa zanga.

E a vida continuou com os passeios, a praia até às duas da tarde, o time de voleibol, os «flirts», o cinema...

Na verdade, eu também ajudava em casa um pouco — cozía, fazia bolos quando tinha visitas... Não era tão inútil assim, como mamãe vivia dizendo às amigas.

Foi quando minha vida subitamente tomou outro rumo.

Conheci na praia o homem mais maravilhoso deste mundo: alto, moreno, de olhos verdes, cabelos levemente ondulados, advogado, dono de possante automóvel e que — qualidade suprema! — queria casar comigo!

Laura ralou-se de inveja. Júlia achou ótimo. Mamãe nem ligou.

Apaixonei-me terrivelmente por João (este era o seu nome, João

Amaral) e comecei a preparar o enxoval.

Não havia dinheiro que chegasse. Um dia dei um chá para apresentá-lo a minhas outras amigas. Foi o dia em que ia dar-me a aliança de noivado.

Pela manhã — Oh manhã fatídica! — fui à praia encontrá-lo. Laura e Júlia apareceram na barraca! Já era tarde quando resolvemos ir para casa. Estávamos nos despedindo no passeio, quando vejo Laura chamando a atenção de Júlia para uma senhora que vinha espalhafatosamente vestida, toda de vermelho, sapatos vermelhos, sombrinha vermelha, gorda, requebrando-se, e Júlia, que rapidamente mudou o assunto, querendo a vivo transe fazer-nos atravessar a toda a brida a avenida.

— Por que tanta pressa? — perguntei, enquanto João, de costas, esperava que nos decidíssemos.

— Boa tarde, como vão as meninas? — e a tal mulher parou para falar.

Quem seria? Logo lembrei-me da dona da casa da Tijuca. Como explicar tal conhecimento a João? — pensei atrapalhada; mas verifiquei, com espanto, que ele já atravessara a rua e sumira com barraca e tudo, fugindo como o diabo da cruz.

— Lá vai o meu sobrinho João — disse a senhora, e gritava: — Ó João! Volte! Ande cá, seu ingrato!

— Seu sobrinho? — perguntei, atordoada.

— Sim, o danado! Desde que deu o fora em minha rica Marlene fica assim: mal me vê, foge parece até que tem vergonha.

— Pois fique a senhora sabendo que quem devia ter vergonha era a senhora em ter um sobrinho tão ridículo — respondi-lhe. — Sua filha vale dez sobrinhos como João.

E fugi a chorar para casa.

Cancelei o chá, não mais respondi ao telefone. Mandeí João às favas. Laura ficou triste, mas vi que consolada em não ter eu me «amarrado» tão cedo, antes que ela tivesse sua «chance». Júlia, aquela pequena impossível, sabia de tudo e nada dissera, para não atrapalhar o rapaz e porque tudo para ela era divertimento. Era das tais amigas, sabem?

Ainda hoje me pergunto se foi melhor ou não ter ido à tal festa da Tijuca. Já perdoei Júlia.

Não é por ter medo, mas já tenho quase vinte anos, e preciso absolutamente casar-me, porque senão perco o enxoval, e quero mesmo casar antes de Júlia e de Laura, coitada desta!

Ontem mesmo conheci um rapaz louro, de olhos pretos, meu tipo. Desta vez não aceito assim tão facilmente convites de festas de Júlia. Aliás, ela anda de namoro ferrado com um velho, sim, senhor, um velho de perto de cinquenta anos, mas riquíssimo. E' o que ela quer.

Laura ainda nada.

Mamãe, sempre «antiga» e sem experiência da vida, diz que é melhor que eu me canse de namorar a torto e a direito, que tome juízo e case bem tarde para poder ser uma esposa assentada.

Se ela desconfiasse como eu estou «blasée» e desiludida dos homens!

Ah, meu Deus, o telefone! Deve ser o Marcos, o tal louro alinhado. Vou correndo já atender, meu coração bate tanto! Será que estou outra vez apaixonada?

O MAIOR DOS NOVOS POETAS FRANCESES É UM LADRÃO!

JEAN GENET FAZ MAIS DINHEIRO HOJE COM A LITERATURA DO QUE JAMAIS SONHOU FAZER COM SEUS FURTOS — FILIADO AO EXISTENCIALISMO — REPRESENTADO NOS TEATROS DE PARIS

Reportagem de ROMAIN LESAGE

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

O escritor francês que mais dinheiro ganha atualmente com seus livros é um ex-presidiário, condenado mais de uma vez, — e por furto. Trata-se do poeta Jean Genet, autor da peça "Les Bonnes", representada no ano passado no Teatro Louis Jouvet, e detentor do prêmio do La Pléiade de 1947. Jean Genet é uma personalidade curiosa, pela franqueza das suas confissões, de seus vícios secretos e de seus latrocínios. Tem ganho uma média de um milhão e meio de francos, com cada um dos seus livros, — e de nenhum deles foram tirados mais de quinhentos exemplares. Mas cada um deles tem rendido muito dinheiro, pois os exemplares são disputadíssimos e vendidos até no mercado negro! Jean Genet, considerado hoje por Jean Cocteau, Jean-Paul Sartre e Pablo Picasso como um dos maiores poetas franceses, escreve numa linguagem de insólita beleza. E não deve senão a seus surpreendentes dons literários o fato de não estar hoje dentro de uma das prisões em que tem passado a maior parte de sua vida.

Na verdade, ele não está em liberdade senão porque, um dia, na prisão, escreveu um poema tentando obter as simpatias de seus camaradas. Esse poema, que se chamava "O condenado à morte", chegou às mãos de Jean Cocteau e o famoso autor de "A Águia de Duas Cabeças" ficou estarecido

com a notícia de que o poeta de tal quilate apreciava numa infecta prisão, em Fresne. Havia quinze anos que a sociedade o perseguia e metia no xadrez.

A justiça, é sabido, depois de Baudelaire, tem uma consciência literária impiedosa. Hamy Mondor o fez soltar, quando ele era um detento na prisão de Tourelles, escrevendo ao chefe de Polícia: "Não importa senão o que sejam perturbados os dons deste escritor".

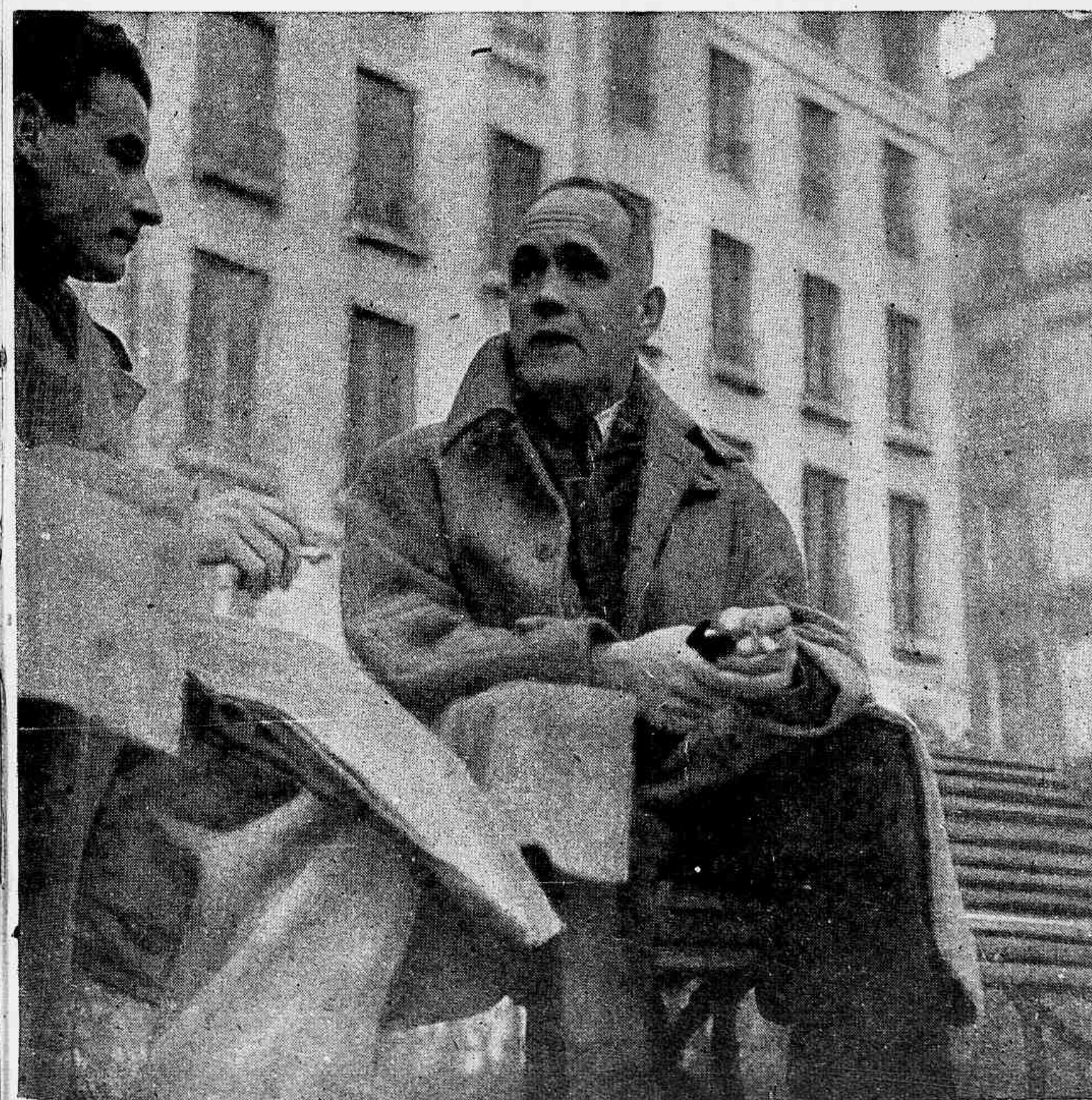
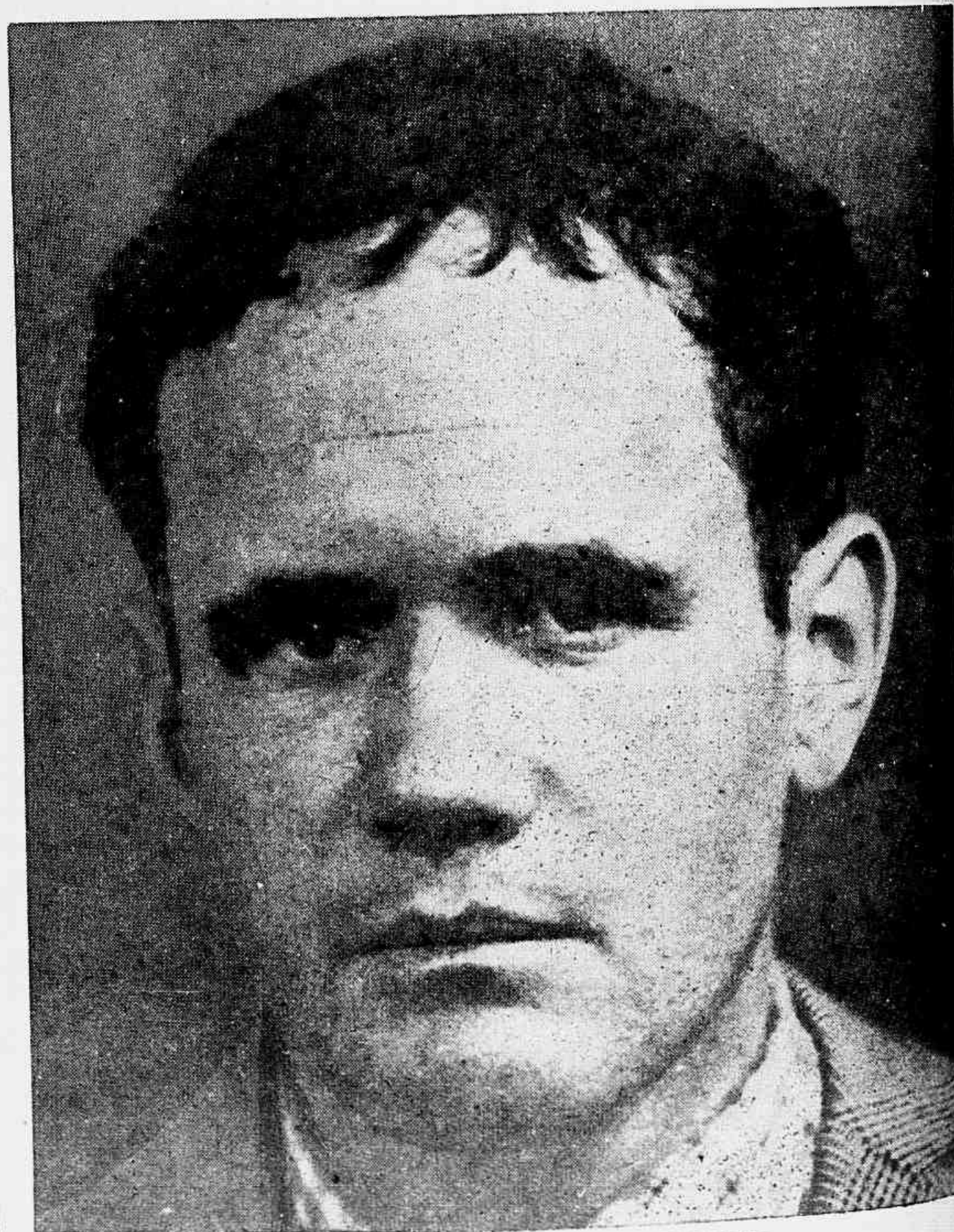
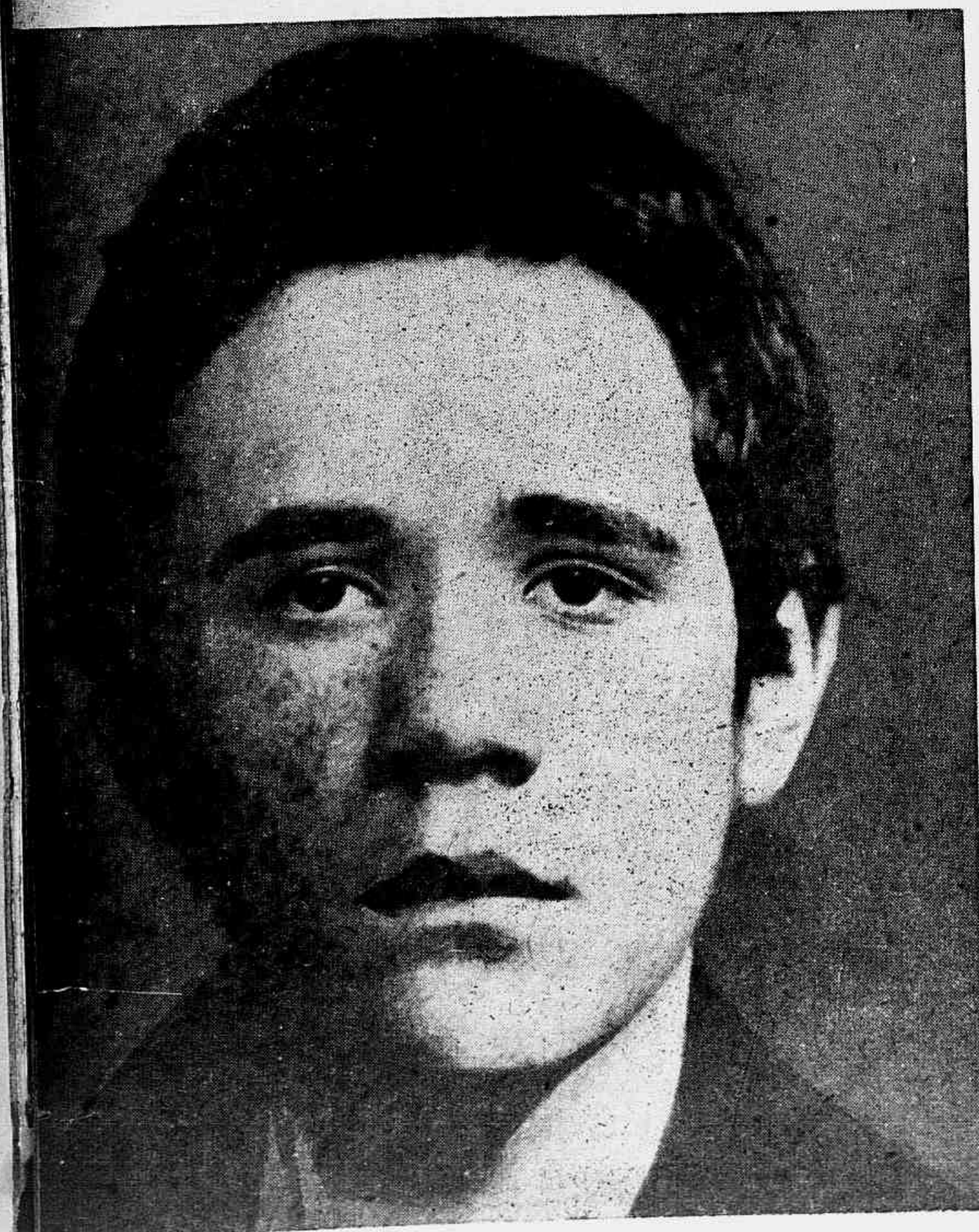
Jean Genet, magro e pálido, tem, no entanto, uma cabeça de pugilista. Sua existência foi esta: órfão quase desde o nascimento, internado de um asilo, guardador de vacas aos 13 anos, ladrão aos 15, presidiário aos 16, fugido de prisão em prisão através da Europa, expulso de cinco países, desertor da Legião Estrangeira, contrabandista de agulhas na Iugoslávia, moedouro na Hungria, ladrão de cavalos na Albânia, autor de carteiras em Veneza, expulso da Grécia por ultraje ao pudor, criador de mercado negro em Berlim, etc. Como se vê, uma existência cheia de rigos e de coisas vergonhosas. Esse foi o homem que escreveu "Notre Dame des Fleurs" (Nossa Senhora das Flores) uma espantosa, mas autêntica obra-prima. Essa obra terrível lembra as tragédias gregas, — e para escrever ela era preciso que Jean Genet tivesse vivido

essa vida de torpezas, de escória da sociedade, de rebelde às suas leis.

É interessante notar que algumas de suas condenações à prisão se deram por furtos de livros, — sim, de livros, pois estava sedento de cultura e de beleza. Livros que eram, principalmente, primeiras edições de Rimbaud, de Jean Cocteau, de Léon Bloy e de outros. O mais curioso de tudo é que Jean Genet se declara fatigado de escrever e já está disposto a renunciar às atividades literárias. Anuncia que seu novo livro, "Diário de um Ladrão" (Journal d'un Voleur), será sua última obra. O interessante é que ele não furta nem por doença, nem por diletantismo.

— Simplesmente detesto qualquer espécie de trabalho — diz ele, que está, aliás, filiado ao existencialismo, filosofia em que cabe tudo, inclusive a preguiça.

Os donos de livrarias em que ele outrora furtava são hoje convidados para seus "cock-tails", onde, aliás, há sempre inspetores de polícia, em discreta vigilância... hoje, está dominado pela idéia de fazer cinema, em estilo italiano, aborrecido com o teatro em razão do fracasso de sua peça. Está sem dinheiro, porque deu de presente a um de seus amigos, pai de numerosa família, uma bela vila em Cannes...



Em cima: Jean Genet, no pequeno hotel em que mora em Paris. Em baixo, à esquerda: dois retratos do ladrão Jean Genet, hoje poeta existencialista, tirados na Polícia, o primeiro aos 15 anos, por ocasião da primeira condenação, e o segundo aos 29, por ocasião da última. Em baixo, à direita: o autor de "Notre Dame des Fleurs", falando a Romain Lesage, e o último retrato de Jean Genet.





Tropeiro

DELÉM, delém, delém... a sineta da mula, amadrinhando a tropa, foi se fazendo mais nítida, agitada no trotezinho alegre de todo o animal que pressente a proximidade da baía.

A tarde ia clara e azul, cheia da clarinada do passaredo. De cima de um outeiro, por onde uma serpentina de terra avermelhada coleava, subindo entre verduras de grama e de macegas, vinha o toque-toque de um pica-pau, martelando o cerne da capororoca.

- Tá ouvindo?
- Tô, patrão! E' pica-pau!
- O seu Alfredo não vai ter melancia este ano...
- E'... Pipa-pau fura tudo!
- Fura!

O peão do Reinaldo abriu a porteira de cima da sela e esperou que a tropa e o patrão passassem.

- Sorto os animás?
- Sorta!

Reinaldo apeou, deu as rédeas para o Juca, empurrou a porta do cercado que dividia o pátio da casa. Entrou pela porta da cozinha, com intimidade, e foi surpreender a Benvinda:

- Oh! gentes! O seu Reinaldo! Como le vai?
- Buenacho; e tu?
- Sempre cozinhando p'ra cambada... — fez com o beijo um gesto em direção à sala, onde os patrões deviam estar.

Riram. A preta mostrando os dentes alvos, de marfim; Reinaldo casquinando em "a", guturalmente.

Houve um arrastar de cadeira e o seu Alfredo apareceu.

— Reinaldo! Por aqui, já! Abraçou o tropeiro, quis saber notícias de Nova Hamburgo e dos "alemães de São Leopoldo".

Tudo mal: o gado baixo, pouca procura, muita oferta. Comprava-se gado em pé por 120 cruzeiros, e exigiam tamanho! Em Taquara, em Alegrete, na fronteira ou onde fosse. Dez anos de trabalho pelas estradas, arrebanhando aqui, vendendo ali... para acabar nisto — um mourear que nem dava para o gasto das botas altas.

Houve uma pausa. Depois o tropeiro indagou: — E a Durce?

— Bem. Foi na casa da siá Inácia, que tem o filho doente, faz três dias. Parece que é má de congestão.

— Já pois bichas? Uma fieira de bichas na cabeça é o que há de bom!

— A Durce levou umas que andou campeando aí na sanga do faxinal. Mas só pegou das miúdas: umas quinze.

— E chega. Pondo em coroa na vorta da cabeça, tira todo o sangue ruim...

— Ela vai ficar alegre, Reinaldo, em te vê aqui!

O tropeiro puxou um banco sentou-se, deu com o relho no couro da bota, sarapintada de barro ruivo. Castigou bem o couro, em pancadinhas lentas, em golpezinhos ligeiros depois. Afinal tomou coragem:

- Pois é...
- Alfredo ofereceu:
- Uma cuia?

Passou-lhe a chaleirinha e o meio porongo, com a bomba enterrada no montão de erva fresca.

Reinaldo chupou o amargo:

- Erva boa! Pois é... A Durce...

— Home, eu sei, Reinaldo! Mas se tu quiseses mesmo a minha menina, vais prometer uma coisa...

— Prometido, seu Alfredo!

— Vais largá este diabo de vida de tropeiro, p'ra lá e p'ra cá, abaixo e arriba, de Taquara pro inferno, do inferno p'ra onde não sei! Tu precisa aquecê lugar, fica aqui mesmo na estância — eu te dou a Durce e mais ameação no meu campinho. Não precisa mais comê poeira pelas estradas. Combinado?

— Isto é preciso pensá, seu Alfredo! Não se muda de vida



como se muda de bombacha! E' causo p'ra sê pensado, e bem...

— Pois, pense, home, pense e arresponda quando quisé casá...

Levantou-se, tomou o porongo das mãos do Reinaldo, virou fora o mate servido, atufou a cuia de nova provisão.

Enquanto derramava a água escaldante no canto aberto através da erva, olhava, malicioso, o Reinaldo pensativo, a judiar das botas com o relho de couro trançado.

Diziam que o tropeiro estava bem: casas em Sapucaia, um matadouro de sociedade em Taquara, tropas numerosas que eram sempre pagas à vista...

O velho Alfredo dava de coração a filha em casamento ao rapaz.

★

Alta noite, Reinaldo saiu da sombra do galpão em que estivera cismando. Foi acordar o peão, deitado sobre uns pelegos na estrebaria:

— Vamo! Toca a levantá, rapaz!

O Juca saiu para o potreiro a maldizer-se, com o freio e o laço ao ombro. Em pouco os animais estavam ensilhados.

Reinaldo tirou a sineta do pescoço da "madrinha", para evitar barulhos.

Um vento gelado assoviava pelo campo, furava a pele, depois de atravessar o poncho e a camisa.

A grama cintilava, coberta de geada. O céu se carregava de nuvens, em ameaça de borrasca.

Quando viu tudo pronto, o peão perguntou, curioso:

— Dona Durce já está avisada?

— Não!

— Então, é por fôrça?

— Que fôrça, home? Nois vamo s'embora com o que é nosso. O dos outro fica aí.

Montou, abriu a porteira, deixou o gado passar, tangido pelo Juca.

Quando a manhãzinha chispou o primeiro clarão no céu, já estavam longe.

La pensando: "Não posso desistir desta vida, nem pela chinoca mais bonita do pago todo! Não sei vivê sem tangê tropa, estrada empós estrada, légua trás de légua"...

O cavalo ia quase a passo, agora.

— Pode parecê feio, mas eu fujo da Durce... eu não posso vivê parado, mesmo com ela ao pé... Não posso... Perciso toca um gadinho pela vida aíora.. Sem isto eu não vivo!

Já estavam na altura da casa do seu Félix, o professor.

— Eu não posso, você pode?

O peão voltou-se, sem compreender:

— Posso o quê, seu Reinaldo?

— Nada! Bobage minha!

— Ué! Nois vamo vortá?

Reinaldo torcera as rédeas, fazendo a tropa voltar sobre as próprias pegadas.

Quando chegaram, Dulce estava no palanque da mangueira, copo de leite à mão:

— Gentes! O seu Reinaldo, tão cedinho! E já de viagem! Vai vortá?

— Não; eu venho de vorta.

— Tinha saído?

— Noite arta!

— Por que vortou? Esqueceu coisa sua? — fez a moça, zangada por saber que estava de viagem, sem uma despedida.

— Se é minha não sei, mas esqueci...

— Que foi?

— Você, Durce!

— Seu Reinaldo!

O copo de leite pôs-se a tremer na mão da filha do seu Alfredo...

Dez anos se passaram.

Na beira da lagoa, Reinaldo tange uma tropinha, rumo à água.

São sete cabeças só... Sete cabecinhas de criança, em que há desde o louro das espigas maduras até o castanho escuro das favas da timbaúva.

— E' o gadinho que eu tenho, de sociedade com a Durce — pensa êle.

E' a única tropinha que o Reinaldo toca pela estrada da vida e pela estrada que leva à lagoa:

— Eu sempre disse: não podia vivê sem repontá um gadinho...

SÃO FRANCISCO foi um dos homens que mais amou na terra. Amou a Deus e aos homens. Foi o discípulo perfeito de Jesus. E' a versão italiana de Buda. Na verdade, não fosse o fato histórico de São Francisco nunca ter ouvido falar em Buda, sua existência pareceria a imitação consciente e deliberada da carreira do profeta indu. Suas vidas apresentam semelhanças tão notáveis que dão a impressão de duas cópias do mesmo drama traduzido em línguas diferentes. Assim Buda como São Francisco renunciaram a uma vida de prazeres para viver em companhia da Dama Pobreza; tanto um como o outro correram mundo com o fim de alisar os vincos que o sofrimento abria no semblante da humanidade; um e outro compreenderam a tristeza e a beleza da vida; ambos se consideravam, juntamente com todos os outros seres vivos, como integrantes de uma cadência única de solidariedade no poema da criação. E, finalmente, ambos, às portas da morte, pediram aos amigos que os deitassem na terra nua, pois que se sentiam mais felizes quando menos embaraçados pelos «bens» — isto é, pelas coisas más — deste mundo.

II

Francisco de Assis, ou (para o designarmos com seu nome italiano) Francesco Bernardone, era filho de Pietro Bernardone, próspero negociante de panos na Umbria. Em rapaz, Francisco foi um pouco extravagante, impulsivo, rebelde, e generoso em demasia. Não conhecia o valor do dinheiro. Gastava-o a torto e a direito — geralmente nos prazeres dos outros. Achava muito mais sensato regalar os amigos com o dinheiro paterno, que vê-lo entesourado nas arcas do pai. Sua mãe, parca esposa de um marido rico, frequentemente observava com azedume que Francisco vivia como um príncipe, e não como o filho de um comerciante italiano. Quanto ao pai, esse pensava que o rapaz nunca havia de dar boa coisa.

Mas, se a mãe e o pai o encaravam com severidade, os moços de Assis o adoravam. Tão despreocupado com a sua vida como com o seu dinheiro; esbelto, de olhos negros; brilhante e sempre jovial, tornou-se o mentor deles nos divertimentos, modas, diabruras e amores. Como o jovem Buda e o jovem Tolstói, era tido na conta de um «camaradão».

Ao aproximar-se da idade viril, alimentava dupla ambição — distinguir-se pela bravura e pelo talento poético. Queria ser guerreiro e escritor — soldado, para defender os seus compatriotas, e menestrel para os alegrar. Admirava particularmente os trovadores — esses franceses errantes, poetas do amor, que convertiam o sul da Europa num canto lírico. Com efeito, foi a sua paixão pela poesia dos trovadores franceses que levou seus companheiros a apelidá-lo Francesco — «o franzinho». Sua mãe, conta-se, dera-lhe o nome de João; mas, antes de atingir a maturidade, a alcunha suplantou o nome verdadeiro. Até hoje o santo homem de Assis é conhecido pelo nome que o liga aos poetas franceses. Francesco — São Francisco — o menestrel errante de Deus.

III

A alma suave do cantor, e o coração valente do soldado. Antes de poder ensinar o seu povo, tinha que lutar por ele. Sua cidade estava empenhada numa dessas intermináveis guerras medievais, contra Perugia, cidade italiana rival. O antigo Império Romano se fragmentara em numerosos principados independentes, cada um dos quais consistente numa cidade murada, administrada por um senhor feudal, e cada um dos quais constantemente envolvido numa série de contendas com as cidades vizinhas. Os romanos, confiando na espada para unificar o mundo, apenas conseguiram dividi-lo. Suas estúpidas grandes guerras foram substituídas por pequenas guerras igualmente estúpidas. A chacina por atacado cedera o passo à chacina a retalho. Cada cidade vivia em pé de guerra contra as outras. Veneza contra Florença, Florença contra Perugia, Perugia contra Assis, Assis contra Veneza — e assim sucessivamente através da Europa inteira. Um milhar de cézares mirins haviam herdado a ambição, mas não a imaginação, do primeiro César. A civilização da Idade Média se esfacelava nesses infundáveis duelos entre cidade e cidade.

Por algum tempo a coragem de Francisco o arrastou na corrente das lutas militares. Alistou-se sob a bandeira de sua cidade natal. Mas, após breve campanha, desiluiu-se das batalhas fratricidas do povo italiano. Num desses combates foi feito prisioneiro, e durante um ano teve oportunidade de observar numa prisão medieval o aspecto menos fascinante, mas não menos selvagem, da guerra. Saiu do cárcere resolvido a procurar instrumento melhor que a espada para a solução das contendas humanas.

Sua procura do instrumento místico da paz foi interrompida quando o acometeu grave enfermidade — consequên-

A VIDA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

(1182-1226)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

cia dos sofrimentos suportados na prisão militar. A princípio seu restabelecimento parecia duvidoso, mas Francisco logrou finalmente superar a crise. A longa convalescença no leito propiciou-lhe o ensejo de estudar a vida sob novo ângulo. O céu, a terra, os pássaros, as árvores, as aflições e inquietudes de seus cômicos irmãos e irmãs verticais da raça humana — o mundo todo adquiriu para ele significação nova, ao contemplá-lo da sua nova posição horizontal de tranquila meditação. Havia entre os homens muita agitação imotivada, muita ambição de coisas vãs, muita disputa por questões pior que vãs. E imediatamente decidiu abandonar a absurda vida usual e viver uma vida sua, mais sensata. Encontrara a misteriosa, onipotente arma que devia assegurar a paz entre os homens. Se ao menos pudesse persuadir os outros a usá-la, essa arma da brandura mútua, da piedade recíproca, do amor irrestrito!

Pois a humanidade toda é uma irmandade; e só amparando os nossos irmãos podemos ter a esperança de nos ampararmos a nós mesmos.

Não tardou que Francisco pudesse pôr à prova esse segredo recém-descoberto — ou antes, esse segredo redescoberto. Um dia, correndo os campos da Umbria, encontrou no caminho um leproso. Toda a vida, sentira horror à vista desses cadáveres vivos. Poeta sensível que era, sempre se esquivara, com uma sensação quase de dor física, de tudo quanto fosse espetáculo desagradável. Mas no curso da sua enfermidade estivera em contacto demasiadamente íntimo com o horror do sofrimento, e a fealdade da doença, para sentir outra coisa que piedade pelos sofrimentos e doenças dos outros. Quando viu o leproso avançar em direção a ele, saltou do cavalo e não só deu dinheiro, mas deu-se a si mesmo a seu infeliz irmão. Abraçou-o, e falou-lhe como a um amigo e companheiro. Até então, sentira uma espécie de prazer turbulento na companhia dos favorecidos da fortuna. Dêse momento

gras. Indo assim ao encontro do leproso, Francisco de Assis recobrava o seu Eu.

Deixou, pois, os afortunados, «os membros sãos da unidade social», e engajou-se no serviço dos desafortunados. O coração fugia-lhe especialmente para os falhados, os incapazes e inadaptáveis, os que não progrediam na vida, os fracos a quem ninguém dava emprego, os melancólicos a quem ninguém dava atenção. «Ele escuta», dizia-se, «aqueles que o próprio Deus não escutaria». Mas Francisco era um cristão piedoso de mais para subestimar tal descrição da sua atividade.

«E' a vontade de Deus que me manda escutar a todos os desgraçados».

Francisco de Assis era um cristão piedoso, mas — como Jesus antes dele — não era um filho cegamente submisso da Igreja. Tampouco era um filho cegamente submisso ao pai. Procurava fazer tudo ao seu modo suave e espontâneo. Preocupava-se mais de obedecer aos ditames do coração, que de seguir as injunções de seus superiores. E acontecia que o seu coração frequentemente andava mais bem avisado que os seus superiores. Uma vez, a fim de conseguir dinheiro para uma obra de caridade, vendeu o seu cavalo e uma peça de fazenda pertencente à loja do pai. Este o chamou de ladrão, e passou-lhe estirado e veemente sermão sobre os sacrifícios dos pais e a ingratidão dos filhos. Pois tudo o que Francisco possuía — fez-lhe notar o pai — inclusive a roupa do corpo, ele o devia à generosidade da família.

Ouvindo isso, Francisco tirou a roupa e a lançou à cara do pai. Estava determinado a não mais depender do auxílio dos outros — principalmente quando se davam ao grande incômodo de lembrar-lhe a dívida eterna em que ficava com eles. Atirando sobre o corpo um capote esfarrapado, saiu da casa para as ruas geladas — era no inverno — e, conta-se, desatou a cantar. Desfizera-se de todas as suas posses, e, como o homem sem camisa de que nos fala a tradição, sentia-se inteiramente feliz depois que se desembaraçara do fardo da propriedade. Se realmente só é rico quem está satisfeito com o pouco que tem, Francesco Bernardone era o mais rico dos homens, pois mais contente andava quando menos possuía. Nisso não havia afetação de sua parte. Nem desejo de fazer o papel de mártir. São Francisco era um asceta, mas não um auto-flagelador. Se se expunha a privações, fazia-o não tanto com a mira na recompensa futura como na satisfação presente. Envergonhava-se de passar bem quando tantos irmãos seus padeciam, e de comer e beber quando eles tinham fome. Assim, em lugar de partir para o deserto como um eremita casmurro, misturava-se com os humildes, os pobres e os enfermos, restituindo-lhes a alvizez, saciando-lhe a fome e aliviando os seus sofrimentos. Era feliz porque pensava tão pouco em si mesmo e tanto nos outros. Quando conseguia o que comer, guardava para si a porção menor e mais grosseira, e dava de esmola o resto. Por vestimenta, trazia em redor do corpo, no inverno como no verão, a sua andrajosa túnica de cor castanha, atada na cintura com uma corda. Essa túnica veio a ser o uniforme regular dos Franciscanos, esses pacíficos soldados de Cristo que São Francisco de Assis comandava na sua cruzada de socorro e misericórdia.

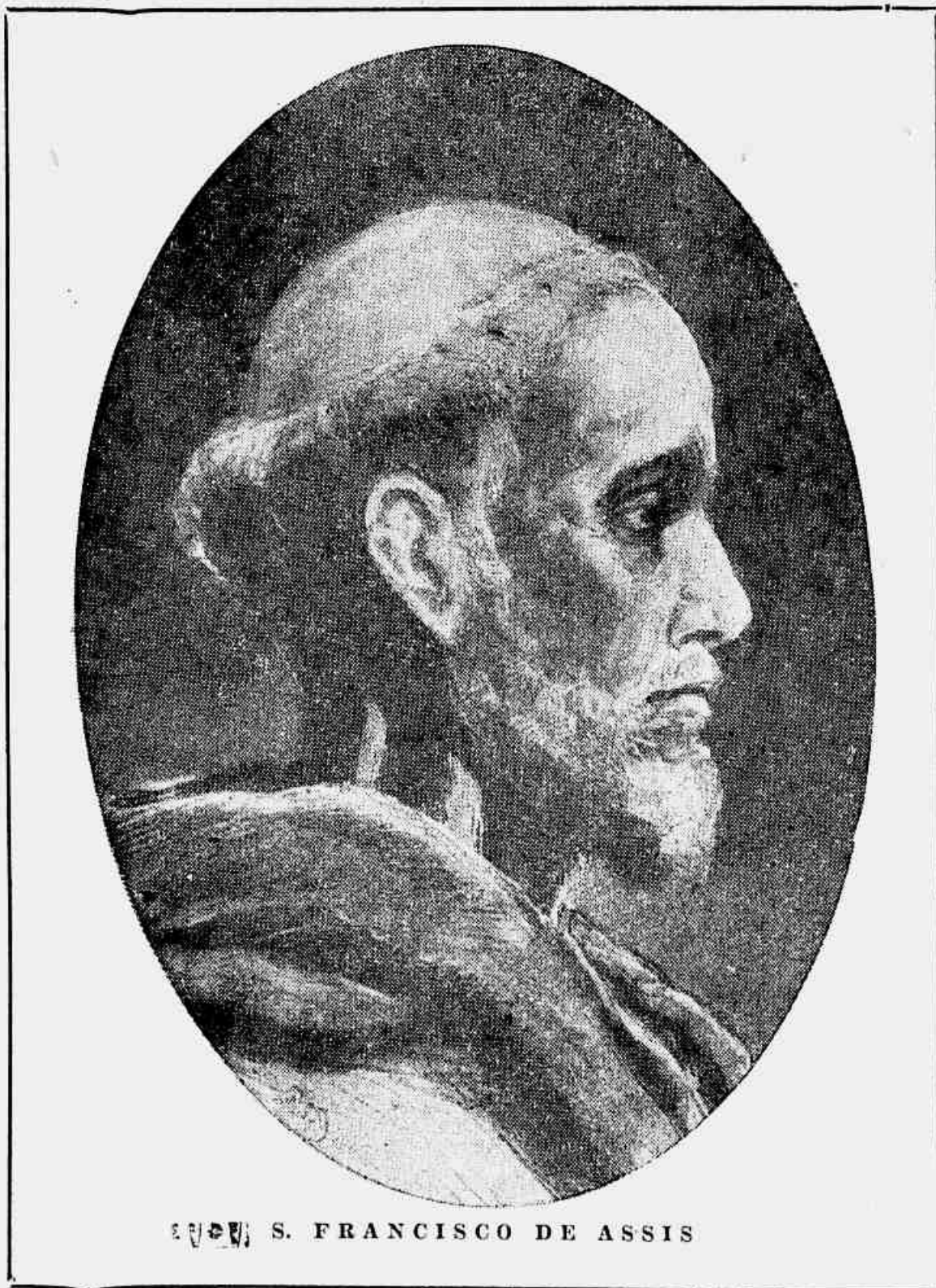
IV

A princípio, conquistou só dois adeptos. Construíram uma cabana para viverem, perto da colônia dos leprosos, e serviam de mensageiros de vida junto aos que se haviam conformado com uma existência de mortos-vivos. Em três anos o número de franciscanos — os Irmãozinhos de São Francisco — subiu a doze. Com Francisco à sua frente, partiram em peregrinação a Roma, para solicitar do Papa a licença de prosseguirem na sua obra. Foi-lhes concedida sob a condição de nada fazerem que pudesse transtornar a rígida disciplina da Igreja organizada.

Tendo chegado a esse entendimento com o Papa, São Francisco empreendeu então nova jornada — esta vez ao palácio do chefe sarraceno. A Quinta Cruzada ia no seu apogeu. Sem embargo, Francisco desarmado, apresentou-se ante o sultão. O comandante sarraceno mirou-o com um sorriso divertido e não totalmente hostil. Ali estava um soldado cristão de novo gênero — um italiano franzino e vivo, de manto esfrangalhado, um par de olhos brilhantes e bondosos e uma torrente de palavras meigas e eloquentes. Um homem que procurava conquistar com carícias, e não com punhaladas. O sultão escutou o singular embaixador, que pedia a cessação imediata das hostilidades «em nome de Deus, o Pai comum de todos nós». Prometeu refletir no pedido — e esqueceu-o logo que Francisco se retirou da sua presença. Continuaram as guerras entre muçulmanos e cristãos, e o pequeno Menestrel de Deus tornou à sua busca de cordura num mundo insano.

V

São Francisco possuía pouca instrução. Acreditava com fé infantil, e amava com infantil... (Continua na pág. 43)



S. FRANCISCO DE ASSIS

em diante, passou a experimentar uma felicidade mais tranquila, mas muito mais profunda, na sociedade dos deserdados da sorte. Pois esses enteados do destino, como todos os outros seres que viviam, sofriam e morriam, não só eram aparentados com ele, como constituíam uma parte dele. As ondas unidas de um mesmo oceano, os corpos integrados de uma única alma, a continuidade ininterrompível da vida eterna. «Para mim és mais que um irmão: és um membro doente da minha própria carne. A tua dor é a minha dor; a tua alegria é a minha ale-

NOS BASTIDORES FEMININOS

NUNCA é tarde demais para aprender. A mulher, mesmo a que se dedica exclusivamente ao lar, não deve considerar que não tem tempo para aprender e, também, a idade nunca deverá servir de pretexto para fugir a isso. A personalidade feminina torna-se muito mais encantadora quando a uma figura simpática ou bonita se alia o saber. Não exijamos e não esperemos mesmo que você agora resolva se embrenhar em estudos complicados e difíceis e que, na sua ânsia de aperfeiçoamento, vá abandonar as suas outras ocupações, tão impor-

ta-
tantes que estas são para a sua vida e daqueles que dependem de você. O que esperamos, e estamos certos de que você poderá fazê-lo, é que você aproveite melhor as suas horas de folga, ou talvez substitua meia hora de palestra inútil ao telefone, por qualquer outra coisa mais proveitosa. Há muito o que aprender ainda e há tempo bastante para isso. Sem a necessidade de interromper as suas atividades mais importantes, você poderá ampliar os seus conhecimentos e assim se tornar uma companhia mais interessante e agradável. Lendo bons livros,



ouvindo boa música, frequentando exposições de pintura, assistindo à representação de boas peças teatrais, procurando conversar com pessoas de um nível cultural superior ao seu, você estará aprendendo sem dispendar com isso muito dinheiro e muito tempo. Tudo é questão de boa vontade e organização. Se você souber organizar a sua vida no lar, certamente lhe sobrá tempo para aprender. Quanto à boa vontade, ela é mais do que necessária, principalmente para fixar a sua persistência. E o aprender, para você, deve incluir também outras coisas menos

intelectuais mas não menos úteis como por exemplo a culinária, os trabalhos manuais e decorativos, etc... Convém ainda acrescentar entre o que você pode ou pretende aprender, as boas maneiras, a compreensão, o respeito pela opinião alheia, os bons sentimentos, etc. E isto você pode começar desde já e mesmo dentro de casa. Olhe ao seu redor e veja quantos aborrecimentos você já causou só porque não soube ser compreensiva e humana. Tudo poderia ter sido evitado se você se dispusesse a aprender... Mas, nunca é tarde para aprender...

Alida Valli, atualmente uma das mais lindas mulheres da Europa, antiga artista do cinema italiano, e hoje um grande cartaz em Hollywood, apresenta-nos estes dois modelos que aqui estampamos. Ao alto: em linho belga. "Plastron" com nervuras. Gola alta. Botões decorativos. Saia com pregas soltas na frente. A esquerda. Para a tarde, em jersey de dois tons. A parte posterior da blusa e as mangas em cinza. A saia e a frente da blusa em cor de tijolo. Alida é a estrela de "O milagre dos sinos", da R.K.O.

A PERSONALIDADE da Semana

WANDA OTTICICA



Quando chego a uma casa para fazer uma entrevista, procuro aproveitar os primeiros minutos de espera para olhar um pouco indiscretamente para o meu futuro entrevistado. A primeira impressão é de um ser sereno mas sobre a personalidade de uma de casa de que não há suas declarações.

Na repartição na entrada, uma grande sala, muito iluminada, com suas portas abertas, duas lanternas de processo italiano, evocando um fim de século de Verdi ou mesmo as estatuas russas de Sieni nas noites de primavera. Porque foi que a sala me fez pensar no Japão? Na sutileza oriental que nada tem que ver com uma Butterfly de pacotilha? Não era por causa do grande armário lacado preto e ouro, nem da planta estranha e isolada num largo jardim em baixo de um céu azul e quente?

Desembarcei a biblioteca. Stefan Zweig, Jean-Jacques Rousseau, Nietzsche, Rembrandt, as canções de Billie. A chegada de Wanda Otticica interrompeu-me quando eu estava num livro com um belo nome oriental. E descobri, de repente, o que evocava o Japão. Era a diáspora do chá, o chá de baixo que quase fazia parte do assalto.

— Não se, como poderia, ajudá-la, disse-me Wanda Otticica. Não se fale de mim.

— Não vou fazer perguntas de esporte. Deixe-me simplesmente conhecê-la. Começamos, naturalmente, pela música e pergunto quais seus planos.

— Estou pensando em fazer tournee no Sul. Também darei um concerto em Belo Horizonte. Talvez volte aos Estados Unidos. Recebi uma proposta de Chicago. Mas está ainda tudo muito vago, indefinido.

— Acrescentou com bom humor.

— Se que não deveria dizer as coisas desta maneira tão simples. Uma vez perguntou a uma amiga que acabara de dar uma entrevista a qual eu a assistia. "Mas você também mesmo realizou tudo que descrever ao jornalista?" Ela alçou os ombros e disse: "É a propaganda." Por mim sou incapaz de fazer isso, como não posso fazer concessões no programa para deslumbrar um público que quer ouvir coisas de canções românticas. Deve ser porque faço muito mais questão de alto artístico que de aplausos imediatos.

— Prefere dar concertos ou cantar em óperas?

— Concertos. Mas é preciso fazer ópera. Porque aqui, e também nos Estados Unidos, pensam que quem canta em ópera não tem voz. Não apreciam no seu justo valor a música de câmara, principalmente a de qual eu gosto. Debussy, por exemplo.

— Parece-me que o público norte-americano não é entusiasta muito?

— Ele é muito amável. Já assistiu a concertos clássicos nos Estados Unidos. Nunca reparou que a música fosse tão descepcionada? Ao contrário do público europeu que é mais que nunca perdido um erro um cansaço, uma indisposição. Nos Estados Unidos há personalidades e artistas extraordinários. Mas para vencer junto ao grande público, é essencial — e não se é um gênio — é ter dinheiro para promover a propaganda.

— E quando dá concertos no interior do Brasil não é necessário as vezes, fazer as concessões que criticas há pouco?

— Naturalmente. O melhor público que conheço é o de Pelotas. Usando clássicos... Bach... e raro nas cidades pequenas.

— Para vir e disse ainda um silêncio.

— Realmente não se como se de uma entrevista. Que se eu? Nada se meu ver.

— Pensei comigo que quem assim fala já comprometeu um valor e disse.

— E vou saber que o repórter não é através dos depoimentos inventados ao qual se refere? Que não parece quando alguém começa a "contar cantos"? Principalmente as mulheres que são muito mais difíceis de entrevista do que homens porque pensam demais na impressão causada. Por isso muitas buscam um refúgio na cozinha.

— Como é agradável, exclama, encantada.

Uma tarde de longe listrada esconde a chaminé. Cortinas de algodão de xadrezinhos manchas de pó. Pare de diante de uma pilha de arame que era uma casa de ovos.

— Gosto de minha galinha? As vezes converso com ela.

— E reparando no meu interesse mostrou-me o banheiro.

— Gosto de banheiro e acho que como se vive no apartamento todo e preciso alegrar todos seus recantos.

— Fotografias esmiuçadas de inúmeras artistas na parede. Um aparelho de rádio com uma lâmpada azul que ilumina trancosamente. Não escondo que sou um apreciador mas olho pelo menos sei agradecer. "Bem, não tenho trancos. Não se pareça com um banheiro.

— E acho a perfeição a vontade falando em arte em teatro, na música e mesmo em vestimenta e chapeau. Wanda Otticica confessa fazer-lhe muito bem, enquanto um admirador com a vivacidade de um espírito extraordinariamente aberto move a conversa.

JUVENIL JEAN



MODELOS PARA A NOITE

D
Paige,
branco
Sáia f
na ao
de cro



DIRETAMENTE de Hollywood nos chegam estes modelos para a noite, "s sofisticados" uns, simples os outros, mas todos de indiscutível elegância. Ao alto: Ampla sãia em tecido listrado formando desenho, lantejoulas douradas. Blusa de seda branca com mangas japonesas. Modelo em lamê cor de chumbo apresentado por Janis Paige, da Warner Bros. Mangas "atacadas" com fio dourado. Drapeado sobre os quadris. Em baixo: Em jersey branco todo bordado a missangas é este elegante modelo de Loretta Young, da RKO, para jantar. Decote em "V". Sãia franzida na frente. Elegantíssimo modelo para noite em lã azul-marinho, apresenta-o Merle Oberon. Na página ao lado: Uma inspiração tropical. Modelo para jantar em jersey verde-mar; peixes pintados a mão na sãia, rede de crochet.



Muro das LAMENTAÇÕES

De São Paulo você me escreve: "Agora aconteceu que tendo-me feito examinar por um médico, este declarou que tenho grave moléstia contagiosa. Não sei o que fazer, é uma doença pior que a sífilis e não sei se lhe conte ou guarde para mim o segredo, despedindo-o com jeito ou lhe contando tudo".

Eis uma situação bastante delicada, sem dúvida, porém, não insolúvel. Seu médico é quem deve dizer a última palavra. Se lhe disser que a moléstia é contagiosa, mas curável, o melhor será encontrar um pretexto para desaparecer por uns tempos até ficar boa. Se a cura for alcançada, você regressará e poderá casar-se, se o tempo não se tiver incumbido de diluir os laços afetivos que hoje lhe parecem tão fortes.

O detalhe, que nos conta, sobre a intimidade absoluta já existente entre você e o rapaz, em nada muda o aspecto da questão. No momento, trata-se apenas de um caso de saúde. Casar no estado em que você se encontra, só para satisfazer a vontade do rapaz, seria loucura. Dentro em pouco ele viria a descobrir a sua moléstia, e se julgaria enganado.

Por outro lado, no momento você não lhe pode dizer toda a verdade sobre a sua doença. Seria um choque tremendo, uma decepção violenta que ele nunca lhe perdoaria, embora reconhecendo que a culpa não é de você, evidentemente. Preservar intacta a bela imagem que ele faz de você é um dever que lhe cabe, e que deve ser cumprido a todo custo.

Recorra a alguma desculpa, mesmo a alguma mentira inócua, para que ele não desconfie de nada; os motivos justificarão os meios empregados. As vezes precisamos usar a mentira para provar a verdade — como no seu caso: a verdade é o amor que você tem por ele, e o que ele tem por você, e que merece o sacrifício de alguns pormenores sem importância.

Afasto-se do rapaz, portanto, alegando qualquer coisa que lhe pareça plausível. Depois, o tempo dirá se vai ser possível um regresso feliz, ou se vai ser necessário um afastamento definitivo. Mesmo nesse instante, não diga a verdade sobre o que aconteceu com você. Será preferível que ele a imagine perjura, inconstante, traidora, a que venha sentir apenas horror ou piedade. Suma, desapareça, e guarde no seu coração, deixando que o rapaz também guarde no coração dele, alguma coisa da felicidade que vocês viveram.

Se essa hipótese se der, não se entregue ao desespero, porque a vida está começando a todo momento. Quando se pensa que ela terminou, muitas vezes é que se está iniciando a experiência melhor, a mais profunda, a mais humana. Conheço muitas pessoas gravemente enfermas que são mais felizes que as saudáveis. Sabem elas o vazio da inutilidade, aprofundaram o sentido da existência e descobriram, iluminadas, que a morte é o verdadeiro começo de tudo. Se não fosse, esta vida, fugaz e incompreensível, não valeria a pena de ser vivida, não teria o menor significado.

CONFIDENTE

CORRESPONDÊNCIA

Continuamos recebendo cartas de nossos consulentes, que iremos respondendo aos poucos para poder dar a cada qual uma resposta carinhosamente meditada. Escrevam para "Muro das Lamentações", aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, R. Visconde Maranguape, 15, Rio.

A PERSONALIDADE da Semana

WANDA OITICICA



Quando chego a uma casa para fazer uma entrevista, procuro aproveitar os primeiros minutos de espera para olhar, um tanto indiscretamente, o torno de mim. A atmosfera de um lar revela mais sobre a personalidade da dona de casa do que todas suas declarações!

Já repara, na entrada, uma grande cruz, muito plástica na sua nudez, entre duas lanternas de procissão italianas, evocando um fim de ópera de Verdi ou, melhor, as estreitas ruas de Siena nas noites de primavera. Porque foi que a sala me fez pensar no Japão? Na sutileza oriental que nada tem que ver com uma Butterfly de pacotilha? Não era por causa do grande armário laqueado preto e ouro, nem da planta estranha e isolada num largo jarro em baixo de u'a mesa. O que era?

Examinei a biblioteca. Stefan Zweig, Jean-Jacques Rousseau, Nietzsche, Romain Rolland, as canções de Bilitis. A chegada de Wanda Oitica interrompeu-me quando ia pegar num livro com um belo nome oriental. E descobri, de repente, o que evocava o Japão. Era o divã rente ao chão, tão baixo que quase fazia parte do assoalho!

— Não sei como poderei ajudá-la, disse-me Wanda Oitica. Não sei falar de mim!

— Não vou fazer perguntas de repórter. Desejava simplesmente conhecê-la. Começamos, naturalmente, pela música e perguntei quais seus planos.

— Estou pensando em fazer tourné no Sul. Também darei um concerto em Belo Horizonte. Talvez volte aos Estados Unidos. Recebi uma proposta de Chicago. Mas está ainda tudo muito vago, indefinido.

A acrescentou com bom humor:

— Sei que não deveria dizer as coisas desta maneira tão simples! Uma vez perguntei a uma amiga que acabara de dar uma entrevista à qual eu já assistira: "Mas você tenciona mesmo realizar tudo que descreveu ao jornalista?" Ela alçou os ombros e disse: "E a propaganda?" Por mim, sou incapaz de fazer isso, como não posso fazer concessões no programa para deslumbrar um público que quer ouvir agudos ou canções românticas. Deve ser porque faço muito mais questão de êxito artístico que dos aplausos imediatos.

— Prefere dar concertos ou cantar em óperas?

— Concertos. Mas é preciso fazer ópera. Porque aqui, e também nos Estados Unidos, pensam que quem nunca cantou em ópera não tem voz! Não apreciam no seu justo valor a música de câmara, principalmente a da qual eu gosto. Debussy, por exemplo.

— Parece-me que o público norte-americano não a entusiasmou muito?

— Ele é muito amável. Já assisti a concertos péssimos nos Estados Unidos. Nunca reparei que a platéia fosse fria, decepcionada! Ao contrário do público carioca que é mau, que nunca perdoa um erro, um cansaço, uma indisposição! Nos Estados Unidos há personalidades e artistas extraordinários. Mas para vencer junto ao grande público, o essencial — si não se é um gênio — é ter dinheiro para começar a propaganda.

— E quando dá concertos no interior do Brasil, não é necessário, às vezes, fazer as concessões que criticava há pouco?

— Naturalmente... O melhor público que conheço é o de Pelotas. Bisando clássicos... Bach... É raro nas cidades pequenas.

Parou, riu e disse após um silêncio:

— Realmente não sei como se dá uma entrevista! Que sou eu? Nada, ao meu ver.

Pensei comigo que quem assim fala já comprova possuir um valor, e disse:

— E você acha que o repórter não lê através dos depoimentos inventados aos quais se referia? Que não percebe quando alguém começa a "contar vantagem"? Principalmente as mulheres, que são muito mais difíceis de entrevistar do que homens porque pensam demais na impressão causada.

Fomos juntas buscar um relesco na cozinha.

— Como é agradável! exclamei, encantada.

Uma tenda de lona listrada escondia a chaminé. Cortinas de algodão de xadrezinhos, manchas de cor. Parei diante de uma galinha de arame que era uma cesta de ovos.

— Gosta da minha galinha? As vezes converso com ela!

E reparando no meu interesse, mostrou-me o banheiro.

— Gosto de decoração e acho que como se vive no apartamento todo, é preciso alegrar todos seus recantos!

Fotografias assinadas de inúmeros artistas, na parede. Um aquecedor parecido com uma teneba azul que diria ironicamente: "Não escondo que sou um aquecedor, mas quero, pelo menos, ser engraçado! Pequenos tapetes brancos. Não se parecia muito com um banheiro.

E ambas, já perfeitamente à vontade, falamos em arte, em teatro, na Europa e mesmo em vestidos e chapéus (Wanda Oitica confessou fazê-los muito bem), enquanto me admirava com a vivacidade de um espírito extraordinariamente aberto, móvel e complexo.

YVONNE JEAN



MODELOS PARA A NOITE

D
Paige,
branco
Sala f
na ao
de cro



DIRETAMENTE de Hollywood nos chegam estes modelos para a noite, "sofisticados" uns, simples os outros, mas todos de indiscutível elegância. Ao alto: Ampla sãla em tecido listrado formando desenho, lantejoulas douradas. Blusa de seda branca com mangas japonesas. Modelo em lamê cor de chumbo apresentado por Janis Paige, da Warner Bros. Mangas "atacadas" com fio dourado. Drapeado sobre os quadris. Em baixo: Em jersey branco todo bordado a missangas é este elegante modelo de Loretta Young, da RKO, para jantar. Decote em "V". Sãla franzida na frente. Elegantíssimo modelo para noite em lã azul-marinho, apresenta-o Merle Oberon. Na página ao lado: Uma inspiração tropical. Modelo para jantar em jersey verde-mar; peixes pintados a mão na sãla, rede de crochet.



Muro das LAMENTAÇÕES

De São Paulo você me escreve: "Agora aconteceu que tendo-me feito examinar por um médico, este declarou que tenho grave moléstia contagiosa. Não sei o que fazer, é uma doença pior que a sífilis e não sei se lhe conte ou guarde para mim o segredo, despedindo-o com jeito ou lhe contando tudo".

Eis uma situação bastante delicada, sem dúvida, porém, não insolúvel. Seu médico é quem deve dizer a última palavra. Se lhe disser que a moléstia é contagiosa, mas curável, o melhor será encontrar um pretexto para desaparecer por uns tempos até ficar boa. Se a cura for alcançada, você regressará e poderá casar-se, se o tempo não se tiver incumbido de diluir os laços afetivos que hoje lhe parecem tão fortes.

O detalhe, que nos conta, sobre a intimidade absoluta já existente entre você e o rapaz, em nada muda o aspecto da questão. No momento, trata-se apenas de um caso de saúde. Casar no estado em que você se encontra, só para satisfazer a vontade do rapaz, seria loucura. Dentro em pouco ele viria a descobrir a sua moléstia, e se julgaria enganado.

Por outro lado, no momento você não lhe pode dizer toda a verdade sobre a sua doença. Seria um choque tremendo, uma decepção violenta que ele nunca lhe perdoaria, embora reconhecendo que a culpa não é de você, evidentemente. Preservar intacta a bela imagem que ele faz de você é um dever que lhe cabe, e que deve ser cumprido a todo custo.

Recorra a alguma desculpa, mesmo a alguma mentira inócua, para que ele não desconfie de nada; os motivos justificarão os meios empregados. As vezes precisamos usar a mentira para provar a verdade — como no seu caso: a verdade é o amor que você tem por ele, e o que ele tem por você, e que merece o sacrifício de alguns pormenores sem importância.

Afasto-se do rapaz, portanto, alegando qualquer coisa que lhe pareça plausível. Depois, o tempo dirá se vai ser possível um regresso feliz, ou se vai ser necessário um afastamento definitivo. Mesmo nesse instante, não diga a verdade sobre o que aconteceu com você. Será preferível que ele a imagine perjura, inconstante, traidora, a que venha sentir apenas horror ou piedade. Suma, desapareça, e guarde no seu coração, deixando que o rapaz também guarde no coração dele, alguma coisa da felicidade que vocês viveram.

Se essa hipótese se der, não se entregue ao desespero, porque a vida está começando a todo momento. Quando se pensa que ela terminou, muitas vezes é que se está iniciando a experiência melhor, a mais profunda, a mais humana. Conheço muitas pessoas gravemente enfermas que são mais felizes que as sadias. Sabem elas o vazio da futilidade, aprofundaram o sentido da existência e descobriram, iluminadas, que a morte é o verdadeiro começo de tudo. Se não fosse, esta vida, fugaz e incompreensível, não valeria a pena de ser vivida, não teria o menor significado.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Continuamos recebendo cartas de nossos consulentes, que iremos respondendo aos poucos para poder dar a cada qual uma resposta carinhosamente meditada. Escrevam para "Muro das Lamentações", aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, R. Visconde Maranguape, 15, Rio.



SÃO COMO DUAS GOTAS D'ÁGUA

GÊMEAS univitelinas; semelhança física absoluta; "são como duas gotas d'água" — diz a mãe, e... no entanto, são muito diferentes de gênio; uma tem ciúme da outra; desde pequenas são assim; apesar de se vestirem iguais, e uma ter tudo que a outra tem, estão sempre se queixando de que eu trato uma melhor do que a outra".

Eis aí um dos erros de educação em que a senhora tem insistido; por que acentuar mais ainda a semelhança física que já por si mesma é exaustiva? Por que proporcionar a ambas as mesmas situações; a vida não tem esta exatidão rigorosa, que se lhe quer dar? A identidade do corpo foi um acidente na geração, mas a própria natureza estabeleceu a diferença de caracteres como a colocar um basta nas semelhanças futuras; já é suficiente que se vejam como num espelho, dia a dia; cada qual está gritando com a sua própria personalidade distinta, que é um ser aparte e não um simples carbono humano.

Para que se compreenda o mal estar em que vivem estas meninas vamos nos deter em algumas considerações: todos nós temos em grande conta o nosso eu; acreditamos que os nossos gostos, as nossas idéias, as nossas aspirações são originárias, interessantes e dignas de serem ouvidas; a ânsia de se afirmar é uma atitude de legítima defesa de qualquer indivíduo que saiba pensar; muito maior será o anelo de uma criatura que tiver um irmão gêmeo, a quem todas as pessoas estão mais encantadas e divertidas em encontrar semelhanças que diferenças; maior será o seu esforço e maior a sua decepção, se for confundido grosseiramente em sua psique com o irmão.

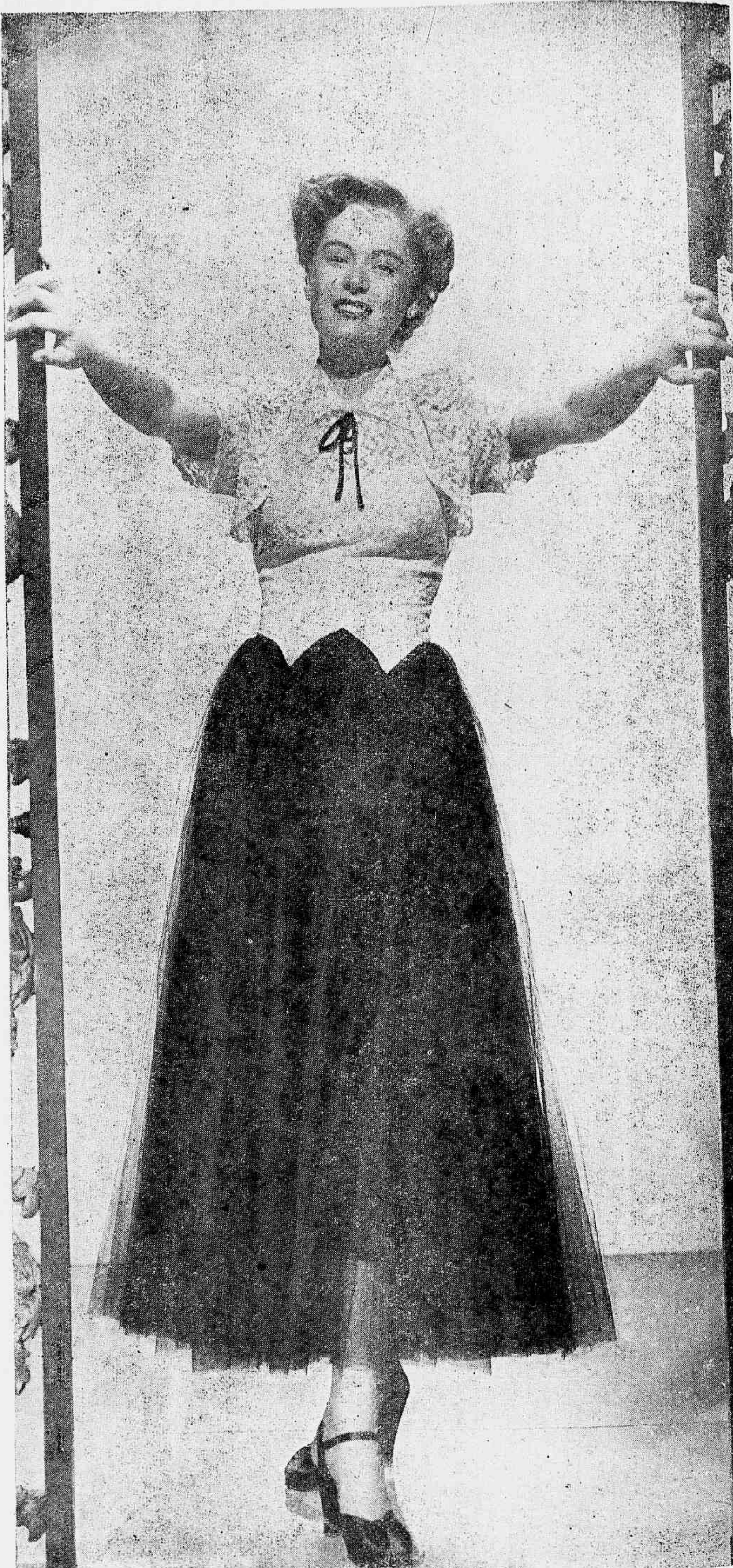
E' preciso, portanto, que não se insista em frisar a igualdade nestas condições; é certo que a simetria no trajar torna-se muito interessante, como nota pitoresca, aos que observam; e, quando são bebês, despertam as crianças exclamações de espanto dos transeuntes, fato que agrada com certeza aos pais; mas trata-se agora de duas moças: uma exaltada, outra calma; uma alegre, emocionável e dando-se facilmente com as pessoas; outra, retraída, amando mais o silêncio que a vida mundana e sabendo controlar as suas emoções; tentar, pois, unir o dissemelhante é como se combinássemos uma maçã com uma laranja.

Que se deve fazer, então? Muito simples; tratá-las como se fossem duas irmãs quaisquer; nem todos os irmãos se vestem iguaizinhos; nem todos os irmãos possuem os mesmos brinquedos, os mesmos objetos e vão aos mesmos lugares; torna-se até mais interessante a diferença, para que haja uma troca bem humorada de pertences, ou se troquem impressões de diferentes sensações; até mesmo os colégios podem ser outros; quando a vontade de cada uma se manifestar sem que uma imposição superior a desvie, talvez as próprias meninas se tornem mais amigas e encontrem na mútua companhia a amizade que ora não admitem.

Tenho um grande respeito pelo individualismo, apesar de todas as standardizações políticas e econômicas. Acredito mesmo que só é possível educar-se o homem, adaptar-se o homem, respeitando as características da sua personalidade: o oposto a características da sua personalidade: o oposto a isto poderá criar uma máscara temporária, que se amoldará às circunstâncias, mas, em qualquer momento, pode desmontar vivo e indestrutível o que havia do indivíduo antes da contrafacção. Dizem os europeus que, se arranhassem o russo, descobrir-se-ia o tártaro, o incivilizado; e podemos estender esta expressão à espécie humana, porque debaixo de todo o arcabouço da educação e cultura, encontra-se a consciência primitiva do homem, vigiando, sofrendo, ou espreitando a deixa para subir. à tona.

ZÓIA DE LAET

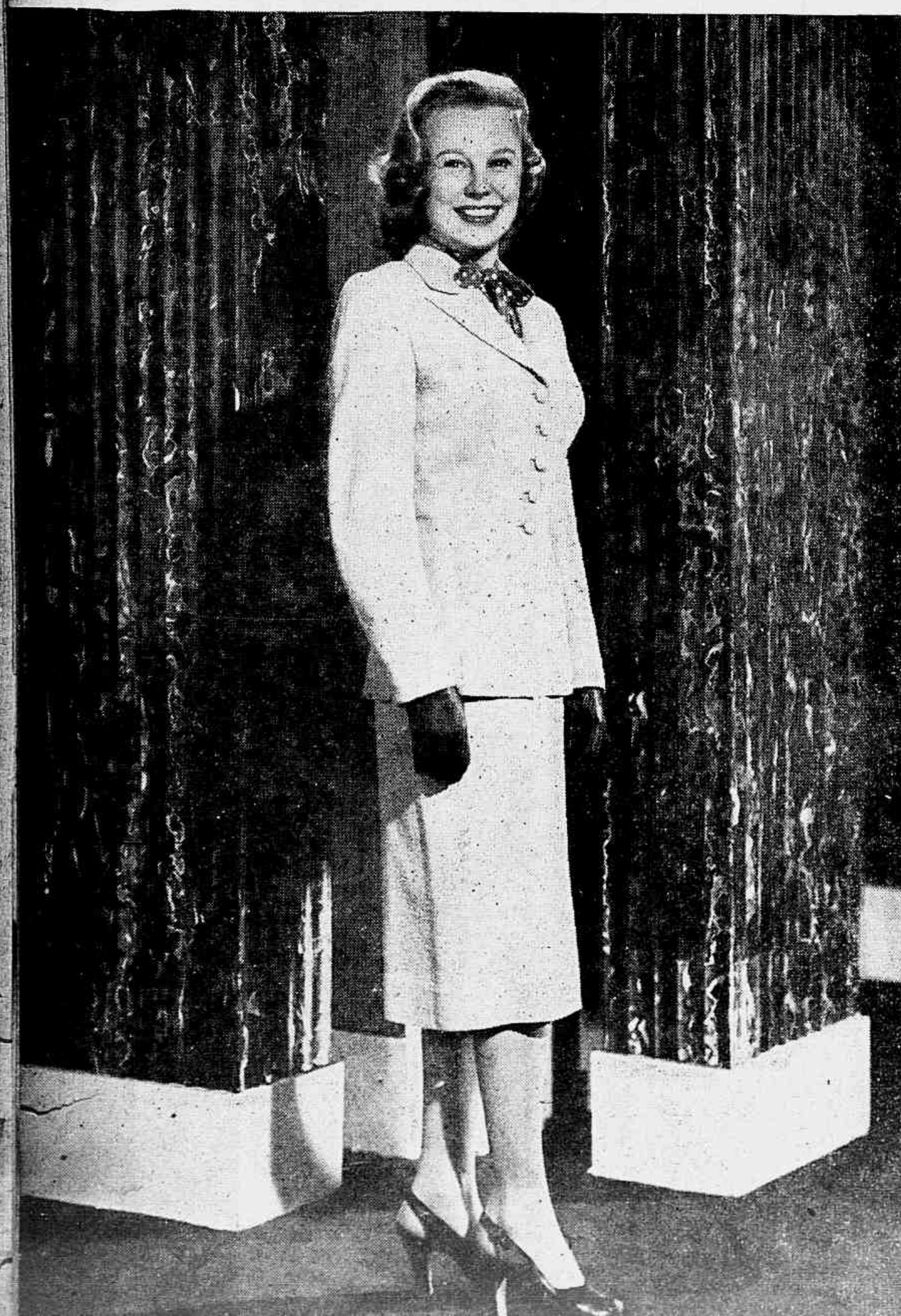
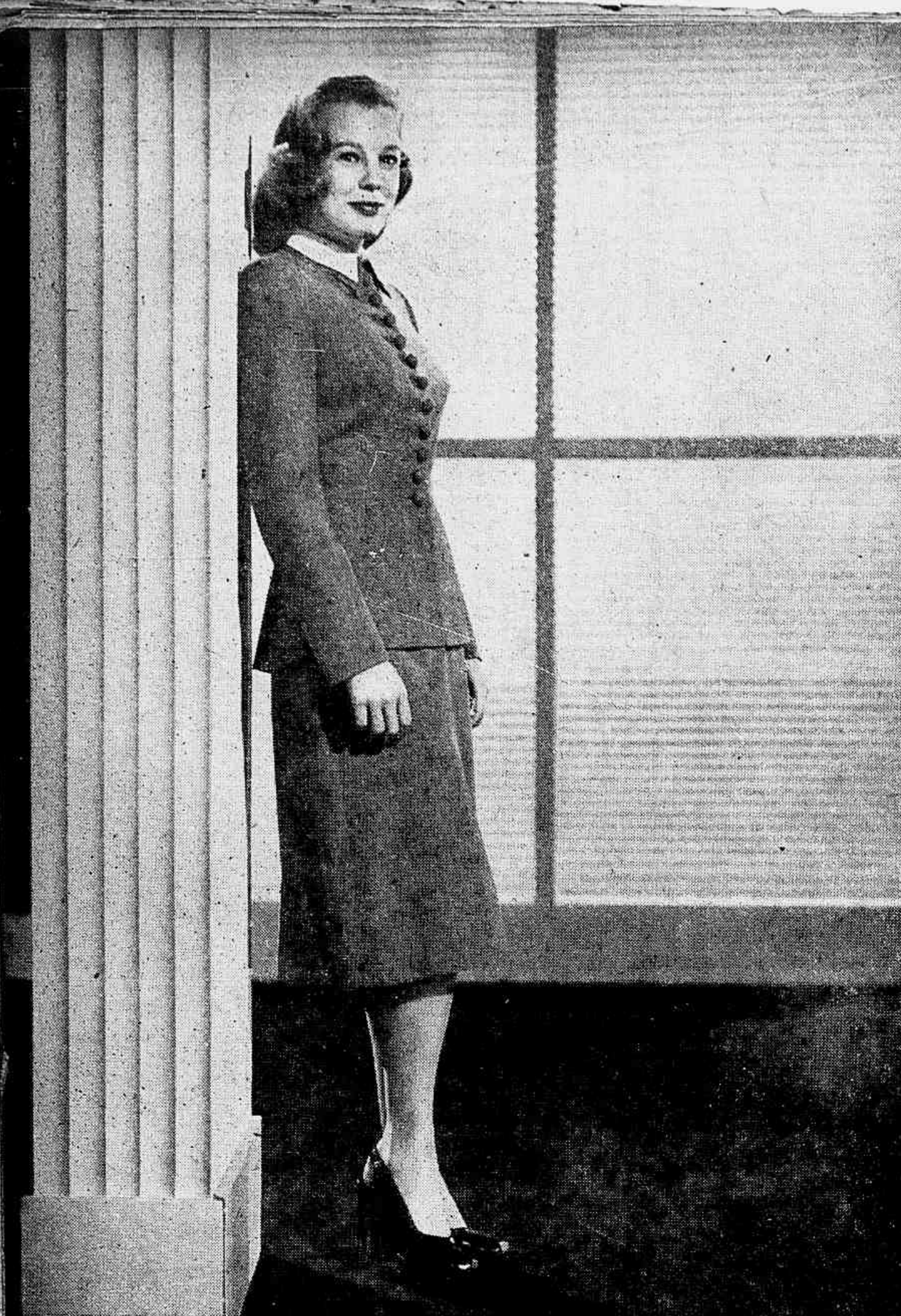
D. MARIA JULIETA — Petrópolis — A sua carta chegou atrasada; só hoje pude lhe responder; espero que a indicação lhe seja proveitosa.

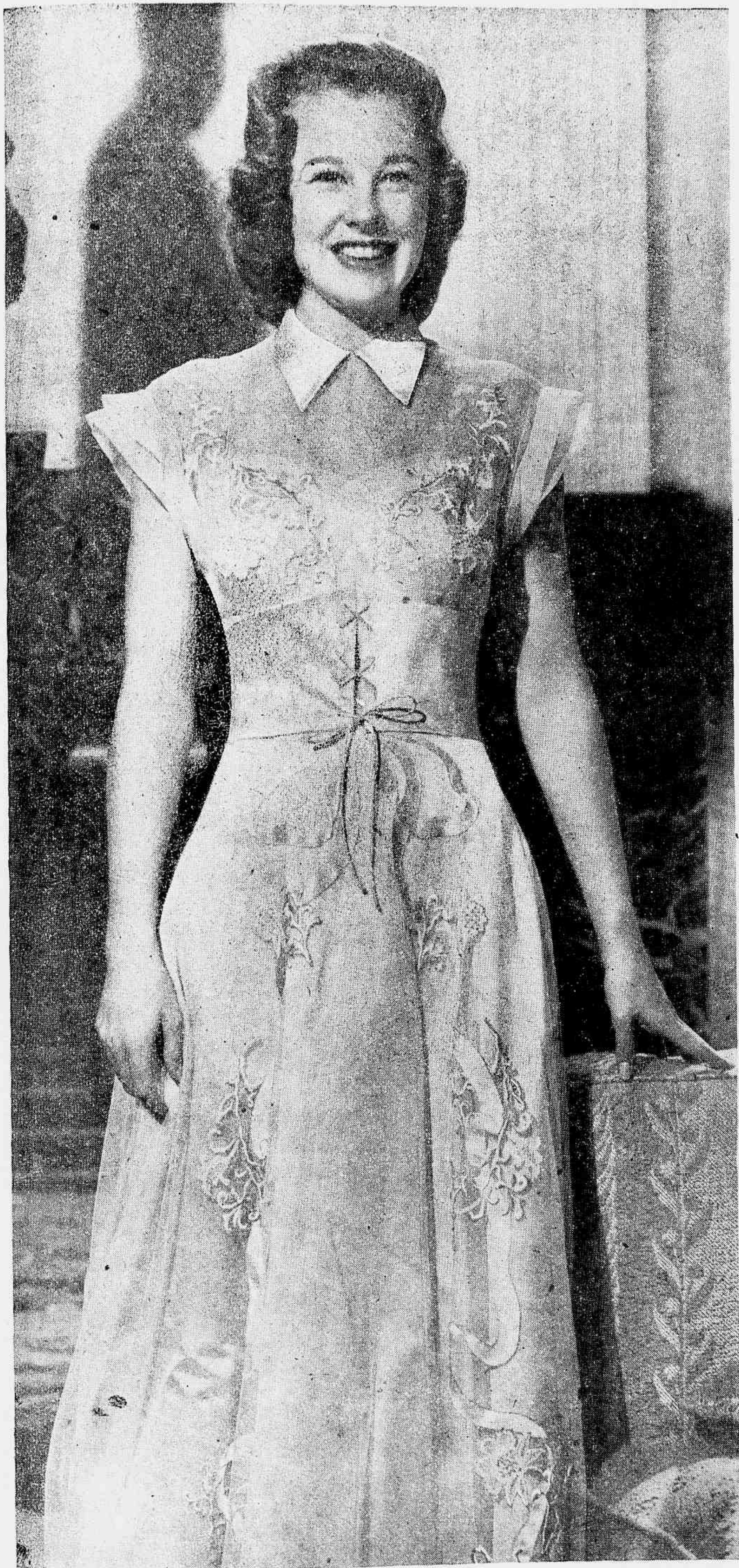


PRETO E BRANCO

O preto e o branco, as cores clássicas da elegância feminina, são aqui apresentadas em cinco modelos maravilhosos, apresentados por outras tantas beldades de Hollywood, nesta página. Alex Smith, na página ao lado ao alto; Frances Gifford e Jane Wyman, em baixo, Bette Davis e Nora Eddington (Mrs. Errol Flynn).







June Allyson, "estrelinha" da M.G.M. oferece às nossas leitoras jovens, alguns dos modelos de seu guarda-roupa particular. São todos muito interessantes e para qualquer hora do dia, aqui fica pois a sugestão para você. Agora, é só escolher o que mais lhe agrada.

DE JUNE ALLYSON

O ESPÍRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

UMA GRANDE ATRIZ

Uma noite Charles Kemble, o famoso ator inglês, representando a tragédia "Macbeth", de Shakespeare, com a não menos famosa atriz Mrs. Siddons, sacudiu-a com tal violência que a atirou longe, fazendo rebentar, na queda, um candeeiro de vidro, cujos estilhaços penetraram nas carnes da grande trágica. Mas Mrs. Siddons continuou a representar seu papel até o fim, sem se incomodar com o sangue que escorria e com as dores que experimentava. Perguntaram-lhe se não estava zangada com a brutalidade do ator.

— Não... Naquele momento, Mr. Kemble poderia até matar-me, sem que eu me zangasse com ele... Eu sei que eu merecia o castigo pelo que fiz na peça e ele, castigando-me com mais violência, ainda assim não salu do seu papel...

ÚLTIMO RECURSO

Mrs. Hamilton, atriz inglesa de grande talento trágico, mas de descomunal figura, pesando quase cem quilos, era de tal modo volumosa que, um dia, representando o papel da rainha Aspasia, na peça "Tamerlão", os figurantes encarregados de conduzir seu esquife para fora de cena, sendo mais ou menos raquiticos, não tiveram forças para transportá-la. A "morta", então, não teve outro recurso que o de "ressuscitar", fazer uma profunda reverência ao público... e desaparecer nos bastidores!

EMENDA PIOR QUE O SONETO...

Mademoiselle Laguerre, atriz francesa conhecida pelo seu mau humor, procurava sua inspiração no vinho e, por isso, às vezes tinha rompantes terríveis. Quando representava "Ifigênia em Taurida", estava uma vez tão "alta" que alguém, das galerias, disse ter havido engano na peça e que estavam representando "Ifigênia em Champagne"...

Um dia, em que ela estava "indisposta", espectadores de uma cidade da província começaram a sussurrar coisas contra ela. Percebendo que o ambiente lhe era adverso, ela exclamou:

— Imbecis! São todos uns imbecis!

E deixou o palco. Mas o comissário de polícia obrigou-a a voltar e a pedir desculpas ao público. Ela o fez, do seguinte modo.

— Eu disse que são todos uns imbecis, é verdade. Mas venho pedir desculpas. E reconheço que procedi mal...

COMBINAÇÃO NECESSÁRIA

Tendo uma irmã gêmea, — caso sabido por toda gente, — a atriz francesa Mademoiselle Saint-Lambert, depois de ter passado dos quarenta anos, preocupava-se em esconder a idade, mas a irmã geralmente fazia a mesma coisa, com sensíveis diferenças de data... Às vezes, isso tinha certa coincidência, pois era inevitável o confronto... e não podia haver gêmeas com quatro ou cinco anos de diferença.

Depois de passar vergonha por causa da irmã, Mademoiselle Saint-Lambert enviou-lhe a seguinte carta:

"Minha querida irmã. — Escrevo-lhe para lhe perguntar que idade deseja que tenhamos no ano que acaba de começar..."

MODESTIA...

Marguerite Lucas, duquesa de New Castle, foi cumulada de elogios pela maioria dos seus contemporâneos. Mas nem mesmo os panegíricos mais entusiásticos satisfaziam sua sede de elogios. Ela própria se elogiava, — embora o fizesse adotando um tom de falsa modéstia. E escrevia, a sério:

"Aprove a Deus dotar esta sua humilde serva do gênio poético e filosófico, desde a mais tenra idade..."

FRANQUEZA RUDE

A princesa Conti, mãe do príncipe Conti, personagem famosa do século XVIII, era casada com um homem a que assim humilhava:

— Posso dar à luz príncipes de sangue real sem ti, mas não poderás ser o pai deles sem mim...

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)

WEEK-END na Cozinha

QUANTAS vezes você já desejou tratar você mesma da alimentação da família? Quantas vezes você já teve impetos de pôr na rua essa atrevida que, julgando-se imprescindível, zomba da sua ignorância em matéria de culinária e a ameaça, cada dia, de largar tudo e ir-se embora? Mas o que retém você, é verdadeiramente o seu completo desconhecimento do assunto. Você acha mesmo que si a Benedita, ou coisa que o valha, deixar a sua casa, todos morrerão de fome. Você nunca cozinhou e nunca quis cozinhar. Mas, para alguma coisa há de valer o seu arrependimento; é tempo de agir. Você comerá melhor e terá os seus nervos em melhor estado si passar, você mesma, a cozinhar. Arranje apenas uma menina para o serviço mais pesado da cozinha e o resto faça você mesma. Não esqueça também que muitas vezes um par de luvas de borracha substitui, perfeitamente qualquer ajudante. Agora, o fato de você não saber cozinhar, não é de grande importância, já que você está mesmo disposta a cozinhar, tudo o que lhe resta fazer é aprender. Comece hoje mesmo, aproveite a folga da "bruxa" e vá para a cozinha. Eis um menu que você poderá fazer, sem receio de fracassar:

SALADA DE BATATINHAS

Ingredientes: Batatinhas; azeite; vinagre; sal; pimenta.

Preparação: Lavam-se as batatinhas e levam-se ao fogo em água a ferver com um pouco de sal até que fiquem tenras. Em seguida, escorrem-se numa panela, deixam-se arrefecer, descascam-se e dispõem-se numa saladeira. A parte, faz-se um molho com bastante azeite, um pouco de vinagre, uma pitada de sal e outra de pimenta, e com este molho rega-se a salada, cinco ou dez minutos antes de servir.

MACARRÃO "AU GRATIN"

Ingredientes: 250 grs. de macarrão; 100 grs. de manteiga; 100 grs. de queijo Parmesão ralado; 100 grs. de farinha de rosca; molho de tomates.

Preparação: Cozinha-se o macarrão em água e sal. Em seguida toma-se um prato que possa ir ao forno e arruma-se o seguinte: uma camada de macarrão, uma de queijo e assim se continua, devendo a última camada ser de queijo. Rega-se com a manteiga anteriormente derretida. Polvilha-se com a farinha de rosca, e leva-se ao forno para corar. Serve-se com molho de tomates.

PURE' DE LEGUMES

Ingredientes: 250 grs. de batata; 100 grs. de alpos frescos; 100 grs. de nabos; 100 grs. de alhos porros; 60 grs. de tomates; 50 grs. de manteiga fresca; 1/2 cebola; sal.

Preparação: Descascam-se as batatas, juntam-se aos outros legumes e lavam-se. Põem-se em seguida numa caçarola com água a ferver com sal e depois escorrem-se e passam-se em uma peneira fina. Em seguida, junta-se-lhes a manteiga, mistura-se tudo e leva-se ao fogo mexendo até ferver. Retira-se e despeja-se num prato. Unta-se todo com manteiga derretida e serve-se quente

CREME DIVINO

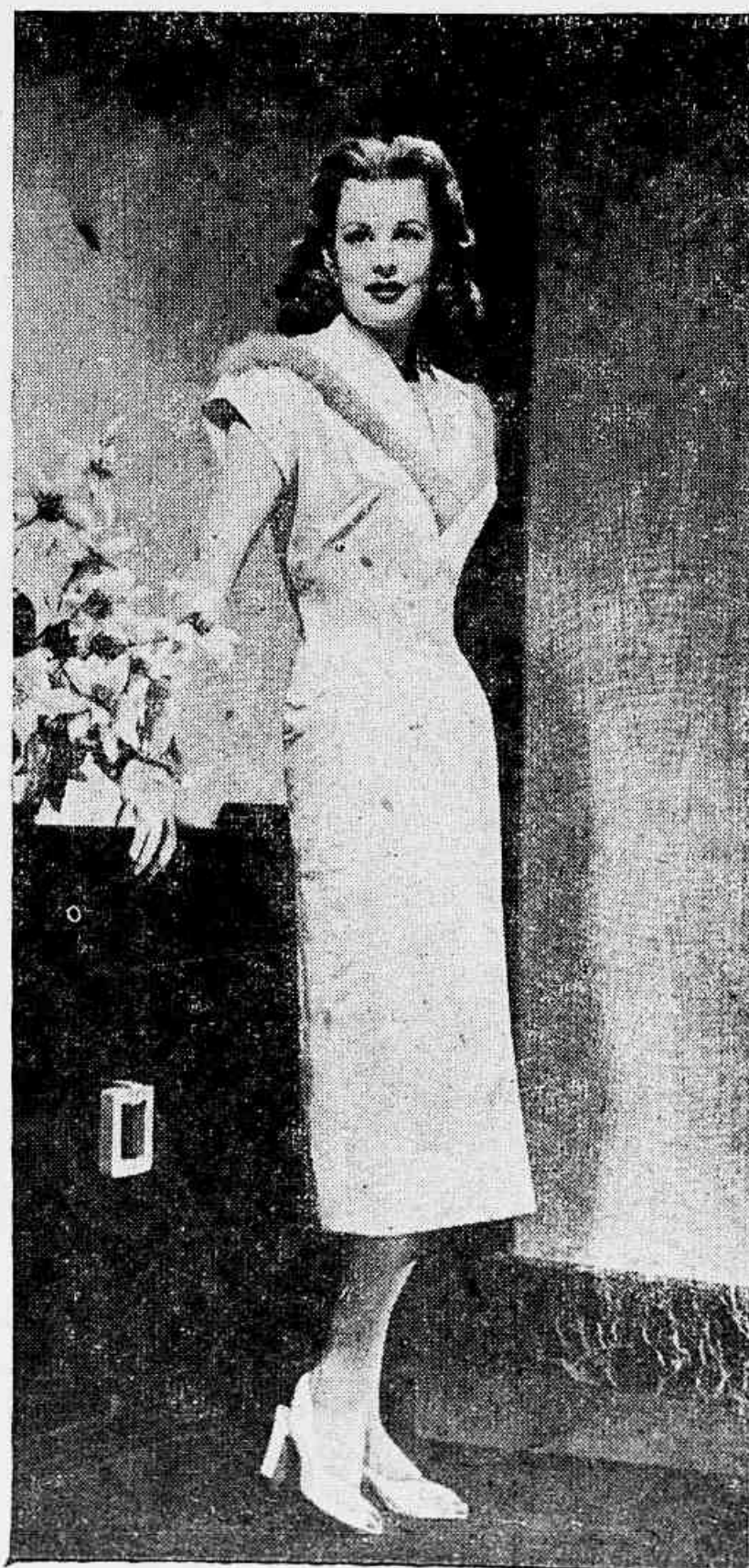
Ingredientes: 200 grs. de açúcar; 30 grs. de gelatina branca; 2 copos de leite; 1 colher, das de sopa, de chocolate em pó; 1 colher, das de chá, de essência de baunilha.

Preparação: — Põe-se um copo de leite numa caçarola com a baunilha e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, retira-se e adiciona-se o chocolate, misturando-se bem. A parte, põe-se a gelatina em outra caçarola com meio copo de água quente e leva-se ao fogo para derreter. Em seguida, acrescenta-se o açúcar e, logo que ferver, retira-se, passa-se por um guardanapo, mistura-se com o chocolate, adiciona-se-lhes o leite restante e, depois de tudo completamente frio, despeja-se numa forma e leva-se à geladeira.

MARY COOK



ESTAS saias continuam bem longas... Nos Estados Unidos houve muito protesto, mas as elegantes americanas não quiseram ficar atrás das francesas e resolveram aderir, mesmo contrariando o gosto do sexo forte. Ao alto temos: Barbara Bates, da Warner Bros., ostenta um modelo para a tarde em crepe verde para a saia e estampado verde e amarelo para a blusa. "Basque" drapeada de um só lado, caindo em ponta na frente. Jane Wyman, num elegantíssimo figurino para jantar, em lamê prateado. Saia longa, modelo de grande efeito. Em baixo: Arlen Dahl, da MGM, deu uma nota diferente ao seu modelo de seda rosa pálido, enfeitando-o com uma banda em forma de "V" de angorá azul. Loretta Young usa uma lindíssima blusa de seda com grandes flores em cores vivas. Gola e mangas recortadas. Na página ao lado: Irene Dunne, elegantíssima e simpática num modelo de seda estampada.





CINCO MODELOS ELEGANTES

Caixa de RESSONÂNCIA

Odilon de Azevedo é um nome já consagrado no nosso teatro. Procurou o palco conscientemente, como a profissão do seu agrado, depois de se iniciar como escritor, merecendo juízos consagradores, de personalidades como Agripino Grieco e Monteiro Lobato, ao publicar "Macegas", "A mulher do promotor" e outras obras em que afirmou seus dons de prosador. Havia conquistado, também, como Leopoldo Froes, um canudo de bacharel, que é hoje uma inutilidade, entre as memórias do seu passado. O teatro estava nas suas veias. No seu sangue. Era-lhe impossível fugir ao seu estigma, evadir-se a essa fatalidade. Desde os tempos em que se apresentou, no velho Lírico, entre Leopoldo Froes, padrinho de sua carreira artística, e o gigantesco Chaby Pinheiro, Odilon de Azevedo tem conquistado simpatias e tem merecido as homenagens do público, pela sua fidelidade ao ideal artístico a que se tem consagrado. Fundando, com Dulcina de Moraes e Oduvaldo Vianna, a companhia Dulcina-Odilon, que hoje está apenas sob a responsabilidade da ilustre atriz e do bacharel que se fez ator, tem contribuído, grandemente, para animar o nosso meio artístico, colaborando com entusiasmo em empreendimentos que têm elevado sobremaneira o nível do nosso teatro.



Com o seu concurso, com a sua colaboração de empresário e de ator, foi que tivemos a oportunidade de testemunhar iniciativas como a encenação das peças "Bódas de Sangue", de Federico Garcia Lorca; "Rainha Vitória", de Laurence Housman; "Chuva", de John Colton, Clemence Randolph e Somerset Maugham; "Nunca me deixarás", de Margaret Kennedy; "Anfitrião 38", de Jean Giraudoux; "Santa Joana", "Cesar e Cleópatra", "A bela e a fera", "Pigmalião", de Bernard Shaw; "Anna Christie", de Eugene O'Neill; "Uma mulher do outro mundo" e "Pancada de amor", de Noel Coward; "A mulher inatingível", de Somerset Maugham; "A Filha de Iorio", de D'Annunzio; "O Pirata", de S. N. Berhman; "Deslumbramento", de Keith Winter.

Peças de um tom elevado e, em alguns casos, de montagem caríssima, além de cheias de dificuldades de encenação. E', portanto, um ator e empresário que tem uma folha de serviços digna da melhor consideração e que, além disso, pode juntar a esses méritos, o de já haver feito, ao lado da grande atriz espanhola Antonia Herrero, uma excursão, na qual representou nas principais cidades argentinas quatro diferentes peças em espanhol, inclusive "Chuva", que foi um memorável sucesso de Dulcina em Buenos Aires. Pois é esse ator e empresário que pretende, agora, movimentar ainda mais o nosso ambiente teatral, iniciando uma série de espetáculos às segundas-feiras, com duas vesperais extraordinárias, uma às terças-feiras e outra aos domingos. Tudo isso sem prejuízo da temporada regular do Regina. Essa iniciativa não é da Companhia Dulcina-Odilon. É uma iniciativa de Odilon, apenas. E para isso o consagrado ator criou uma legenda à parte, — a "Barraca da Comédia", — cabendo a essa organização dar espetáculos leves, risinhos, destinados antes de mais nada a divertir o público. Contou-nos Odilon que seu repertório será de comédias românticas ou satíricas, ou mesmo de peças "vaudevillescas", mas sempre de tom humorístico, alegre! A "Barraca da Comédia" vai inaugurar suas atividades, de resto, com uma peça muito adequada e de sucesso garantido, "O último dos fiéis" (Hipocampo), de Sérgio Pugliese. Esse autor italiano, dos mais festejados entre os grandes nomes contemporâneos do teatro peninsular, narra nessa peça as torturas de um hipocampo, — ou cavalo marinho — se assim preferem, entendendo-se por essa designação um desses maridos raros, incapazes de cair em tentação, inibidos, inteiramente inhabilitados para a prevaricação... É uma peça de diálogo brilhante, trônico, cheio de vivacidade e de graça. Odilon de Azevedo apresentará de novo ao público, ao seu lado, uma das nossas maiores artistas cômicas, a senhora Conchita de Moraes. O público carioca, que tanto já lhe deve, ficará lhe devendo mais esse serviço, — a inauguração da "Barraca da Comédia".

DEMÓSTENES VARELA

**A TINTA "EMULSIONADA"
MAIS VENDIDA EM TODO O MUNDO,
porque ...**

QUALQUER UM pode pintar com KEM-TONE

KEM-TONE é tão econômica



Um galão de tinta transforma-se em galão e meio depois de misturado com água, e isto basta para pintar uma sala de tamanho médio.



Sherwin-Williams é também o fabricante de Pestroy - a bomba atômica dos inseticidas.



É tão fácil renovar sua casa... dar-lhe vida e beleza... com Kem-Tone, a tinta mágica da Sherwin-Williams para paredes internas. Kem-Tone é facilíssima de aplicar — dilue-se com água, cobre com uma demão, até papel de parede ou pinturas escuras, seca em 1 hora, e não deixa cheiro de tinta. Kem-Tone é fabricada em cores suaves, forma

uma camada macia — de aspecto "profissional"... e é por isso que qualquer pessoa pode pintar com Kem-Tone. Pinte uma sala inteira — ponha tudo de volta em seus lugares antes do jantar! Kem-Tone é popularíssima nas três Americas — é a tinta "emulsionada" mais vendida em todo o mundo. **À venda nas boas casas do ramo.**

TINTAS E VERNIZES

SHERWIN WILLIAMS



RUA BARÃO DE ITAPETINGA 124, 4.º AND., TELS. 4-6681 e 6-1229
RUA ANDRÉ CAVALCANTE 23. TEL. 32-2077

BOM HUMOR



— Perca essa mania de querer me distrair da minha leitura!



— Querida, voltemos para o baile, antes que dêem por falta de nós!

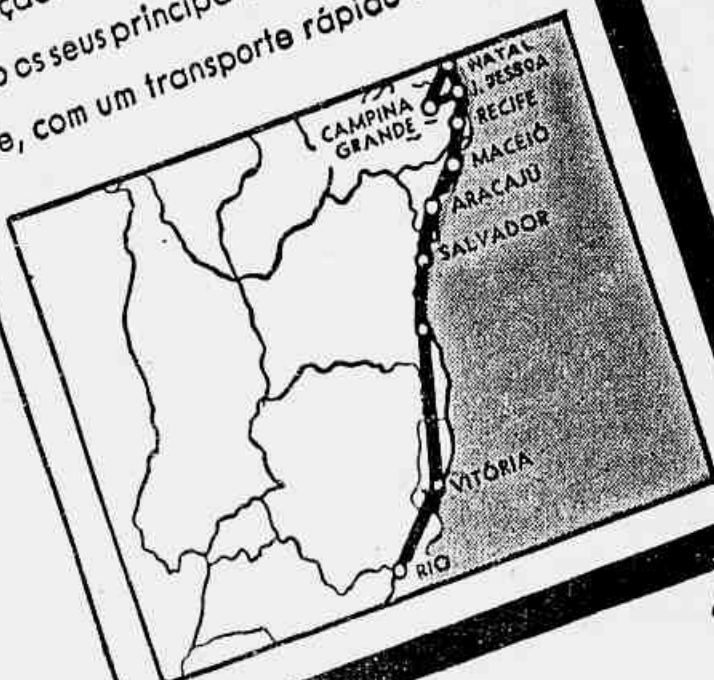


— Bem... Não desanime... Talvez no país para onde vamos a gente possa alugar um apartamento...

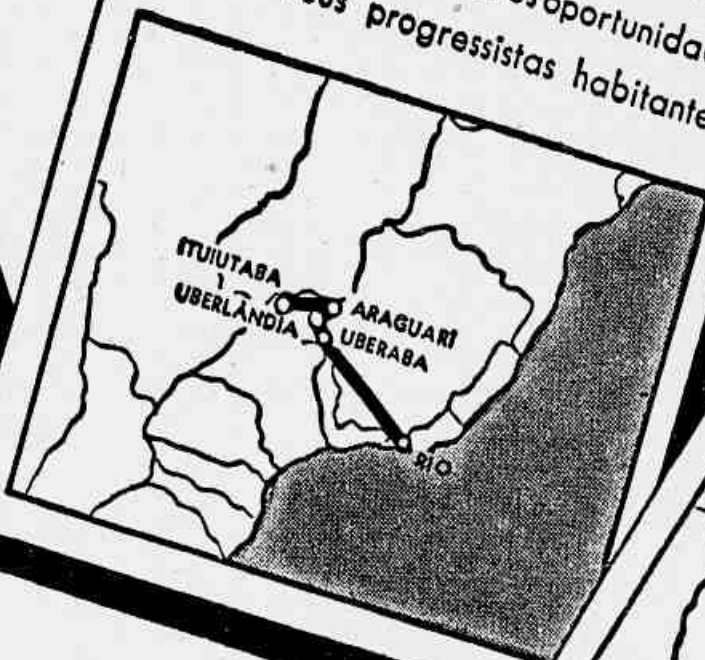
NUM PAÍS VASTO...

A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO

O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condições de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento de nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398

VENHA PARA A SALA DE VISITAS, PEQUENINA



SILÊNCIO. Silêncio. Nunca houve outro tão grande, para a criança moribunda. É um silêncio que fica, em torno, como um corpo. Um silêncio que se inclina e que parece ter braços. Braços para ninar. Tem cor, aquele silêncio. Tem a cor de um peixe fulgurante. E é frio, também. Existem como que escamas a latejar tenuemente. Semelham pequenas ventarolas agitando brisa em torno da testa abrasada de febre.

Pessoas movem-se em redor e nada possui som, como se houvesse um vidro entre as pessoas e a cama ou então como se as pessoas se estivessem agitando numa impassível água de tonalidade verde muito pura, muito pura...

O cansaço é gostoso, nesse mundo sem sons. E, de repente, uma figura fica muito grande, vem à tona e se mostra. Depois, desaparece. Assim foi com a grande mulher negra, agora há pouco. O rosto dela cresceu, ficou perto da cama. Lágrimas corriam os olhos. Pequenina teve vontade de dizer à mãe: — não chore — mas venceu-a a timidez e, também, tinha a certeza de que a sua voz se esfacelaria contra o muro de silêncio. Entretanto, não teve tempo de tomar nenhuma iniciativa porque o rosto diminuiu como se tivesse sido engolido por algodão. Só ficou a brancura do algodão e ela flutuando.

Tinha visto num livro, ou tinha visto no cinema uma princesa carregada nos espaços por cisnes? Não. Maria Clara é que tinha contado. Ela chegou na cozinha à hora em que a mãe arcava as panelas.

— Vou te contar uma história.

Pequenina não queria. Sabia que ia ter medo depois, quando tudo ficasse escuro, no quarto. Mas daquela vez a história era bonita. Desprendia luz em cima dela, como o lustre grande da sala de visitas. Tal e qual. Agora, decerto, Maria Clara, a filha da patroa, a tinha levado em baixo do lustre porque à sua volta tudo brilhava e era branco algumas vezes e outras verde muito puro, muito cintilante...

— Vem, boba! Ninguém te vai comer!

Maria Clara a puxava e ela ia sobre tapetes que afundavam. Os trincos das portas eram altos e havia cadeiras bojudas como bichos e sofás que expeliam fogos vermelhos e dourados. Teve medo, de repente, de seu rosto muito negro, muito preocupado.

— Boba! E' você mesmo! Não vê que é o espelho grande?

Depois, na sala, apareceram as rosas brancas mergulhando no vaso de porcelana, junto do retrato do homem pensativo.

— E' o Papai que está no céu.

Pequenina não tinha pai no céu. Tinha na terra. Via-o quando a mãe saía do serviço. Chegavam. Desciam a escada do porão. Toque-toque. A mãe batia com o nó dos dedos na porta. Do outro lado, o pai virava a taramela.

— Tome a benção do seu pai.

O pai mudava constantemente de figura. Às vezes era alto, às vezes baixo, outras gordo, outras magro.

(Cont. na pág. 47)

CONTO DE HELENA SILVEIRA
ESPECIAL PARA REVISTA DA SEMANA
ILUSTRAÇÃO DE A. ZALUAR

A VIDA DE SIBELIUS

(Conclusão do número anterior)

Sibelius encontrara-se, uma vez, com Gustav Mahler e haviam os dois discutido a definição de uma sinfonia. Sibelius confessara admirar o verdadeiro estilo sinfônico em razão da sua severidade e da lógica profunda que exigia íntima conexão entre todos os motivos. — Não, — replicara Mahler. — Uma sinfonia precisa ser como o mundo. Precisa abarcar um pouco de tudo sem discriminação. Ao que Sibelius retorquiu: — Se compreendêssemos o mundo, compreenderíamos que há uma lógica de harmonia debaixo de suas múltiplas dissonâncias aparentes.

Cada nota, cada matiz de melodia tem, na música de Sibelius, um significado lógico definido. Um dos melhores intérpretes das suas sinfonias, o maestro de Helsingfors, Robert Kajanus, atribui o próprio sucesso ao fato de haver compreendido não só a música senão o espírito de Sibelius. Kajanus costumava, sem ser percebido, estar presente sempre que Sibelius ensaiava as suas sinfonias. Um belo dia, o compositor o surpreendeu e pediu-lhe explicações da intrusão. — Eu queria ver o seu espírito no processo de pensar. — gaguejou o maestro. Kajanus acreditava que uma sinfonia de Sibelius representa um sistema filosófico definido; e um simples desvio do plano do compositor comprometeria todo o seu pensamento. — Uma vez, — observou ele a um amigo, — dirigi a «Primeira sinfonia» de Sibelius sem a partitura. Tudo correu bem, e cheguei até a receber parabéns pela execução. Depois, entretanto, tive remorsos, imaginando que poderia ter omitido alguns cambiantes, mesmo que ninguém tivesse dado tento da omissão. E protestei nunca mais reger de cor nenhuma das suas obras.

A «Primeira sinfonia» de Sibelius foi escrita aos trinta e seis anos, quando ele já havia dominado totalmente todas as outras formas de música. A obra é edificada segundo linhas ortodoxas e clássicas, com os quatro movimentos usuais. O primeiro movimento é um *allegro* de Mozart, o segundo um *cantabile* expressivo, o terceiro um *scherzo*, o quarto um épico *finale*, terminando com uma nota de triunfo. É, contudo, por tal maneira única a harmonia, que muitos dentre os espectadores a capitularam de revolucionária por ocasião da estréia. Outros, menos extravagantes em suas apreciações, notaram-lhe, à conta do controle de Sibelius, um parentesco com as melodias eslavas de Tchaikovsky e a mesma propensão da música para omper em valsas. A sua disposição, entretanto, não trai exaltações e depressões alternativas, como no caso do compositor russo. Revela, em vez disso, espírito de heroísmo, tremenda coragem — e, ao mesmo tempo, ausência de calor. «Quando contemplamos as rochas graníticas do nosso litoral finlandês, conhecemos por que somos capazes de tratar a orquestra como o fazemos!», Contornos descarnados e esmagadores, heroicamente trágicos em face de um sólido e arcaico pano de fundo. É uma sinfonia de romance em seu sentido mais verdadeiro — o romance de um povo nórdico dotado de um coração bom e triste. É em muitos sentidos, o derradeiro rebento de uma dinastia de sinfonias e talvez um dos melhores. É o arquétipo da sinfonia heroica tradicional em que o século XIX é tão pródigo. É filha da «Heróica» de Beethoven, sobrinha da «Quarta» de Brahms, prima-irmã da «Sinfonia do Novo Mundo» de Dvorak. É a conclusão de um estilo que o tempo consagrou.

A «Segunda Sinfonia» de Sibelius, por outro lado, assinala o início de novo estilo. É ainda construída com os quatro movimentos tradicionais, mas o maneio do material temático foi completamente revolucionado. Nas sinfonias anteriores, por exemplo, eram os temas apre-se, e os numa exposição, analisados em várias combinações fragmentárias e e-pois no fim de cada movimento numa recapitulação. No movimento inicial dessa sinfonia, entretanto, os fragmentos do tema são introduzidos na exposição. Parecem, a princípio, pedaços desconjun-

tados de melodia sem nenhuma conexão recíproca. Logo, porém, são reunidos no conjunto do tema e novamente dispersados em átomos musicais na recapitulação. Nunca se conhecera em música nada parecido com esse «respirar de vida» em segmentos musicais, esse processo de criação orgânica celular que se multiplica em organismos vivos. Diante dos nossos ouvidos transforma-se em flor a semente, a flor absorve a chuva e o orvalho e toda a planta é feita pedaços enquanto que novas sementes reiniciam o mesmo processo. O movimento lento da sinfonia é também absolutamente novo. Nunca foi a melancolia da vida mais sincera ou mais graficamente expressada. E como se quisesse mostrar ao mundo que ele ainda se preocupa com as velhas tradições, Sibelius retorna às formas convencionais no *scherzo* e no movimento final. Com efeito, apesar de toda a sua força trabalhada e toda a sua tapeçaria bordada, o *finale* é construído segundo um *allegro* do tempo de Mozart.

A «Terceira sinfonia» representa um novo passo ainda no progresso experimental de Sibelius. Está escrita em três movimentos. Nela não há nenhum movimento lento próprio, nem *scherzo* nenhum. O segundo movimento, todavia, sugere ambas as coisas. À guisa de ilustração do contínuo esforço de Sibelius para uma precisão maior é interessante notar que cada sinfonia é mais curta e mais compacta que a precedente. A «Primeira sinfonia» contém 160 páginas de partitura; a «Segunda», 145; a «Terceira», apenas 70. E cada sinfonia é escrita para um número cada vez menor de instrumentos. A «Primeira sinfonia», cheia e resplandecente, que representa Sibelius em sua disposição mais ortodoxa, é escrita para toda a orquestra. A «Segunda», para toda a orquestra, exceto a harpa. A «Terceira» é escrita com maiores restrições ainda. A tuba, que desempenhava parte preponderante nas duas primeiras, é aqui omitida. De fato, toda a acentuação da «Terceira Sinfonia» se baseia nas cordas. É quase que um retorno à música de câmara de que tanto se agradava o compositor em seus primeiros períodos. O pigmento musical é muito mais leve, mais impressionista. As trombetas primam pela ausência. O novo quadro sonoro passa da textura elaborada de uma tela de Velasquez para um Franz Hals sugestivo, sutil e transparente. Não se encontra nessa sinfonia a mesma complexidade de temas das anteriores. Verifica-se uma volta completa à velha simplicidade clássica. Já não tem a atmosfera, impregnada de sol e de alegria, a sombria e misteriosa inquietação da «Segunda» nem o épico heroísmo da «Primeira».

A «Quarta Sinfonia» estabelece um contraste ainda mais estranho. Quem quer que desconheça os fatos será incapaz de acreditar que o homem que compôs as três primeiras seja também o compositor da quarta. Ninguém mais, entretanto, teria sido capaz de escrevê-la, pois trata-se de uma expressão pessoal profunda e única pertencente a um mundo próprio — um mundo que nenhuma outra composição musical pôde jamais penetrar. É tão diferente das obras anteriores de Sibelius como o é de qualquer outro homem. Se a «Terceira sinfonia» manifestava uma tendência no sentido da solidez e uma propensão para descer às essencialidades simples da música — se a «Terceira sinfonia», no dizer do crítico inglês Cecil Gray, «representa o resultado de um regime de emagrecimento, uma redução dos tecidos adiposos e das curvas tanto ou quanto opulentas da musa sinfônica como esta se nos depara nos dois primeiros exemplos», a «Quarta» é o resultado de um ascetismo puro. O primeiro movimento, inteiramente baseado num tema de quatro notas das cordas, termina em treze páginas. É um novo idioma. O tom é fantástico, sombrio e sugestivo. Nunca houve movimento tão compacto nem que dissesse tanta coisa.

(Continua na pág. 49)

EXCEPCIONAL OFERECIMENTO DA CASA MASETTI

PELO REEMBOLSO POSTAL

V. S. pode adquirir, agora, um relógio POLDIT, de alta classe, importação Suíça, com 15 rubis, antimagnético, Espiral Breguét produto da afamada fábrica SOLVIL.

PREÇOS CONVIDATIVOS



Ref. 49/267
Cromado, fundo de aço, 15 rubis
Cr\$ 500,00

Ref. 49/268
Folhado, fundo de aço, 15 rubis
Cr\$ 650,00

Ref. 49/257
Cromado, 15 rubis, Cr\$ 400,00

Ref. 49/260
Folhado, Cr\$ 550,00

Ref. 49/265
Automático, 15 rubis, Cr\$ 800,00

Ref. 49/262 Cromado, Cr\$ 400,00

Ref. 49/261 Folhado, Cr\$ 600,00

Todos os relógios são avulsos e os do respectivo certificado de garantia e de um rico estojo de baquelite.

A Casa Masetti é especializada há mais de 50 anos na venda de bons relógios.

Adquira-o com inteira confiança.

Casa Masetti

Rua Seminário, 131-135
Caixa Postal, 291 - São Paulo

FANAM • Casa de Amigos

MÚSICA

UNS COMPASSOS PARA A POSTERIDADE — O ANJO E O PADRE — AGORA SOMOS TRÊS — O MANDARIM E O PIANO

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

VERON chamou o piano de "metralhadora da paz". Essa designação pitoresca deve ter sido inspirada por pianista de temperamento "liszteano", pois foi a respeito de Liszt que Rossini observou: "Ha certos pianistas que, preocupados em demonstrar a sua prodigiosa agilidade, conseguem tocar tantas notas por minuto que o público nem sequer dispõe de tempo necessário para ouvir a primeira antes que soe a segunda..." nem por isso, porém, o "virtuoso" admitia que, durante os seus concertos, alguém perturbasse o religioso silêncio que exigia. Certa vez, o czar Nicolau I, que não apreciava a música, quis distrair-se conversando, enquanto Liszt tocava para a corte russa. Diante do desinteresse do soberano, Liszt interrompeu o recital.

— Por que parou? perguntou-lhe o czar.

Liszt, contendo sua irritação, replicou:

— Quando o imperador fala, todos devem calar-se.

Essa observação, que hoje nos parece muito tímida, constituía, naqueles tempos de respeito e temor às cabeças coroadas, réplica audaciosa, que expunha o artista a consequências imprevisíveis.

Liszt, porém, não se deixava intimidar. Em Hofburg tocou para Francisco José, em festa de gala. Como, porém, após ter sido muito aplaudido, Liszt fosse convidado a jantar com os criados, recusou, altivamente, dizendo que preferia comer em casa...

UNS COMPASSOS PARA A POSTERIDADE

Wagner, a quem Liszt muito ajudou, encontrou uma maneira muito estranha de recompensar o amigo, demonstrando-lhe sua gratidão. Como considerasse suas óperas os documentos musicais mais preciosos do mundo, logicamente não poderia conceber honra maior para Liszt do que a inserção de alguns compassos deste no segundo ato dos Mestres Cantores. Liszt, porém, apesar de ferido em sua vaidade, sabia reconhecer o gênio, quando o encontrava. E, assim, limitou-se a

sorrir, quando soube do gesto de Wagner.

— Bem, dessa maneira, pelo menos, eu posso ter certeza de que uma parte de minha música ficará para a posteridade.

O ANJO E O PADRE

Numa crise mística, Liszt fez-se sacerdote. Sua nova condição, entretanto, não lhe conseguiu mudar o temperamento. Suas aventuras amorosas não cessaram. Seus cuidados para com as belas alunas continuaram, da mesma forma. Mestre exigente, tratava os sexos com uma justa desigualdade: dos homens exigia talento e das mulheres ou talento ou simplesmente beleza... Pois, na sua opinião, uma bela mulher já era uma obra de arte completa. Para que mais arte, então? perguntava às alunas bem dotadas fisicamente mas que, musicalmente, pouco conseguiam realizar.

Em público, admirava certa vez as espáduas de uma moça, descobertas por um decote indiscreto, quando esta, espantada, exclamou:

— Ah! O sr.! Um sacerdote!...

Liszt, sem perder a calma, retrucou: — Não interprete mal o meu olhar, minha filha. Eu achei em seu rosto uma tal expressão de pureza angelical que estava examinando-lhe as costas, à procura das asas...

AGORA SOMOS TRÊS

Hoje, as qualidades exigidas de um intérprete não se restringem ao puro virtuosismo. Entretanto, tal a importância atribuída à perícia digital, ao tempo de Liszt, que este complicava, propositadamente, suas composições, para torná-las inacessíveis à limitada capacidade de um executante comum. Nem sempre, porém, ponde envaidecer-se de ter conseguido realizar obra que somente ele poderia tocar.

Certa vez, depois de executar uma peça de excepcional dificuldade, proclamou:

— Somente eu e Hans von Bulow somos capazes de executar isso.

Georges Bizet, que estava presente, sentou-se ao piano, sem dar uma palavra, e tocou, de memória, o trecho que acabava de ouvir pela primeira vez.

Liszt, entusiasmado, abraçou-o, dizendo:

— Agora somos três, eu, Hans von Bulow e você.

UM PIANISTA DE SEGUNDA CATEGORIA

Em duas ocasiões de sua vida, pelo menos, Liszt teve de enfrentar um público hostil. A primeira, numa cidade francesa, em concerto ao qual só compareceram cinquenta pessoas. Nessa ocasião, Liszt, desesperado ante a frieza dos presentes, levantou-se, no meio do recital e disse: Bem, chega de música. Os srs. estão convidados para jantar comigo. E verificou, com amargura, que a refeição parecia mais atraente a platéia do que a música.

De outra feita, Liszt ouviu de um pintor que, achando

Mateo Falcone

(Cont. da pág. 19)

dos até muito mais longe do que em qualquer outra parte.) Chamava-se Tiodoro Gamba. Era um homem ativo, muito temido pelos bandidos, dos quais já tinha capturado muitos.

— Bom dia, priminho — disse, aproximando-se de Fortunato. — Como estás crescido. Viste um homem passar por aqui agora mesmo?

— Oh! Eu ainda não sou tão alto como tu, meu primo — respondeu o menino com ar muito simples.

— Não tardará que estejas. Mas, diz-me: não viste um homem passar por aqui?

— Sim, um homem com chapéu pontudo de feltro preto e jaleco bordado de vermelho e amarelo?

— Um homem com chapéu pontudo e jaleco bordado de vermelho e amarelo?

— Sim, responde rapidamente e não repitas as minhas perguntas!

— Esta manhã o cura passou pela nossa porta no cavalo dele. Perguntou-me como estava passando papai, e eu lhe respondi...

— Pequeno velhaco! Estás querendo brincar comigo? Diz-me rapidamente para que lado foi Gianetto! Nós estamos à procura dele e eu tenho a certeza de que tomou por este caminho.

— Quem sabe?

— Quem sabe? Eu sei que tu o viste.

— Pode alguém ver quem passa quando está dormindo?

— Tu não estavas dormindo, tratante. Os tiros te acordaram.

— Então acreditas, primo, que as tuas armas fazem tanto ruído assim? A carabina de meu pai faz muito mais.

— O diabo te carregue, maldito fedelho! Eu tenho a certeza de que viste Gianetto. Talvez até o tenhas escondido. Vamos, camaradas, entrem na casa e vejam se o homem está lá. Ele só podia ir a pé, e o velhaco tem bom senso de mais para tentar alcançar o miquis manquejando daquela maneira. Além disso o rasto de sangue termina aqui.

— Que dirá papai? — perguntou Fortunato em tom zombeteiro. — Que dirá ele, se souber que entraram em uma casa quando ele estava fora?

— Seu velhaco! — gritou o ajudante, pegando-o pela orelha. — Sabes o que me resta fazer para te obrigar a mudar de tom? Depois que eu te tiver dado vinte golpes com a prancha da minha espada, talvez fales diferente!

Fortunato continuou a zombar.

— Meu pai é Mateo Falcone — disse com ênfase.

— Pequeno patife, tu sabes muito bem que eu posso levar-te para Corte ou Bastia. Posso te jogar numa masmorra, em cima de palha, com os pés em correntes, e mando-te guilhotinar se não me dizes onde está Gianetto.

O garoto soltou uma estrondosa gargalhada ouvindo a ridícula ameaça. Repetiu:

— Meu pai é Mateo Falcone.

— Ajudante, — disse um dos soldados em voz baixa, — é melhor não procurarmos desavenças com Mateo.

Gamba pareceu embaraçado. Falou em voz baixa com os soldados que tinham revistado a casa. Não foi uma operação muito longa, pois a cabana de um corso consiste apenas num compartimento quadrado, munido de mesa, alguns bancos, arcas, utensílios domésticos e de caça. Entrementes, o pequeno Fortunato acariciava a sua gatinha e parecia experimentar um maligno prazer vendo a confusão dos soldados e do primo.

Um dos homens aproximou-se do monte de feno. Viu o gato e cravou a baioneta no feno descuidadamente, encolhendo os ombros, como se achasse aquilo uma precaução inútil. Nada se moveu. A fisionomia do rapaz não traiu a menor emoção.

O ajudante e sua tropa amaldiçoavam a sua pouca sorte. Já olhavam na direção da planície como dispostos a voltar por onde tinham vindo, quando o seu chefe, convencido de que as ameaças não produziram a menor impressão sobre o filho de Falcone, resolveu fazer um último esforço, tentando o efeito dos afagos e dos presentes.

— Priminho, — disse, — estou vendo que és um rapazinho muito esperto. Irás longe. Mas não estás procedendo bem comigo, e se não reacesse causar dificuldades ao primo Mateo os diabos me carreguem se não te levava comigo para a cidade!

— Ora!

— Mas quando meu primo voltar eu lhe contarei tudo, e ele te chicoteará até fazer sangue, por teres mentido dessa maneira.

— Não digas!

— Verás. Mas espera! Sê um bom rapaz e eu te darei uma coisa.

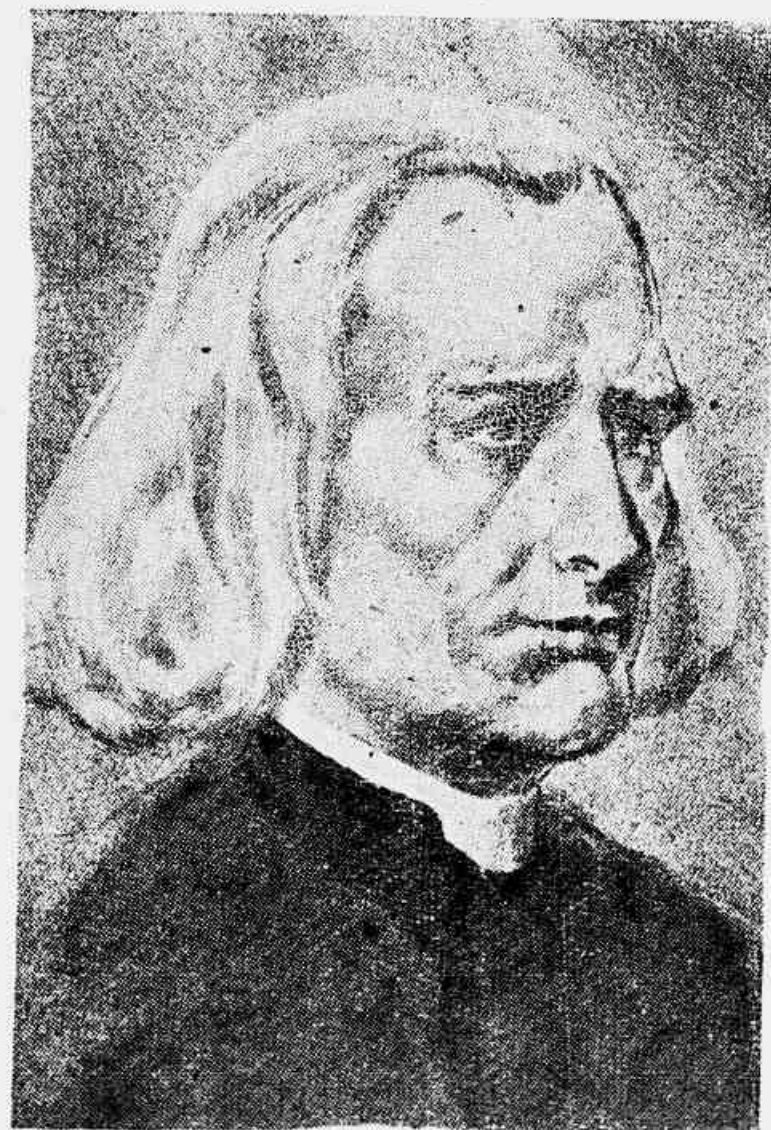
— Primo, vou te dar um conselho. Se ficares mais tempo aqui, Gianetto chegará ao miquis, e então será preciso um homem mais esperto do que tu para segui-lo.

O ajudante tirou do bolso um relógio de prata do valor de dez coroas e, vendo os olhos de Fortunato brilharem, disse, segurando o relógio pela ponta da corrente de aço:

— Patife! Gostarias de ter um relógio como este, pendurado em volta do pescoço? Quando fosses pelas ruas de Pôrto-Vecchio, orgulhoso como um pavão, a gente perguntaria as horas e tu lhe dirias: «Vejam no meu relógio».

— Quando eu for crescido, meu tio, o caporal, vai me dar um relógio.

— Sim, mas o garotinho de teu tio já tem um, e não é tão bom como este. E, contudo, ele é mais jovem do que tu. O garoto suspirou.



FRANZ LISZT

Impressionando os meios científicos do país!

A luta da ciência, durante anos, tem sido para encontrar uma fórmula eficiente e rápida, capaz de debelar os males do fígado e suas consequências, sem perda de tempo, sem sacrifício de dinheiro e sem dieta prolongada.

Este é o segredo do

FIGACOL

medicamento de absoluta confiança, recomendado pelos mais renomados médicos do país.

FIGACOL é um produto vitorioso do Instituto Científico Medicador Ltda.

Fabricante da famosa

EMAGRINA

Atendemos pedidos pelo Reembolso, para a Caixa

Postal 2.335 — RIO

(Cont. na pág. 50)

— Então, priminho? Gostarias de ter um relógio como este?

Lançando olhares de esguelha ao relógio, Fortunato parecia um gato a que deram uma galinha inteira. Sente que estão fazendo pouco dele e não se atreve a usar as garras. De vez em quando desvia a vista como para vencer a tentação, lambendo os beiços continuamente, e parece dizer ao dono: «Que brincadeira cruel!».

Entretanto, o ajudante parecia sério em seu oferecimento do relógio. Fortunato não estendeu a mão para ele, mas disse com um sorriso amargo:

— Por que fazes pouco de mim?

— Santo Deus! Eu não estou fazendo pouco de ti. Dize-me onde está Gianetto, e o relógio será teu.

Fortunato sorriu com incredulidade e, fitando os olhos negros nos do ajudante, tentou ler neles a fé que devia depositar nas suas palavras.

— Que eu perca as minhas dragonas, — exclamou o ajudante, — se não te der o relógio com esta condição. Estes camaradas são testemunhas. Eu não poderei negar.

Enquanto falava, ia gradualmente aproximando mais o relógio da face pálida do menino, que mostrava claramente luta que lhe ia na alma entre a cobiça e o respeito à hospitalidade. Seu peito arfava de emoção e parecia prestes a sufocar. Entretanto, o relógio oscilava lentamente, chegando a roçar-lhe na face algumas vezes. Por fim, a mão direita do garoto começou a estender-se gradualmente para ele; as pontas dos dedos tocaram-no; depois todo o peso do corpo estava na sua mão. O ajudante continuava segurando a ponta da corrente. O mostrador era azul claro e o resto muito brilhante. A tentação foi superior às suas forças. Fortunato ergueu a mão esquerda e, com o polegar, apontou por cima do ombro para o monte de feno onde estava reclinado. O ajudante compreendeu imediatamente. Largou a ponta da corrente e Fortunato sentiu-se único possuidor do relógio. Pulou com a agilidade dum gato e ficou a uns três metros do monte de feno, que os soldados começaram imediatamente a derrubar.

Houve um movimento no feno e apareceu um homem ensanguentado com um punhal na mão. O homem tentou levantar-se, mas a perna entortada não lhe permitiu e tombou de lado. O ajudante agarrou-se com ele e tomou-lhe o estilete. Seguraram-no imediatamente, não obstante a sua resistência.

Caído de costas e amarrado como um feixe de lenha, Gianetto voltou a cabeça para Fortunato, que se tinha aproximado:

— Filho...! — disse, com mais desprezo do que raiva.

O garoto jogou-lhe a moeda de prata que tinha recebido, sentindo que não mais a merecia, mas o bandido não prestou atenção ao movimento, e, com grande sangue frio, disse ao ajudante:

— Meu caro Gamba, eu não posso andar. Vais ser obrigado a me carregar para a cidade.

— Ainda há pouco corrias mais do que um cabrito — respondeu o cruel captor.

— Mas não te preocupes. Estou tão contente de ter-te apanhado, que seria capaz de te carregar uma língua nas costas sem me cansar. Além disso, camarada, vamos fazer uma liteira com o teu capote e alguns galhos de árvore, e na granja dos Crespoli arranjaríamos cavalos.

— Ótimo — disse o prêso. — Poreis também um pouco de palha na liteira para eu ir mais confortavelmente, não ??

Enquanto alguns dos soldados estavam ocupados fazendo uma espécie de maca de alguns ramos de nogueira e os outros tratavam da ferida de Gianetto, Mateo Falcone e sua esposa apareceram subitamente na curva do caminho que conduzia ao máquis. A mulher vergava ao peso dum enorme saco de castanhas, enquanto o marido caminhava levemente com uma arma nas mãos e outra pendurada ao ombro pela correia, pois é indigno dum homem carregar outras coisas que não as suas armas.

A vista dos soldados, o primeiro pensamento de Mateo foi que tinham vindo para prendê-lo. Mas por que? Teria alguma diferença com a justiça? Não. Ele gozava de boa reputação. Dizia que gozava de ótima reputação, mas era corso e montanhês e há poucos montanhêses corsos que, examinando bem os recantos da sua memória, não possam encontrar algum pecadilho, como um tiro, uma punhalada ou outras ninharias semelhantes. Mateo tinha a consciência mais limpa do que ninguém, pois havia mais de dez anos que não apontava a sua carabina contra um homem, mas era sempre prudente, e colocou-se numa posição que lhe permitisse uma boa defesa, se fosse necessário.

— Mulher, — disse a Giuseppa, — pouza o saco e prepara-te.

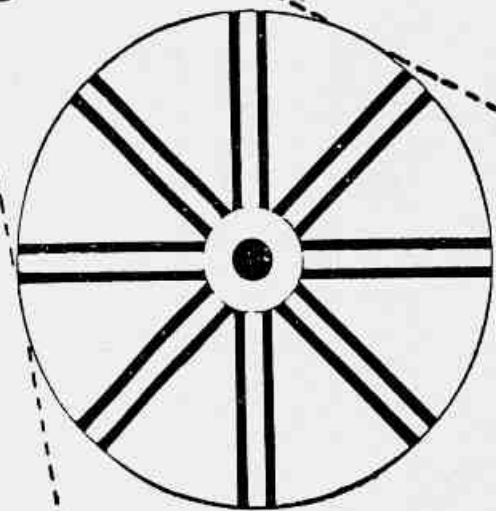
Ela obedeceu imediatamente. Ele deu-lhe a arma que levava ao ombro, que o atrapalharia, e, engatilhando a que levava nas mãos, avançou lentamente para casa, caminhando por entre as árvores que margeavam a estrada, pronto para, à primeira demonstração de hostilidade, esconder-se atrás da maior, de onde poderia atirar em segurança. Sua esposa seguia-o de perto, segurando a arma de reserva e a caixa de cartuchos. O dever duma boa dona de casa, no caso de luta, é carregar as armas do marido.

Do outro lado, o ajudante ficou muito perturbado quando viu Mateo avançar daquela maneira, com passos cautelosos, de carabina erguida e com o dedo no gatilho.

«Se por ventura Mateo fosse parente de Gianetto — pensou — ou fosse seu amigo e desejasse defendê-lo, o conteúdo de suas duas armas chegaria entre nós tão certo como uma carta posta no correio; e se ele me visse, não obstante o nosso parentesco...»

Neste estado de perplexidade, resolveu dar um passo arrojado. Avançaria sozinho para Mateo e lhe diria o que havia, enquanto o abordava como velho

Sua vista está falhando?



Verifique a causa da
deficiência de sua vista!

Quando se manifesta qualquer anormalidade visual, torna-se necessária uma consulta ao oculista, a fim de corrigir o mal, por meio de óculos adequados.

T N V H R

Um exame oportuno evita muitas vezes, graves consequências. Somente o oculista poderá indicar, com precisão, os óculos que V. S. deve usar.

Obtida a receita, entregue-a a LUTZ FERRANDO que, por uma experiência de mais de 60 anos na sua especialidade, e pela sua capacidade técnica, representa uma garantia de confiança na confecção dos seus óculos. Mesmo que V. S. resida em localidade distante, poderá, através do reembolso Postal, adquirir seus óculos em Lutz Ferrando.

Para isso, enviaremos, gratuitamente, um catálogo ilustrando os tipos mais modernos de armações, e V. S. nos remeterá o seu pedido, junto com a receita do oculista, sendo servido como se fosse atendido em nosso próprio balcão.

LUTZ FERRANDO

ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.
RUA OUVIDOR, 88 RIO DE JANEIRO



Inter-American

L.F.-5

ESTUDE desenho por correspondência

nosso instituto mantém as seguintes e suas especialidades por pedagogos especializados e de alta eficiência profissional: **Desenho arquitetônico, Desenho mecânico, Desenho artístico, Desenho comercial.** As obras arquitetônicas, a indústria, a arte, as artes, o cinema, as casas, editoria, as agências de propaganda, etc., precisam de milhares de desenhistas técnicos. V. S. pode tornar-se um destes profissionais, ocupando um lugar de destaque e ganhando o melhor dos dois mundos. Estude em sua própria casa, a qualquer hora, pelo método prático e moderno da maior escola do Brasil: **MENSAJADES SUAVISSIMAS DE RAÇÃO DO URSO: 25 SEMANAS** sem nenhum conhecimento prévio da matéria ou preparação. Aprenda a tornar-se técnico em desenhos de máquinas, motores, veículos, construção de casas, fábricas, pontes, vias de comunicação e idealizador de decorações, quadros, obras de publicidade, etc.

GRÁTIS
CARTEIRA DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

Um futuro brilhante aguarda V. S. e uma nova vida cheia de possibilidades ilimitadas. NÃO PERCA TEMPO E MANDE NOS SEU CARTÃO MENTRE O COUPON AO LADO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO 826
Caixa Postal 5058 - São Paulo
Sr. Diretor: Peço enviar-me grátis e sem compromisso as informações sobre o curso de desenho por correspondência

NOME _____
CUID _____
CIDADE _____
ESTADO _____

N.º _____

conhecido. Mas o curto espaço que o separava de Mateo parecia-lhe terrivelmente longo.

— Ojá, velho camarada! — gritou. — Como tem passado, meu bom amigo? Sou eu, Gamba, seu primo.

Sem responder uma palavra, Mateo parou e, à medida que o outro falava, levantava lentamente o cano da espingarda. Quando o ajudante chegou perto, o cano da arma apontava para o ar.

— Bom dia, irmão — disse o ajudante, estendendo a mão. — Há muito tempo que não te vejo.

— Bom dia, irmão.

— Eu parei de passagem para te dizer bom dia e à prima Pepa. Fizemos uma longa jornada hoje, mas não temos razão de queixa, pois fizemos uma grande captura. Acabamos de prender Gianetto Saupiero.

— Deus seja louvado! — exclamou Giuseppe. — Ele nos roubou uma cabra leiteira na semana passada.

Estas palavras tranquilizaram Gamba.

— Pobre diabo! — disse Mateo. — Ele estava com fome.

— O velhaco lutou como um leão — continuou o ajudante um pouco mortificado. — Matou um dos meus soldados e não contente com isso, quebrou o braço do cabo Chardon. Mas isso não ter-

muita importância, pois é apenas um francês. Depois escondeu-se de tal maneira que nem o diabo seria capaz de o encontrar. Sem o auxílio do priminho Fortunato, eu nunca o teria descoberto.

— Fortunato! — exclamou Mateo.

— Fortunato! — repetiu Giuseppe.

— Sim, Gianetto estava escondido debaixo daquele monte de feno, mas o priminho me indicou o esconderijo. Direi a seu tio, o caporal, para que lhe mande um bonito presente pelo seu trabalho. O teu nome e o dele serão incluídos no relatório que mandarei ao promotor geral.

— Maldição! — disse Mateo em voz baixa.

Haviam chegado junto do destacamento. Gianetto já estava deitado na liteira, pronto para a viagem. Quando viu Mateo e Gamba juntos, teve um sorriso estranho; depois, voltando a cabeça para a porta da casa, cuspiu na seixira, dizendo:

— A casa dum traidor.

Só um homem resolveu a morrer pronunciaria a palavra traidor para Falcone. Um bom golpe com o estilete, que não seria necessário repetir, pagaria o insulto imediatamente. Entretanto, Mateo não fez outro movimento que o de

colocar a mão na fronte como um homem atordoado.

Fortunato tinha entrado na casa quando seu pai chegou, e, nesse momento, reapareceu com uma tijela de leite que, de olhos baixos, entregou a Gianetto.

— Afasta-te de mim! — gritou o bandido em voz alta. Depois, voltando-se para um dos soldados, disse: — Camarada, dá-me um gole de água.

O soldado colocou-lhe o cantil nas mãos, e o priso bebeu a água que lhe foi entregue por um homem com quem acabava de trocar balas. Depois pediu-lhes que lhes amarrassem as mãos na frente e não atrás.

— Gosto de ir deitado a cômodo — disse.

Os soldados apressaram-se a satisfazê-lo. A seguir, o ajudante deu sinal de partida, disse adeus a Mateo, que não lhe respondeu, e a tropa desceu rapidamente para a planície.

Quase dez minutos se passaram antes que Mateo falasse. O menino olhava com olhos inquietos, ora para sua mãe, ora para o pai, que estava apoiado à sua espingarda olhando-o com uma expressão de raiva concentrada.

— Começas bem — disse Mateo, finalmente, numa voz muito calma, mas terrível para quem conhecia o homem.

— Ó pai! — gritou o garoto, debulhado em lágrimas, e fez um movimento como para se atirar de joelhos. Mas Mateo gritou:

— Para longe de mim!

O menino parou, soluçando, a pouca distância do pai.

Giuseppa aproximou-se. Acabava de descobrir a corrente do relógio cuja ponta pendia para fora do bolso do jaleco de Fortunato.

— Quem te deu esse relógio? — perguntou a mãe severamente.

— Meu primo, o ajudante.

Falcone tomou-lhe o relógio e quebrou-o em mil pedaços contra uma pedra.

— Mulher, — disse, — este menino é meu filho?

As faces de Giuseppa ficaram vermelhas como um tijolo.

— Que estás dizendo, Mateo? Sabes com quem estás falando?

— Muito bem, este menino é o primeiro da sua raça que pratica uma traição.

Os soluços e gemidos de Fortunato redobram, sentindo os olhos de linco de Falcone sobre ele. Então o pai bateu com a coronha no chão, pôs a arma ao ombro e voltou-se na direção do maquis, chamando Fortunato para que o seguisse. O rapaz obedeceu. Giuseppa correu atrás de Mateo e segurou-o pelo braço.

— E' teu filho — disse com voz trêmula, fitando os olhos negros nos do marido para ler o que lhe ia no coração.

— Deixa-me — disse Mateo. — Eu sou o pai dele.

Giuseppa abraçou o filho e, irrompendo em lágrimas, entrou na casa. Ai caiu de joelhos diante da imagem da Virgem e rezou ardentemente. Entretanto, Falcone caminhou uns duzentos passos pelo caminho e só parou quando chegou a uma pequena ravina, onde desceu. Experimentou a terra com a coronha da carabina para ver se era suficientemente mole para cavar. O lugar parecia conveniente para o seu designio.

— Fortunato, vai para junto daquela grande pedra.

O menino fez como lhe foi ordenado. Ai ajoelhou-se.

— Dize as tuas orações.

— Ó pai, pai, não me mate!

— Dize as tuas orações! — repetiu Mateo numa voz terrível.

Gaguejando e soluçando, o rapaz recitou o Padre Nosso e o Credo. Ao fim de cada oração o pai dizia, alto: Amen!

— São essas todas as orações que sabes?

— Ó meu pai! Eu sei a Ave-Maria e a ladainha, que minha tia me ensinou.

— E' muito longa, mas não faz mal. A criança terminou a ladainha numa voz quase inaudível.

— Terminaste?

— Ó meu pai, tenha piedade! Perdoe-me! Eu nunca mais farei. Pedirei a meu primo, o caporal, que perdoe a Gianetto.

Ainda estava falando. Mateo ergueu a arma e, fazendo pontaria, disse:

— Que Deus te perdoe!

O rapaz fez um esforço desesperado para se erguer e agarrar-se aos joelhos de seu pai, mas não houve tempo. Mateo fez fogo e Fortunato caiu morto.

Sem um olhar ao corpo, Mateo foi a casa buscar uma pá para enterrar seu filho. Tinha dado alguns passos, quando se encontrou com Giuseppa, que, alarmada pelo tiro, corria ao seu encontro.

— Que fizeste? — gritou.

— Justiça.

— Onde está o menino?

— Na ravina. Vou enterrá-lo. Morreu como bom cristão. Mandarei rezar uma missa por ele. Chamarei meu genro, Tiodoro Bianchi, para que venha morar conosco.



porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Não deixe que um pequeno descuido em sua toilette quebre o encanto de sua presença... Proteja-se com ODO-RO-NO que é de aplicação muito simples e rápida e que não irrita a pele, mantendo sua acção por três dias. ODO-RO-NO não se resseca no pote e não fica arenoso. Mantenha suas axilas enxutas e acelinadas com ODO-RO-NO e a sua atracção pessoal será completa... V. se tornará, em todos os ambientes, dominadora... desejada... "absoluta..."

Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme do que qualquer outra marca.



Creme
ODO-RO-NO

D. SUDORIFICO E ANTI-SUDORAL



Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.

A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULAR

Vem para a sala de visitas...

(Cont. da pág. 42)

tras magro. Mas sempre era preto. No princípio, Pequenina reclamara:

— Este não é o Pai.

— E' sim, sua tonta! E'.

Então ela se acostumara aos rostos incessantemente mutáveis do Pai, aos seus raios e aos seus afagos. Sabia que, ao abrir da porta, o Pai podia ser o de dente de ouro ou o que tinha um bigode pequeno e lustroso e cantava ao violão coisas que davam vontade de chorar baixinho.

Agora, Pequenina estava largada na cama. Morria devagar. O porão estava cheio. E muitos pais tinham vindo ver morrer Pequenina. Se ela os pudesse enxergar havia de achar graça de encontrar tantos pais de uma vez pois sempre os vira alternados.

Mas a menina estava envolvida docemente de silêncio e de luz. Sim, era um embalo de luz e silêncio, de alvura do próprio silêncio. O silêncio tinha corpo e se inclinava, e a tomava nos braços. O silêncio eram os cisnes que carregavam a princesa.

— Dona Clara...

Há um ruje-ruje no porão. Figuras negras se levantam. O preto de roupa xadrez se inclina:

— Favor de passar, madama.

— Ai, dona Clara! Coitadinha da minha neguinha! Não vê do jeito que ela está?

— Eu não trouxe Maria Clara. Criança não deve ver essas coisas. Depois, ela nem mais conhece... Você deve se conformar. E' a vontade de Deus.

Qualquer som varou o silêncio, conseguiu atingir Pequenina.

— Maria Clara...

O cabelo de Maria Clara estava se desdobrando. E brilhava.

— Vem sua boba!

— Ai não! A mãe não deixa, Maria Clara.

— Vem sua boba. Ninguém te vai comer. Vamos para a sala de visitas!

A madrinha, agora, entrava no porão, trazia a mortalha.

— Cruz Credo, Marcelina, não presta chorar morte de anjo!

— Que mortalha bonita! As estrêlas são de lamê? Lá no salão eles pregaram umas estrêlas assim, nas paredes. Diz que sábado vão ensaiar pro cordão. A Malvina quer ir de baliza. Mas vai éééé?

Um tênue fio ainda liga Pequenina à vida. A mão de Maria Clara preme a sua mão. O braço de Maria Clara é um cordão alvo que a puxa. Que a puxa...

— Sua boba! Vamos para a sala de visitas.

Ela quer ir para a sala de visitas, aquela sala de teto tão alto, de dourados tão bonitos! Se a mãe deixasse...

— Coitadinha de minha filhinha que vai morrer! Desde ontem que ela não conhece a gente!

Os olhos de Pequenina estão tão abertos! Quer ver todos os dourados da sala de visitas... quer ver o espelho... o braço de Maria Clara a puxa.

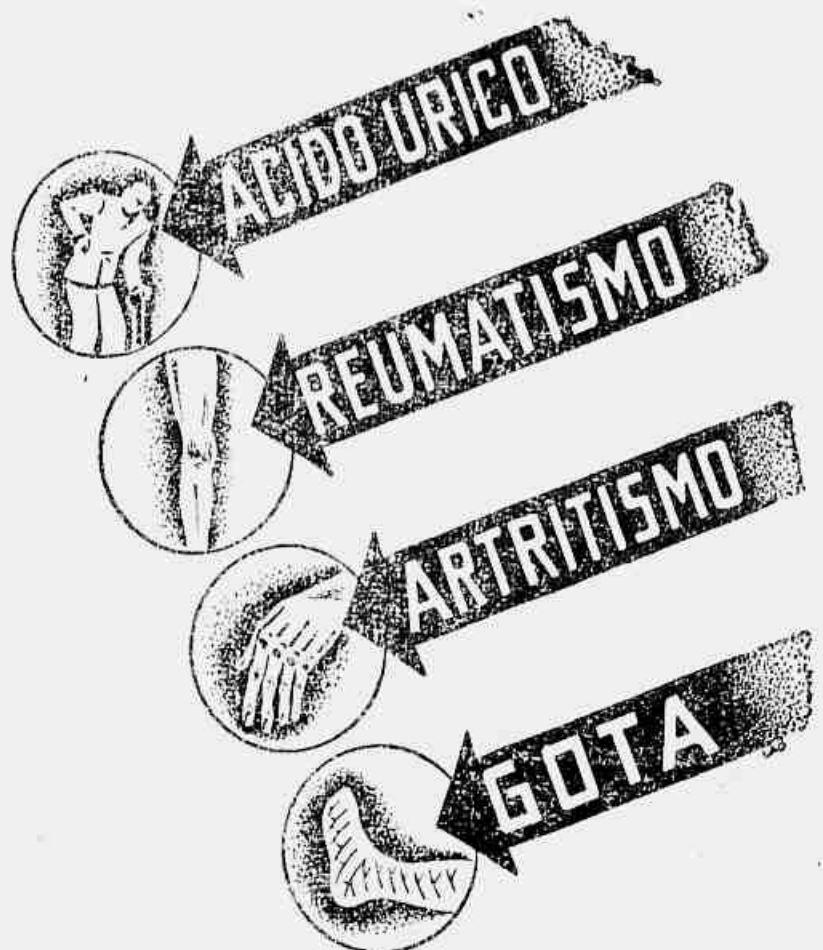
— Vem boba! Vem para a sala de visitas!

Os olhos vão se cristalizando. Como duas pedras. Param. E se petrificam assim com esse brilho é que, dentro deles está o grande lustre da sala de visitas. Inteirinho.

— Precisa fechar os olhos dela antes que esfrie.

— Cuidado com a Marcelina que vai cair de ataque!

Mãos grossas das lidas nas cozinhas descem as pálpebras de Pequenina. E sobre a face da neguinha a morte vai modelando um ar frustrado.



LYTOPHAN

Números atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 -- Belém

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males. tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo menstrual é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima. Si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc. tudo está bem. Mas si aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador avier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

PELAS ESTRADAS

o Céu

MOVIMENTO AERONAUTICO
DO BRASIL E DO MUNDO

Um desastre de aviação arrebatou a vida a dois passageiros da Cruzeiro do Sul e a vários tripulantes dessa companhia, a que dedicadamente a serviram e cumpriram, ainda que com risco de vida, as determinações que receberam. O desastre ocorreu em consequência de um voo noturno, em noite tempestuosa. Quase todos os passageiros, — à exceção de dois, — haviam desistido de suas passagens. Tratava-se de um voo sem possibilidades financeiras. Mas, em vez de cancelá-lo, quis a Cruzeiro manter o horário, de qualquer modo. Um capricho. O resultado foi trágico, desastroso. Dête resultou prejuízos que não podem ser ressarcidos: em material, em técnicos, em danos morais. Prejuízo maior do que o que poderia ter tido a Cruzeiro do Sul com o protesto daqueles dois passageiros que queriam ir de qualquer maneira...

Podia ser que o desastre tivesse ocorrido mesmo em dia calmo, à luz meridiana. Mas nas circunstâncias em que se deu, parece que a Cruzeiro do Sul foi menos prudente do que devia, quando em jôgo valiosas vidas humanas...

★

O Aeroclube de Birigui está melhorando e ampliando o seu aeroporto afim de permitir o tráfego de aviões comerciais. Birigui espera em breve ser ponto de escala dos aviões da "Real", ficando, assim, diretamente ligada por via aérea a São Paulo, São José do Rio Preto, Lins e Rio. O aeroclube também já instalou a sua nova oficina para reparo e revisão de aviões e está acabando de construir uma estação de passageiros e um novo hangar.

★

A Prefeitura Municipal de Marília votou uma verba de Cr\$ 500.000,00 para o início das obras de construção do novo aeroporto dessa próspera cidade da Alta Paulista, o qual possuirá pistas de 3.000 metros de extensão. Marília, que é a sede do maior centro produtor de algodão de São Paulo, já possui uma linha aérea da "VASP", com aviões diários.

★

Reuniu-se recentemente, em Montreal, Canadá, a Primeira Conferência do Departamento de Estatística da International Civil Aviation Organization, com o objetivo principal de reconstruir o sistema de compilação das estatísticas mundiais, que antes de 1939 era usado pela Comissão Internacional de Navegação Aérea, com sede em Paris. A conferência, à qual assistiram peritos em estatística dos países membros da ICAO, debateu também a redução do excessivo trabalho burocrático que recaí sobre as empresas de aviação e a uniformização dos termos e definições empregados nas estatísticas aeronáuticas.

★

Acaba de ser publicado o minucioso relatório de 166 páginas da Comissão de Política Aérea do Governo dos Estados Unidos, contendo enérgicas recomendações para o fortalecimento da aviação aérea e a reorganização das agências de aviação civil. Os exemplares do relatório, intitulado "Survival in the Air Age", podem ser adquiridos do Superintendent of Documents, Government Printing Office, Washington, 25, D. C., Estados Unidos, ao preço de 75 centavos, moeda americana.

★

Se bem que o presidente Truman tivesse escolhido o major General Laurence S. Kuter, representante dos Estados Unidos junto à International Civil Aviation Organization, em Montreal para presidente do Conselho de Aeronáutica Civil, a nomeação foi virtualmente bloqueada pelo Comitê dos Serviços Armados do Senado. Disse o comitê que não daria parecer permitindo o general Kuter ocupar a função civil enquanto ele retivesse seu posto e o alto soldo do Exército. E declarou ainda que se opõe à prática de entregar cargos civis a militares e de usar a legislação para evitar o salário-teto estatutário ora em vigor. O general Kuter declarou que não deixará o exército para aceitar a presidência do Conselho.

À vida de São Francisco de Assis

(Continuação da pág. 30)

simplicidade e genuíno devotamento. Como os primeiros poetas da antiguidade, era — embora provavelmente não o admitisse — um panteísta, ou antes, um panzoísta. Para ele, tudo tinha vida e mútua afinidade. Qual uma criança, via nas aves as suas irmãs, no vento e no sol os seus irmãos, e na terra a mãe viva de todos. Encontramos a mesma personalização e humanização das coisas nos poemas épicos primitivos de Homero, que saudava a terra como a mãe dos homens e esposa do céu estrelado. E — para tomarmos o exemplo de outra era e país igualmente primitivos — também a encontramos entre os índios Pawnes, que cantam a seu pai, o sol, e escutam a voz de sua mãe, a vivificante espiga de milho. Para os Paw-

nees, possivelmente para Homero também, e certamente para São Francisco a admissão de um parentesco íntimo entre todas as coisas, vivas ou não, é muito mais que uma simples imagem poética. É uma bela, se bem que algo ingênua, adoção do mundo pela família humana. São Francisco não só falava em suas irmãs, as aves, mas também falava a elas. Quando voltava de sua viagem entre os sarracenos, que tentara converter em cristãos, encontrou no caminho um bando de pássaros; e com a candura e sinceridade de uma criança, tentou converter as aves ao cristianismo. Encantado na música, com que o deleitavam suas chilreantes irmãs, ocorreu-lhe que também ele conhecia uma música, melhor que a delas, com que por sua vez as entreter. «Irmãs», disse com aquela sua voz suave, «se já terminastes, é tempo de eu também me fazer ouvir». E pregou à sua con-

gregação alada um sermão para lhes salvar as pequenas almas.

Se, aos olhos do leitor mundano, isto parece raiar pelo ridículo, consideremos outra invocação de São Francisco — a invocação a seu irmão, o fogo, que certamente raiava pelo sublime. Francisco estava na inaniência de perder a visão, e os médicos lhe disseram que o único meio de salvá-lo da cegueira total era cauterizar um dos olhos — isto é, queimá-lo com ferro em brasa. Quando tiraram o ferro da fornalha, ele se ergueu com graciosos ademanos e falou ao fogo como a um camarada vivo e carinhoso que estava para cumprir uma obrigação desagradável. «Irmão fogo», disse, «Deus te fez belo, forte e útil. Peço-te que sejas cortês comigo».

(Continua no próximo número)

Como é fácil e agradável...

USAR ESTE PRÁTICO BATEDOR ELÉTRICO

Conheça o batedor elétrico "Mix-maid" para massas, ovos, cremes e bebidas em geral.

"Mix-maid" transforma o moroso e exaustivo trabalho manual numa operação rápida e agradável.

VENDEDORES PELO CRÉDITO-MESBLA

MESBLA

PEÇAS CATALOGOS RUA DO PASSEIO, 43/50

ARTURO DE CORDOBA NO RIO!

(Continuação da pág. 15)

filme pela pressa com que foi feito, a deficiência do material, etc. Enfim, deixa que ele o veja e julgue.

O QUE EU QUERO É MOVIMENTO

Arturo de Cordoba continua o mesmo espírito irrequieto de quando moço, apesar dos cabelos grisalhos que lhe enfeitam a fronte e dos quais ele muito se orgulha. Durante a conversa disse, à certa altura, com um ar de zombaria:

— "Estou ficando velho".

De zombaria do tempo, que só conseguiu embranquecer-lhe alguns fios de cabelos. Nenhum outro sinal do tempo se nota no rosto ou no porte do artista mexicano. Nem nas suas idéias. Ele nos fala de sua acidentada carreira. Desde menino sua vida tem sido de constantes mudanças, viagens e imprevistos. Nasceu na cidade de Merida, no México, foi aos sete anos para os Estados Unidos e fez os preparatórios em Nova York. Mal acabara de se formar, ingressou no jornalismo, percorrendo toda a América do Sul, estagiando mais demoradamente no Chile e na Argentina. Em 1930 foi para o México e tentou o rádio. Deu certo. O rádio levou-o ao teatro e este, em pouco tempo, o apresentava ao cinema que o conquistou definitivamente. Tudo isso aconteceu em pouco tempo em sua terra natal. Por volta de 1935 fez a primeira película mexicana que se chamou "Celos" ("Ciúmes" em português). Um ano depois ganhou imensa popularidade representando o papel de Edmundo Dantés, em "O Conde de Monte Cristo". Foi quando Hollywood o atraiu e ele estreou muito bem no cinema norte-americano fazendo um pequeno papel em "Por quem os Sinos do Bram". Apareceu depois em "Refens", "Galvota Negra", "A morte de uma ilusão", "Chispa de Fogo", etc. O cinema americano rouba muitas vezes as possibilidades naturais do artista, querendo apresentá-lo dentro de um tipo preestabelecido, estandardizado. Infelizmente é o que tem acontecido, às vezes, com o nosso entrevistado. Parece que na próxima película o talento de Arturo de Cordoba vai ser melhor apresentado. Pelo menos fisicamente, ele já aparenta o tipo que idealizamos para o personagem do filme "Aventuras de Casanova", no qual ele fará o papel de um D. Juan que começa a se aborrecer com suas infundáveis aventuras. E, apesar das cas

Bolo Royal da Semana

Ninguém mais que as crianças adoram bolos. Dê-lhes completa satisfação fazendo bolos esta semana e sempre, sem esperar somente as grandes datas. E como são deliciosos, fofos e belos os bolos feitos com Fermento Royal!

BÔLO DE ABACAXÍ

3 ovos

1 1/2 xíc. açúcar

1/4 xíc. água

1 1/2 xíc. farinha de trigo

1/2 colh. (chá) Royal

1 colh. (chá) baunilha

Fatias de abacaxi

● Bata as claras em neve e junte-lhes as gemas. Acrescente o açúcar aos poucos e depois a água e os ingredientes secos peneirados juntos. Junte a essência e bata bem. Fôrma de alumínio ou vidro, forrada com açúcar mascavo e salpicada com partículas de manteiga. Coloque algumas fatias de abacaxi no fundo da fôrma antes de deitar-lhe a massa. Forno regular durante 50 minutos. Inverta o bôlo ao retirá-lo da fôrma e enfeite com nozes e cerejas. Sirva com creme Chantilly.

GRÁTIS!

Obtenha o Cartão Royal e ganhe o "Livro de Receitas Royal"

Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Receitas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

ROYAL

FERMENTO EM PÓ

O SEGRÊDO DA "BOA MÃO"

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. — Rio

RUGÔL

O CREME EMBELEZADOR DA PELE

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosário, 98 -- Rio de Janeiro



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómei nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, destituidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famadas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapua: a (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque, da vida nada se leva.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantada à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas, as impurezas e a tendência para pigmentação.

O vício, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

que se destacam na sua negra cabeleira. Arturo de Cordoba tem, naturalmente, um ar de D. Juan, de um D. Juan, que procura aposentadoria...

TALVEZ TRABALHE MAIS DOIS ANOS

A prova de que Arturo de Cordoba não se habitua à rotina, são os seus projetos para o futuro. Disse-nos que pretende trabalhar como ator cinematográfico apenas por mais dois anos. Não é que se sinta incapaz de criar novos tipos.

— Mesmo porque, diz-nos não há idade limite para o ator. Basta que ele se adapte aos novos papéis, condizentes com a sua idade. Mas eu deixarei de ser ator porque tenho outros projetos. Continuarei dentro do cinema como produtor ou diretor. Se possível como uma e outra coisa. Irei dirigir filmes no México. Para isso venho treinando há quinze anos, observando e aprendendo tanto quanto possível.

Se isto acontecer, Arturo de Cordoba se aposentará muito moço na profissão de ator. Tem ele hoje apenas quarenta e seis anos. Sua aparência é de um rapaz de trinta e cinco. Mas ele não faz segredo da idade, como de nenhuma outra coisa. A uma pergunta sobre os seus laços de família, disse-nos prontamente:

— Sou um respeitável chefe de família. Casei-me há dezesseis anos, com uma linda mexicana, que é, atualmente a senhora Enna de Cordoba. Temos duas filhas e dois filhos. Os garotos não pretendem seguir as profissões estafantes do pai. O mais velho, com treze anos de idade, já fez a sua escolha profissional: vai ser médico. Moramos todos no México, mesmo quando as filmagens nos obrigam a uma permanência demorada em outros países.

E é este o intérprete de "Deus lhe pague", que o Rio hospeda no momento. Simples, afável, respondendo a todas as perguntas e recebendo como a colegas de sua antiga profissão, todos os jornalistas que o procuram.

A vida de Sibelius

(Continuação da pág. 43)

O segundo movimento, um *allegro* gracioso, dura quinze páginas e é exclusivamente impressionista. Um completo ensaio filosófico escrito em taquigrafia musical. Não é tão notável essa música pelo que diz, senão pelo que deixa de dizer. O terceiro movimento, *largo*, compreende nove páginas. E nesse compasso estreito «constrói-se um tema do nada diante dos nossos próprios olhos». Nunca se ouviu em música semelhante autonegação. O movimento final é também reduzido. Desenvolve um tema completo e colorido mas não contém uma única nota supérflua.

Esta sinfonia representa, aproximadamente, um terço da «Primeira». Não obstante, nada lhe falta de essencial pois é, ao revés, prenhe de significação. Escreveu-a Sibelius num tempo em que os outros compositores da época, Strauss, Debussy, Ravel, se entregavam a orgias orquestrais, pregulhando na tapeçaria de ricas melodias, destinadas a aliciar o auditório com a sua súplica voluptuosa. Essa composição de Sibelius ergue-se, porém, como um protesto contra o que era tido como a insinceridade do tempo. É a casta criação de um gênio austero e retrata a força inquieta de um destino esmagador.

Essa obra foi composta em 1910. Só cinco anos depois é que Sibelius escreveu outra sinfonia. Durante esse tempo fôra cumulado de honrarias em toda a Europa e fizera uma viagem triunfal à América. Depois estalou a Primeira

Guerra Mundial. Principlara a vacilar a fé que possuíam muitos homens voltados para as coisas do espírito. Sibelius já atingira em sua música as profundezas do pessimismo. Mesmo antes da guerra impressionara-o profundamente o espetáculo da desumanidade do homem em relação ao homem. No entanto, por curioso que pareça, a guerra devolveu-lhe a fé. Faz-se mister uma grande tragédia para demonstrar a fibra moral do gênero humano. «Esta vida que amo infinitamente» esboroava-se à volta dele. No entanto, «a civilização é força e não fraqueza. Atentai para as grandes nações da Europa e para o que suportaram! Nenhuma raça selvagem poderia ter sobrevivido aos padecimentos que elas aturaram. Foi a civilização quem lhes deu tanta vitalidade e tamanha coragem». Ele acreditava profundamente na civilização. E com essa crença emergiu do purgatório das visões anteriores. Já vislumbrava as montanhas que viria a escalar. «Deus abre a Sua porta por um momento e a Sua orquestra executa a Quinta sinfonia». Esta sinfonia é uma volta ao triunfo. É olímpica. Calara-se o fantasma da «Quarta». A nova música é rica e sonora. É uma seqüela da «Quinta» de Beethoven. Proclamando o destino festivo do homem, afirma-lhe a coragem, a persistência e a esperança. A despeito dos campos devastados de Flandres, Sibelius assegura com redobrado vigor, «acredito de fato na civilização!».

Nunca, durante toda a sua longa vida, se apartou ele da sinceridade de sua arte. «Essa arte», observa o próprio compositor, «é um protesto contra as composições de hoje. Nada, absolutamente nada, existe de circense em minhas obras». Confessava que, quanto mais observava a vida moderna, tanto mais clássica se tornava a sua atitude em relação à arte. Em 1924 escreveu a «Sexta Sinfonia», caracterizada por um grande controle após a explosão da «Quinta». O seu espírito recobrou mais uma vez o equilíbrio e a tranquilidade. E (em 1925) realizou em seguida a essa «obra-prima de controle tonal», o derradeiro esforço, a «Sétima Sinfonia». Eterno experimentador, escreveu Sibelius a nova sinfonia com um movimento só — vasto oceano de inumeráveis ondas alongando-se, num só corpo, de praia a praia.

Sibelius encerrou a sua série de sinfonias no número mágico — sete. E nessas sete sinfonias demonstrou uma versatilidade somente igualada por Beethoven. Não somente figura o compositor entre os compositores mais excepcionais, como ainda cada uma das suas sete sinfonias é excepcional em si mesma — uma entidade musical cujo caráter difere de todas as outras. Como no caso de Beethoven e Shakespeare, surpreendemo-nos a fazer a seguinte pergunta: «Pode um espírito humano abranger tamanha diversidade de pensamento?». E ainda assim encontramos em toda a diversidade de Sibelius uma unidade de propósito — uma progressão quase ininterrupta do brilho extravagante para a desadornada simplicidade, da exuberância poética para o controle intelectual. Sibelius foi chamado o último expoente musical dos velhos clássicos. Fôra, porventura, mais exato dizer-se que ele é o primeiro expoente musical da nova matemática. Surgiu Sibelius como o Bach do século XX.

Hoje é um velho. O seu melhor trabalho já está feito. Após a guerra, assistiu à assolação provocada pela revolução finlandesa e experimentou, depois, o terror bolchevista. Emergiu, porém, de tudo isso imperturbado. As cicatrizes da sua luta eram todas mentais, pois havia novos caminhos da arte para serem desbastados, novos obstáculos para serem vencidos e novas canções para serem escritas. Sibelius é agora, como ele mesmo observa, «um jovem aprendiz velho de setenta e cinco anos», entre-

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua

brilhando em 1948!

QUAL O SEU SEGRÉDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

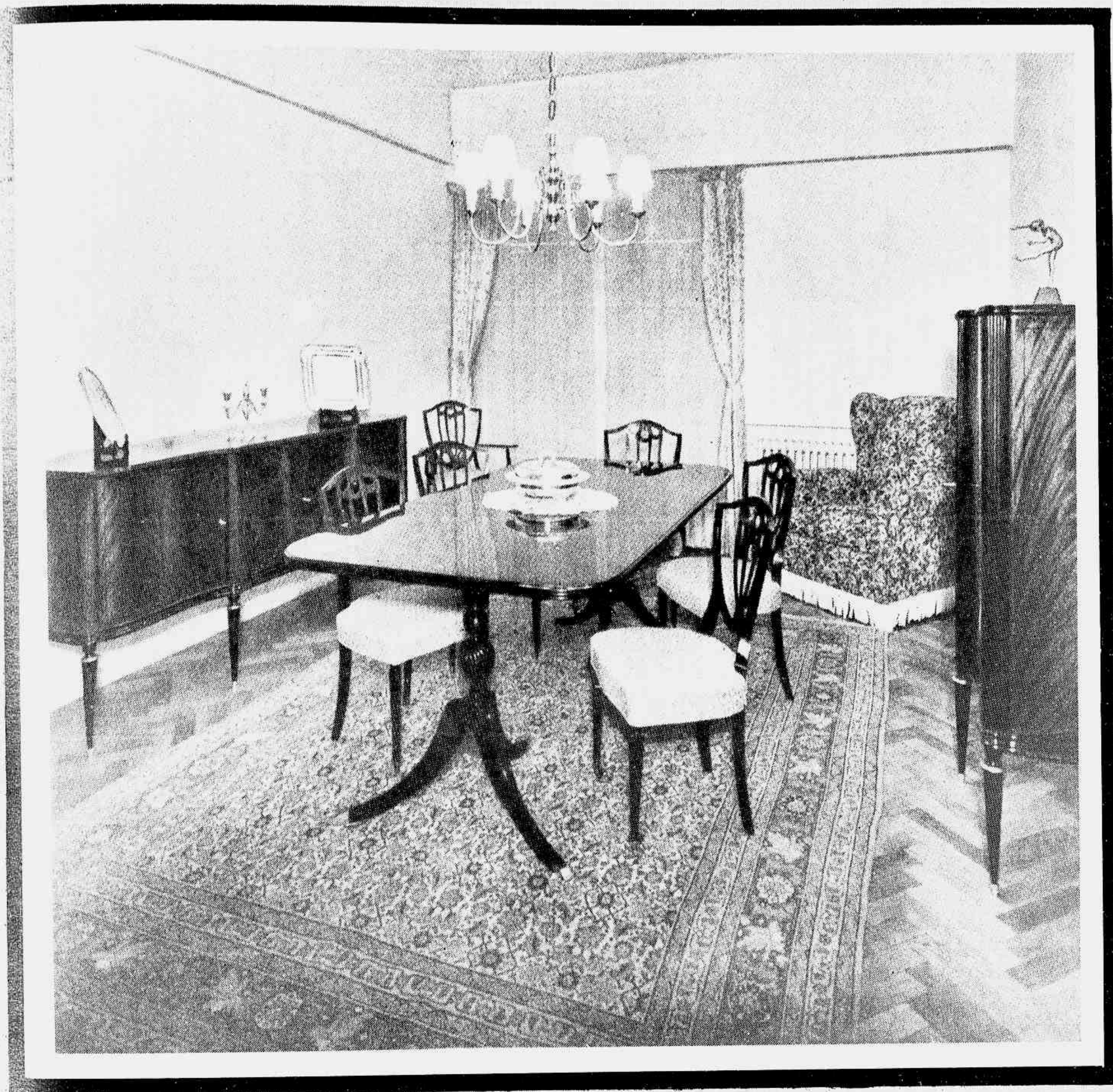
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

ANEMIA? FRAQUEZA?
DYNAMOGENOL VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MUSCULOS
VIDA DO CORPO

**USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO**



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes ORIENTAIS (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

CIGARROS

Continental



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

REVISTA DA SEMANA

N.º 13



Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

27-3-48





Os tripulantes que dirigem os gigantescos Clippers são dos mais experimentados do mundo.

Deliciosas refeições - cuidadosamente preparadas - são servidas a bordo do Clipper.

Viaje pela PAA

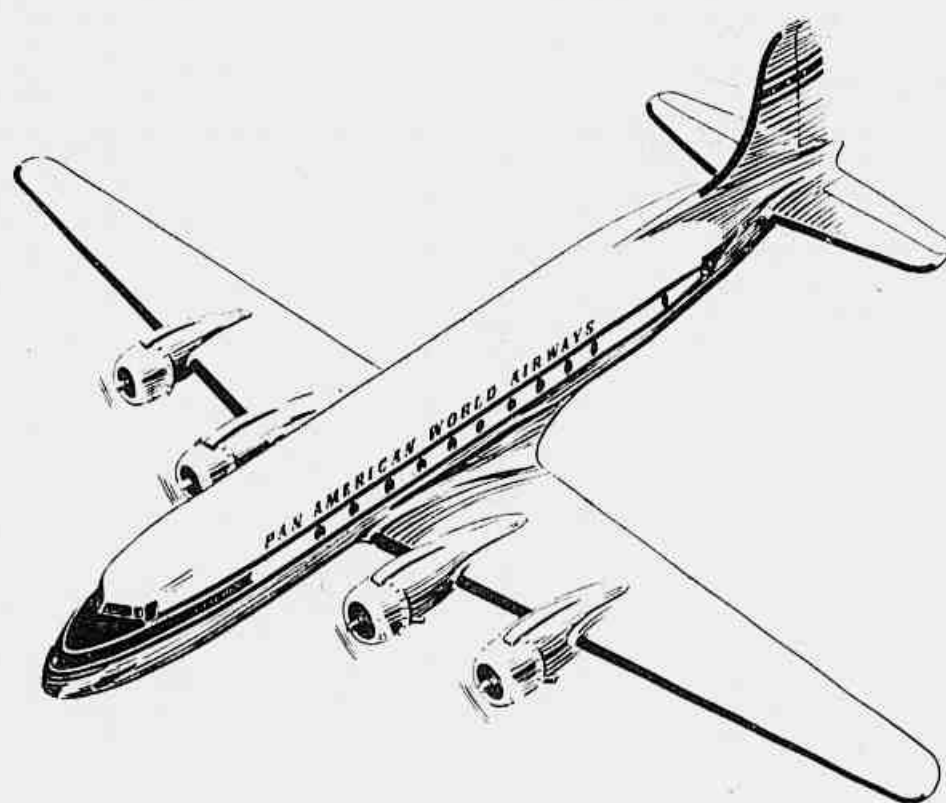
O requintado conforto de que V. S. goza a bordo do Clipper faz o tempo voar ainda mais depressa que o próprio avião.

— melhor maneira não há!

Hoje em dia, o emblema da PAA é reconhecido em mais de 68 países como o símbolo do que há de melhor em transportes aéreos. Para viajar, não há maneira melhor.

Viaje pela rede aérea

com experiência **EXTRA!**



VIAGENS PARA TODA PARTE - CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores



A ÁGUA, ESSA DESCONHECIDA

QUE me desculpe o fantasma de Alexis Carrell, mas, como estou em vias de me tornar cientista, acho que posso começar por tomar certas liberdades com ele. Eis como me aconteceu essa vocação. Vou contar em detalhes porque acho que uma história contada por alto perde cem por cento do valor educativo. E isto é coisa séria, educativa e profunda. Sobretudo movimentada e cheia de termos técnicos, como hão de ver se tiverem a bondade de ir até o fim. Acontece que eu leio sempre os conselhos da SNES e li isto: "APARÊNCIA QUE ENGANA" — Várias substâncias modificam a coloração, o cheiro e o sabor da água. No entanto, a água pode conter impurezas prejudiciais ao organismo, sem que se modifiquem sensivelmente tais características. Antes de utilizar a água de beber, procure certificar-se de que ela não está alterada por alguma impureza".

Fiquei impressionada. Sou uma grande bebedora de água. Adoro a água. Chuva para mim é coriça. Enxurrada é orquestra. Água correndo na torneira é festa, quando não é milagre. Sei coisas e coisas sobre a água e, se eu fosse egípcia, estaria entre as adoradoras do Nilo. Não sendo egípcia, tenho que voltar toda a minha veneração para o rio Mamico, é um rio que, segundo dizem, dá água, com certa má vontade, para todos nós. Entre as coisas que eu sei sobre a água, é que ela deve ser incolor e inodora. Também qualquer gostinho que apresente é fora do programa. Eis que vem a SNES e perturba toda a minha sabedoria. Ela afirma que a água tem que ter gosto, cheiro e cor. Só não terá se certas substâncias intrometidas lhe vierem tirar o sossego. E ainda, insidiosamente, declara que ela pode não dar sinal nenhum e conter terríveis impurezas. E conclui com aquele conselho que me valeu grandes aflições. E' preciso ter certeza de que a água está mesmo em condições, antes de bebê-la. Ter essa certeza dá um trabalho dos diabos. O único jeito é analisar a água. Mas, ou a gente segue um conselho, ou então não segue. Se vai seguir, não deve medir trabalhos. E eu não posso deixar de seguir. E' uma coisa irresistível. Assim que vejo um conselho, brucutu, não aguento. Eis pois que, para se beber um copo d'água, com dignidade e sem preocupações, deve-se estar de posse das seguintes coisas. Primeiro: — um balão de Erle Meyer, hermeticamente fechado, para se proceder a colheita da água. De posse desse encantador balão, deve-se conseguir, com urgência, um colosso de gelo. A água precisa ser conservada no ambiente esterilizado do balão e guardada no gelo, desde o lugar de onde saiu até o lugar onde vai ser analisada.

Suponhamos que eu esteja em casa de uns amigos, o casal Mauricio Rosenblatt, por exemplo, e me seja oferecido um copo d'água. Na mesma hora devo providenciar o balão, o gelo e vinte pipetas graduadas, para a distribuição da água no meio de cultura. Creio que não haveria inconveniente em incluir o balão e as pipetas na minha bagagem pessoal. Mas o diabo é a estufa. Porque é preciso estufa. E uma estufa que tem que ser graduada certinho, a vinte e sete graus centígrados. Outra coisa que atrapalha também esse movimentado e entusiástico conselho é a inclusão de sessenta tubos e mais trinta placas de petri, sem o que a festa se torna impossível. Com essa dificuldade da gente conseguir lugar nos ônibus, sendo magra e sozinha, não carregando senão uma bolsa, como é que se pode imaginar sair com tanto tubinho e tanta plaquinha?

Mas, ah! ou a gente segue um conselho ou então não segue. Compre-se o balão, compre-se a estufa, compre-se a coleção completa dos tubos e até o petri. Eis aí algo que me apetece comprar. Petri. Andei investigando em quanto poderia ficar essa compra toda. Por menos de trinta contos não se consegue nada. Arranja-se financiador. O conselho tem que ser seguido à risca e preciso saber se a água que vou beber é pura ou não.

E eis que, depois de todo esse esforço, de todo esse gasto, de toda essa boa vontade, eis que, depois de ser dona de um balão Erle Meyer, e de uma estufa, coisas que matariam de inveja qualquer das minhas amigas, ainda não posso saber se a água que me deram meus amigos é digna de confiança ou não. E por que não? Simplesmente porque não conheço bacteriologia. Vou para o microscópio (a essa altura já comprei um microscópio) e vejo um bichinho se mexendo. Como é que vou saber se ele é a favor ou se é contra? De que me adiantam os sessenta maravilhosos tubinhos se eu não conheço os habitantes da água? O único jeito é tomar o trem e suplicar uma matrícula em Manguinhos. Fazer um curso completo de bacteriologia e, depois, voltar e tomar posse do balão e do resto.

Mas, nesse meio tempo, como é que vai ser? Beber água na incerteza?

Isso nunca! Esquecer o conselho? Também não. Trata-se de um conselho inesquecível. Desprezar a água? Deus me livre. Até eu sair desse embaraço serei constrangida a ajudar a indústria do uísque. Uísque com soda, meus amigos Rosenblatts. Uísque com soda, até que eu desvende por completo o segredo da água. Até que, provida de um diploma, no meio de retortas e tubos de ensaio, eu possa ingerir meu copo d'água de coração tranquilo e com a consciência serena de quem cumpriu o seu dever.

LUCIA BENEDETTI (Especial para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

A água, essa desconhecida (Lucia Benedetti)	3
O descobridor muda de pouso (Berilo Neves)	16
Dois cinquentenários	17

BIOGRAFIA:

A vida de São Francisco de Assis (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	30
---	----

CARICATURA:

Bom humor	40
-----------------	----

REPORTAGENS:

Em Belo Horizonte há um homem que faz milagres! (Milton Pedrosa)	6/11
Arturo de Cordoba no Rio (Ney Machado)	14/15
"Cabeleireiro de senhoras", no cartaz de Mesquitinha	20/21
Revelação de uma nova autora dramática	22/23
O maior dos poetas franceses é um ladrão (Romain Lesage)	26/27

CONTOS:

Mateo Falconi (Prosper Mérimé)	18/19
Um amor se cura com outro (Yvonne Botkay)	24/25
O tropeiro (Alberto Leal)	28/29
Vem para a sala de visitas, Pequeninha (Helena Silveira)	42

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	12
Música	44
Pelas estradas do céu	47

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	31
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	32
Muro das lamentações	33
Mães e filhos (Zóia de Laet)	34
O espírito feminino através dos tempos	37
"Week-end" na cozinha (Mary Cook)	38
Caixa de Ressonância (Demóstenes Varela)	39

ILUSTRAÇÃO:

Ana Zagorska, Armando Pacheco, Orlando Matos e Abelardo Zaluar.

NOSSA CAPA



Nossa capa apresenta hoje uma nova revelação da Universal-International, a simpática Paule Croset. Nascida em Tahiti, ela terá sua oportunidade no filme produzido por Douglas Fairbanks Junior e dirigido por Max Opuls "The exile" (ainda sem título em português), ao lado do próprio Douglas Fairbanks e de Maria Montez. Paule Croset está sendo apresentada aos fãs dos Estados Unidos numa excursão especialmente preparada pela Universal-International, na qual ela percorrerá nada menos de vinte e três grandes cidades.

a Semana em Revista

CONVERSA PARA BOI DORMIR...



Há certos comerciantes, no Rio, senão em todo o país, que ficam "doentes" quando vêem o seu negócio honestamente controlado e fiscalizado pelo governo. Começam a gritar que isto é ditadura, esquecendo-se que lucro excessivo é roubo e que tal crime em outros países não totalitários, é punido com longos anos de cadeia, coisa da qual aqui no Rio se livram sempre. Isto vem a propósito das lamentações que os donos de açougues vêm fazendo perante vereadores, autoridades e até em alguns órgãos da imprensa. Alegam os varejistas da carne verde que "o seu lucro é ínfimo". Acusados de misturarem carne de segunda ao peso da carne de primeira, declararam esta inocência: "assim fazemos porque não recebemos carne de primeira em quantidade suficiente. E os fregueses só querem desta qualidade". Muito bem! Porque os fregueses só querem carne de primeira, os açougueiros acharam a fabulosa solução: vendem carne de segunda como sendo de primeiríssima! Outros açougueiros pretendem usar do fantasma do "lock-out" e ameaçam o prefeito: se não formos atendidos em nossas pretensões (são inúmeras as pretensões) entregaremos os nossos açougues à Prefeitura. Aprenderam o golpe com os padeiros, quando estes conseguiram o último aumento no preço do pão. A Comissão de Agricultura, Indústria e Comércio da Câmara dos Vereadores, sob a presidência do edil João Luis de Carvalho, está ouvindo pacientemente as lamúrias da "laboriosa classe". Assistem a Comissão representantes da União Feminina Contra a Carestia. Nesse momento em que periga a bolsa do zé-povinho, ameaçado de ver novamente aumentado o preço da carne, não podemos deixar de protestar contra os

argumentos particulares dos açougueiros em defesa do aumento dos seus lucros. Eles só têm razão em um ponto: quando acusam a proteção de que gozam os frigoríficos, açambarcadores, monopolizadores de todo o comércio da carne verde. Entretanto, o prefeito Mendes de Moraes já resolveu em parte a distribuição da carne aos açougueiros, conseguindo, inclusive, fazer com que voltassem a funcionar matadouros que estavam fechados por falta de reses. Para que os senhores vereadores e demais autoridades se compenem das falsas reclamações dos açougueiros, basta atentar para o escândalo da carne que está sendo debatido na Câmara dos Deputados de São Paulo. O deputado Juvenal Sayon demonstrou como os açougueiros abusam do "câmbio negro". O açougueiro Luís Grecco é ali incumbido de fazer a coleta de dinheiro para a "caixinha" da polícia e todos os colegas que contribuem para a mesma estão a salvo das diligências policiais!!! Entre outras notas o repórter Arlindo Silva informa que no ano passado essa coleta rendeu oitocentos mil cruzeiros, empregados para fechar a boca de certas autoridades da polícia paulista. Entre os investigadores cúmplices na marateira estão Mario Napoli e Omar Xavier, que todas as semanas recebiam quatrocentos e cinquenta cruzeiros por intermédio de Luís Grecco. Isso tudo vem atestar que a confraria é poderosa e esse sistema de "caixinhas" está se tornando usual entre os exploradores do povo. Os senhores vereadores têm a obrigação de defender os interesses do povo em primeiro lugar e, satisfeitos aqueles, zelar pelo interesse das classes que servem o público. O que não podem fazer é levar o carro adiante dos bois, propiciando lucros superiores a vinte por cento (e chega!) aos negociantes e racionando ainda mais a parca refeição do carioca. Não acreditem que os açougueiros andem mal de finanças. Comparem o seu padrão de vida com o das famílias dos subúrbios a que servem. Esse lero-lero de "lucro ínfimo" é conversa mole para boi dormir...

UM GESTO SIGNIFICATIVO DE UM HOMEM PÚBLICO



Telegrama de Salvador, capital da Bahia, narra-nos um fato interessante, que vem pôr em relevo, mais uma vez, as atitudes eminentemente democráticas de um dos mais ilustres homens públicos do Brasil. Aludimos ao sr. Otavio Mangabeira, que muito cooperou para a volta do país ao regime legal e que logrou ser escolhido pela quase unanimidade do povo baiano para dirigir os destinos do grande Estado. É muito difícil, no Brasil, a um homem público, fugir aos aduladores, à ação da lisonja, às homenagens empreitadas dos que, não se impondo pelos seus méritos pessoais, visam se impor pela subserviência hipócrita, pela cortesanice mais ou menos indecorosa. Salimos, justamente, de um regime em que se usou e abusou desses recursos e expedientes. Quem queria um em-

preço público, um cartório, um lugar numa representação do país no exterior, a presidência de um instituto ou de uma caixa de aposentadorias, de um banco ou de uma companhia de seguros, não precisava senão de fazer a corte ao todo poderoso detentor do poder pessoal e absoluto. Por isso mesmo, a glorificação do ditador, mais tarde aliado do poder excedeu todos os limites, chegando a parecer a do pitoresco general Juan Manuel Rosas, quando no poder, na Argentina, — época em que até as cartas de baralho e os leques das senhoras traziam impressas a sua efígie e os padres eram constrangidos a convidar os fiéis, em cada missa, a orar "pela saúde do excelentíssimo senhor presidente". Muitos não se aperceberam, ainda, de que alguma coisa mudou no Brasil e querem insistir nos mesmos processos, desmoralizados e sedícios. Foi assim que alguém, para bajular o sr. Otavio Mangabeira, sugeriu a aposição de seu retrato ao salão de honra de todas as municipalidades da Bahia. Só vender retratos e molduras para tantos municípios já era um bom princípio de negócio, mesmo porque, depois das municipalidades, poderiam vir as escolas, as delegacias, os quartéis, as coletorias, etc... O sr. Otavio Mangabeira, entretanto, cortou a exploração pela raiz, deautorizando imediatamente esse ensaio de getulização... Os donos da idéia devem ter ficado de nariz no ar, ou de cotovelo doendo, — mas os verdadeiros democratas não têm motivos senão para louvar essa magnífica e nobre atitude.

O DISCURSO ENÉRGICO E OPORTUNO DO PRESIDENTE TRUMAN



O mundo está numa encruzilhada, — e nesta encruzilhada se defrontam duas forças igualmente poderosas. De um lado, o mundo ocidental, com um sistema de vida peculiar à sua formação histórica, à sua cultura e à sua economia. Do outro lado, o mundo oriental, dominado pelo colosso eslavo, pela gigantesca Rússia comunista, onde se processa uma experiência que já conta trinta anos e que se obstina em alargar-se, em expandir-se cada vez mais, atribuindo suas vicissitudes não ao fracasso desse sistema nessa aplicação já bastante prolongada, mas na existência de um sistema diverso, inconciliável com o comunista. Assim, voltou, após a guerra, o colosso soviético a tentar conquistar o mundo, a tentar realizar a sonhada revolução mundial, substituindo o

antigo Komintern por um instrumento novo e ainda mais eficaz de penetração, o Kominform, que tem operado com grande êxito, especialmente nos países da Europa. A Rússia, pela pressão diplomática, pela ação política dos comunistas europeus, como pela pressão militar, tem suas fronteiras hoje em dia muito além do que jamais as teve na época do imperialismo czarista. E', na verdade, a Grande Rússia, quer na Europa, quer na Ásia. Cairam sob seu domínio nações e mais nações: Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Rumania, Bulgária, Checoslováquia, Iugoslávia, Albânia, sem contar com grande parte da Alemanha, que lhe tocou como presa de guerra. São inequívocas as ambições de predomínio comunista em toda a Europa, especialmente na Itália, através de Togliatti, e na França, através de Thorez. Foi no intuito de advertir a Rússia e o mundo do perigo em que importa esse expansionismo de claras tendências agressivas, que o presidente dos Estados Unidos, sr. Harry S. Truman, proferiu na semana passada, em Washington, modelar discurso, de formidável repercussão internacional. Falando clara e francamente, o eminente estadista veio marcar a posição firme dos Estados Unidos em relação aos problemas mundiais, fazendo ver aos russos que não serão toleradas novas violações ou tentativas de implantação de regimes totalitários, fundados em partidos únicos obedientes a Moscou. Esse discurso de Truman pode ser colocado ao lado dos grandes discursos de advertência do inesquecível presidente Roosevelt, quando fez ver a Mussolini, a Hitler e a Tojo que não podiam levar adiante seus atentados contra a soberania de povos livres. Se Stalin for surdo a essas advertências, como surdos foram Mussolini, Hitler e Tojo, poderemos dizer que não existirá nada de mais precário do que a paz de que goza o mundo...

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 13 — 27-3-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.
EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 612 — 3.º andar, sala 217. Telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.ª dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



A quinzena não esteve muito fenz para o transporte aéreo por essas latitudes. Depois dos dois desastres com aviões da FAB no Pará, a imprensa noticiou na semana passada o acidente verificado com um avião da Cruzeiro do Sul, em São Paulo, morrendo todos os quatro tripulantes. Também no Rio, em Jacarepaguá, caiu um avião, de treinamento, sucumbindo o seu piloto. De acordo com a giria aeronáutica, a "bruxa" anda fazendo das suas... Completaram ontem, dia 26, as bodas de prata o rei Jorge VI e a rainha Elizabeth, da Inglaterra. Um casal singular neste mundo revolucionado... O senhor Lopes Gonçalves, representante da imprensa na Comissão Central de Preços, provou a essa entidade a ganância criminosa de certos hoteleiros que aumentaram os preços de seus hotéis de trezentos por cento em menos de um ano... Continua batendo os recordes de permanência em cartaz "O Caso de Aracy Abelha". Novamente presa, sua história já mereceu a transcrição em novela e provocou até uma edição extra de conhecido semanário carioca. A abelhuda criminosa ainda não comessou o delito... O sr. Benedito Valadares, tido como responsável por várias joias de expressão que figuram no aneuotário popular, resolveu desmentir essa fama, — se não for tarde de mais, — e, ao que se anuncia, lançar em breve seu primeiro romance, intitulado "O Esperidião". Disseram-lhe que seria um autêntico "best-seller" e o ex-citador de minas quase deu no engraçadinho. Tomou a coisa como ofensa... A Central do Brasil vai passar a explorar o serviço de "bulletins" nos trens. Esperamos que não o "explore" em demasia!... O comandante Augusto do Amaral Peixoto, desmentindo as notícias de um vespertino, afirmou que os navios do Lloyd Brasileiro nunca viajam vazios. Iguaisinhos aos bonques ipanema... Os Estados Unidos dos Estados Unidos, com especialidade a Georgia, continuam dando um triste exemplo de racismo e intolerância para com os negros. A Ku-Klux-Klan tem feito "miserias", principalmente depois que o presidente Truman proclamou o programa de direitos civis iguais para brancos e negros. Ah, não gostaram desse rasgo democrático do ilustre presidente dos Estados Unidos... Um fato escandaloso está passando despercebido dos nossos vereadores e deputados! As verbas com as despesas de pessoal nos institutos de previdência são maiores que as dos Ministerios, segundo relatório de "O Tempo"! Parece que a maior obra de assistência social dessas autarquias são os apontados ordenados dos seus milhares de funcionários... Os auditores do Tribunal de Contas, alegando que os vencimentos dos ministros daquele tribunal foram aumentados, pedem também melhoria de salário para Cr\$ 7.470,000 mensais. O presidente da República resolveu designar a seguinte delegação a Nona Conferência Americana, a realizar-se em Bogotá: chefe da delegação, embaixador João Neves da Fontoura; delegados, general do Exército Salvador Cesar Opino, ministro plenipotenciário Antônio Camilo de Oliveira, senador Artur Ferreira dos Santos, deputados João Henrique Sampaio Vieira da Silva e Gabriel de Fozzenueves, sr. Emanoel Gomes Caran e professor Jorge Felipe Katari; delegados suplentes, major brigadeiro Flavio da Mota, contra-almirante Ernesto de Araújo, assessores, coronel Emílio Mauren Filho, major Heitor de Almeida Herrera, Sérgio Correa Augusto da Costa; secretário geral, 1.º secretário João Guimarães Rosa; secretários, conselheiro Milton Faria; 2.º secretário, Carlos Alfredo Bernardes, 3.º secretário, Evaristo de Lima, conselheiro Roberto Luis de Assunção de Araújo, conselheiro Henrique de Castro e Silva e conselheiro Jorge Pais de Carvalho. Segundo noticiário da imprensa, os E. U. contam ainda nessa Conferência os entraves legais existentes em vários países sul-americanos (inclusive o Brasil) que impedem ao capital estrangeiro explorar o petróleo e outros produtos minerais. Por não terem conseguido ainda tal coisa e que o petróleo de Lapa está custando tanto a ser explorado comercialmente... O ministro da Reconstrução da nação conseguiu crédito da Câmara para construir quarenta mil casas este ano e enviar, assim, o problema de moradia. Estão sendo terminadas quase mil casas por mês. Não, lá eles não possuem uma operosa fundação da Casa Popular para adapatar... A Associação Comercial de Porto Alegre protestou contra o ante-projeto de lei sobre limitação de lucros. Não admira! O controle de preços arruinara o país! Brava a insublição dos empregadores. A falta de controle arruinara o povo... — dizem os nos!... Mas, que é o povo?... Um casal provocou um escândalo no prédio da Rua Pedro Ernesto, 47. A Rádio Farolha acorreu e teve os conjuges: ela e Sílvia Mizimski, polonesa, com 67 anos; ele e Ivani Roberto da Silva, brasileiro, com 23 anos. Motivo: incompatibilidade de... ideias... O professor Edward Becker, famoso psiquiatra norte-americano, explicou porque quarenta por cento dos convocados ao seu país foram rejeitados por "motivos psiquiátricos" afirmou que isso se deve ao "maternismo", isto é, "à tendência crescente dos jovens norte-americanos se agarrarem as saias das mães, muito tempo ainda depois de se tornarem emancipados"... Pareceu a semana passada o antigo jornalista Junio Gomes da Cunha Muniz que há vinte anos saía durante os três dias de Carnaval, fazendo o "Bloco do Eu Sozinho", uma das tradições da folia carioca... Vai chegar ao céu fantasiado... A senhora Irene Joliot Curie, filha de Mine. Curie, quando aterrissava no aeródromo La Guardia, foi detida pelo Serviço de Imigração do país. A filha da descobridora do rádio fora convidada para falar em favor dos republicanos espanhóis no Comité de Refugiados Antifascistas. Mas essa organização vem de ser considerada subversiva pelo secretário de Justiça... Na sessão do Conselho da República Francesa houve uma sessão de pugilato, durante meia hora, entre comunistas, direitistas e degaulistas... Em Londres, o senhor Douglas Hyde, redator do "Daily Worker", depois de pertencer durante vinte anos ao Partido Comunista, abandonou o mesmo, declarando que não poderia continuar aceitando a política expansionista e totalitária do Partido. "O movimento pelo qual lutei durante vinte anos está destruindo aquelas mesmas liberdades e conquistas pelas quais alegava estar lutando", declarou, como despedida, o jornalista Hyde... Aqui no Rio comemora-se hoje com grande pompa a "Mi-Careme", um segundo carnaval. Foi eleita "Rainha da Cidade", em renhido pleito, a srta. Ariete Braga Sales. O movimento teatral continua intenso. Bibi Ferreira bate todos os "records" de bilheteria em "A Pequena Catarina". Dulcina vai reaparecer em "A Águia de Duas Cabeças", de Jean Cocteau, e Odilon anuncia a "Barraca da Comédia". Jayme Costa, Mesquitinha, o Teatro do Estudante continuam firmes. E o "Mártir do Calvário" assola o Recreio, o João Caetano e vários pavilhões. Por hoje, é só. Até sábado vindouro!

PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que está à venda em todo o Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — So serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

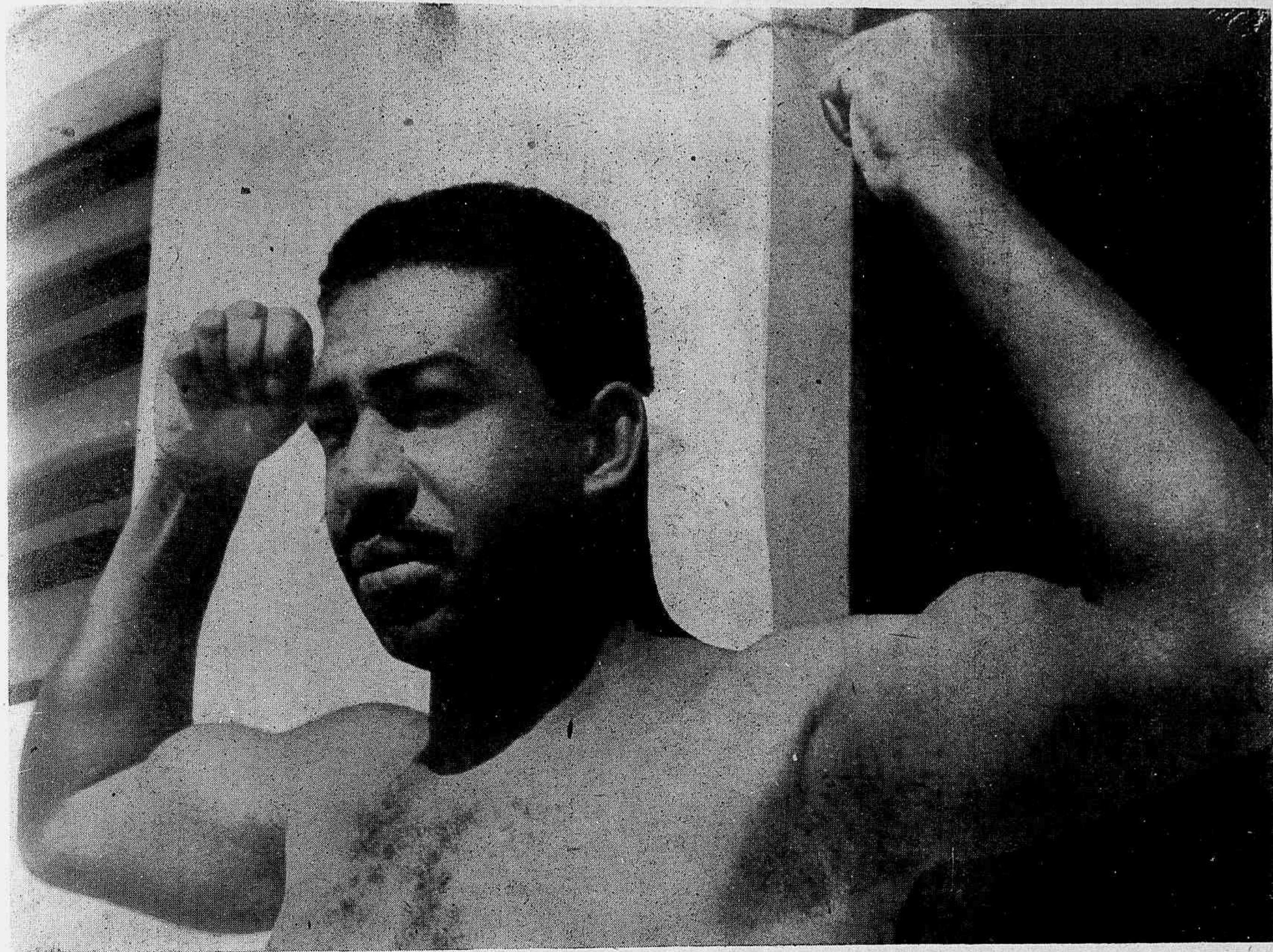
4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



As duas internadas mais antigas do Sanatório Morro das Pedras. A vovózinha, à esquerda, ainda tem esperanças de ficar boa. Pois não dizem que o doutor Marques Lisboa é um verdadeiro santo? Bem pode ser que ele faça o milagre de curar os seus pulmões. Em sua casa, meia dúzia de netinhos esperam o retorno da vovó.



Este gaúcho rapaz pertence ao menor de todos os grupos... o dos que se curam. Mais uma vida restituída ao trabalho e à família pelos médicos e enfermeiras que lutam todos os dias no sanatório para diminuir o índice de mortalidade dos internados, que é atualmente de vinte por cento.

EM BELO HORIZONTE HA' UM HOMEM QUE FAZ MILAGRES!

NÃO É SANTO, NEM MÁGICO — É APENAS UM VELHO PROFESSOR DE BOM CORAÇÃO — A HISTÓRIA SINGULAR DO DR. MARQUES LISBOA E DO SANATÓRIO MORRO DAS PEDRAS — FOI UM COLABORADOR DE OSVALDO CRUZ

Reportagem de MILTON PEDROSA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Fotos de AUGUSTO CARDOSO

REGOZIJAI-VOS, cidadãos do Brasil, vós que vindes a Belo Horizonte, que vindes a Belo Horizonte tratar de vossas indústrias, de vosso comércio, de vossos casos políticos ou de vossos corpos.

Regozijai-vos e, principalmente, não tenhais medo. Uma notícia vos dou, atenta bem para ela; não ultrapassa oito mil o número de tuberculosos na capital mineira. E talvez este cálculo ainda seja exagerado. Não-julgueis que eu esteja descobrindo a pólvora. Os médicos sabem disso, os especialistas têm certeza, pois que eles têm uma longa experiência e calculam que para cada grupo de 100 mil habitantes pode-se dar uma média de 2.800 tuberculosos. E esta verificação já é um tanto velha, e o cálculo se aplica também ao Rio, a S. Paulo e a outros centros. Vale a divulgação que ora vos faço, para leigos, leigos como o leigo repórter, e não para doutos, em verdade é o que vos digo, pois que eu também pensava que no mínimo trinta por cento da população da bela capital de Minas pecavam pelos seus pulmões.

Em verdade, ainda vos digo que a revelação não me veio nas asas de algum estalo, nem a busquei eu nas páginas de algum livro. Ela veio através de uma palestra com alguns médicos, entre eles o velho professor Henrique Marques Lisboa, realmente o assunto de que vos quero falar hoje, não passando tudo quanto já vos disse acima de mero, nada

lindo, nem mesmo necessário «nariz-de-cera», sujeito inclusive ao corte do secretário da revista.

UMA PROFISSÃO DE FÉ NA CIÊNCIA

No dia em que visitei o professor Henrique Marques Lisboa, ele recebia u'a manifestação de alunos e colegas, pois que fazia 70 anos de vida e já ultrapassara 33 de magistério, preparando-se para a aposentadoria.

É uma longa vida, que se desenvolve desde aquele 17 de fevereiro de 1876 (se quisermos tomar como ponto de partida a data de seu nascimento, em Barbacena) e se consubstancia hoje na profissão de fé, não de fé religiosa, mas de crença científica, que ele leu aos seus manifestantes.

Justificando a necessidade dessa profissão de fé na ciência, declarou o professor Marques Lisboa, havia quem pensasse que ele não acreditava nem em micróbios, visto que, certa vez, em companhia de um filho, também médico, havia ingerido culturas puras de bacilos tíficos.

E para saber de onde proveio essa crença é preciso acompanhar a sua vida, principalmente a sua carreira médica, que se inicia com a formatura pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pois para ali se mudara aos dois anos de idade, e ali residiu durante muitos anos em companhia de seu avô, o marquez de Tamandaré.

Foi aí, no então Instituto de Mangueiras, que tudo teve início para aquele estudante de parasitologia que ingressou nos serviços de vacinação contra a peste bubônica, por indicação do próprio Oswaldo Cruz.

A PESTE BUBÔNICA NO RIO

Foi aí que o jovem médico atravessou o surto epidêmico que ocorreu no Rio durante o verão 1902-1903.

Oswaldo Cruz ordenou a Marques Lisboa que fosse morar no Hospital de Juruê, a fim de servir de ligação entre os trabalhos da clínica hospitalar e os de laboratório. Sua função principal era fazer com que o tratamento dos pestosos fosse feito à base do soro antipestoso, então absolutamente desacreditado, e não pela extirpação dos bubões, o que era extremamente doloroso. Melhor do que ninguém, o professor Marques Lisboa rememora essa fase de sua vida: «Havia junto ao hospital um forno crematório, que não servia para cremação, pois apenas conseguia assar o cadáver de um cão, aí colocado para ser cremado. Isso importou, entretanto, em maléfico preconceito, pois os pescadores da vizinhança afirmavam que moribundos, ainda com vida, eram aí queimados. Justificava em parte esta idéia de doentes queimados ainda vivos o berreiro enorme de doentes, cujos bubões, extraordinariamente sensíveis ao mais leve contacto,

eram extirpados sem anestesia, pelos cirurgiões da casa. Os pescadores da vizinhança, ouvindo os gritos de dor, espalhavam a lenda da cremação em vida».

A luta era em duas frentes: contra a doença e contra o tratamento então adotado. «Entretanto — acrescenta o professor Marques Lisboa — foi uma grande sorte para mim que a mesa de operações tivesse de ser mandada para a oficina de consertos, pois assim os doentes em melhor estado não foram os reservados para o bárbaro tratamento cirúrgico, e desse modo todos puderam ser tratados pela soroterapia, e não apenas os moribundos, o que era uma grande desvantagem para a nova terapêutica. Resultados admiráveis se seguiram, o soro de Oswaldo Cruz saiu vitorioso e a mesa de operações passou para mesa de curativos».

Na verdade esta constituiu a primeira etapa na vida do jovem médico.

ATACADO DE PESTE

A segunda havia de começar com a sua nomeação para auxiliar-técnico do Laboratório Bacteriológico Federal, com a função de visitar doentes suspeitos de peste bubônica, para punccionar-lhes o bubão e extrair material de que necessitava o laboratório.

Depois foi encarregado por Oswaldo Cruz da desinfecção e expurgo de ratos nas zonas comerciais; após foi enviado



A esquerda: o doutor José Feldman faz uma aplicação de pneumotorax. A capacidade d'este hospital é de cento e cinquenta leitos. A boa vontade dos seus dirigentes faz com que exista sempre um número maior de internados. A direita: o exame de uma lâmina no laboratório do hospital.

ao Maranhão, onde passou o período mais trabalhoso de sua vida, como único médico responsável pelo combate à epidemia que por lá se alastrava, de tal modo que acabou, ele mesmo, regressando ao Rio, atacado de peste. A seguir foi nomeado, ainda por Osvaldo Cruz, delegado de saúde pública do 3º distrito sanitário da Lapa; depois, do 1º distrito, em Copacabana e Botafogo, e lá se foram mais de dez anos.

Depois... E poderíamos continuar assim por páginas e páginas, alinhando datas, alinhando nomes, alinhando cargos, e isso juntando os trabalhos que publicou, as experiências que fez, as teorias que pôs em dúvida, as teses que levantou, os resultados de sua experiência, tudo o que viu, os becos tortuosos e sujos do Rio de Janeiro, visitas a casas onde as pulgas saltavam formando montículos sobre a pele, tudo isso que esgota uma vida e que faz uma experiência, expe-

riência que se transmite, que se enriquece e que forma uma crença.

Mas não. Preferimos falar de outra coisa, de algo que está ligado à sua vida, como a unha à carne.

Preferimos falar daquilo em que a obra e o homem se confundem. Falar do «Sanatório Marques Lisboa», que é o mesmo que o «Sanatório Morro das Pedras».

ONDE APARECE UM BARBEIRO

Mas, de início, falemos de um barbeiro. Sim, senhores, falemos de um barbeiro que se chamou José César dos Santos, que falar dele é falar também do Sanatório, pois foi dele a idéia, vaga e teimosa idéia de amparo aos tuberculosos, teimosa, de todas as horas e de todos os dias, e que o fazia falador, tão falador como só mesmo um barbeiro podia ser.

Falemos dele, que falar dele é falar de uma instituição tão indispensável como

indispensável é o cidadão fazer a barba, tão indispensável que existiria ainda mesmo que apenas um varão existisse sobre a face da terra.

Falemos dele, tanto quanto ele falava de seus planos, pois que o seu nome vai sendo esquecido.

E falemos principalmente para lembrar o dinheiro com que ele auxiliava os tuberculosos, das festas que ele armava para fazer finanças, das reuniões, dos «bate-papos» que ele inventava quando alguém batia à sua porta, ou simplesmente quando ele saía à rua.

E falemos dele também por que ele fechou a barbearia e «abriu» um café, onde era roubado sabendo e, sabendo, não se incomodava, e não se incomodando, «quebrou» e morreu na miséria, como empregado de outro patrão, que não falava tanto, não era barbeiro nem tinha idéias altruísticas.

E falemos para dizer que ele não ra

tuberculoso nem comunista, que neste tempo a polícia tinha mais que fazer o mesmo havia menos polícias que ladrões, e não chegavam para os mestres da capoeira que havia pelos morros fazendo coisas do arco da velha.

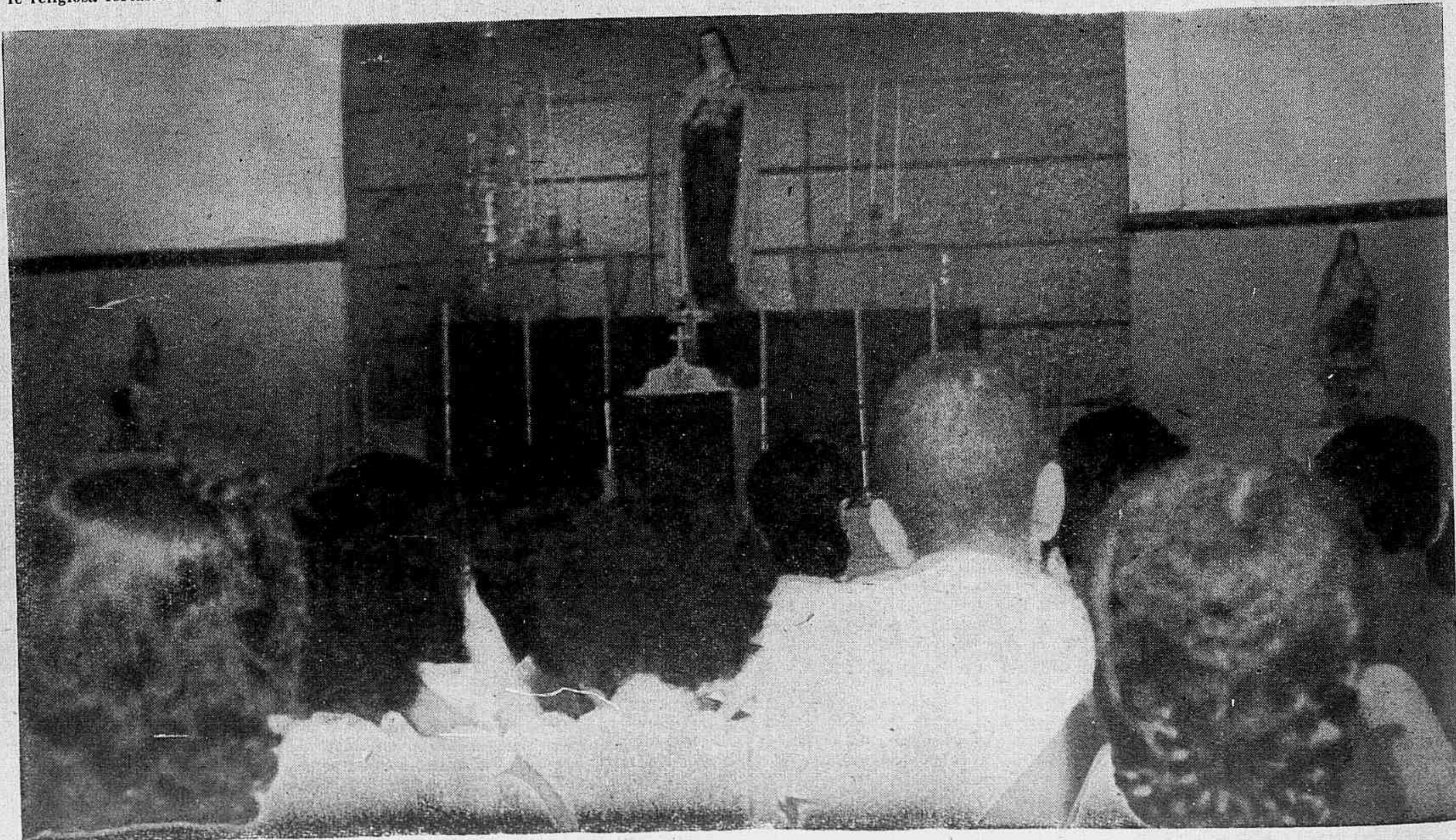
Falemos, falemos. Falemos para dizer que o dr. Marques Lisboa, recém-chegado a Belo Horizonte era um de seus fregueses e que, enquanto a navalha escorria pelo queixo, a conversa escorria pelos ouvidos: patatá, patati, patatá, patati.

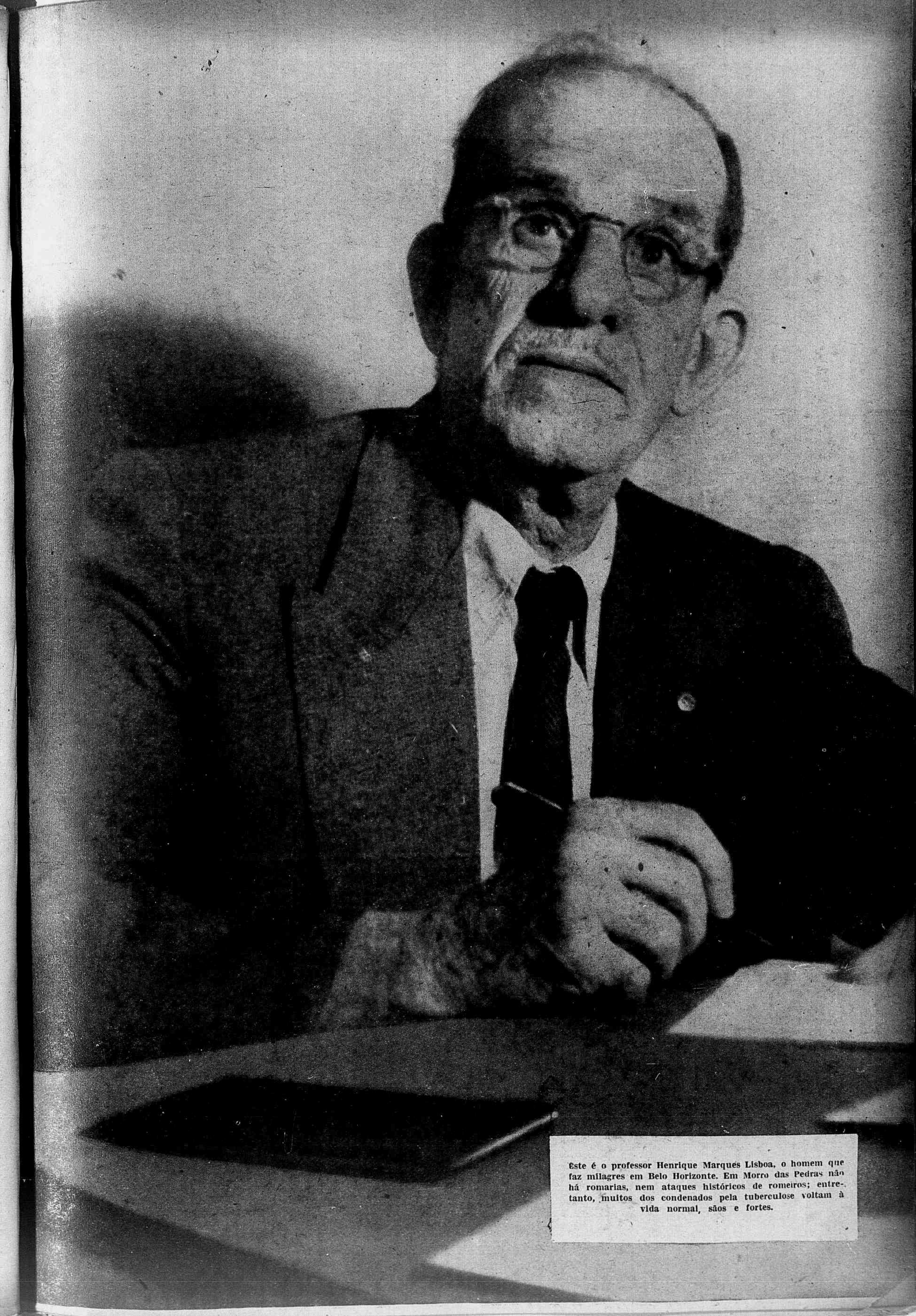
COMO NASCEU O SANATÓRIO

E daí — de tanto falar um e de tanto ouvir outro, médico e barbeiro se uniram. E nasceu o «Sanatório Morro das Pedras».

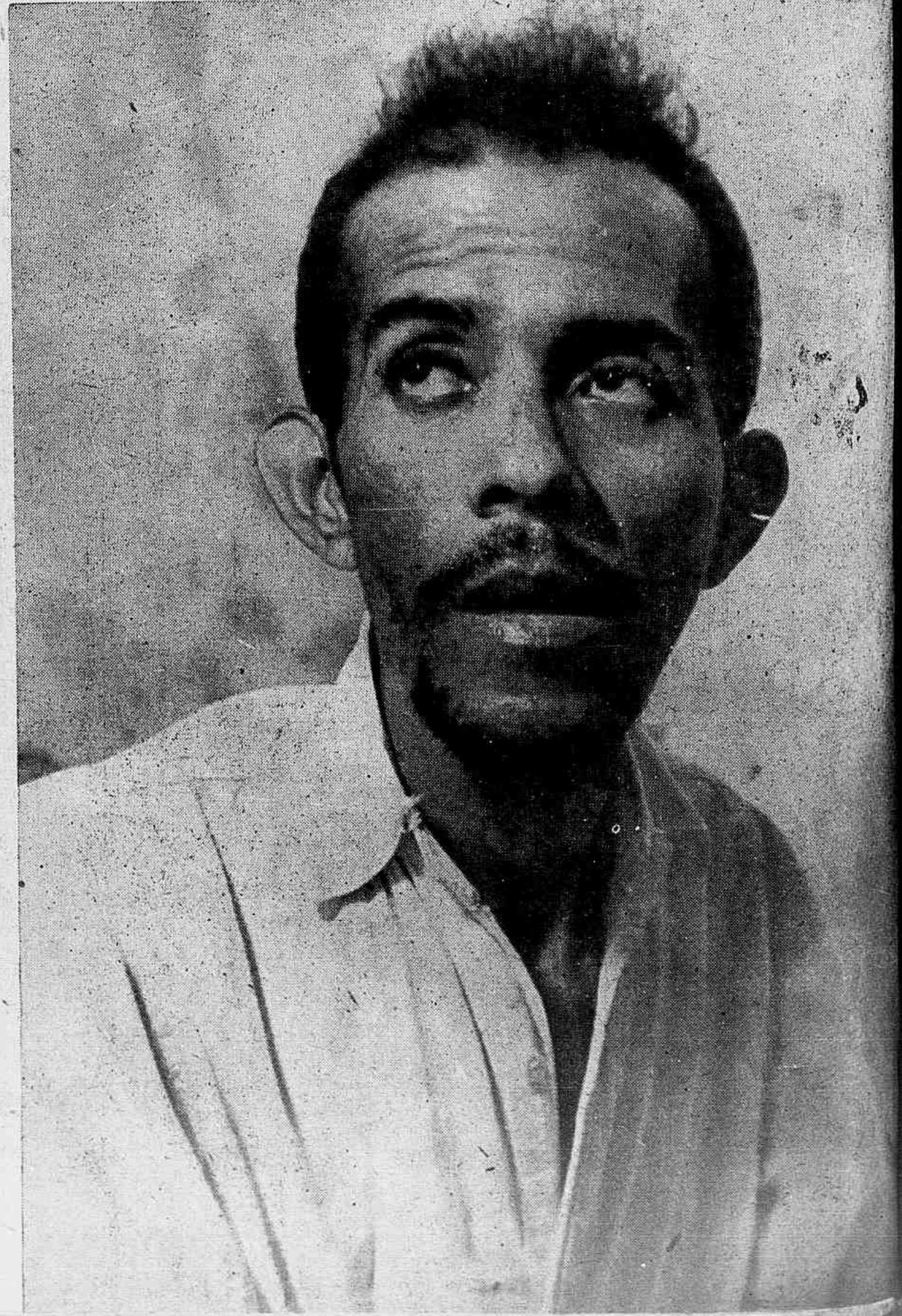
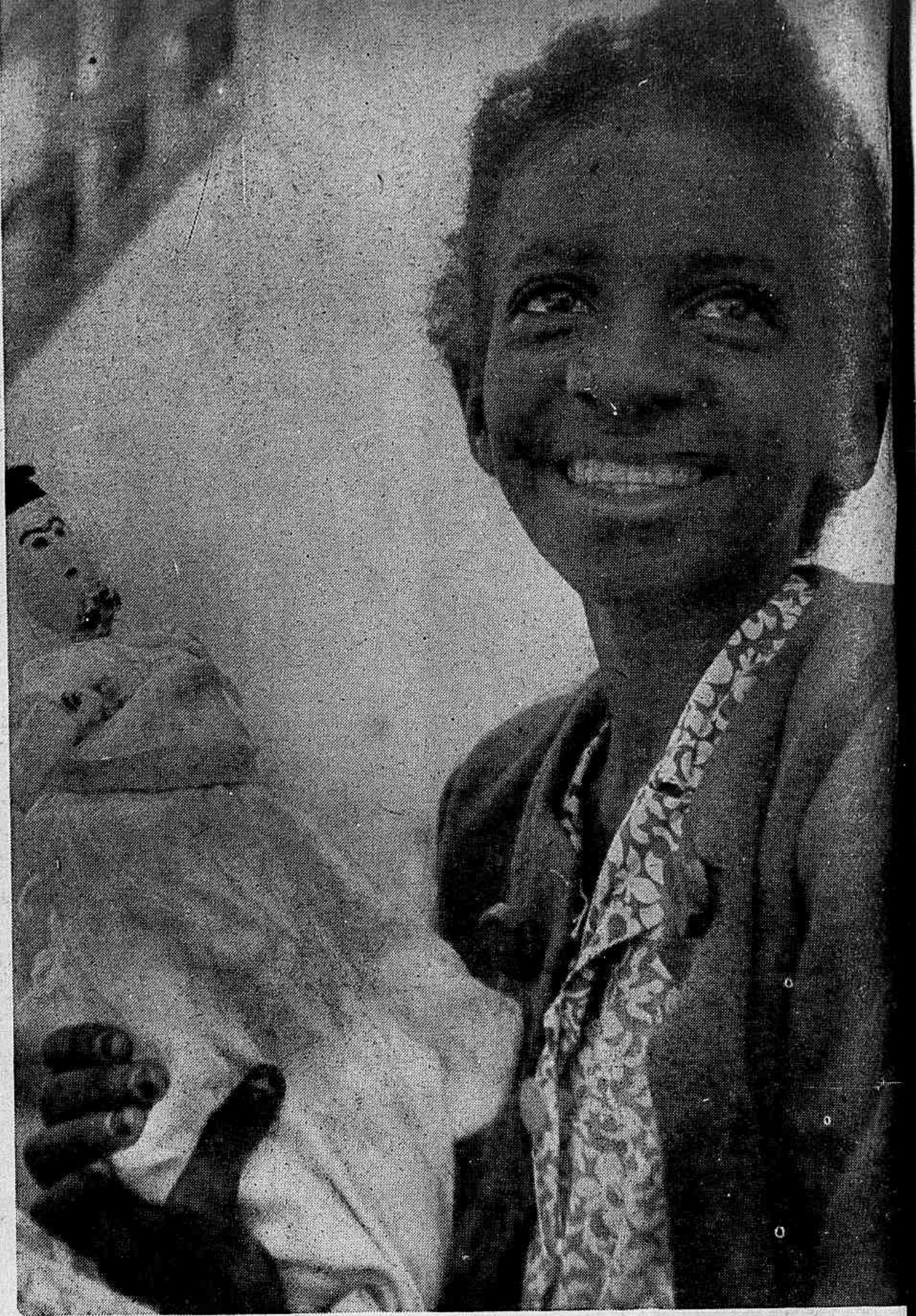
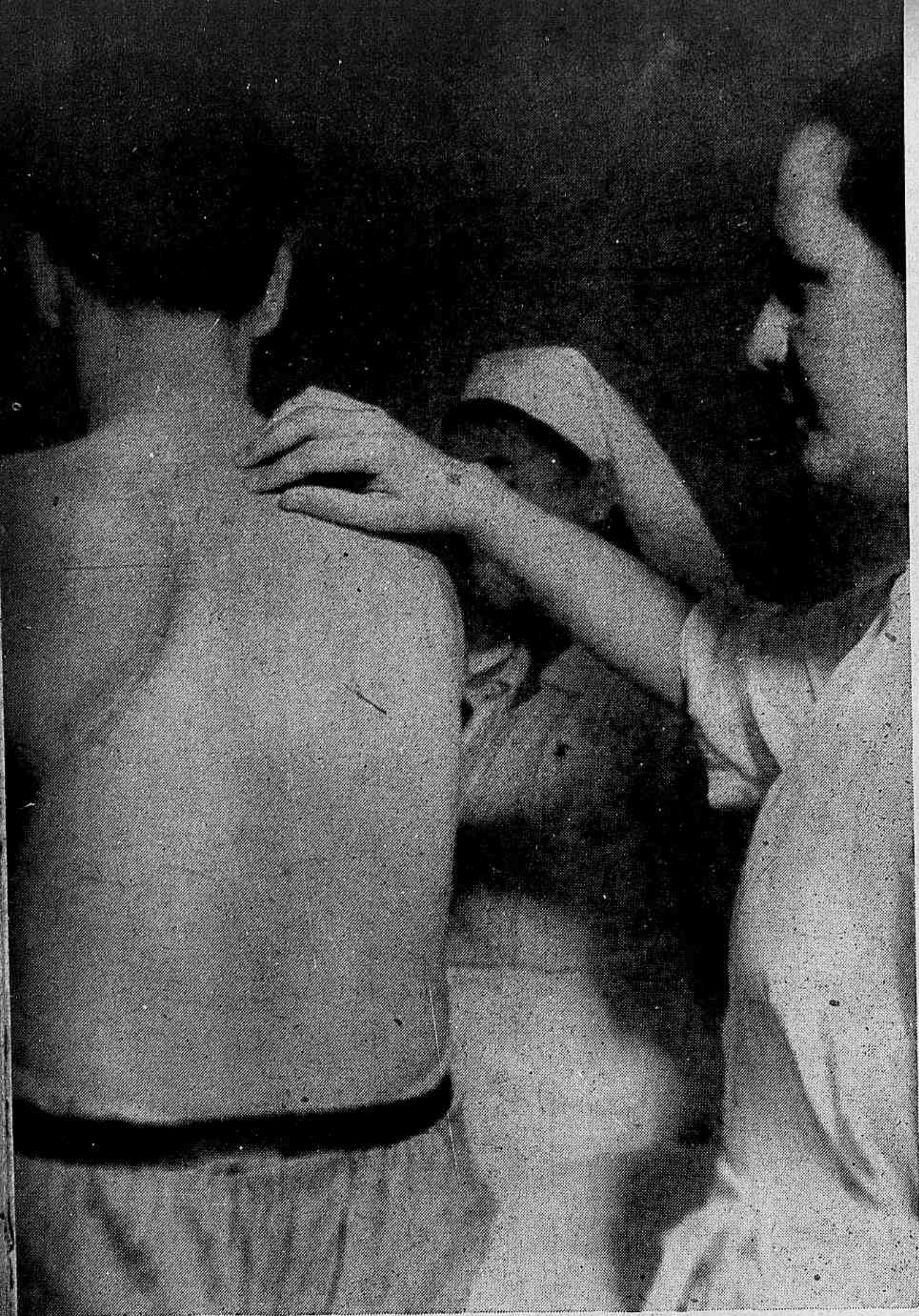
Nasceu de uma tómbola que rendeu 105 mil cruzeiros. Com isso foi a água instalada, foi instalada a eletricidade e surgiram as primeiras casinhas de adobe,

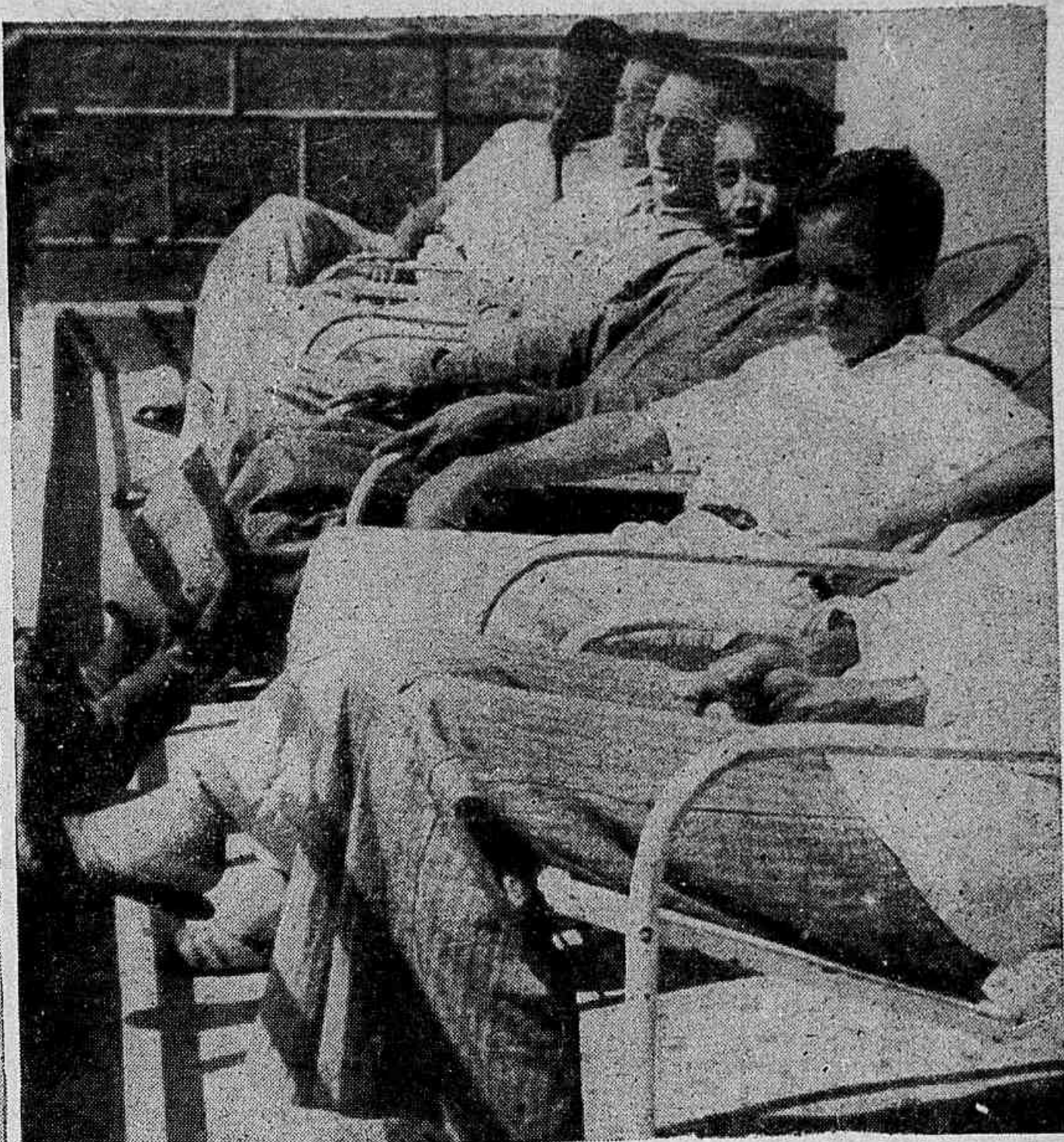
A fé religiosa fortalece o espírito de muitos dos doentes e ajuda o processo de cura. A esperança é a última que morre, mesmo nos que estão desenganados pela medicina.





Este é o professor Henrique Marques Lisboa, o homem que faz milagres em Belo Horizonte. Em Morro das Pedras não há romarias, nem ataques históricos de romeiros; entretanto, muitos dos condenados pela tuberculose voltam à vida normal, são e fortes.





Ao alto, à esquerda: um detalhe da cozinha do sanatório. A direita, um grupo de internos descansando ao sol amigo da cidade mineira. Na página ao lado, vários flagrantes da vida do sanatório. Ao alto, à esquerda, a enfermeira mostra um doente que sofreu com êxito a toracoplastia. A direita: a boneca pôde mais do que a doença... foi capaz de fazer sorrir a triste menina. Em baixo, à esquerda, também o amor é mais forte. O romance nasce também nos corações aflitos e desesperados... Em baixo, à direita: milhões de brasileiros têm no olhar a mesma melancolia do interno que aparece na foto. A melancolia que vem de um mal para o qual não existe no país assistência hospitalar suficiente.

não mais de quatro, onde cabiam apenas 14 doentes e funcionava uma oficina de meias de senhoras. O dinheiro não apareceu todo de uma vez. Vinha por partes, e a cada entrada de nova parcela o conjunto se ampliava. Assim foi construída a primeira casa de tijolos, com capacidade para dez doentes, e depois a primeira casa de alvenaria de pedras, com lugar para vinte doentes, uma sala de curativos e um laboratório. Em seguida, um pavilhão: raio X e 36 leitos.

Eis por que o Sanatório tem hoje o aspecto de uma colcha de retalhos, com seus 150 leitos distribuídos por várias construções, que se estendem por quatro alqueires geométricos de terreno, doação do governo mineiro.

Um ano durara a campanha inicial pela

fundação do Sanatório e, em 28 de maio de 1928, foi fundada a Associação de Assistência aos Tuberculosos Proletários, da qual era presidente o dr. Henrique Marques Lisboa e o barbeiro José César dos Santos representante das classes proletárias e sócio fundador.

O que manteve o Sanatório, nos seus primeiros dez anos, foi quase exclusivamente a caridade pública, e a primeira contribuição foi de um espirita, que doou um saco de feijão. Hoje as verbas de auxílio existem, porém estão longe de satisfazer às necessidades do Sanatório.

A CÂMARA MUNICIPAL E O SANATÓRIO

No momento em que escrevo, o «Sanatório Morro das Pedras» está na ordem

do dia. Na Câmara Municipal, vereadores levantaram a questão de sua encampação pelo Município, designando-se uma comissão para fazer também uma sindicância a respeito da administração naquela casa. Embora evitassem alusões ao nome do professor Marques Lisboa, este, como presidente da Associação de Assistência aos Tuberculosos Proletários, dirigiu-se ao legislativo da cidade fazendo-lhe ver que a Associação é uma sociedade particular, com personalidade jurídica, vivendo da caridade particular, não estando sujeita a nenhuma interferência, nem dependia do legislativo. Entretanto, declarava-se à disposição dos interessados em informações sobre suas atividades e seu movimento financeiro. Compareceram vereadores individual-

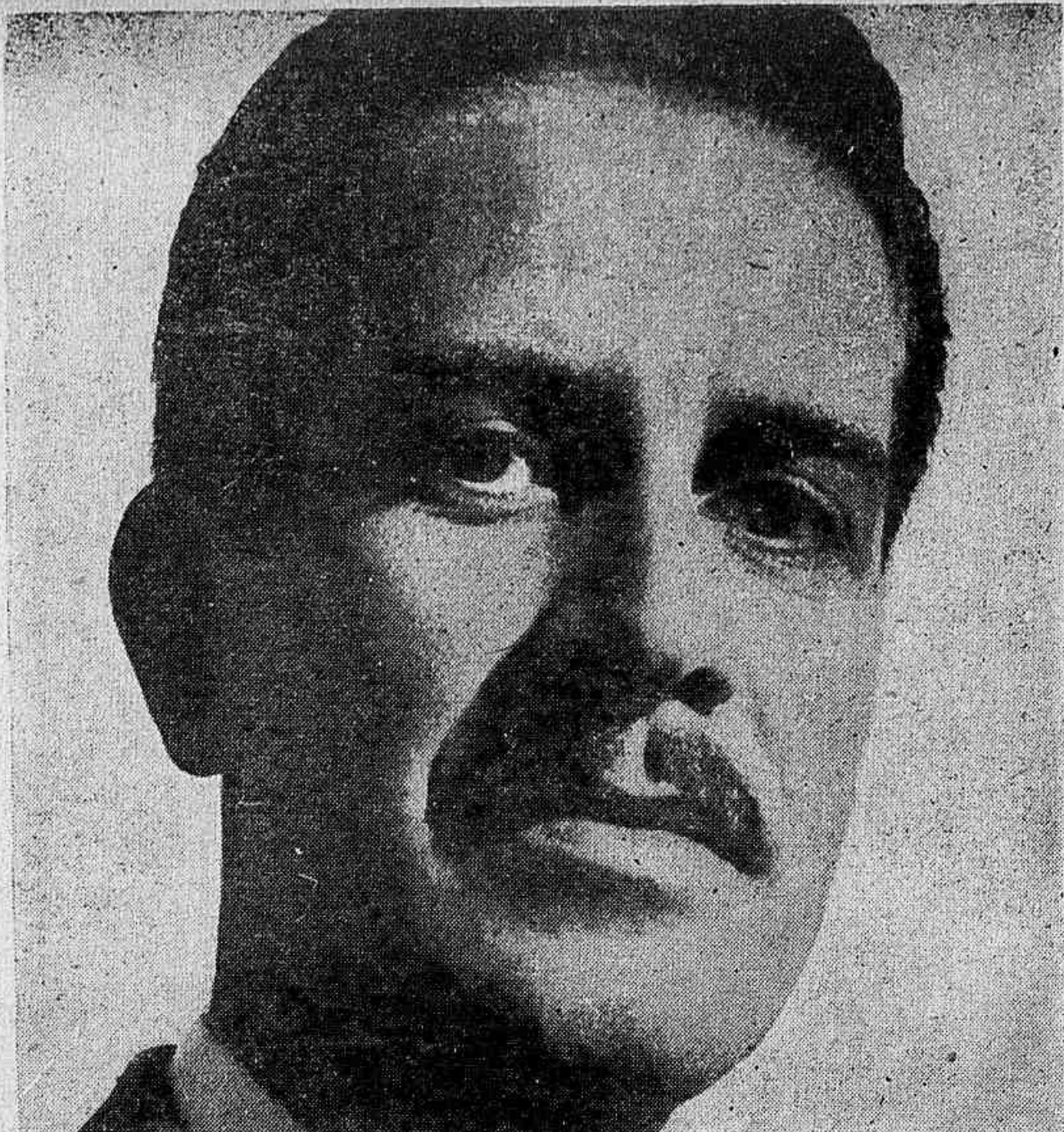
mente, compareceu a comissão ao «Morro das Pedras», ouviram-se médicos, doentes, enfermeiras, empregados. Tudo o que então se perguntou e o que se respondeu foi gravado em discos e foi, posteriormente, reproduzido na Câmara Municipal, durante 90 minutos, em uma sessão especial.

O assunto vai apenas em começo. Não está em foco propriamente o nome do professor Marques Lisboa; os jornais dão apenas informações vagas, com amplas generalizações que, afinal, nada conseguem aclarar e apenas deixam no ar um vago rumor de suspeitas muito propício a provocar a expectativa de um escândalo, que afinal acabará não vindo e, portanto, nem vale a pena falar dele.

(Continua na pág. 50)

O doutor Marques Lisboa entre os médicos e enfermeiros do Sanatório Morro das Pedras. Um pequeno grupo de abnegados luta todos os dias anonimamente para salvar a vida de gente pobre e sofredora.





MARIO Ernani Sarmento de Castro, locutor e rádio-ator exclusivo das emissoras associadas, nasceu em Belém do Pará, a 11 de abril de 1917. Sua primeira aventura artística foi no teatro, como baixo cantante da Companhia Lírica Nacional, organizada pela sra. Besanzoni Lage. Tomou parte em diversas temporadas do Teatro Municipal, cantando ao lado de Violeta Coelho Neto de Freitas. Mais tarde, levado pela vontade de conhecer outras atividades, ingressou na Rádio Club do Pará, atuando como locutor. Sua projeção na PRC-5 deve-se, em parte, ao interesse que demonstrou pelos programas infantis. A seguir, atendendo amável convite, foi dirigir a Difusora de Macapá, onde se manteve até vir para o Rio. Na terra carioca fez-se comerciante, trabalhando como vendedor de importante firma. Depois, tornou-se negociante, vendendo madeiras. E finalmente, ingressou no comércio de gravações, fundando com o compositor Sivan, um estúdio para gravar. Por essa altura, o microfone voltou a interessar-lhe. Mario Ernani procurou a Rádio Globo, em cujo prefixo permaneceu por curto espaço de tempo. Eis quando a Tamóio, interessada em completar seu quadro de locutores, ofereceu-lhe uma vaga. Na PRB-7, o nosso biografado desempenha o cargo de locutor e rádio-ator, participando de todas as novelas. Agora mesmo está desempenhando o papel de Januário, em "A vida começa amanhã", trabalho de Caspary.



MARIA Luíza Landim, cartaz internacional que a Rádio Mayrink Veiga está apresentando, é a maior expressão do "broadcasting" mexicano, no dizer da crítica desse país amigo. Intérprete das bonitas composições de Agustín Lara, sua voz fascina, tal a delicadeza de que é dotada. Com atuação brilhante nas grandes emissoras sul-americanas, sua vinda à nossa terra prende-se a vantajoso contrato com uma das boites locais, onde todas as noites a bonita cantora faz desfilar as sentimentais composições do cancionero azteca. Maria Luíza Landim possui inúmeras gravações de sucesso, algumas das quais conhecidas em nosso país. É ela uma seria rival das grandes vozes mexicanas que nós já conhecemos, inclusive da famosa Elvira Rios. Tendo participado de algumas películas, nem por isso se interessou pelo cinema. Sua preferência recaiu no rádio onde, segundo afirma, pode dar maior expansão à sua atividade artística. Mexicana de nascimento, começou sua carreira artística em plena juventude através da mais importante estação azteca. Logo sua voz chamou a atenção dos radialistas que, ávidos por novas "estrelas", lhe garantiram a desejada oportunidade para triunfar. Hoje, com seu nome projetado além fronteiras, Maria Landim vive a existência que sonhara, difundindo as músicas de seu país em terras estranhas, inclusive nas do Brasil.

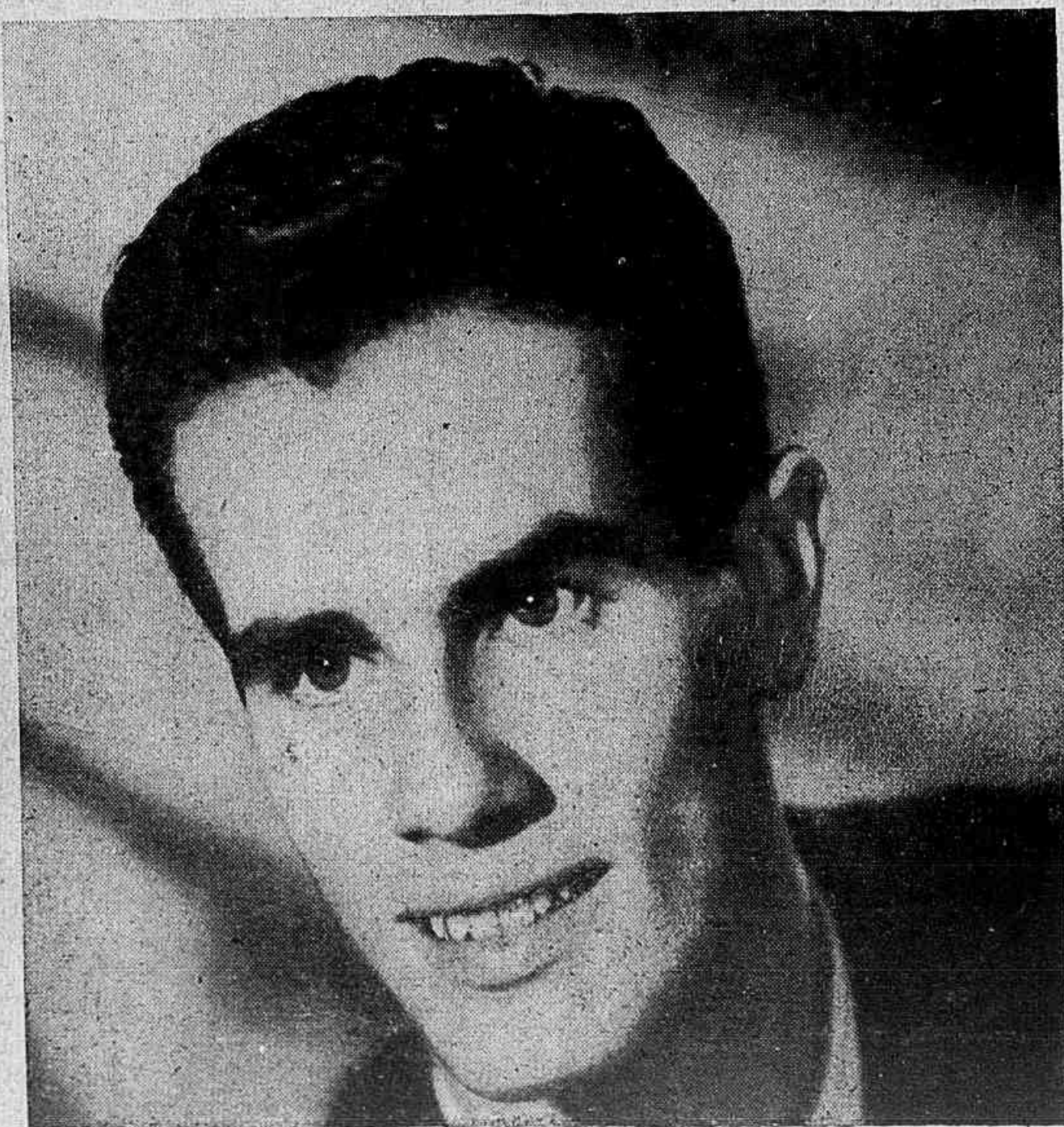
GENTE DE RADIO

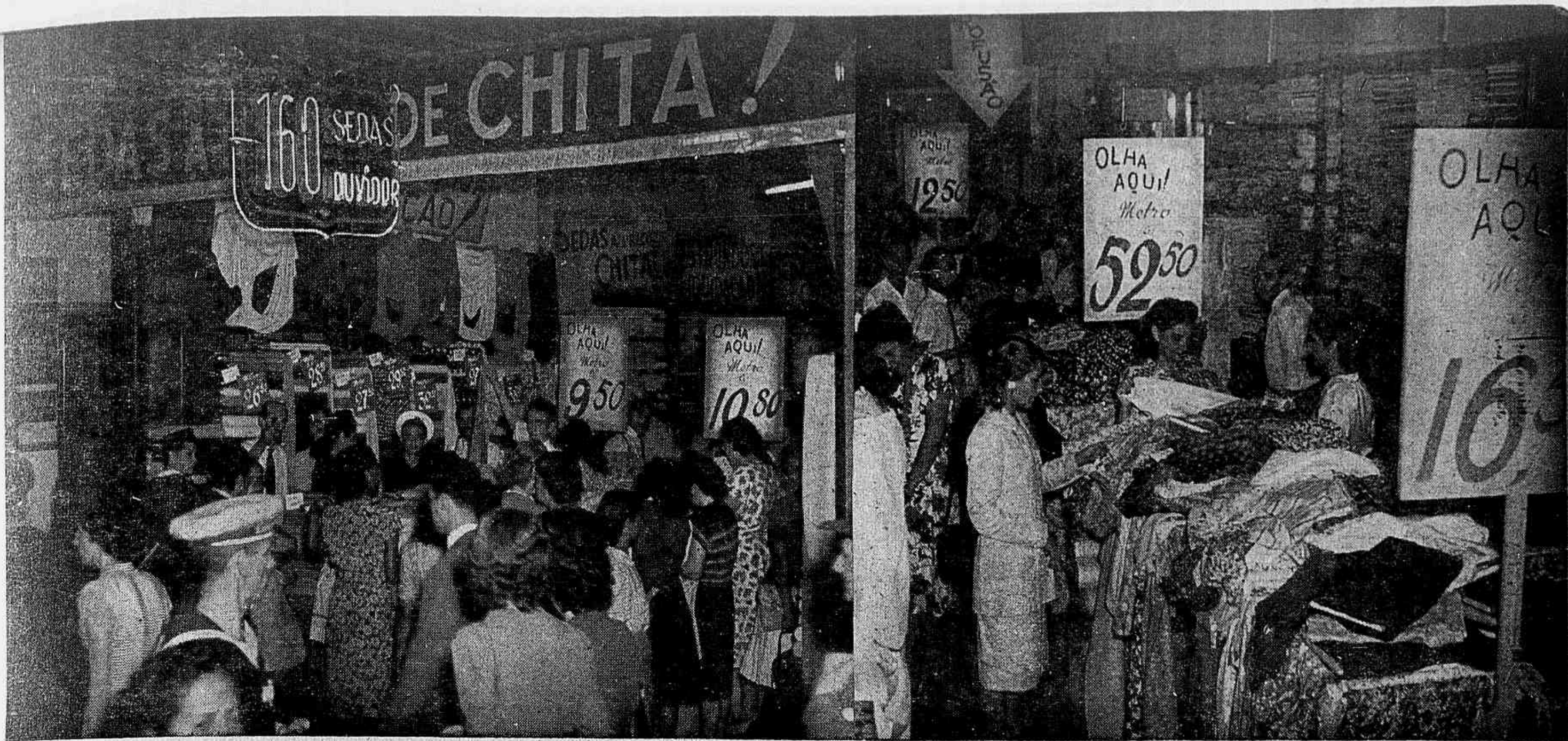
DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

JOSE Maria Campos Manzo, locutor dos jornais falados da Rádio Globo, nasceu na cidade de São João Nepomuceno. Com dezessete anos de idade fez seu debut radiofônico, dirigindo os programas da Rádio Sociedade Ubaense. Nessa emissora permaneceu até vir para o Rio. Aqui chegando, tratou de travar conhecimento com o "broadcasting" carioca. Foi feliz nesse empreendimento, uma vez que a PRE-3 logo se interessou por seu concurso, confiando-lhe a tarefa de informar aos ouvintes os principais acontecimentos do dia. J. M. Campos, antes de enfrentar o microfone, exerceu funções de escriturário numa importante empresa. Sua vocação, porém, era outra. Daí, seu completo alheamento às tarefas que lhe confiavam. Nosso biografado interessava-se mais pelas apresentações feitas por Aurélio de Andrade, Mario Mansur e outros do que propriamente pelas escritas comerciais... Presentemente, o exclusivo da PRE-3 está com 20 anos, pois nasceu a quatro de maio de 1927. Possui o curso científico e continua a estudar, uma vez que deseja possuir um diploma. Sua grande ambição, no momento, é trabalhar como rádio-ator. Afirma não ter fatos curiosos em sua carreira artística, desconhecendo, também, o que seja uma grande emoção. É muito estudioso, aproveitando o tempo que lhe sobra na leitura de bons livros. Gosta de cinema e aprecia os bons espetáculos teatrais.

HERIBERTO Muraro, pianista exclusivo da Rádio Mayrink Veiga, é um dos maiores propagandistas da música popular brasileira. Artista cômico de suas obrigações para com o público, suas realizações ao microfone PRA-9 sempre mereceram a aceitação unânime dos ouvintes. Criador de interessantes programas musicais, Muraro impôs-se à admiração de todos, grangeando a simpatia de quantos com ele têm a felicidade de privar. Conhecido nos principais centros artísticos sul-americanos, preferiu radicar-se no Brasil a viver em sua terra de origem: a Argentina. Hoje, com enorme cartaz no "broadcasting" nacional, tendo seu nome ligado a diversas iniciativas culturais, Muraro prepara-se para mostrar aos portugueses, tudo quanto de belo existe em nossas melodias populares. É que o apreciado pianista foi contratado pela Companhia Eva Todor para tomar parte na temporada que a mesma levará a efeito no país irmão. Assim, após vitoriosa excursão pelo "hinterland" brasileiro, onde teve oportunidade de exibir sua arte, Muraro segue para a Europa, precedido de enorme prestígio. Ao microfone da Mayrink Veiga, entre outros programas, lançou "Quadrinhas Musicais" que nos revelou o cantor Ciro Monteiro. Manteve ainda "Rapsódias Musicais" e fez interessantíssimos arranjos. Pertenceu a importante casa editora de músicas e escreveu várias composições.





DEFENDENDO OS INTERESSES DO POVO

NINGUÉM desconhece as dificuldades de toda a ordem com que defronta o nosso povo — mercê da crise que assoberba o mundo de após guerra. Assim, num momento em que tudo ou quase tudo sobe astronômicamente, aumentando dia a dia as aflições da população — são sempre recebidas com simpatia e entusiasmo as iniciativas, quer sejam partidas do governo ou de particulares que dizem respeito ao barateamento da vida. Por isso mesmo, chamou a atenção da reportagem, ávida sempre de novidades, a efusiva propaganda de uma casa de sedas da rua do Ouvidor, denominada "Sedas Ouvidor", anunciando para o dia 16 do corrente o início de uma sensacional venda, prometendo em seu slogan "sedas a preços de chita". Seria possível? Ou era apenas propaganda? Saímos em campo. A rua do Ouvidor vibrava, como todos os dias, com aquele formigueiro humano, no vai e vem que a tornou a mais movimentada artéria da cidade. Em frente ao número 160, onde está instalada a casa em questão, grande massa procurava uma brecha para penetrar em seu interior. A custo, também conseguimos o nosso objetivo, que era chegar, entrar, observar e contar após aos nossos leitores. Um caixeiro, solícito, atende simultaneamente a duas freguesas e ainda vem ao nosso encontro:

— Então, já escolheu?

A nossa resposta, que estávamos apenas olhando, agradece e corre a atender outros clientes. A conhecida casa, no seu interior, apresenta aspectos dos mais agradáveis à vista, pois a multiplicidade das padronagens e das cores tornam o ambiente festivo e alegre. São centenas de côrtes, milhares de metros de seda bonitas e sugestivas, esperando o agradável momento de serem vendidas e transformadas em belos vestidos que encherão de encantos a mulher carioca...

Incontestavelmente, "Sedas Ouvidor" com a sua magnífica venda, está contribuindo de maneira eficaz e patrioticamente para o barateamento da vida, e para minorar o sofrimento do povo, que afinal de contas precisa vestir-se, como necessita alimentar-se!

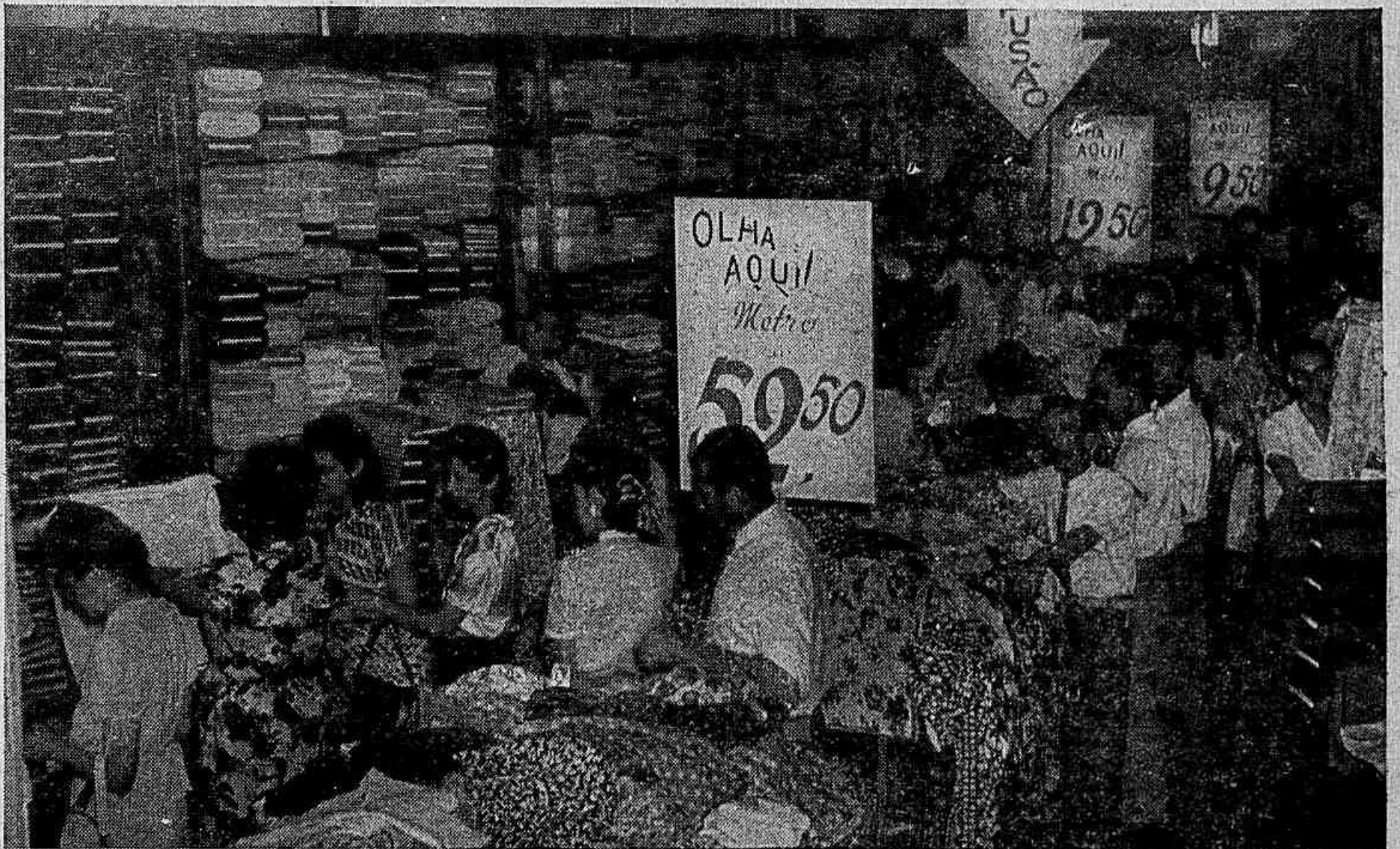
Ainda no interior de "Sedas Ouvidor", a reportagem ia observando detalhes interessantes do movimento. Senhoras e senhoritas na sua maioria, superlotavam o estabelecimento. E naquelas fisionomias lia-se o contentamento e a satisfação de que estavam possuídas. Afinal, que alívio, que coisa sumamente boa, poder comprar o que se deseja e necessita, sem grande dispêndio. O marido, naturalmente, irá ficar satisfeito com os "milagres" da esposa... o que o levará a pensar que nem tudo estava perdido neste mundo de Deus. Uma senhora, que estava ao nosso lado, escolhia a sua fazenda, e ouvimos quando disse entusiasmada:

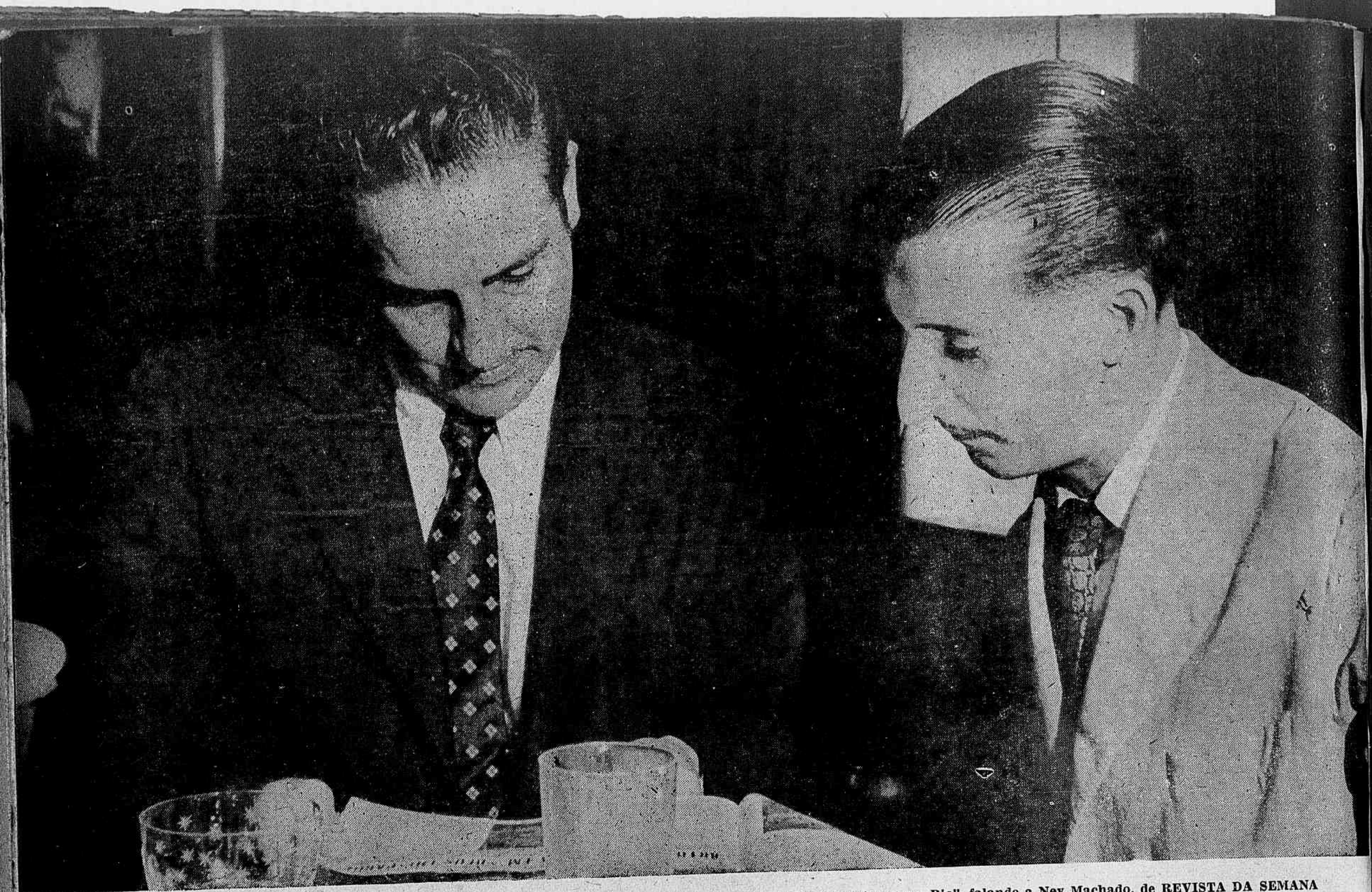
Sou fã de todas as liquidações. Comprar barato é comigo. Mas, por estes preços, nunca vil

Era a voz do povo reconhecido a um estabelecimento comercial que em verdade estava demonstrando interesse pelo bem estar desse mesmo povo. E, concluindo, podemos dizer sem medo de errar: Sim, vimos, ali, sedas a preço de chita!

★

As gravuras que ilustram esta página dão aos nossos leitores uma idéia aproximada de como foi recebida e está sendo aproveitada pela população desta cidade a maior das liquidações de tecidos de seda de que temos memória.





Em cima: Arturo de Cordoba, o "astro" do cinema continental, protagonista de "Deus lhe pague" e de "Passaporte para o Rio", falando a Ney Machado, de REVISTA DA SEMANA e de A CENA.

ARTURO de Cordoba está presente-mente no Rio. Tem a mesma estampa que estamos acostumados a ver nos filmes. Alto, moreno, bonito. Mas, em pessoa, é muito mais simpático. Não tem pôse e a sua cordialidade é sincera. Uma entrevista com o artista mexicano, que veio filmar cenas de "Passaporte no Rio", transforma-se em pouco tempo num bate-papo agradável em que o repórter responde mais do que pergunta. Essa facilidade de penetrar nos interesses e no ponto de vista do in-

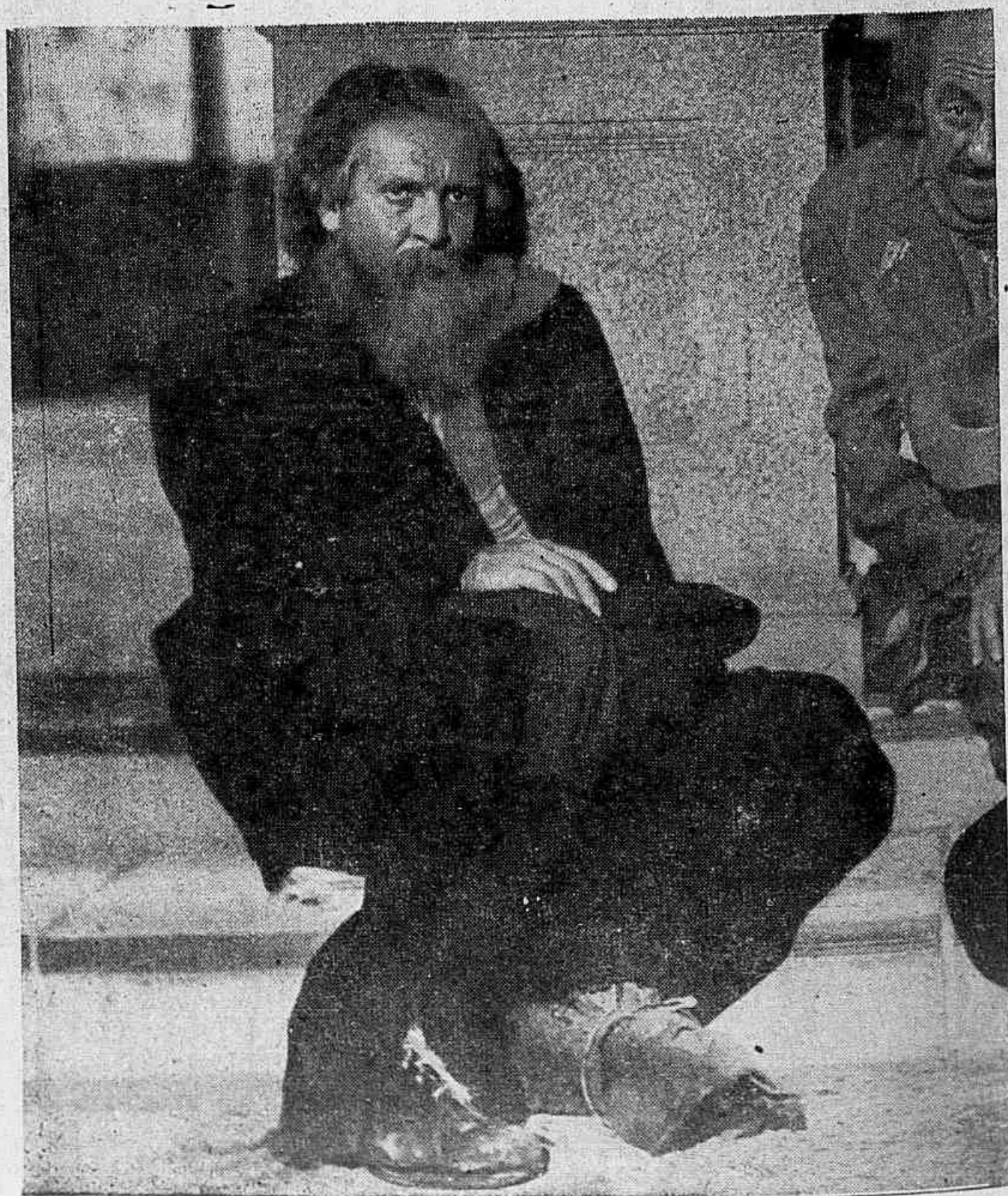
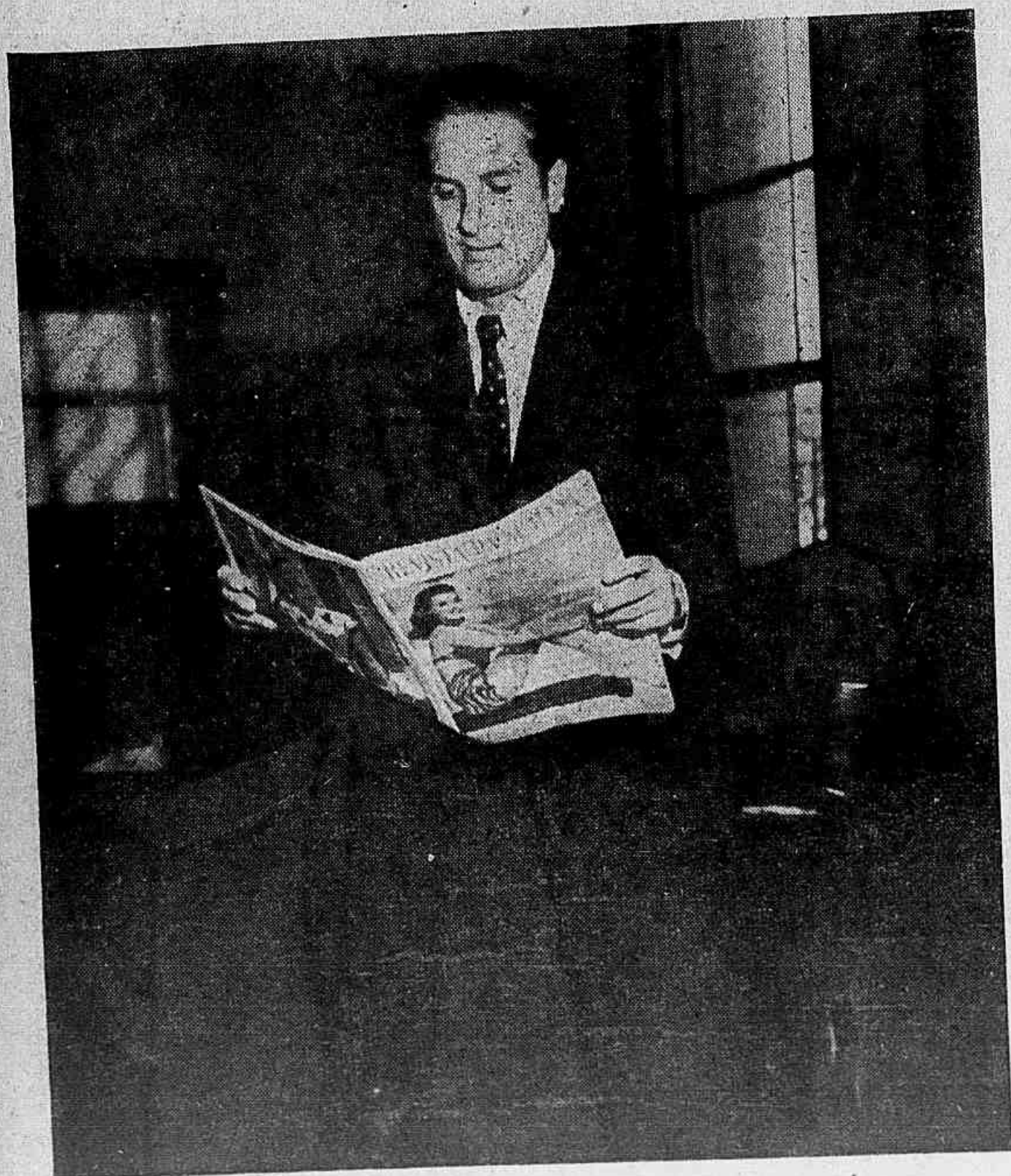
ARTURO DE CORDOBA NO RIO!

O intérprete de "Deus lhe pague" diz que vai deixar de ser ator! — Lembra sua passagem no Rio, em 1929, como jornalista — Como conheceu e se entusiasmou por Carmen Miranda — Ele quer sol, mas não todo o dia — Ficará fã de Oscarito? — Sua nova atividade dentro de dois anos

Reportagem de NEY MACHADO

terlocutor, Arturo de Cordoba, conquistou-a, com certeza, nos tempos em que foi jornalista itinerante da United Press. E conservou muita coisa do seu temperamento de repórter. É curioso e, aparentemente, interessa-se por todos os assuntos da conversação. Não fala, nem entende somente de cinema. Já esteve em tantos emprêgos que chegou ao ponto de conhecer um pouquinho de cada coisa. Quando nós chegamos, mostramos-lhe o número da REVISTA DA SEMANA do ano passado no qual publica-

Em baixo: à esquerda: Arturo de Cordoba vendo, na REVISTA DA SEMANA, a reportagem publicada sobre "Deus lhe pague"; e, à direita, no papel do mendigo da famosa peça de Joracy Camargo.



ramos uma rápida reportagem sobre o filme que acaba de terminar na Argentina, "Deus lhe pague", extraído da peça do mesmo nome de Joracy Camargo. Arturo de Cordoba analisou a reportagem como entendido em jornalismo, fez algumas observações justíssimas e disse por fim, olhando para uma sua fotografia:

— Não há muita sinceridade nesta expressão. No celuloide está bem melhor.

CARMEN MIRANDA APARECE

Como a conversa não segue um ritmo determinado, passamos do filme para Carmen Miranda. Arturo de Cordoba abre um largo sorriso e recorda:

— Você tem uma patricinha encantadora. Prende a gente à primeira vista. Lembro-me bem da primeira vez que a vi pessoalmente. Dançava uma noite no "Mocambo", quando ouvi uma voz desconhecida que me dizia em bom castelhano: — Alô Arturo, como te vês? Olhei e vi uma morena de olhos grandes a me sorrir. Não sabia quem era. Quando parei de dançar perguntei a um meu amigo. — Quem é aquela pequena? Ele me olhou espantado. — "Não sabes? É Carmen Miranda, a "brazilian bombshell"! Isto aconteceu em 1943. Fomos apresentados na mesma noite e desde então temos sido amigos inseparáveis. Quando parti para a Argentina, senti que Carmen estivesse em Miami. Se pudesse vê-la antes do embarque ela teria muitos recados para mandar. Ela não se esquece do Rio nem dos cariocas...

ESPERANDO O SOL DO RIO

Arturo de Cordoba acabara de almoçar na "boite" do Hotel Serrador. Pediu-nos que o acompanhássemos à varanda. Quando viu o sol e o céu azul, que sucederam a um dia chuvoso, ele nos disse:

— Quanto mais sol houver nos próximos dias, menos me demorei no Rio.

Pedimos que nos explicasse a charada e ele traduziu:

— Logo que terminei "Deus lhe pague" a mesma companhia argentina contratou-me para fazer um novo filme, com Mirtha Legrand. Arranjei permissão de Hollywood e iniciamos a filmagem. Chama-se "Passaporte para o Rio" e tem todos os exteriores filmados aqui nesta cidade. Se o tempo ajudar, em dez dias os operadores darão pronto o trabalho. Como estou gostando da terra, um ou outro dia de chuva não seria nada mau...

O intérprete de "Galvota Negra" conta-nos mais ou menos o que será o filme. O enredo é policial e as aventuras entre bandidos e "sherlocks" passam-se em Buenos Aires e no Rio. No dia em que o entrevistamos, ele filmaria várias cenas no aeroporto Santos Dumont, documentando o desembarque do "mocinho". Também a Praia Vermelha aparecerá na película e, além dos exteriores que serão tomados no local, todo o interior da "boite" Casablanca está sendo construído nos estúdios argentinos. É este o primeiro filme de enredo policial que Arturo de Cordoba fará e ele tem confiança no êxito razoável da película, pois já ficou comprovada a boa direção da companhia que o contratou com o sucesso do filme anterior. A este respeito ele nos conta:

— O filme "Deus lhe pague" foi estreado no dia onze deste no Cine Grand Rex, de Buenos Aires. Não tive tempo de assistir a "premiere", mas soube pelos jornais platenses que a acolhida do público e da crítica foi entusiástica.

ELE VAI COM OSCARITO

A uma pergunta nossa, ele confessa:

— Não, não conheço o cinema brasileiro. É esta a primeira vez que visito realmente o Brasil. Em 1929 desembarquei no Rio, apressado, quando ainda trabalhava como correspondente da United Press. Não tive tempo de conhecer a cidade. Creio que agora vou conhecer muita coisa do que Carmen Miranda tanto fala.

E depois, pergunta-nos interessado:

— O primeiro filme brasileiro que pretendo assistir é a produção carnavalesca "E com este que eu vou". Dizem que o comico Oscarito é engraçadíssimo, como o Cantinflas mexicano. Verdade? O samba já conheço há muito tempo. Verei agora como vocês o aproveitam no cinema.

Nós queríamos fazer umas observações a Arturo de Cordoba. Desculpar o

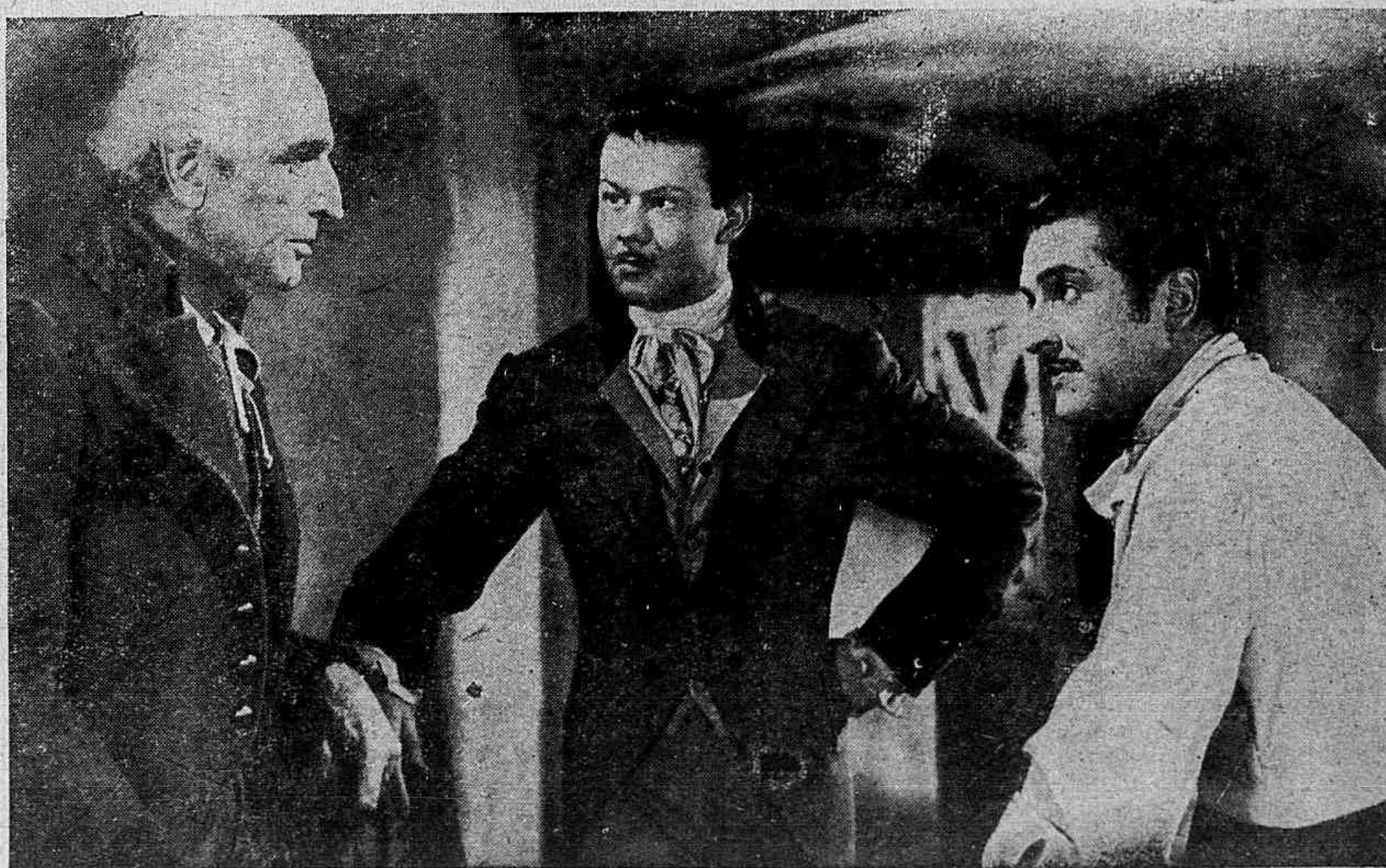
(Continua na pág. 48)



Arturo de Cordoba e Dorothy Lamour em "A morte de uma ilusão".



Arturo de Cordoba e Joan Fontaine, em "A galvota negra".



Arturo de Cordoba, com Turhan Bey e Pedro de Cordoba em "Casanova aventureiro", um dos seus últimos filmes em Hollywood.

O DESCOBRIDOR MUDA DE POUSO...

OS HEROIS NÃO DEVEM SER DESALOJADOS

Por BERILO NEVES

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

lombo. Os reis católicos de Espanha estavam, agora, de posse de um mundo inteiro: o *Mundus Novus*, de Vespúcio. Os discípulos de D. Henrique, os rijos vencedores do cabo Tormentório, os impávidos decifradores dos mistérios atlânticos, precisavam realizar proeza digna da que pusera por obra o emissário feliz de Fernando e Isabel. A Europa, sentindo abrirem-se-lhe aos pés os mistérios da oceanos, farejava novas terras, com o apetite secular das raças conquistadoras e ambiciosas... A África ainda era um ponto de interrogação negro, a meio caminho das fabulosas Índias. As Cruzadas, facilitando o tráfego dos mercadores e aproximando do Ocidente católico o Oriente misterioso, tinham aberto a rota das grandes conquistas e apressado o fim das velhas instituições feudais. Restava, aos lusos, o caminho dos mares — já agora alumiado pela bússola, instrumento de Deus para uso e gozo dos homens... A bússola tinha, dentro de si, o segredo dos acontecimentos futuros. A luz pálida das estrelas já não bastava a traçar rumo às naus do século XVI que mal se iniciara... A corte de D. Manuel fervilhava de nautas improvisados, que traziam, nas mãos cheias de mapas e desenhos náuticos, a oferenda magnífica de novos reinos... O século de Camões abria-se como uma flor dos tempos, pejado de prognósticos felizes, de profecias deslumbrantes...

Foi em meio às esperanças cíclicas do dealbar da centúria que Pedro Álvares Cabral pôs a proa das suas naus a caminho da Índia... Inda que se não prove o propósito de descobrir terras novas, certo é que a armada vinha composta em estilo deveras pomposo, ajazada de riqueza, provida de homens, de armas, e até acautelada com um escriba que poria em crônicas os eventos que ocorressem... Portugal mandava, ao fazer História, um historiador digno dos fastos previsíveis... Pero Vaz Caminha foi o nosso primeiro escritor; o anotador fiel dos nossos esplendores, o inventariante exato dos nossos recursos... Aquela carta é a «certidão de batismo da pátria» — como lhe chamou um homem eminente... Cabral era, de si, fidalgo de alta linhagem. A excelência do desco-

brimento deviam juntar-se os méritos e prosápia dos descobridores. Homens de muito saber fraternizavam, nas naus cabralinas, com soldados de nobre experiência. Portugal mandava-nos a mais estupenda embaixada do século. A Providência assentava a mão na escritura de um dos seus misteriosos desígnios. Para descobrir meia dúzia de bugres não se fazia mister tal embaixada. Era a precência nacional dos grandes destinos do Brasil. A frota de Cabral traz em si mesma os atributos de uma embaixada eminente. Fomos despertados do nosso sono multi-secular, em meio das nossas florestas bravias, por uma plêiade notabilíssima de soldados, marinheiros, escrutadores de astros e apontadores de eventos... Pero Vaz Caminha é o cérebro literário da empresa. A sua «Carta» é um milagre de inteligência e observação. O «acaso» a que se reportam os compêndios históricos e geográficos é pseudônimo vulgar da Providência. Não há acaso na vida das nações. Há decretos de Deus, mal julgados ou mal entendidos dos homens...

Eis as considerações que evoca o povo no assistir à transposição compulsória da estátua do descobridor. Inaugurada ao celebrar-se o quarto centenário do Descobrimento, ela teve, ao erigir-se, como penhor e caução, a palavra de homens eminentes, que lhe asseguraram estabilidade honrosa pelos séculos dos séculos... Nem meia centúria era passada, e já lhe fazemos andar às costas de carregadores, aos pedaços, como versos estrofiados de uma ode maravilhosa... A estátua parece ter perdido um pouco da sua dignidade neste despêjo urbano, nesta fuga imprevista... Não se compadece, com a idéia da imortalidade, o princípio das mudanças... Os heróis, como os santos, requerem altares de onde não os desalojem, nem os séculos sucessivos nem os intuitos passageiros... Não há culpar o povo pelo sentimento de tristeza com que vê decretar-se o exílio do grande almirante de D. Manuel o Venturoso... Esta mágoa, esta estranheza, provam apenas que na alma das nações as grandes verdades se estratificam e adquirem, por vezes, a serenidade histórica do bronze ou a perpetuidade natural do granito...

AO LADO — A estátua de Cabral, que desapareceu do lugar. EM BAIXO — O local em que vai ficar o descobridor...

A mudança da estátua de Pedro Álvares Cabral comoveu a cidade. O verem-se no chão aqueles signos históricos evocativos da epopeia de 1500, filtrou no ânimo do povo a tristeza que segue às injustiças... Não é que a mudança não revestisse motivos ponderosos, nascidos do desejo de benfazer ao público: é que as estátuas têm o seu lugar nas cidades, assim como os heróis possuem o seu assento nas crônicas. Monumentos são como retratos feitos para a eternidade: devem lograr a estabilidade própria e privilégios irrecusáveis... O pendão que guiou as naus do almirante que ia às Índias não devia, nunca, rojar no pó das ruas. Fora trabalho talhado em bronze para viver nas alturas. Como as imagens, a bandeira do Portugal quinhentista só estaria bem na eminência, no topo de um mastro, no cimo de uma coluna, na pedra santa de um altar... Por isso, o povo assistiu melancolicamente ao despêjo do descobridor... Em verdade, não era um monumento que se mudava: era uma idéia a que se punham mãos profanas. O largo da Glória era dele, por coincidência de nome e justiça de fato. Pode ser que o conservem nalgum canto da praça, mas o melhor é que o almirante lhe ocupasse o centro, para ser visto de todos, e de todos admirado e louvado...

Cabral ia às Índias — na maior e mais vistosa expedição que já se vira partir do Restelo. A pompa do embarque; a grande cópia dos homens de armas; a presença do rei; as bênçãos da Igreja — tudo fora feito em estilo grandiloquo, como se se estivesse escrevendo o prólogo do mais belo capítulo da história de Portugal. Estava descoberto, por Vasco da Gama, o caminho marítimo das Índias. Um novo mundo acabara de enfeudar-se à coroa de Espanha, mercê do gênio e previsão de Colombo. Vespúcio impugnara ao genovês a crença de que se acabava de descobrir a face ocidental do reino de Prestes João, ou das Índias lendárias da Meia Idade. O tratado de Tordesilhas, dividindo geometricamente o futuro, aguçara o apetite dos reis e a ousadia dos navegantes. Depois da viagem épica de Gama, Portugal não lograra realizar façanha comparável à de Cristóvão Co-



DOIS CINQUENTENÁRIOS

PEREGRINO JUNIOR E RIBEIRO COUTO HOMENAGEADOS NO SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

UM duplo cinquentenário no nosso mundo intelectual se verificou a 12 do corrente, dando ensejo a que fossem festejadas as personalidades de Peregrino Junior e Ribeiro Couto, ambos escritores ilustres e membros da Academia Brasileira de Letras. Peregrino Junior recebeu de seus amigos um quadro de Cândido Portinari, que lhe foi entregue durante a recepção que o autor de "Histórias da Amazonia" e sua esposa, D. Wanda Peregrino, ofereceram à sociedade carioca. Ribeiro Couto foi lembrado em todos os suplementos literários, em artigos de Odylo Costa, filho, Afonso Arinos de Melo Franco, Raul Lima e outros. Na festa em casa de Peregrino Junior, Ribeiro Couto foi também lembrado. Depois de discursos sérios de Austregésilo de Athayde, Augusto Frederico Schmidt e drs. Arnaldo de Moraes e Deoclides de Carvalho, falou em tom humorístico. R. Magalhães Junior, intérprete dos sentimentos de dois clubes sem estatutos, e do Jantar dos 13 e os Peregrinos (estes com reuniões tôdas as segundas-feiras, à hora do almoço, na A. B. L.). Foi assim que R. Magalhães Junior falou sobre o duplo cinquentenário:

No dia 12 de março de 1898, duas distintas senhoras, uma em Santos, outra no Rio Grande do Norte, davam ao Brasil em hora talvez igual, dois meninões morenos, cujo destino muito havia de se enredar, em terras do Rio de Janeiro. A senhora do Rio Grande do Norte disse: "Bem, este vai se chamar João", com o que o pai concordou. A senhora de Santos, talvez, quisesse que seu menino também fosse João. Ouço-a dizendo: "Tem que ser João". Mas o pai, republicano recente, ainda inflamado das lutas civis, teria retrucado: "João, coisa nenhuma! Tem que ser Ruy, em homenagem ao senador Barbosa".

Assim foi, mas estava escrito que esses dois brasileiros repudiariam seus nomes próprios, um não querendo ser João, muito cheio de personalidade, o outro talvez achando que Ruy também já era demais... Já foi como Peregrino Junior, apenas, que o moço do Rio Grande do Norte aportou ao Rio, depois de ter comido no Pará mangas da praça Batista Campos e almoços do Angione Costa. O outro moço veio, também, para o Rio, — e eis que se deu, nas mesas de jornais ou em outros lugares igualmente suspeitos, o encontro deles dois. Um poeta, escrevendo já os versos do "Jardim das Confidências", as elegias às rapariguinhas doentes e às moças das estações pobres, e o outro numa coluna de mundanismo, a "azer os comentários da Vida Fútil", também um bocadinho poeta, namorando liricamente as cariocas e o Rio. Enquanto Peregrino Junior se tornava médico, Ribeiro Couto, não podendo segui-lo, ficava doente, em ligação com a medicina, cantando a canção de Manuel Bandeira, esse papa do modernismo, a quem não só Couto, mas Drummond e Jorge de Lima rendem tributo.

"Já fui sacudido, forte,
De bom aspecto, sadio,
Como os rapazes do esporte..."

dizia o menino Ruy. E queixava-se, depois disso, dos seus males. Mas é dos tais que entram em conchavos com a doença, para que sigam vivendo para sempre... E, enquanto isso, vai livro, vem livro. Livros dos dois e, por vezes, de contos, — novo encontro, — tão diferentes, mas de tanto sabor, uns de frutas silvestres, outros de plantas plantadas...

"O meu mal é um mal antigo.
Aos dezoito anos de idade
começou a andar comigo..."

queixava-se o menino Couto. Mas, além desse mal insidioso ainda havia um outro mal, comum aos dois, um mal que a ambos roía por dentro. Esse mal era a

loucura pela farda, não a de major, tão lindamente conquistada pelo mano Umberto do menino João, nem a de ministro plenipotenciário, que o menino Ruy um dia haveria de conquistar. Não! Essa era a farda de almirante em seco, a farda com que todos nós sonhamos tirar ao menos um retrato, — a gloriosa farda de membro da Academia Brasileira de Letras. Torcíamos, os amigos de ambos, pela entrada de um deles, na esperança de que esse, uma vez lá dentro, logo logo puxasse o outro. Chegou a vez do menino Ruy, que entrou sob os aplausos da nossa brava torcida. Eramos, todos os seus amigos, verdadeiros Pascoalões Carlos Magnos, fazendo escarcéus pró-Couto. Se ele não entrasse, fecharíamos a Academia!

Já acadêmico, continuou ele a fazer conosco alegres loucuras, — ah! mocidade! mocidade... — sem desdenhar sequer uma linda gafeira carnavalesca ao ar livre, onde dansávamos com as nossas parselhas com uns ares de calceiros em férias, mas calceiros loucos, meio surrealistas, tendo comido melancias partidas ao meio e usado o resto como capacetes de um pretense exército vegetariano. Desafiando a superstição contra o dia 13, criamos outra superstição, a dos jantares nos dias 13, presididos de início pelo menino Ruy, que teve como sucessor o menino João, chefe consentido de uma tribo de arrabuzeiros das letras e das artes. O desafio ao dia 13, nasceu da convicção de que os dois meninos irradiavam boa sorte. O treze esgalhou-se nos Peregrinos, internacionalizados com a introdução de embaladores da Patagonia pelo Souza Brasil e de falsos príncipes poloneses pelo Barros Pimentel. Uma coisa nos afligia, a certa altura das nossas vidas: a ausência do menino Ruy e a despresença do menino João na Academia. Daqui, gritávamos: "Vamos, Joãozinho! Anda! Acerta o passo! Entra!" João entrou. Ficamos felizes. Ruy continuou a entoar o canção do ausente, ralado de saudades, nas terras do marechal Tito. Bastos Tigre diria que ele está de malgrado em Belgrado. Eu e os de nosso grupo só pedimos uma coisa: que o Brasil, com essa mania de cortar relações aqui e ali, corte-as um dia com a Iugoslávia, — e um dia bem cedo, para termos no dia 12 de março de 1949 a festa dos dois meninos, como a de São Cosme e São Damião, os devotos se dividindo entre os dois. Movimentemos o cordão do "morra Tito", para ver se o teremos de volta, — e então, de viva voz, poderemos dizer a ambos:

— Bravos ao menino João!
— Bravos ao menino Ruy!

Em cima: Peregrino Junior. Em baixo: Ribeiro Couto. Muitas coisas em comum... O dia do nascimento, a vocação literária, a loucura pela farda da gloriosa Academia Brasileira de Letras...



MATEO FALCONE

PARTINDO de Pôrto-Vecchio por noroeste e dirigindo seus passos para o interior da ilha, o viajante notará que a terra se eleva rapidamente, e, depois de caminhar três horas por caminhos tortuosos, obstruídos por grandes massas de pedra e, por vezes, cortados de ravinas, encontrar-se-á na orla dum grande máquis. O máquis é domínio dos pastores corsos e daqueles que não estão em paz com a justiça. Convém saber que, a fim de se poupar o trabalho de estrumar a terra, o lavrador corso põe fogo a um pedaço de floresta. Se as chamas se espalham para lá da sua propriedade, tanto pior! De qualquer modo, terá a certeza de fazer uma boa colheita da terra adubada pelas cinzas das árvores queimadas. Colhe apenas as espigas, deixando a palha, que daria um trabalho desnecessário para cortar. Na primavera seguinte, as raízes que o fogo não destruiu enviam para o ar tufo de rebentos que em poucos anos atingem de dois a dois metros e meio de altura. É esse tipo de mato emaranhado que chamam um máquis. Compõe-se de diversas espécies de árvores e mato, tão apinhados e entrelaçados ao capricho da natureza que só de machado na mão um homem pode abrir caminho através dele, e máquis há frequentemente tão espessos e emaranhados que o próprio cabrito montês é incapaz de penetrar.

Se você matou um homem, vá para os máquis de Pôrto-Vecchio. Com uma boa espingarda e bastante pólvora e balas, poderá viver aí em segurança. Não se esqueça dum capote pardo, munido dum capuz, que lhe servirá de manta e colchão. Os pastores lhe darão castanhas, leite e queijo, e você não terá nada a temer da justiça nem dos parentes do morto, salvo quando tiver necessidade de descer à cidade para se reabastecer de munição.

Quando estive na Córsega, em '18... Mateo Falcone tinha sua casa a meia légua destes máquis. Era bastante rico para o lugar, vivendo em nobre estilo — isto é, sem fazer nada — dos rendimentos de seus rebanhos, que os pastores, que são uma espécie de nômades, levavam a pastar aqui e além pelas montanhas. Quando o vi, dois anos depois do acontecimento que vou relatar, pare-

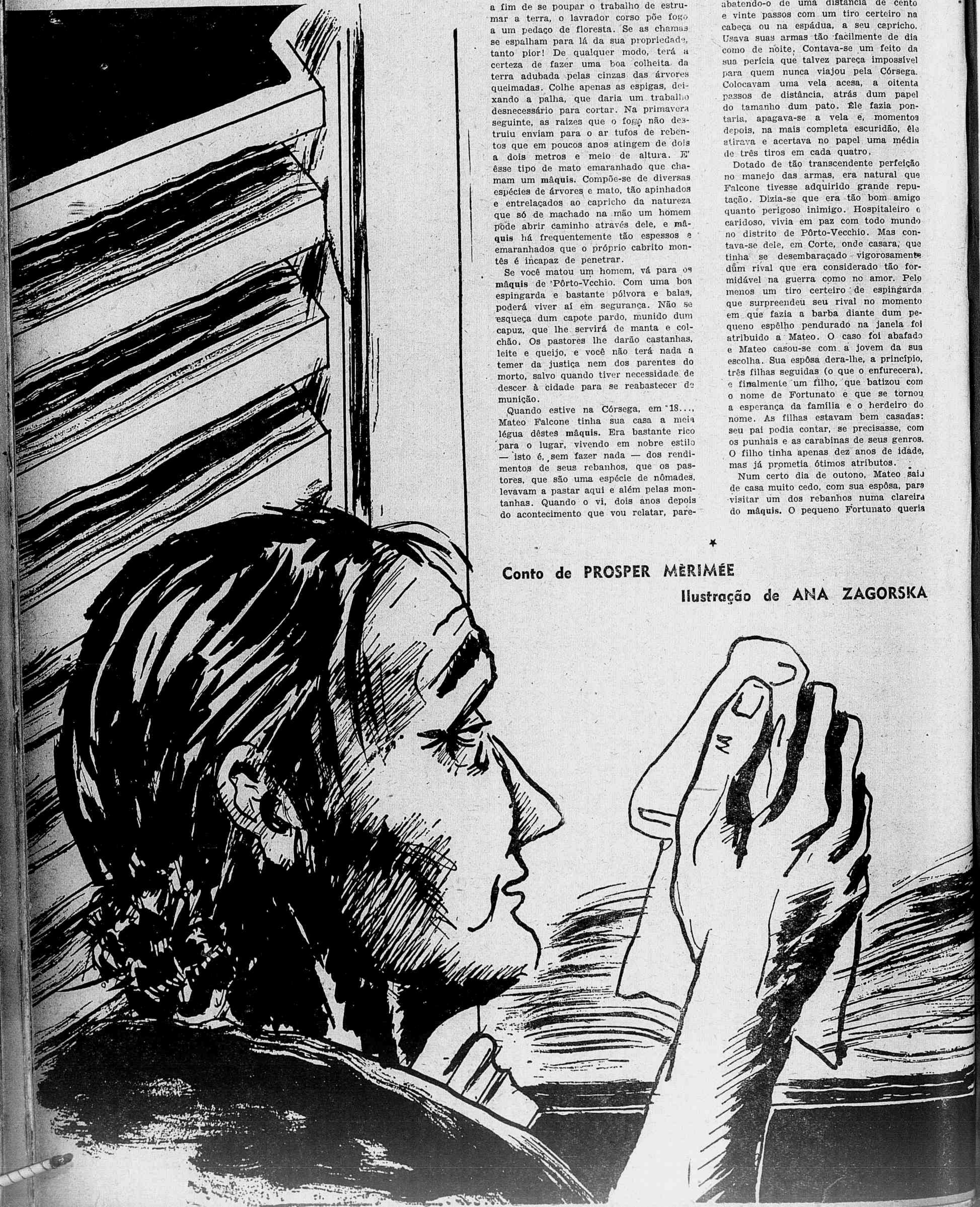
ceu-me ter cerca de cinquenta anos ou mais. Imaginem um homem pequeno, mas robusto, com o cabelo crespo, negro como azeviche, nariz aquilino, lábios finos, grandes olhos inquietos e uma pele da cor do couro curtido. Sua perícia como atirador era considerada extraordinária mesmo na sua terra, onde são tão comuns os bons atiradores. Por exemplo, Mateo nunca alvejara um cabrito montês com chumbo, mas só com bala, abatendo-o de uma distância de cento e vinte passos com um tiro certo na cabeça ou na espádua, a seu capricho. Usava suas armas tão facilmente de dia como de noite. Contava-se um feito da sua perícia que talvez pareça impossível para quem nunca viajou pela Córsega. Colocavam uma vela acesa, a oitenta passos de distância, atrás dum papel do tamanho dum pato. Ele fazia pontaria, apagava-se a vela e, momentos depois, na mais completa escuridão, ele atirava e acertava no papel uma média de três tiros em cada quatro.

Dotado de tão transcendente perfeição no manejo das armas, era natural que Falcone tivesse adquirido grande reputação. Dizia-se que era tão bom amigo quanto perigoso inimigo. Hospitaleiro e caridoso, vivia em paz com todo mundo no distrito de Pôrto-Vecchio. Mas contava-se dele, em Corte, onde casara, que tinha se desembaraçado vigorosamente dum rival que era considerado tão formidável na guerra como no amor. Pelo menos um tiro certo de espingarda que surpreendeu seu rival no momento em que fazia a barba diante dum pequeno espelho pendurado na janela foi atribuído a Mateo. O caso foi abafado e Mateo casou-se com a jovem da sua escolha. Sua esposa dera-lhe, a princípio, três filhas seguidas (o que o enfurecera), e finalmente um filho, que batizou com o nome de Fortunato e que se tornou a esperança da família e o herdeiro do nome. As filhas estavam bem casadas: seu pai podia contar, se precisasse, com os punhais e as carabinas de seus genros. O filho tinha apenas dez anos de idade, mas já prometia ótimos atributos.

Num certo dia de outono, Mateo saiu de casa muito cedo, com sua esposa, para visitar um dos rebanhos numa clareira do máquis. O pequeno Fortunato queria

Conto de PROSPER MERIMÉE

Ilustração de ANA ZAGORSKA



ir com eles, mas a clareira era muito distante; além disso, era necessário que alguém ficasse para tomar conta da casa. Por conseguinte, o pai recusou. Já veremos se ele teve ou não razão para se arrepender.

Tinham-se passado algumas horas, e o pequeno Fortunato estava tranquilamente estendido ao sol, olhando para as montanhas azuis e pensando que no próximo domingo iria jantar na cidade com seu tio, o caporal, quando foi subitamente interrompido em suas meditações pelo disparo de um mosquete. Levantou-se e olhou para o lado da planície de onde viera o estampido. Outros tiros se seguiram a intervalos regulares e cada vez mais perto. Por fim, no caminho que conduzia da planície à casa de Mateo, apareceu um homem com o chapéu pontudo dos montanheses, barbudo, coberto de trapos e caminhando com dificuldade apoiado à espingarda. Acabava de receber uma bala na coxa.

Aquêle homem era um fugitivo da justiça que, tendo ido à cidade de noite para comprar pólvora, ao descer as montanhas, tinha caído numa emboscada preparada pela infantaria ligeira corsa. Após uma vigorosa defesa, teve a sorte de bater em retirada, seguido de perto e fazendo fogo de rocha em rocha. Mas levava pouca dianteira aos soldados e o ferimento impediu-o de alcançar o miquis antes de ser alcançado.

Aproximou-se de Fortunato e disse:

— És filho de Mateo Falcone?

— Sou.

— Eu sou Gianetto Saupiero. Estou sendo seguido pelos golas amarelas. Esconde-me, pois não posso ir mais longe.

— E que dirá meu pai se eu o esconder sem a sua permissão?

— Dirá que fizeste bem.

— Como é que o senhor sabe?

— Esconde-me rapidamente. Eles vêm aí.

— Espere até que meu pai volte.

— Como vou esperar? Maldição! Eles chegarão aqui dentro de cinco minutos. Vamos, esconde-me, senão te mato.

Fortunato respondeu com o mais absoluto sangue frio:

— Sua arma está descarregada e não há mais cartuchos no seu cinturão.

— Tenho o meu estilete.

— Mas poderá correr tanto como eu?

E deu um salto, colocando-se fora do alcance do bandido.

— Tu não és filho de Mateo Falcone! Deixarás que me capturem diante da tua casa?

O rapaz pareceu comovido.

— Que me dará se eu o esconder? — perguntou, aproximando-se um pouco.

O bandido procurou numa bolsa de couro que lhe pendia do cinturão e tirou uma moeda de cinco francos, que certamente havia guardado para comprar munição. Fortunato sorriu à vista da moeda de prata. Arrancou-lha da mão e disse:

— Nada tema.

Imediatamente fez um grande buraco numa grande pilha de feno que havia

perto da casa. Gianetto agachou-se aí e o garoto cobriu-o de maneira que pudesse respirar, mas disfarçando de tal modo que ninguém pudesse suspeitar de que ali se ocultava um homem. Pensou melhor ainda e, com uma habilidade surpreendente para a sua idade, colocou uma gata com os gatinhos sobre o monte de feno, para que não parecesse que fora remexido recentemente. Então, notando o rasto de sangue no caminho perto da casa, cobriu-o cuidadosamente com poeira e, feito isto, voltou a estender-se ao sol com grande tranquilidade.

Alguns momentos depois chegaram à porta de Mateo seis homens de uniforme pardo com gola amarela, comandados por um ajudante. Este ajudante era um parente distante de Falcone. (Na Córsega os graus de parentesco são acompanha-

(Continua na pág. 43)





Em cima: duas cenas da comédia "Cabeleireiro de Senhoras", de Paulo Orlando, levada à cena no Teatro Rival pela Companhia Mesquitinha, Natara Ney, que aparece nesses dois flagrantes, não quer saber do cabeleireiro Edgard (Mesquitinha), preferindo dar bolas a um estranho (Fernando Villar).

"CABELEIREIRO DE SENHORAS" NO CARTAZ DE MESQUITINHA

UMA COMÉDIA EM QUE HA' FÍGAROS ÀS VOLTAS COM DAMAS NERVOSAS E EMPREGADAS ROMÂNTICAS



MESQUITINHA é um comediante de grandes possibilidades. Iniciou-se na comédia, brilhantemente, ao lado de Dulcina de Moraes e de Iracema de Alencar, no antigo Trianon, dando a comédia norte-americana "Escândalo na Broadway". Desde então, embora por vezes tenha estado no teatro de revistas, no cinema, no rádio e nos "shows" de cassinos e "night-clubs", tem voltado periodicamente a fazer comédia. Com uma companhia de que era a primeira figura, ao lado de artistas como Alma Flora, Manuel Pera e Mário Salaberry, percorreu grande parte do país, levando em seu repertório peças de Carlos Bitencourt, José Wanderley, Daniel Rocha, Mário Lago, Miguel Santos, R. Magalhães Junior, Armando Gonzaga e outros, além de várias traduções. Há um ano, reorganizou sua companhia, com o concurso da atriz Natara Ney, que pertenceu ao elenco de Dulcina de Moraes e colaborou na interpretação de "A comédia do coração", de Paulo Gonçalves, vindo ocupar o Rival.

E é nesse teatro que se encontra de novo, agora apresentando também em seu elenco Telmo Faria, Carlos Tovar, João Martins, Lélia Verbena, etc. Tendo estreado com "O folgado", de Armando Gonzaga, Mesquitinha presentemente apresenta seu segundo cartaz da temporada, a comédia "Cabeleireiro de senhoras", firmada por Paulo Orlando, que já fez nome, especialmente no teatro musical. Trata-se de uma comédia sem grandes pretensões artísticas, mas oferecendo excelentes oportunidades ao emprêgo dos excelentes dotes histriônicos de Mesquitinha, que faz rir aos espectadores com suas aflições e dificuldades amorosas. No papel de um "coiffeur pour dames", Mesquitinha realiza uma caracterização singular, como um amoroso sempre rechaçado em suas investidas. A comédia começa e acaba dentro de um salão de beleza, de um desses cabeleireiros elegantes que são o terror dos maridos econômicos. O cenário desse salão está interessante e ajuda a caracterizar muito bem o ambiente.



A esquerda: Natara Ney e Fernando Villar, em uma cena da comédia "Cabeleireiro de Senhoras", em cena no Rival, há já duas semanas, em apresentação de Mesquitinha e seus artistas.



Aqui estão quatro cenas movimentadas da comédia "Cabeleireiro de Senhoras", em que Mesquitinha, comediante de grande popularidade no teatro, no cinema e no rádio, tem um novo e interessante trabalho. Faz ele o papel do cabeleireiro Edgard, que se torna insubstituível para algumas de suas freguesas, tal a delicada leveza de suas mãos... Edgard não é apenas um cabeleireiro; é também um coração ardente, sequioso de amor... Em cima, à esquerda: Mesquitinha, Natara Ney e Lélla Verbena; à direita: Ielda Romano, Mesquitinha e Jean Geny. Em baixo: Mesquitinha, Jean Geny e João Martins; à direita: Mesquitinha e Natara Ney.





Heloisa Helena, a encantadora atriz do nosso teatro de comédia, mais elegante do que nunca, desempenha um dos principais papéis de "O Tigre", a peça de estréia de Sarah Marques, uma nova autora que surge em nosso teatro com qualidades para vencer. Aqui está ela sendo truculentamente amordaçada pelo "Tigre" que não é outro senão o ator Jayme Costa.

REVELAÇÃO DE UMA NOVA AUTORA DRAMÁTICA

SARAH MARQUES FEZ, COM "O TIGRE", UMA ESTRÉIA BASTANTE PROMISSORA, NO TEATRO GLÓRIA

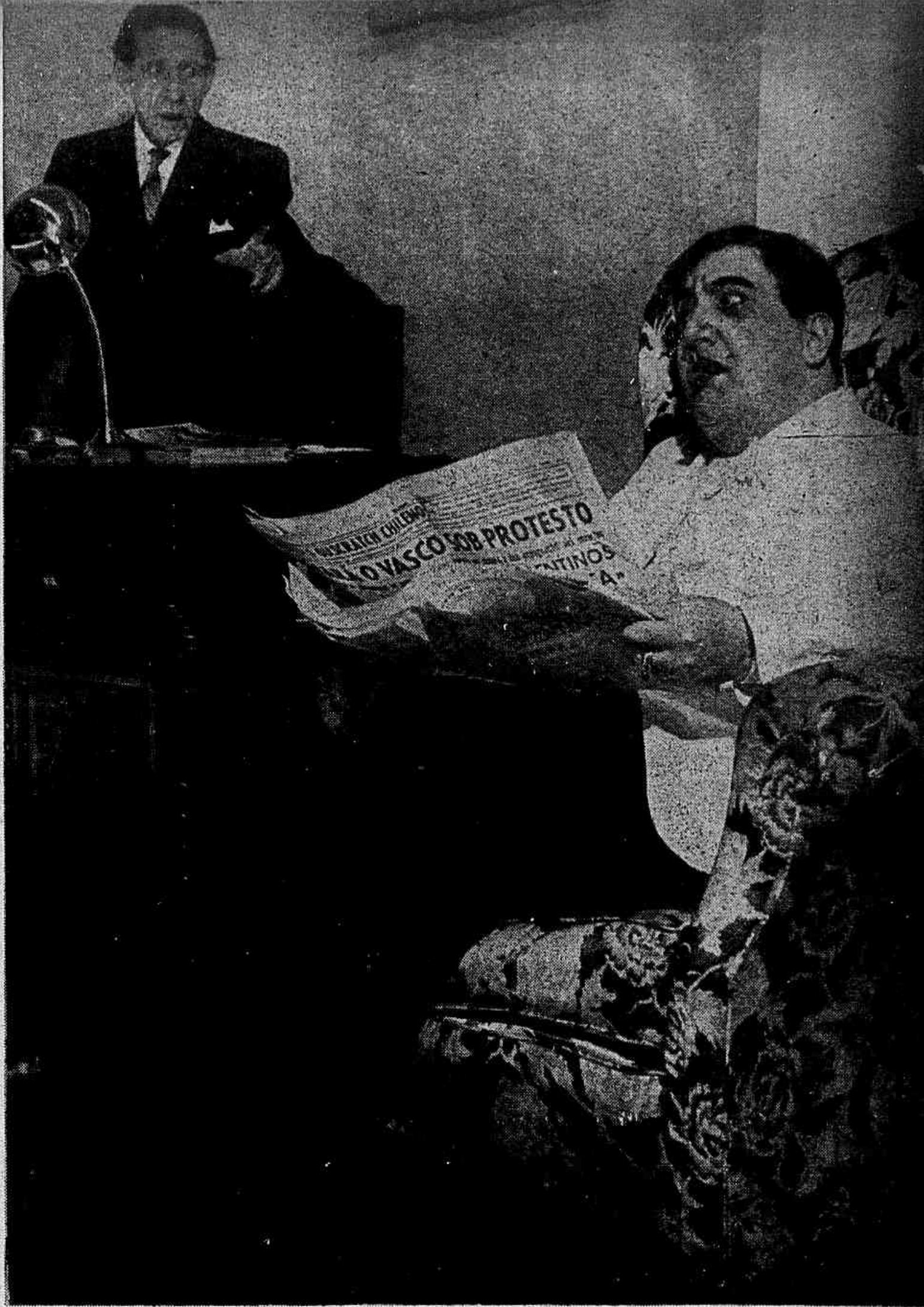


SARAH MARQUES, uma jornalista de renome firmado através de reportagens nervosas, cheias de vivacidade, de interesse e de brilho, algumas das quais publicadas em nossas próprias colunas, fez sua estréia há dias, no Glória, como autora dramática. E essa estréia foi bastante promissora, tendo-se em conta que a autora pela primeira vez se ensaiava no mais difícil de todos os gêneros literários. Faltando-lhe o conselho da experiência e, ao mesmo tempo, prescindindo de direção literária o elenco que apresentou sua obra de estréia, intitulada «O Tigre», ressentiu-se esta de algumas imperfeições que não precisariam ter vindo a público, como, por exemplo, certos monólogos e apartes, que um bom diretor de cena teria tido o bom gosto de suprimir, — embora aos que fazem o noviciado no teatro tudo aquilo tenha o ar de descobertas e de novidades. Impossível seria, no entanto, negar-se talento à autora, que não só tem o que dizer, como ainda revela inequívoca vocação para o teatro. Sua peça tem uma construção dramática interessante e há nela algumas

cenas de tal efeito que, por vezes, se tem a impressão de que se está diante do trabalho de um autor experimentado. A história de «O Tigre» tem feito romanesco, com algumas tiradas patéticas e um tom geralmente satírico. Não há muita diferença entre o protagonista da peça e qualquer dos «malfeitores de bem» das gestas de vários países: os Robin Hood, os Dick Turpin, os Fra Diavolo, etc. A impressão que se tem é a de que Sarah Marques, com seu inequívoco talento jornalístico, viu no rumoroso caso de «Zé da Ilha», tão fartamente explorado pelas seções policiais de nossa imprensa, possibilidades dramáticas que haviam passado despercebidas aos nossos autores dramáticos profissionais. «O Tigre», da peça, é um ladrão bom, que furta dos ricos para dar aos necessitados, que salva lares ameaçados de desmoronar, que defende a honra de donzelas em risco de se transviarem, — é, em suma, com toda sua ferocidade, muito melhor do que os que não assaltam a mão armada, mas matam os outros pela fome e pelo «câmbio negro».

★

Apesar dessa catadura sinistra e dessa arma que empunha, o «Tigre», terror da cidade, é um coração de manteiga. Preocupa-se mais com a vida dos outros do que mesmo com a sua. Quer vingar-se, mas hesita. É um cruzamento de Lampião com Robin Hood, de Dom Quixote com Edmundo Dantès. Na página à direita — O «Tigre» em ação em plena alta sociedade, disfarçado em criado, contracenando com Déa Selva, Heloisa Helena, Delorges, Aristóteles Pena e outros



Um amor de cura com outro

AINDA não lhes disse como minha vida se entrelaça e é, por assim dizer, arquitetada em parte por minhas duas maiores amigas Júlia e Laura.

Afinal, só elas são as culpadas... ou antes, eu estou pagando... Bem, vou tentar rememorar para que vocês possam entender meu caso.

Júlia é alta e robusta, de uma beleza que dá um certo medo e respeito, é campeã de natação, e fala grosso. Laura é gordinha e feia, mas ela se considera uma pequena irresistível e fala revirando os olhos e fazendo trejeitos com a boca. Se ainda não casou é culpa exclusiva de seu convencimento tolo; eu por mim não tenho culpa disso, é lógico.

Ah! É verdade, quase ia-me esquecendo de mim mesma: afinal, sou a protagonista do drama ou comédia de minha simples existência, a qual, aliás, tem um valor tremendo para mim, por tratar-se da «minha vida».

Sou «mignon» de tipo, delicada, dizem que bonitinha, de olhos pretos e vivos e cabelos louros e anelados. Todos pensam que sou tão delicada, mas poucos sabem que desde criança, por insistência de meu pai, aprendi o jiu-jitsu, que ele classificava como a melhor arma de defesa para uma mulher. Guardo isso como um segredo profundo. Homem nenhum havia de gostar de uma mulher lutadora, e eles em geral admiram minha fraqueza aparentemente gentil...

Certa vez, em um pique-nique, tive de dar um golpe inevitável em João Chaves, meu ex-colega e namorado de ginásio, o qual ficou tão espantado e mortificado em seu amor-próprio que graças a Deus nunca chegou a contar a ninguém o caso, mesmo porque as condições não lhe foram lá muito favoráveis!

Mas isso tudo nada tem a ver com a história.

Assim, ia eu vivendo minha vidinha de solteira esperançosa. Esperava, como todas minhas amigas, é claro, encontrar um dia o futuro marido, que fosse bonito, rico e romântico. Ainda estava eu em idade de querer tudo isto junto. Ah, doces 17 primaveras!...

Júlia não ligava tanto; queria divertir-se o mais que pudesse e no fim, quando cansasse, agarrar um que fosse rico.

Laura, essa já naquele tempo só almejava uma coisa na vida: ter um marido. Hoje em dia creio que até um pé-rapado, pavoroso, lhe serviria, tal seu desespero de causa. Mas isto também fica para depois.

Frequentávamos, pois, as festas

elegantes, os chás de caridade, as corridas de cavalo, enfim tudo o que fosse diversão lá estávamos as três, firmes e dispostas a namorar em busca do «ideal».

Júlia, no entanto, foi avançando o sinal de mais pela sede que tinha de prazer. Já não selecionava tanto companhias: ia a muitos lugares onde nós outras não pensaríamos em aparecer por preconceitos de classe.

Laura, embora muito mais velha, mantinha então um rígido código de moral. Eu oscilava como um pêndulo entre as duas, que se antagonizavam em polos opostos e conciliava as discussões. Júlia divertia-me por suas doidices; Laura, com sua póze de mais velha, era-me necessária.

Uma noite, ou antes, uma tarde, apareceu-me Júlia em casa. Por coincidência, Laura estava tomando chá comigo. Mamãe fôra a um chá de caridade.

— Que bom encontrá-las juntas! — exclamou, jogando a boina sobre uma poltrona e refestelando-se em outra. — Vim convidá-las para uma festa ma-ra-vi-lho-sa em Santa Teresa, hoje à noite.

— Não posso, Júlia — respondi. — Não preparei vestido nem nada, e depois não tenho vontade nenhuma de ir a festas hoje.

— Vamos — entusiasmou-se Laura, que era verdadeiro pão-de-ló de festas. — Quem sabe se...

— Já sei que vão rapazes alinhadíssimos — disse ainda Júlia, a qual conhecendo o ponto fraco de Laura não deixava de nele malhar.

— Tem uns dois que sei de fonte segura estão loucos para casar.

Afinal convenceram-me.

Quando mamãe chegou contei-lhe o convite de Júlia, que aliás citara um nome de família muito conhecida na alta roda, possuidora de maravilhosa vivenda com parque, piscina, etc.

Obtido o consentimento, vesti-me com apuro e aguardei a chegada das duas.

Júlia apareceu com Laura e um certo rapaz de nome Ernesto, nosso antigo conhecido de praia, desses que são puros amiguinhos. Tomamos o caro e lá fomos.

Mas estranhei o caminho. Em vez de Santa Teresa rumamos para as bandas da Tijuca. Quis protestar, porém Júlia explicou que a tal festa fabulosa fôra adiada e fomos a uma outra, na casa de um ex-colega da Faculdade.

Fiquei desconfiadíssima e infelizmente foram certos meus palpites... Numa ruazinha estreita havia muito barulho de música e gente de «se-

reno» apreciando uma casinha modesta, onde muitas pessoas debruçadas às janelas olhavam por sua vez a rua. Era ali.

Entramos. Não sou «snob», longe disso, mas quando sou convidada para uma festa num palacete e termino num lugar completamente diferente, já fico com certa raiva, não sei bem por que.

Minha gente! Umas caras que nunca havíamos visto na vida, povo bom e simples, coitado, mas decididamente não era da «roda» a que estávamos acostumadas. Foi uma sensação nossa entrada. O tal rapazinho amigo de Júlia veio receber-nos com muito espalhafato, dando um abraço violento em Júlia, a qual, risonha, correspondeu, e logo apresentou-nos a todos.

Na sala exígua, os móveis tinham sido afastados e a gente se comprimia, dançando ao som de uma jazz desafinada que vinha do quarto contíguo. A música era composta de um piano, uma flauta e um saxofone. Os músicos, suados, faziam um barulho ensurdecedor.

Havia um cheiro de brilhantina barata no ar. Almofadas vistosas e bordadas a missangas coloridas ornavam as cadeiras onde as mocinhas aguardavam a vez de serem «tiradas». Os rapazes na varanda espiavam com caras importantes.

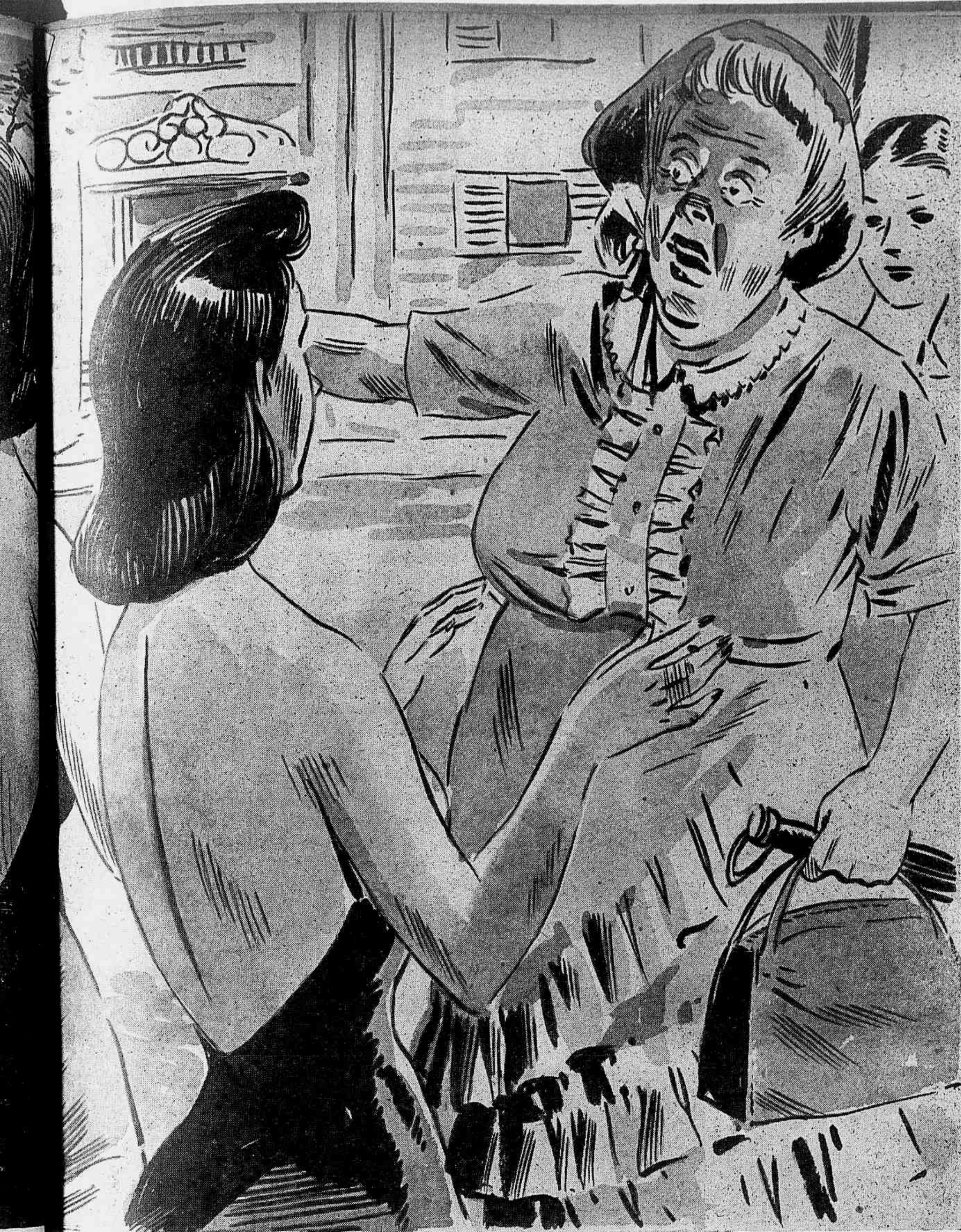
No quarto de vestir nem tivemos tempo de despojar-nos à vontade de nossos agasalhos, pois uma dezena de moças viera observar-nos de perto. «São as granfinas», comentavam.

Tive ímpetos de sair correndo, mas não sabia mesmo como voltar dali. Júlia já dançava, risonha, com um moreno reforçado, com ares de «bo-xeur».

— «Senhorita, quer me dar o prazer?» — e lá fui eu rodopiar nos braços de um ilustre desconhecido que, para meu desespero, tinha as mãos calejadas e cheirava a cachaca, de longe, além de ser ainda mais baixo do que eu. Parecíamos dois batoquinhos!

Laura estava furiosa, podia-se ver na expressão, mas nem comentar a falsidade de Júlia consegui-





mos, pois não havia lugar para estarmos a sós! Nem ali consegui dançar muito. Não tinha sorte a pobre Laura, definitivamente. Tocaram uma conga e dançamos só nós três. Desta vez Laura também fôra «tirada», e todos nos olhavam; ninguém além de nossos pares ainda sabia a tal dança.

Já que ali estava, tratei de tirar partido da noite e dancei com todos e conversei sobre fábricas, carnaval... Procurei não sentir muito o cheiro penetrante da brilhantina barata de certos cabelos por demais alisados, e acabei, com as outras, tomando muito chopp na varanda e comendo sanduiches de goiabada.

Afinal, tendo achado um par melhorzinho conservei-o o resto da noite. A dona da casa, já meio tocada, sentou-se ao piano, desalojando o músico, e massacrava as teclas com vigor, o copo de chopp acompanhando-a de instante a instante.

Só imaginava minha mãe, tão elegante, vendo-me ali naquele meio. D. Rosinha, a dona da casa, veio conversar comigo num intervalo das danças, descansando os nossos ouvidos do maldito piano, o copo de chopp infalível balançando na mão.

— Festa de pobre, mas não falta animação!

— Está ótima — menti delicadamente.

— Pois fique sabendo que tenho uma filha que também quase, sabe? Quase casou com um ricoço de Copacabana. Meu sobrinho. Era simples estudante, mas de repente caiu-lhe às mãos uma fortuna herdada de um tio afastado, e ele, que namorava a menina desde criança, deu-lhe um bruto fora. Coitadinha, coitada de Marlene! Podia hoje ser também granfina, mas não faz mal, já está se consolando, de namôro ferrado com o caixeiro da venda do «seu» José, ali, olhe!.

E com o beijo protuberante apontou-me a filha. Essa, num vestido de veludo roxo, com fitas amarelas, num canto da sala, sentada de mãos dadas com um latagão feio de doer, olhava estupidamente para o ar.

Enfim, às duas horas acabou a festa, para minha imensa alegria, e o meu par constante deu-me seu cartão, que dizia: «Fulano de tal, doador de sangue».

No dia seguinte, Laura e eu fizemos uma jura solene de não mais

falar com Júlia. Uma semana depois desculpei-a. E duas semanas mais tarde Laura também fez as pazes com ela.

Afinal, era engraçada, e o que mais queria da vida era divertir-se, não obstando o lugar ou o meio.

Riu muito de nós e nem ligou a nossa zanga.

E a vida continuou com os passeios, a praia até às duas da tarde, o time de voleibol, os «flirts», o cinema...

Na verdade, eu também ajudava em casa um pouco — cozia, fazia bolos quando tinha visitas... Não era tão inútil assim, como mamãe vivia dizendo às amigas.

Foi quando minha vida subitamente tomou outro rumo.

Conheci na praia o homem mais maravilhoso deste mundo: alto, moreno, de olhos verdes, cabelos levemente ondulados, advogado, dono de possante automóvel e que — qualidade suprema! — queria casar comigo!

Laura ralou-se de inveja. Júlia achou ótimo. Mamãe nem ligou.

Apaixonei-me terrivelmente por João (este era o seu nome, João

Amaral) e comecei a preparar o enxoval.

Não havia dinheiro que chegasse. Um dia dei um chá para apresentá-lo a minhas outras amigas. Foi o dia em que ia dar-me a aliança de noivado.

Pela manhã — Oh manhã fatídica! — fui à praia encontrá-lo. Laura e Júlia apareceram na barraca! Já era tarde quando resolvemos ir para casa. Estávamos nos despedindo no passeio, quando vejo Laura chamando a atenção de Júlia para uma senhora que vinha espalhafatosamente vestida, toda de vermelho, sapatos vermelhos, sombrinha vermelha, gorda, requebrando-se, e Júlia, que rapidamente mudou o assunto, querendo a vivo transe fazer-nos atravessar a toda a brida a avenida.

— Por que tanta pressa? — perguntei, enquanto João, de costas, esperava que nos decidíssemos.

— Boa tarde, como vão as meninas? — e a tal mulher parou para falar.

Quem seria? Logo lembrei-me da dona da casa da Tijuca. Como explicar tal conhecimento a João? — pensei atrapalhada; mas verifiquei, com espanto, que ele já atravessara a rua e sumira com barraca e tudo, fugindo como o diabo da cruz.

— Lá vai o meu sobrinho João — disse a senhora, e gritava: — Ó João! Volte! Ande cá, seu ingrato!

— Seu sobrinho? — perguntei, atordoadas.

— Sim, o danado! Desde que deu o fora em minha rica Marlene fica assim: mal me vê, foge parece até que tem vergonha.

— Pois fique a senhora sabendo que quem devia ter vergonha era a senhora em ter um sobrinho tão ridículo — respondi-lhe. — Sua filha vale dez sobrinhos como João.

E fugi a chorar para casa.

Cancelei o chá, não mais respondi ao telefone. Mandeí João às favas. Laura ficou triste, mas vi que consolada em não ter eu me «amarrado» tão cedo, antes que ela tivesse sua «chance». Júlia, aquela pequena impossível, sabia de tudo e nada dissera, para não atrapalhar o rapaz e porque tudo para ela era divertimento. Era das tais amigas, sabem?

Ainda hoje me pergunto se foi melhor ou não ter ido à tal festa da Tijuca. Já perdoo Júlia.

Não é por ter medo, mas já tenho quase vinte anos, e preciso absolutamente casar-me, porque senão perco o enxoval, e quero mesmo casar antes de Júlia e de Laura, coitada desta!

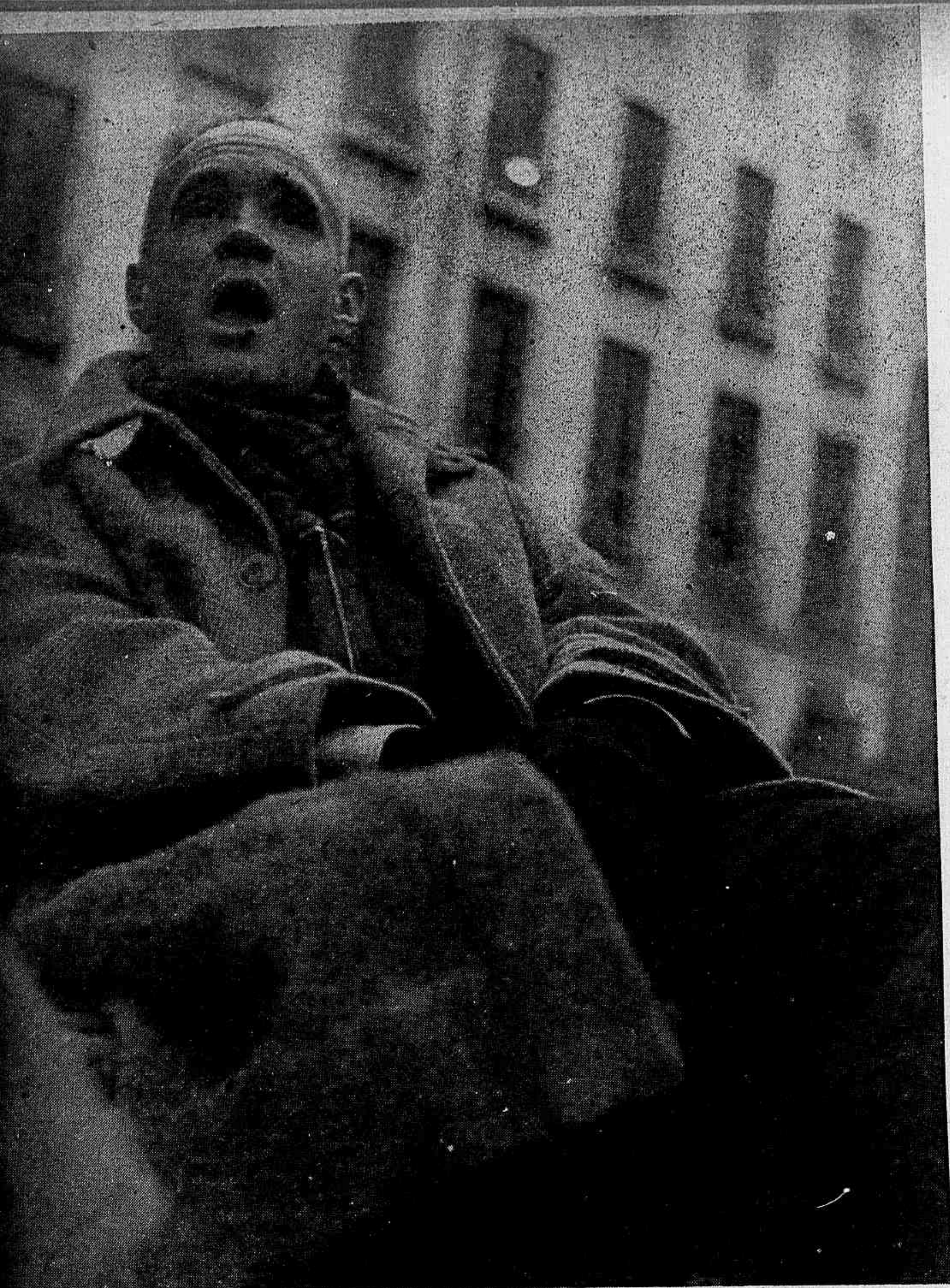
Ontem mesmo conheci um rapaz louro, de olhos pretos, meu tipo. Desta vez não aceito assim tão facilmente convites de festas de Júlia. Aliás, ela anda de namôro ferrado com um velho, sim, senhor, um velho de perto de cinquenta anos, mas riquíssimo. É o que ela quer.

Laura ainda nada.

Mamãe, sempre «antiga» e sem experiência da vida, diz que é melhor que eu me canse de namorar a torto e a direito, que tome juízo e case bem tarde para poder ser uma esposa assentada.

Se ela desconfiasse como eu estou «blasée» e desiludida dos homens!

Ah, meu Deus, o telefone! Deve ser o Marcos, o tal louro alinhado. Vou correndo já atender, meu coração bate tanto! Será que estou outra vez apaixonada?



O MAIOR DOS NO FRANCESES É U

JEAN GENET FAZ MAIS DINHEIRO HOJE COM A LITRA
SEUS FURTOS — FILIADO AO EXISTENCIALISMO. — R

Reportagem de ROMAIN LESAGE

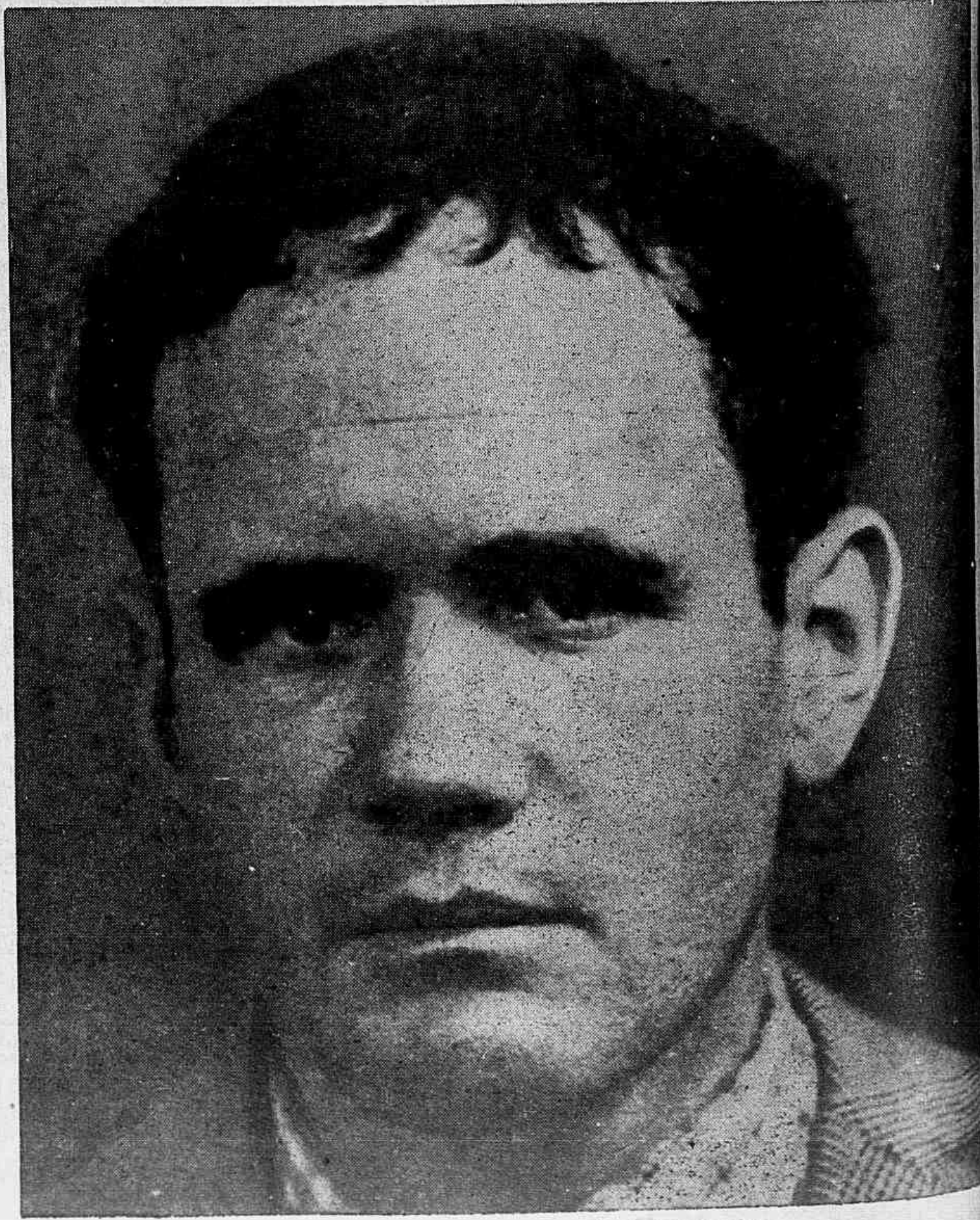
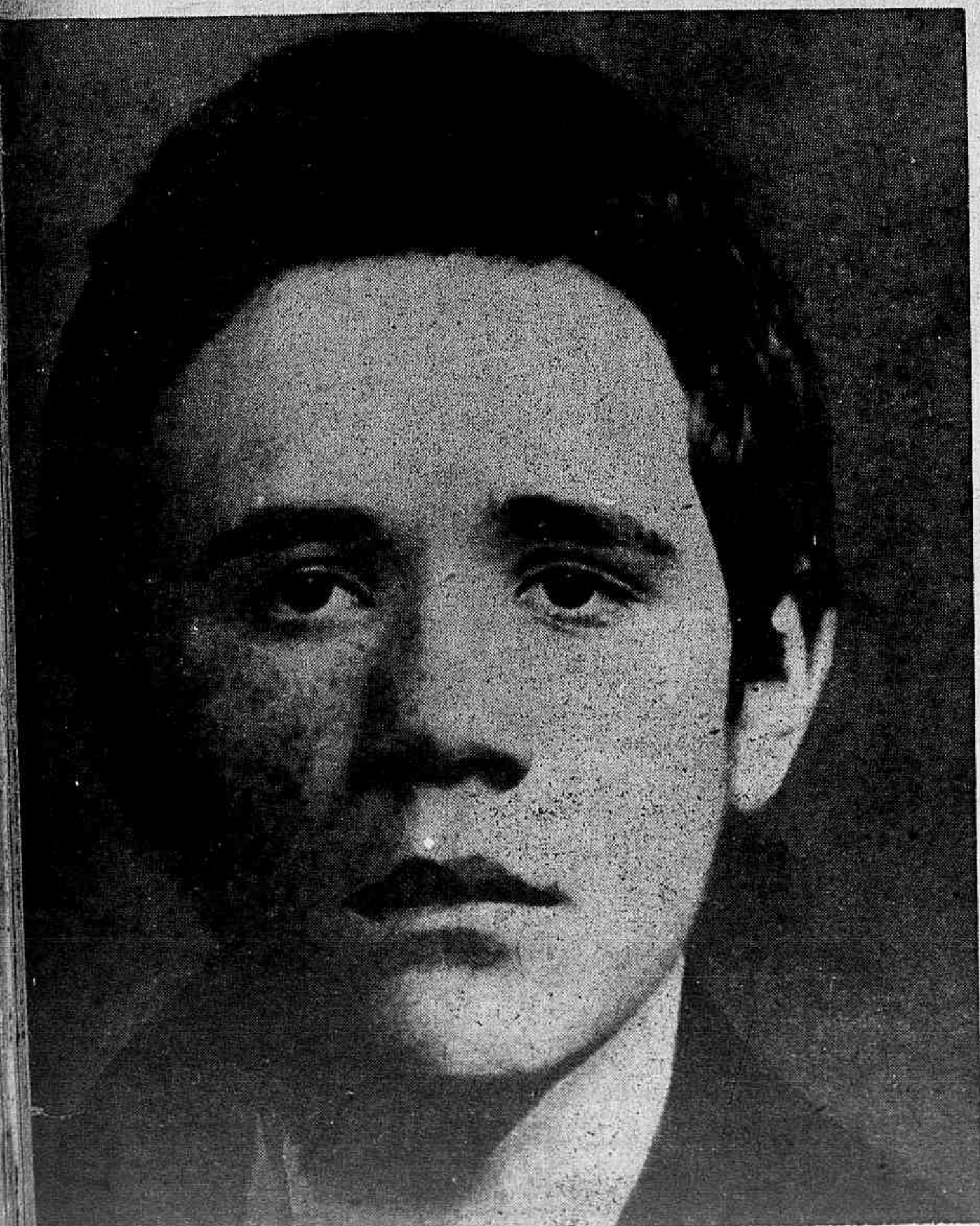
(O) escritor francês que mais dinheiro ganha presentemente com seus livros é um ex-presidiário, condenado mais de uma vez, — e por furto. Trata-se do poeta Jean Genet, autor da peça "Les Bonnes", representada no ano passado no Teatro Louis Juvet, e detentor do prêmio do La Pléiade de 1947. Jean Genet é uma personalidade curiosa, pela franqueza das suas confissões, de seus vícios secretos e de seus latrocínios. Tem ganho uma média de um milhão e meio de francos, com cada um dos seus livros, — e de nenhum deles foram tirados mais de quinhentos exemplares. Mas cada um deles tem rendido muito dinheiro, pois os exemplares são disputadíssimos e vendidos até no mercado negro! Jean Genet, considerado hoje por Jean Cocteau, Jean-Paul Sartre e Pablo Picasso como um dos maiores poetas franceses, escreve numa linguagem de insólita beleza. E não deve senão a seus surpreendentes dons literários o fato de não estar hoje dentro de uma das prisões em que tem passado a maior parte de sua vida.

Na verdade, ele não está em liberdade senão porque, um dia, na prisão, escreveu um poema tentando obter as simpatias de seus camaradas. Esse poema, que se chamava "O condenado à morte", chegou às mãos de Jean Cocteau e o famoso autor de "A Águia de Duas Cabeças" ficou estarecido

com a notícia de que um poeta de tanta fama e prestígio estava numa infecta prisão há dez anos que a sociedade o perseguia.

A justiça, é sabido, depois de ter considerado a obra de Genet, não tem uma consciência limpa. Mas Mondor o fez soltar, quando ele estava na prisão de Tourelles, escrevendo: "Não importa senão evitá-lo, os dons deste escritor".

Jean Genet, magro e pálido, com uma cabeça de pugilista depois de uma vida de prisão, nasceu em 1910, em Colmar, no Alsácia, filho de um soldado e de uma mulher de rua. Foi criado em um orfanato, depois em um asilo, guardador de vacas, e em 1935, presidiário aos 16 anos. Depois de passar por várias prisões, foi expulso da Europa através da Europa, expulsor da Legião Estrangeira, trabalhou na Jugoslávia, moedeiro na Hungria, cavalos na Albânia, batido de polícia na França, expulsos da Grécia, vendedor de mercado negro em Londres, uma existência cheia de aventuras e perigosas. Esse foi o homem que escreveu "Me des Fleurs" (Nossa Senhora das Flores), uma obra fantástica, mas autêntica, que lembra as tragédias gregas. Genet crevê-la era preciso que ele fosse preso.



NOVOS POETAS UM LADRÃO!

LITERATURA DO QUE JAMAIS SONHOU FAZER COM
— REPRESENTADO NOS TEATROS DE PARIS

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

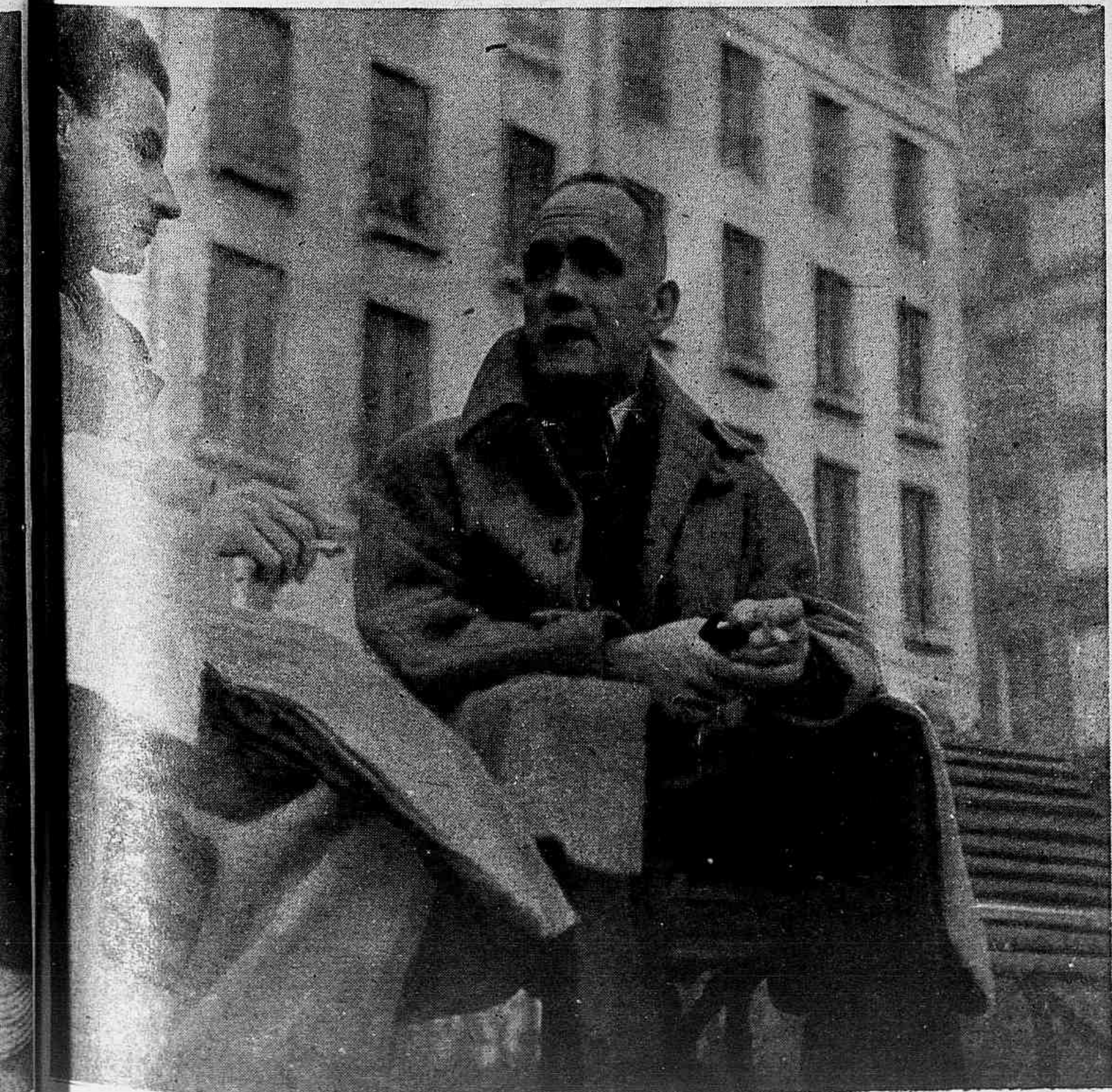
um poeta de tal quilate apo-
risa em Fresno. Havia quin-
da e seguia e metia no xa-
pois de Baudelaire,
a impiedosa. Hamy
ele era um detento na
secreto ao chefe de Polícia:
evite que sejam perturbados
e po-tem, no entanto, uma
opar sua existência foi esta:
o na-mento, internado de um
vacar 13 anos, ladrão aos
6, a de prisão em prisão
expulso de cinco países, deser-
geira arbandista de açúcar
eiro na Hungria, ladrão de
ba de carteiras em Ve-
écia, ultraje ao pudor, cria-
ro em lim, etc. Como se vê,
a de os e de coisas vergo-
home e escreveu "Notre Da-
sa das Flores) uma es-
ica prima. Essa obra terri-
édias anas, — e para es-
que Genet tivesse vivido

essa vida de torpezas, de escória da sociedade, de rebelde às suas leis.

E' interessante notar que algumas de suas conde-
nações à prisão se deram por furtos de livros, —
sim, de livros, pois estava sedento de cultura e de
beleza. Livros que eram, principalmente, primeiras
edições de Rimbaud, de Jean Cocteau, de Léon Blois
e de outros. O mais curioso de tudo é que Jean
Genet se declara fatigado de escrever e já está dis-
posto a renunciar às atividades literárias. Anun-
cia que seu novo livro, "Diário de um Ladrão" (Jour-
nal d'Un Voleur), será sua última obra. O interês-
sante é que ele não furta nem por doença, nem
por diletantismo.

— Simplesmente detesto qualquer espécie de tra-
balho! — diz ele, que está, aliás, filiado ao existen-
cialismo, filosofia em que cabe tudo, inclusive a pre-
guiça.

Os donos de livrarias em que ele outrora furtava
são hoje convidados para seus "cock-tails", onde,
aliás, há sempre inspetores de polícia, em discreta
vigilância... hoje, está dominado pela idéia de fa-
zer cinema, em estilo italiano, aborrecido com o tea-
tro em razão do fracasso de sua peça. Está sem di-
nheiro, porque deu de presente a um de seus ami-
gos, pai de numerosa família, uma bela vila em
Cannes...



Em cima: Jean Genet, no pequeno hotel em que mora em Paris. Em baixo, à esquerda: dois retratos do ladrão Jean Genet, hoje poeta existencialista, tirados na Polícia, o primeiro aos 15 anos, por ocasião da primeira condenação, e o segundo aos 29, por ocasião da última. Em baixo, à direita: o autor de "Notre Dame des Fleurs", falando a Romain Lesage, e o último retrato de Jean Genet.





Tropeiro

DELÉM, delém, delém... a sineta da mula, amadrinhando a tropa, foi se fazendo mais nítida, agitada no trotezinho alegre de todo o animal que pressente a proximidade da baía.

A tarde ia clara e azul, cheira da clarinada do passaredo. De cima de um outeiro, por onde uma serpentina de terra avermelhada coleava, subindo entre verduras de grama e de macegas, vinha o toque-toque de um pica-pau, martelando o cerne da capororoca.

— Tá ouvindo?
— Tô, patrão! E' pica-pau!
— O seu Alfredo não vai ter melancia este ano...
— E'... Pipa-pau fura tudo!
— Fura!

O peão do Reinaldo abriu a porteira de cima da sela e esperou que a tropa e o patrão passassem.

— Sorto os animás?
— Sorta!

Reinaldo apeou, deu as rédeas para o Juca, empurrou a porta do cercado que dividia o poteiro do pátio da casa. Entrou pela porta da cozinha, com intimidade, e foi surpreender a Benvinda:

— Oh! gentes! O seu Reinaldo! Como le vai?
— Buenacho; e tu?
— Sempre cozinhando p'ra cambada... — fez com o beíço um gesto em direção à sala, onde os patrões deviam estar.

Riram. A preta mostrando os dentes alvos, de marfim; Reinaldo casquinando em "a", guturalmente.

Houve um arrastar de cadeira e o seu Alfredo apareceu.

— Reinaldo! Por aqui, já!
Abraçou o tropeiro, quis saber notícias de Nova Hamburgo e dos "alemães de São Leopoldo".

Tudo mal: o gado baixo, pouca procura, muita oferta. Comprava-se gado em pé por 120 cruzeiros, e exigiam tamanho! Em Taquara, em Alegrete, na fronteira ou onde fosse. Dez anos de trabalho pelas estradas, arrebanhando aqui, vendendo ali... para acabar nisto — um mourear que nem dava para o gasto das botas altas.

Houve uma pausa. Depois o tropeiro indagou: — E a Durce?

— Bem. Foi na casa da siá Inácia, que tem o filho doente, faz três dias. Parece que é má de congestão.

— Já pois bichas? Uma fieira de bichas na cabeça é o que há de bom!

— A Durce levou umas que andou campeando aí na sanga do faxinal. Mas só pegou das miúdas: umas quinze.

— E chega. Pondo em coroa na vorta da cabeça, tira todo o sangue ruim...

— Ela vai ficar alegre, Reinaldo, em te vê aqui!

O tropeiro puxou um banco, sentou-se, deu com o relho no couro da bota, sarapintada de barro ruivo. Castigou bem o couro, em pancadinhas lentas, em golpezinhos ligeiros depois. Afinal tomou coragem:

— Pois é...
Alfredo ofereceu:
— Uma cuia?

Passou-lhe a chaleirinha e o meio porongo, com a bomba enterrada no montão de erva fresca.

Reinaldo chupou o amargo:
— Erva boa! Pois é... A Durce...

— Home, eu sei, Reinaldo! Mas se tu quiseses mesmo a minha menina, vais prometer uma coisa...

— Prometido, seu Alfredo!

— Vais largar este diabo de vida de tropeiro, p'ra lá e p'ra cá, abaixo e arriba, de Taquara pro inferno, do inferno p'ra onde não sei! Tu precisa aquecer lugar, ficar aqui mesmo na estância — eu te dou a Durce e mais meação no meu campinho. Não precisa mais comê poeira pelas estradas. Combinado?

— Isto é preciso pensar, seu Alfredo! Não se muda de vida



como se muda de bombacha! E' causo p'ra sê pensado, e bem...

— Pois, pense, home, pense e arresponda quando quise casá...

Levantou-se, tomou o porongo das mãos do Reinaldo, virou fora o mate servido, atufou a cuia de nova provisão.

Enquanto derramava a água escaldante no canto aberto através da erva, olhava, malicioso, o Reinaldo pensativo, a judiar das botas com o relho de couro trançado.

Diziam que o tropeiro estava bem: casas em Sapucaia, um matadouro de sociedade em Taquara, tropas numerosas que eram sempre pagas à vista...

O velho Alfredo dava de coração a filha em casamento ao rapaz.



Alta noite, Reinaldo saiu da sombra do galpão em que estivera cismando. Foi acordar o peão, deitado sobre uns pelegos na estrebaria:

— Vamo! Toca a levantá, rapaz!

O Juca saiu para o potreiro a maldizer-se, com o freio e o laço ao ombro. Em pouco os animais estavam ensilhados.

Reinaldo tirou a sineta do pescoço da "madrinha", para evitar barulhos.

Um vento gelado assoviava pelo campo, furava a pele, depois de atravessar o poncho e a camisa.

A grama cintilava, coberta de geada. O céu se carregava de nuvens, em ameaça de borrasca.

Quando viu tudo pronto, o peão perguntou, curioso:

— Dona Durce já está avisada?

— Não!

— Então, é por força?

— Que força, home? Nois vamo s'embora com o que é nosso. O dos outro fica aí.

Montou, abriu a porteira, deixou o gado passar, tangido pelo Juca.

Quando a manhãzinha chispou o primeiro clarão no céu, já estavam longe.

— Já pensando: "Não posso desistir desta vida, nem pela chinoca mais bonita do pago todo! Não sei vivê sem tangê tropa, estrada empós estrada, légua trás de légua"...

O cavalo ia quase a passo, agora.

— Pode parecê feio, mas eu fujo da Durce... eu não posso vivê parado, mesmo com ela ao pé... Não posso... Preciso toca um gadinho pela vida afora. Sem isto eu não vivo!

Já estavam na altura da casa do seu Félix, o professor.

— Eu não posso, você pode?

O peão voltou-se, sem compreender:

— Posso o quê, seu Reinaldo?

— Nada! Bobage minha!

— Ué! Nois vamo vortá?

Reinaldo torcera as rédeas, fazendo a tropa voltar sobre as próprias pegadas.

Quando chegaram, Dulce estava no palanque da mangueira, copo de leite à mão:

— Gentes! O seu Reinaldo, tão cedinho! E já de viagem! Vai vortá?

— Não; eu venho de vorta.

— Tinha saído?

— Noite arta!

— Por que vortou? Esqueceu coisa sua? — fez a moça, zangada por saber que estava de viagem, sem uma despedida.

— Se é minha não sei, mas esqueci...

— Que foi?

— Você, Durce!

— Seu Reinaldo!

O copo de leite pôs-se a tremer na mão da filha do seu Alfredo...

Dez anos se passaram.

Na beira da lagoa, Reinaldo tange uma tropinha, rumo à água.

São sete cabeças só... Sete cabecinhas de criança, em que há desde o louro das espigas maduras até o castanho escuro das favas da timbaúva.

— E' o gadinho que eu tenho, de sociedade com a Durce — pensa êle.

E' a única tropinha que o Reinaldo toca pela estrada da vida e pela estrada que leva à lagoa:

— Eu sempre disse: não podia vivê sem repontá um gadinho...

A VIDA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

[1182-1226]

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS
(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA
com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

SÃO FRANCISCO foi um dos homens que mais amou na terra. Amou a Deus e aos homens. Foi o discípulo perfeito de Jesus. E' a versão italiana de Buda. Na verdade, não fosse o fato histórico de São Francisco nunca ter ouvido falar em Buda, sua existência pareceria a imitação consciente e deliberada da carreira do profeta indú. Suas vidas apresentam semelhanças tão notáveis que dão a impressão de duas cópias do mesmo drama traduzido em línguas diferentes. Assim Buda como São Francisco renunciaram a uma vida de prazeres para viver em companhia da Dama Pobreza; tanto um como o outro correram mundo com o fim de alisar os vincos que o sofrimento abria no semblante da humanidade; um e outro compreenderam a tristeza e a beleza da vida; ambos se consideravam, juntamente com todos os outros seres vivos, como integrantes de uma cadência única de solidariedade no poema da criação. E, finalmente, ambos, às portas da morte, pediram aos amigos que os deitassem na terra nua, pois que se sentiam mais felizes quando menos embaraçados pelos «bens» — isto é, pelas coisas más — deste mundo.

II

Francisco de Assis, ou (para o designarmos com seu nome italiano) Francesco Bernardone, era filho de Pietro Bernardone, próspero negociante de panos na Umbria. Em rapaz, Francisco foi um pouco extravagante, impulsivo, rebelde, e generoso em demasia. Não conhecia o valor do dinheiro. Gastava-o a torto e a direito — geralmente nos prazeres dos outros. Achava muito mais sensato regalar os amigos com o dinheiro paterno, que vê-lo entesourado nas arcas do pai. Sua mãe, parca esposa de um marido rico, frequentemente observava com azedume que Francisco vivia como um príncipe, e não como o filho de um comerciante italiano. Quanto ao pai, esse pensava que o rapaz nunca havia de dar boa coisa.

Mas, se a mãe e o pai o encaravam com severidade, os moços de Assis o adoravam. Tão despreocupado com a sua vida como com o seu dinheiro; esbelto, de olhos negros; brilhante e sempre jovial, tornou-se o mentor deles nos divertimentos, modas, diabruras e amores. Como o jovem Buda e o jovem Tolstoi, era tido na conta de um «camaradão».

Ao aproximar-se da idade viril, alimentava dupla ambição — distinguir-se pela bravura e pelo talento poético. Queria ser guerreiro e escritor — soldado, para defender os seus compatriotas, e menestrel para os alegrar. Admirava particularmente os trovadores — esses franceses errantes, poetas do amor, que convertiam o sul da Europa num canto lírico. Com efeito, foi a sua paixão pela poesia dos trovadores franceses que levou seus companheiros a apelidá-lo Francesco — «o francezinho». Sua mãe, conta-se, dera-lhe o nome de João; mas, antes de atingir a maturidade, a alcunha suplantou o nome verdadeiro. Até hoje o santo homem de Assis é conhecido pelo nome que o liga aos poetas franceses. Francesco — São Francisco — o menestrel errante de Deus.

III

A alma suave do cantor, e o coração valente do soldado. Antes de poder ensinar o seu povo, tinha que lutar por ele. Sua cidade estava empenhada numa dessas intermináveis guerras medievais, contra Perugia, cidade italiana rival. O antigo Império Romano se fragmentara em numerosos principados independentes; cada um dos quais consistente numa cidade murada, administrada por um senhor feudal, e cada um dos quais constantemente envolvido numa série de contendas com as cidades vizinhas. Os romanos, confiando na espada para unificar o mundo, apenas conseguiram dividi-lo. Suas estúpidas grandes guerras foram substituídas por pequenas guerras igualmente estúpidas. A chacina por atacado cedera o passo à chacina a retalho. Cada cidade vivia em pé de guerra contra as outras. Veneza contra Florença, Florença contra Perugia, Perugia contra Assis, Assis contra Veneza — e assim sucessivamente através da Europa inteira. Um milhão de céspedes mirins haviam herdado a ambição, mas não a imaginação, do primeiro César. A civilização da Idade Média se esfacelava nesses infundáveis duelos entre cidade e cidade.

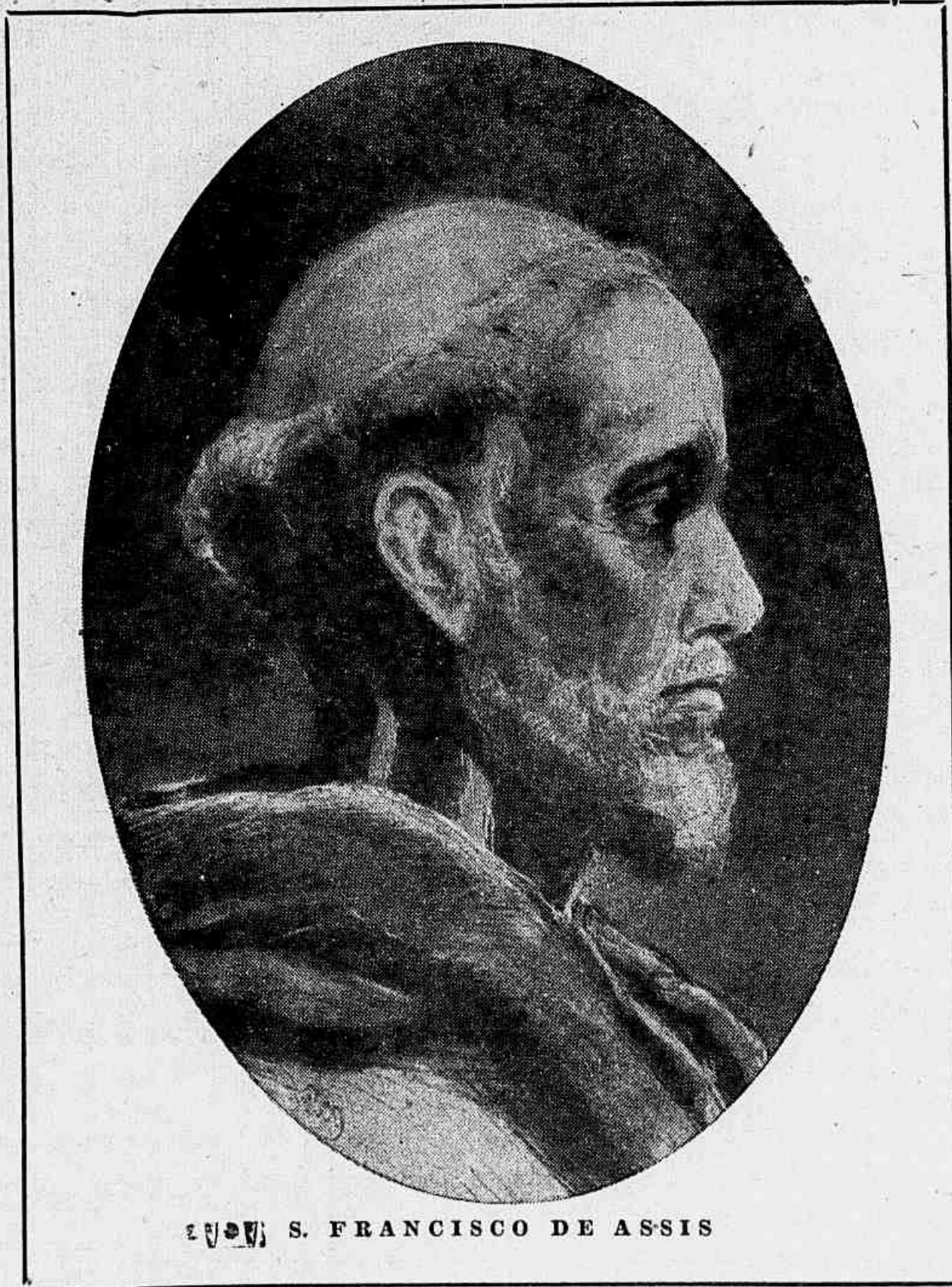
Por algum tempo a coragem de Francisco o arrastou na corrente das lutas militares. Alistou-se sob a bandeira de sua cidade natal. Mas, após breve campanha, desiludiu-se das batalhas fratricidas do povo italiano. Num desses combates foi feito prisioneiro, e durante um ano teve oportunidade de observar numa prisão medieval o aspecto menos fascinante, mas não menos selvagem, da guerra. Saiu do cárcere resolvido a procurar instrumento melhor que a espada para a solução das contendas humanas.

Sua procura do instrumento místico da paz foi interrompida quando o acometeu grave enfermidade — consequên-

cia dos sofrimentos suportados na prisão militar. A princípio seu restabelecimento parecia duvidoso, mas Francisco logrou finalmente superar a crise. A longa convalescença no leito propiciou-lhe o ensejo de estudar a vida sob novo ângulo. O céu, a terra, os pássaros, as árvores, as aflições e inquietudes de seus cômicos irmãos e irmãs verticais da raça humana — o mundo todo adquiriu para ele significação nova, ao contemplá-lo da sua nova posição horizontal de tranqüila meditação. Havia entre os homens muita agitação imotivada, muita ambição de coisas vãs, muita disputa por questões pior que vãs. E imediatamente decidiu abandonar a absurda vida usual e viver uma vida sua, mais sensata. Encontrara a misteriosa, onipotente arma que devia assegurar a paz entre os homens. Se ao menos pudesse persuadir os outros a usá-la, essa arma da brandura mútua, da piedade recíproca, do amor irrestrito!

Pois a humanidade toda é uma irmandade; e só amparando os nossos irmãos podemos ter a esperança de nos ampararmos a nós mesmos.

Não tardou que Francisco pudesse pôr à prova esse segredo recém-descoberto — ou antes, esse segredo redescoberto. Um dia, correndo os campos da Umbria, encontrou no caminho um leproso. Toda a vida, sentira horror à vista desses cadáveres vivos. Poeta sensível que era, sempre se esquivara, com uma sensação quase de dor física, de tudo quanto fosse espetáculo desagradável. Mas no curso da sua enfermidade estivera em contacto demasiadamente íntimo com o horror do sofrimento, e a fealdade da doença, para sentir outra coisa que piedade pelos sofrimentos e doenças dos outros. Quando viu o leproso avançar em direção a ele, saltou do cavalo e não só deu dinheiro, mas deu-se a si mesmo a seu infeliz irmão. Abraçou-o, e falou-lhe como a um amigo e companheiro. Até então, sentira uma espécie de prazer turbulento na companhia dos favorecidos da fortuna. Desses momentos



S. FRANCISCO DE ASSIS

em diante, passou a experimentar uma felicidade mais tranqüila, mas muito mais profunda, na sociedade dos deserdados da sorte. Pois esses enteados do destino, como todos os outros seres que viviam, sofriam e morriam, não só eram aparentados com ele, como constituíam uma parte dele. As ondas unidas de um mesmo oceano, os corpos integrados de uma única alma, a continuidade ininterrompível da vida eterna. «Para mim és mais que um irmão; és um membro doente da minha própria carne. A tua dor é a minha dor; a tua alegria é a minha ale-

gria». Indo assim ao encontro do leproso, Francisco de Assis recobrava o seu Eu.

Deixou, pois, os afortunados, «os membros sãos da unidade social», e engajou-se no serviço dos desafortunados. O coração fugia-lhe especialmente para os falhados, os incapazes e inadaptáveis, os que não progrediam na vida, os fracos a quem ninguém dava emprego, os meios a quem ninguém dava atenção. «Ele escuta», dizia-se, «aqueles que o próprio Deus não escutaria». Mas Francisco era um cristão piedoso de mais para subcrever tal descrição da sua atividade.

«E' a vontade de Deus que me manda escutar a todos os desgraçados».

Francisco de Assis era um cristão piedoso, mas — como Jesus antes dele — não era um filho cegamente submisso da Igreja. Tampouco era um filho cegamente submisso ao pai. Procurava fazer tudo ao seu modo suave e espontâneo. Preocupava-se mais de obedecer aos ditames do coração, que de seguir as injunções de seus superiores. E acontecia que o seu coração frequentemente andava mais bem avisado que os seus superiores. Uma vez, a fim de conseguir dinheiro para uma obra de caridade, vendeu o seu cavalo e uma peça de fazenda pertencente à loja do pai. Este o chamou de ladrão, e passou-lhe estirado e veemente sermão sobre os sacrifícios dos pais e a ingratitude dos filhos. Pois tudo o que Francisco possuía — fez-lhe notar o pai — inclusive a roupa do corpo, ele o devia à generosidade da família.

Ouvindo isso, Francisco tirou a roupa e a lançou à cara do pai. Estava determinado a não mais depender do auxílio dos outros — principalmente quando se davam ao grande incômodo de lembrar-lhe a dívida eterna em que ficava com eles. Atirando sobre o corpo um capote esfarrapado, saiu da casa para as ruas geladas — era no inverno — e, conta-se, desatou a cantar. Desfizera-se de todas as suas posses, e, como o homem sem camisa de que nos fala a tradição, sentia-se inteiramente feliz depois que se desembaraçara do fardo da propriedade. Se realmente só é rico quem está satisfeito com o pouco que tem, Francesco Bernardone era o mais rico dos homens, pois mais contente andava quando menos possuía. Nisso não havia afetação de sua parte. Nem desejo de fazer o papel de mártir. São Francisco era um asceta, mas não um auto-flagelador. Se se expunha a privações, fazia-o não tanto com a mira na recompensa futura como na satisfação presente. Envergonhava-se de passar bem quando tantos irmãos seus padeciam, e de comer e beber quando eles tinham fome. Assim, em lugar de partir para o deserto como um eremita casmurro, misturava-se com os humildes, os pobres e os enfermos, restituindo-lhes a altivez, saciando-lhe a fome e aliviando os seus sofrimentos. Era feliz porque pensava tão pouco em si mesmo e tanto nos outros. Quando conseguia o que comer, guardava para si a porção menor e mais grosseira, e dava de esmola o resto. Por vestimenta, trazia em redor do corpo, no inverno como no verão, a sua andrajosa túnica de cor castanha, atada na cintura com uma corda. Essa túnica veio a ser o uniforme regular dos Franciscanos, esses pacíficos soldados de Cristo que São Francisco de Assis comandava na sua cruzada de socorro e misericórdia.

IV

A princípio, conquistou só dois adeptos. Construíram uma cabana para viverem, perto da colônia de leprosos, e serviam de mensageiros de vida junto aos que se haviam conformado com uma existência de mortos-vivos. Em três anos o número de franciscanos — os Irmãozinhos de São Francisco — subiu a doze. Com Francisco à sua frente, partiram em peregrinação a Roma, para solicitar do Papa a licença de prosseguirem na sua obra. Foi-lhes concedida sob a condição de nada fazerem que pudesse transtornar a rígida disciplina da Igreja organizada.

Tendo chegado a esse entendimento com o Papa, São Francisco empreendeu então nova jornada — esta vez ao palácio do chefe sarraceno. A Quinta Cruzada ia no seu apogeu. Sem embargo, Francisco desarmado, apresentou-se ante o sultão. O comandante sarraceno mirou-o com um sorriso divertido e não totalmente hostil. Ali estava um soldado cristão de novo gênero — um italiano franzino e vivo, de manto esfrangalhado, um par de olhos brilhantes e bondosos e uma torrente de palavras meigas e eloquentes. Um homem que procurava conquistar com carícias, e não com punhaladas. O sultão escutou o singular embaixador, que pedia a cessação imediata das hostilidades em nome de Deus, o Pai comum de todos nós. Prometeu refletir no pedido — e esqueceu-o logo que Francisco se retirou da sua presença. Continuaram as guerras entre muçulmanos e cristãos, e o pequeno Menestrel de Deus tornou à sua busca de cordura num mundo insano.

V

São Francisco possuía pouca instrução. Acreditava com fé infantil, e amava com infantil... (Continua na pág. 43)

NOS BASTIDORES FEMININOS

NUNCA é tarde demais para aprender. A mulher, mesmo a que se dedica exclusivamente ao lar, não deve considerar que não tem tempo para aprender e, também, a idade nunca deverá servir de pretexto para fugir a isso. A personalidade feminina torna-se muito mais encantadora quando a uma figura simpática ou bonita se alia o saber. Não exigimos e não esperamos mesmo que você agora resolva se embrenhar em estudos complicados e difíceis e que, na sua ânsia de aperfeiçoamento, vá abandonar as suas outras ocupações, tão impor-

tantes que estas são para a sua vida e daqueles que dependem de você. O que esperamos, e estamos certos de que você poderá fazê-lo, é que você aproveite melhor as suas horas de folga, ou talvez substitua meia hora de palestra inútil ao telefone, por qualquer outra coisa mais proveitosa. Há muito o que aprender ainda e há tempo bastante para isso. Sem a necessidade de interromper as suas atividades mais importantes, você poderá ampliar os seus conhecimentos e assim se tornar uma companhia mais interessante e agradável. Lendo bons livros,



ouvindo boa música, frequentando exposições de pintura, assistindo à representação de boas peças teatrais, procurando conversar com pessoas de um nível cultural superior ao seu, você estará aprendendo sem dispendar com isso muito dinheiro e muito tempo. Tudo é questão de boa vontade e organização. Se você souber organizar a sua vida no lar, certamente lhe sobrá tempo para aprender. Quanto à boa vontade, ela é mais do que necessária, principalmente para fixar a sua persistência. E o aprender, para você, deve incluir também outras coisas menos

intelectuais mas não menos úteis como por exemplo a culinária, os trabalhos manuais e decorativos, etc... Convém ainda acrescentar entre o que você pode ou pretende aprender, as boas maneiras, a compreensão, o respeito pela opinião alheia, os bons sentimentos, etc. E isto você pode começar desde já e mesmo dentro de casa. Olhe ao seu redor e veja quantos aborrecimentos você já causou só porque não soube ser compreensiva e humana. Tudo poderia ter sido evitado se você se dispusesse a aprender... Mas, nunca é tarde para aprender...

Alida Valli, atualmente uma das mais lindas mulheres da Europa, antiga artista do cinema italiano, e hoje um grande cartaz em Hollywood, apresenta-nos estes dois modelos que aqui estampamos. Ao alto: em linho bege, "Plastron" com nervuras. Gola alta. Botões decorativos. Saia com pregas soltas na frente. À esquerda. Para a tarde, em Jersey de dois tons. A parte posterior da blusa e as mangas em cinza. A saia e a frente da blusa em cor de tijolo. Alida é a estrela de "O milagre dos sinos", da R.K.O.

A PERSONALIDADE da Semana

WANDA OITICICA



Quando chego a uma casa para fazer uma entrevista, procuro aproveitar os primeiros minutos de espera para olhar, um tanto indiscretamente, o torno de mim. A atmosfera de um lar revela mais sobre a personalidade da dona de casa do que todas suas declarações!

Já repara, na entrada, uma grande cruz, muito plástica na sua nudez, entre duas lanternas de procissão italianas, evocando um fim de ópera de Verdi ou, melhor, as estreitas ruas de Siena nas noites de primavera. Porque foi que a sala me fez pensar no Japão? Na sutileza oriental que nada tem que ver com uma Butterfly de pacotilha? Não era por causa do grande armário laqueado preto e ouro, nem da ponta estranha e isolada num largo jarro em baixo de u'a mesa. O que era?

Examinei a biblioteca. Stefan Zweig, Jean-Jacques Rousseau, Nietzsche, Romain Rolland, as canções de Bilitis. A chegada de Wanda Oitica interrompeu-me quando ia pegar num livro com um belo nome oriental. E descobri, de repente, o que evocava o Japão. Era o divã rente ao chão, tão baixo que quase fazia parte do assoalho!

— Não sei como poder-lhe ajudá-la, disse-me Wanda Oitica. Não sei falar de mim!

— Não vou fazer perguntas de repórter. Desejava simplesmente conhecê-la. Começamos, naturalmente, pela música e perguntei quais seus planos.

— Estou pensando em fazer tourné no Sul. Também darei um concerto em Belo Horizonte. Talvez volte aos Estados Unidos. Recebi uma proposta de Chicago. Mas está ainda tudo muito vago, indefinido.

Acrescentou com bom humor:

— Sei que não deveria dizer as coisas desta maneira tão simples! Uma vez perguntei a uma amiga que acabara de dar uma entrevista à qual eu já assistira: "Mas você tem a intenção mesmo realizar tudo que descreveu ao jornalista?" Ela alçou os ombros e disse: "E a propaganda?" Por mim, sou incapaz de fazer isso, como não posso fazer concessões no programa para deslumbrar um público que quer ouvir agudos ou canções românticas. Deve ser porque faço muito mais questão de êxito artístico que dos aplausos imediatos.

— Prefere dar concertos ou cantar em óperas?

— Concertos. Mas é preciso fazer ópera. Porque aqui, e também nos Estados Unidos, pensam que quem nunca cantou em ópera não tem voz! Não apreciam no seu justo valor a música de câmara, principalmente a da qual eu gosto. Debussy, por exemplo.

— Parece-me que o público norte-americano não a entusiasmou muito?

— Ele é muito amável. Já assisti a concertos péssimos nos Estados Unidos. Nunca reparei que a platéia fosse fria, decepcionada! Ao contrário do público carioca que é mau, que nunca perdoa um erro, um cansaço, uma indisposição! Nos Estados Unidos há personalidades e artistas extraordinários. Mas para vencer junto ao grande público, o essencial — si não se é um gênio — é ter dinheiro para começar a propaganda.

— E quando dá concertos no interior do Brasil, não é necessário, às vezes, fazer as concessões que criticava há pouco?

— Naturalmente... O melhor público que conheço é o de Pelotas. Bisando clássicos... Bach... E' raro nas cidades pequenas.

Parou, riu e disse após um silêncio:

— Realmente não sei como se dá uma entrevista! Que sou eu? Nada, ao meu ver.

Pensei comigo que quem assim fala já comprova possuir um valor, e disse:

— E você acha que o repórter não lê através dos depoimentos inventados aos quais se referia? Que não percebe quando alguém começa a "contar vantagem"? Principalmente as mulheres, que são muito mais difíceis de entrevistar do que homens porque pensam demais na impressão causada.

Fomos juntas buscar um refresco na cozinha.

— Como é agradável! exclamei, encantada.

Uma tenda de lona listrada escondia a chaminé. Cortinas de algodão de xadrezinhos, manchas de cor. Parei diante de uma galinha de arame que era uma cesta de ovos.

— Gosta da minha galinha? As vezes converso com ela!

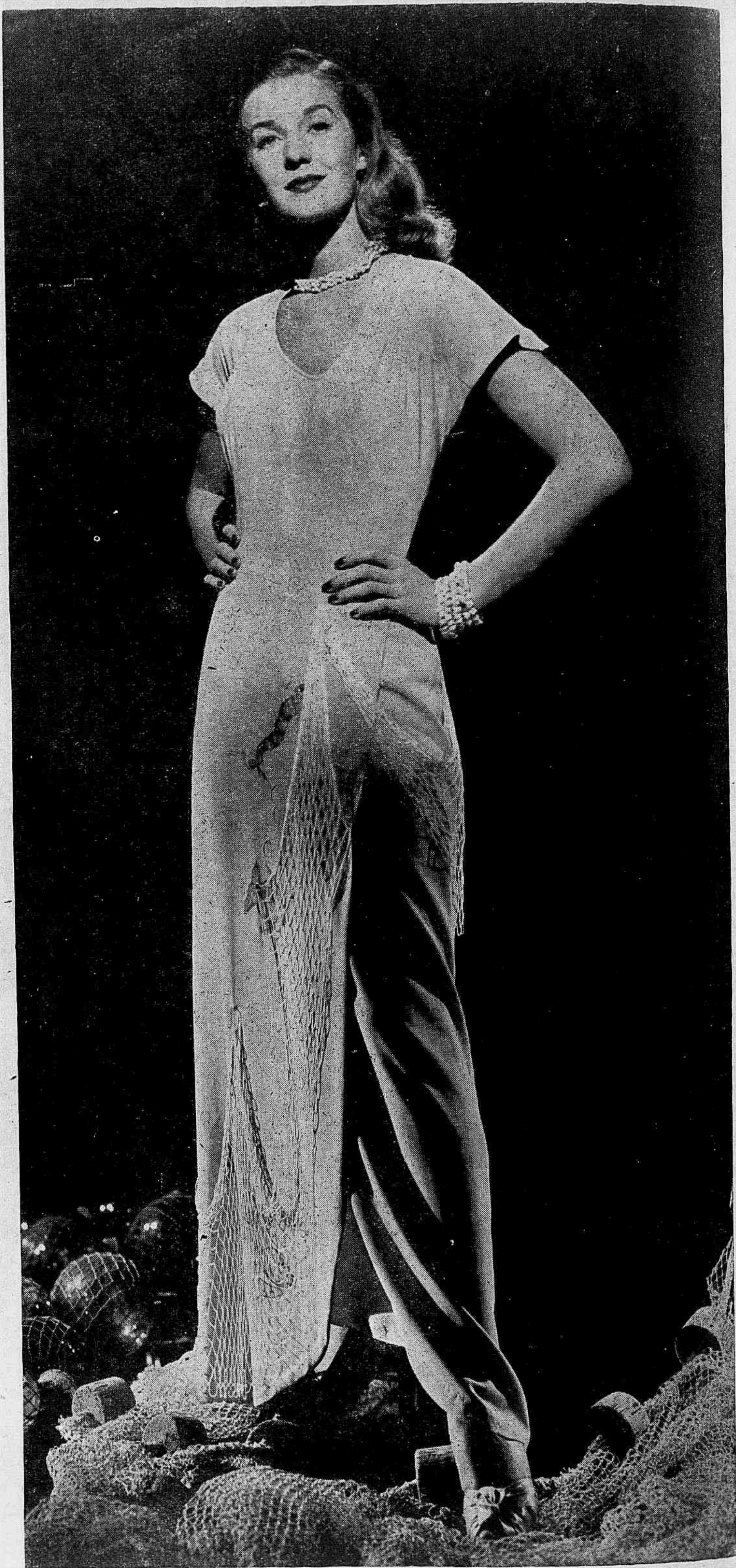
E reparando no meu interesse, mostrou-me o banheiro.

— Gosto de decoração e acho que como se vive no apartamento todo, é preciso alegrar todos seus recantos!

Fotografias assinadas de inúmeros artistas, na parede. Um aquecedor parecido com uma teneca azul que diria ironicamente: "Não escondo que sou um aquecedor, mas quero, pelo menos, ser engraçado!" Pequenos tapetes brancos. Não se parecia muito com um banheiro.

E ambas, já perfeitamente à vontade, falamos em arte, em teatro, na Europa e mesmo em vestidos e chapéus (Wanda Oitica confessou fazê-los muito bem), enquanto me admirava com a vivacidade de um espírito extraordinariamente aberto, movel e complexo.

YVONNE JEAN



MODELOS PARA A NOITE



DIRETAMENTE de Hollywood nos chegam estes modelos para a noite, "s sofisticados" uns, simples os outros, mas todos de indiscutível elegância. Ao alto: Ampla saia em tecido listrado formando desenho, lantejoulas douradas. Blusa de seda branca com mangas japonesas. Modelo em lamê cor de chumbo apresentado por Janis Paige, da Warner Bros. Mangas "atacadas" com fio dourado. Drapeado sobre os quadris. Em baixo: Em jersey branco todo bordado a missangas é este elegante modelo de Loretta Young, da RKO, para jantar. Decote em "V". Saia franzida na frente. Elegantíssimo modelo para noite em lã azul-marinho, apresenta-o Merle Oberon. Na página ao lado: Uma inspiração tropical. Modelo para jantar em jersey verde-mar; peixes pintados a mão na saia, rede de crochet.



Muro das LAMENTAÇÕES

De São Paulo você me escreve: "Agora aconteceu que tendo-me feito examinar por um médico, este declarou que tenho grave moléstia contagiosa. Não sei o que fazer, é uma doença pior que a sífilis e não sei se lhe conte ou guarde para mim o segredo, despedindo-o com jeito ou lhe contando tudo".

Eis uma situação bastante delicada, sem dúvida, porém, não insolúvel. Seu médico é quem deve dizer a última palavra. Se lhe disser que a moléstia é contagiosa, mas curável, o melhor será encontrar um pretexto para desaparecer por uns tempos até ficar boa. Se a cura for alcançada, você regressará e poderá casar-se, se o tempo não se tiver incumbido de diluir os laços afetivos que hoje lhe parecem tão fortes.

O detalhe, que nos conta, sobre a intimidade absoluta já existente entre você e o rapaz, em nada muda o aspecto da questão. No momento, trata-se apenas de um caso de saúde. Casar no estado em que você se encontra, só para satisfazer a vontade do rapaz, seria loucura. Dentro em pouco ele viria a descobrir a sua moléstia, e se julgaria enganado.

Por outro lado, no momento você não lhe pode dizer toda a verdade sobre a sua doença. Seria um choque tremendo, uma decepção violenta que ele nunca lhe perdoaria, embora reconhecendo que a culpa não é de você, evidentemente. Preservar intacta a bela imagem que ele faz de você é um dever que lhe cabe, e que deve ser cumprido a todo custo.

Recorra a alguma desculpa, mesmo a alguma mentira inócua, para que ele não desconfie de nada; os motivos justificarão os meios empregados. As vezes precisamos usar a mentira para provar a verdade — como no seu caso: a verdade é o amor que você tem por ele, e o que ele tem por você, e que merece o sacrifício de alguns pormenores sem importância.

Afasto-se do rapaz, portanto, alegando qualquer coisa que lhe pareça plausível. Depois, o tempo dirá se vai ser possível um regresso feliz, ou se vai ser necessário um afastamento definitivo. Mesmo nesse instante, não diga a verdade sobre o que aconteceu com você. Será preferível que ele a imagine perjura, inconstante, traidora, a que venha sentir apenas horror ou piedade. Suma, desapareça, e guarde no seu coração, deixando que o rapaz também guarde no coração dele, alguma coisa da felicidade que vocês viveram.

Se essa hipótese se der, não se entregue ao desespero, porque a vida está começando a todo momento. Quando se pensa que ela terminou, muitas vezes é que se está iniciando a experiência melhor, a mais profunda, a mais humana. Conheço muitas pessoas gravemente enfermas que são mais felizes que as sadias. Sabem elas o vazio da futilidade, aprofundaram o sentido da existência e descobriram, iluminadas, que a morte é o verdadeiro começo de tudo. Se não fosse, esta vida, fugaz e incompreensível, não valeria a pena de ser vivida, não teria o menor significado.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Continuamos recebendo cartas de nossos consulentes, que iremos respondendo aos poucos para poder dar a cada qual uma resposta carinhosamente meditada. Escrevam para "Muro das Lamentações", aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, R. Visconde Maranguape, 15, Rio.



SÃO COMO DUAS GOTAS D'AGUA

GEMEAS univitelinas; semelhança física absoluta; "são como duas gotas d'água" — diz a mãe, c... no entanto, são muito diferentes de gênio; uma tem clume da outra; desde pequenas são assim; apesar de se vestirem iguais, e uma ter tudo que a outra tem, estão sempre se queixando de que eu trato uma melhor do que a outra".

Eis aí um dos erros de educação em que a senhora tem insistido; por que acentuar mais ainda a semelhança física que já por si mesma é exaustiva? Por que proporcionar a ambas as mesmas situações; a vida não tem esta exatidão rigorosa, que se lhe quer dar? A identidade do corpo foi um acidente na geração, mas a própria natureza estabeleceu a diferença de caracteres como a colocar um basta nas semelhanças futuras; já é suficiente que se vejam como num espelho, dia a dia; cada qual está gritando com a sua própria personalidade distinta, que é um ser aparte e não um simples carbono humano.

Para que se compreenda o mal estar em que vivem estas meninas vamos nos deter em algumas considerações: todos nós temos em grande conta o nosso eu; acreditamos que os nossos gostos, as nossas idéias, as nossas aspirações são originárias, interessantes e dignas de serem ouvidas; a ânsia de se afirmar é uma atitude de legítima defesa de qualquer indivíduo que saiba pensar; muito maior será o anelo de uma criatura que tiver um irmão gêmeo, a quem todas as pessoas estão mais encantadas e divertidas em encontrar semelhanças que diferenças; maior será o seu esforço e maior a sua decepção, se for confundido grosseiramente em sua psique com o irmão.

E' preciso, portanto, que não se insista em frisar a igualdade nestas condições; é certo que a simetria no trajar torna-se muito interessante, como nota pitoresca, aos que observam; e, quando são bebês, despertam as crianças exclamações de espanto dos transeuntes, fato que agrada com certeza aos pais; mas trata-se agora de duas moças: uma exaltada, outra calma; uma alegre, emocionável e dando-se facilmente com as pessoas; outra, retraída, amando mais o silêncio que a vida mundana e sabendo controlar as suas emoções; tentar, pois, unir o dissemelhante é como se combinássemos uma maçã com uma laranja.

Que se deve fazer, então? Muito simples; tratá-las como se fossem duas irmãs quaisquer; nem todos os irmãos se vestem igualzinhos; nem todos irmãos possuem os mesmos brinquedos, os mesmos objetos e vão aos mesmos lugares; torna-se até mais interessante a diferença, para que haja uma troca bem humorada de pertences, ou se troquem impressões de diferentes sensações; até mesmo os colégios podem ser outros; quando a vontade de cada uma se manifestar sem que uma imposição superior a desvie, talvez as próprias meninas se tornem mais amigas e encontrem na mútua companhia a amizade que ora não admitem.

Tenho um grande respeito pelo individualismo, apesar de todas as standardizações políticas e econômicas. Acredito mesmo que só é possível educar-se o homem, adaptar-se o homem, respeitando as características da sua personalidade; o oposto a isto poderá criar uma máscara temporária, que se amoldará às circunstâncias, mas, em qualquer momento, pode despontar vivo e indestrutível o que havia do indivíduo antes da contrafação. Dizem os europeus que, se arranhassem o russo, descobrir-se-ia o tártaro, o incivilizado; e podemos estender esta expressão à espécie humana, porque debaixo de todo o arcabouço da educação e cultura, encontra-se a consciência primitiva do homem, vigiando, sofrendo, ou espreitando a deixa para subir, à tona.

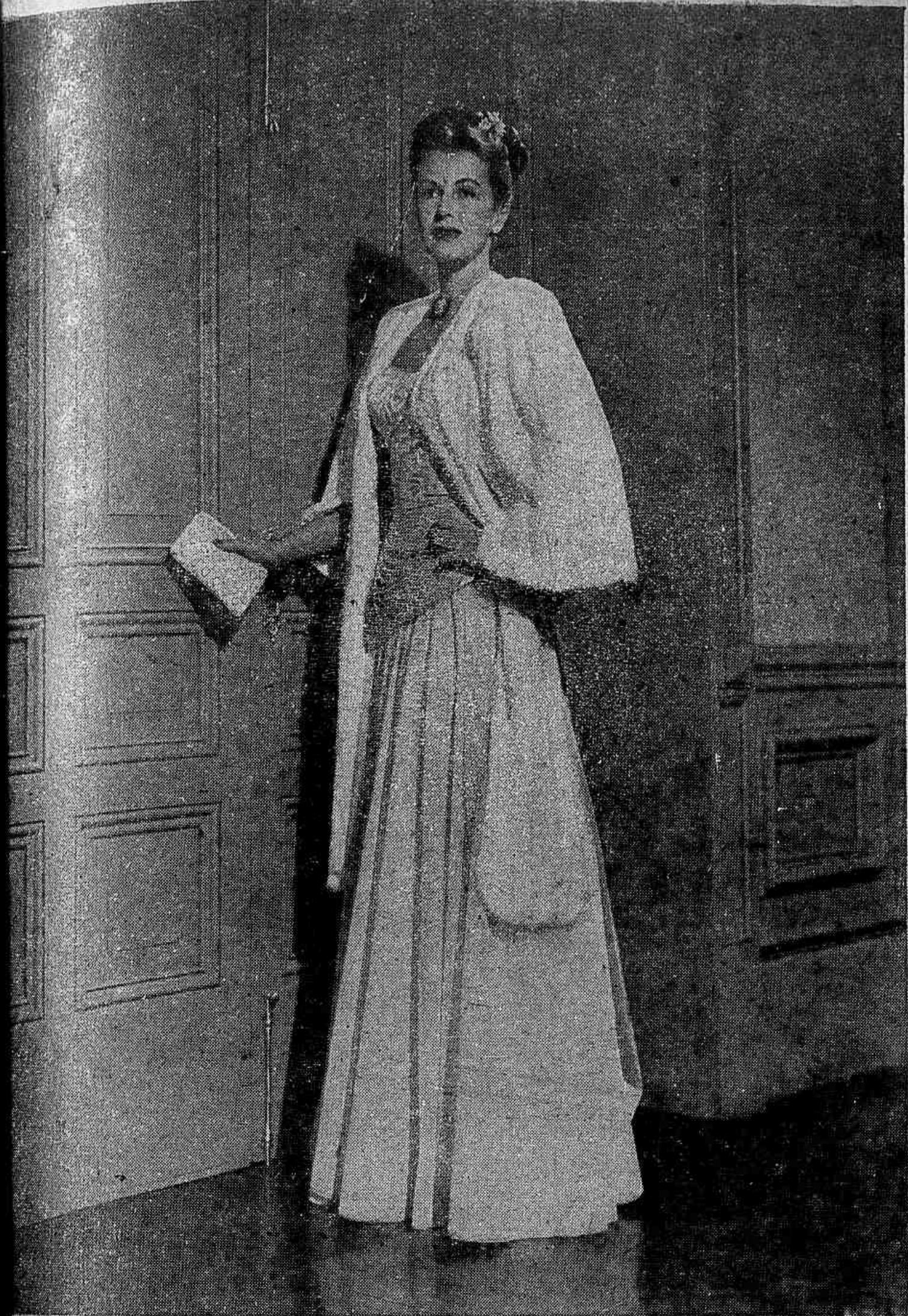
ZOIA DE LAET

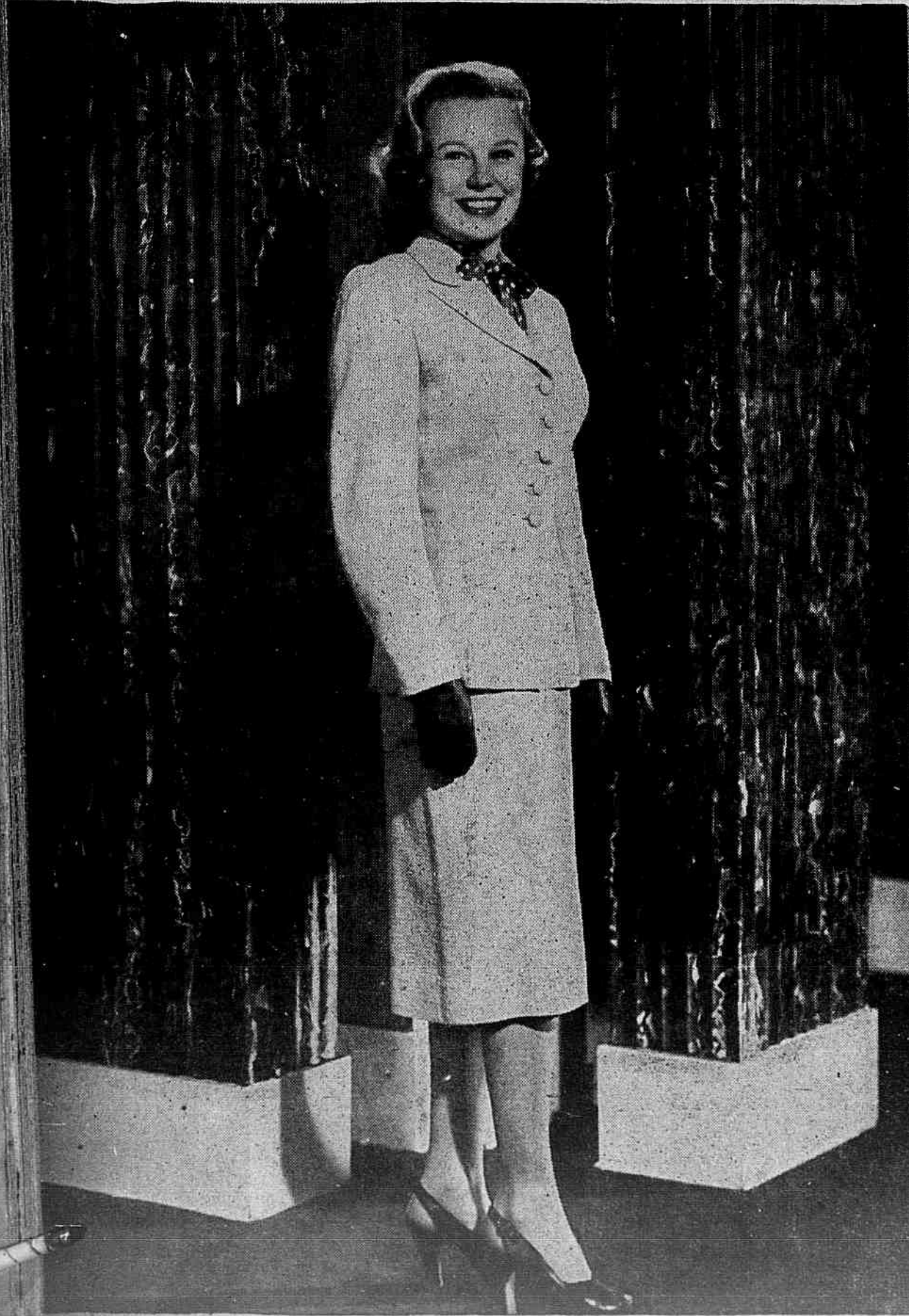
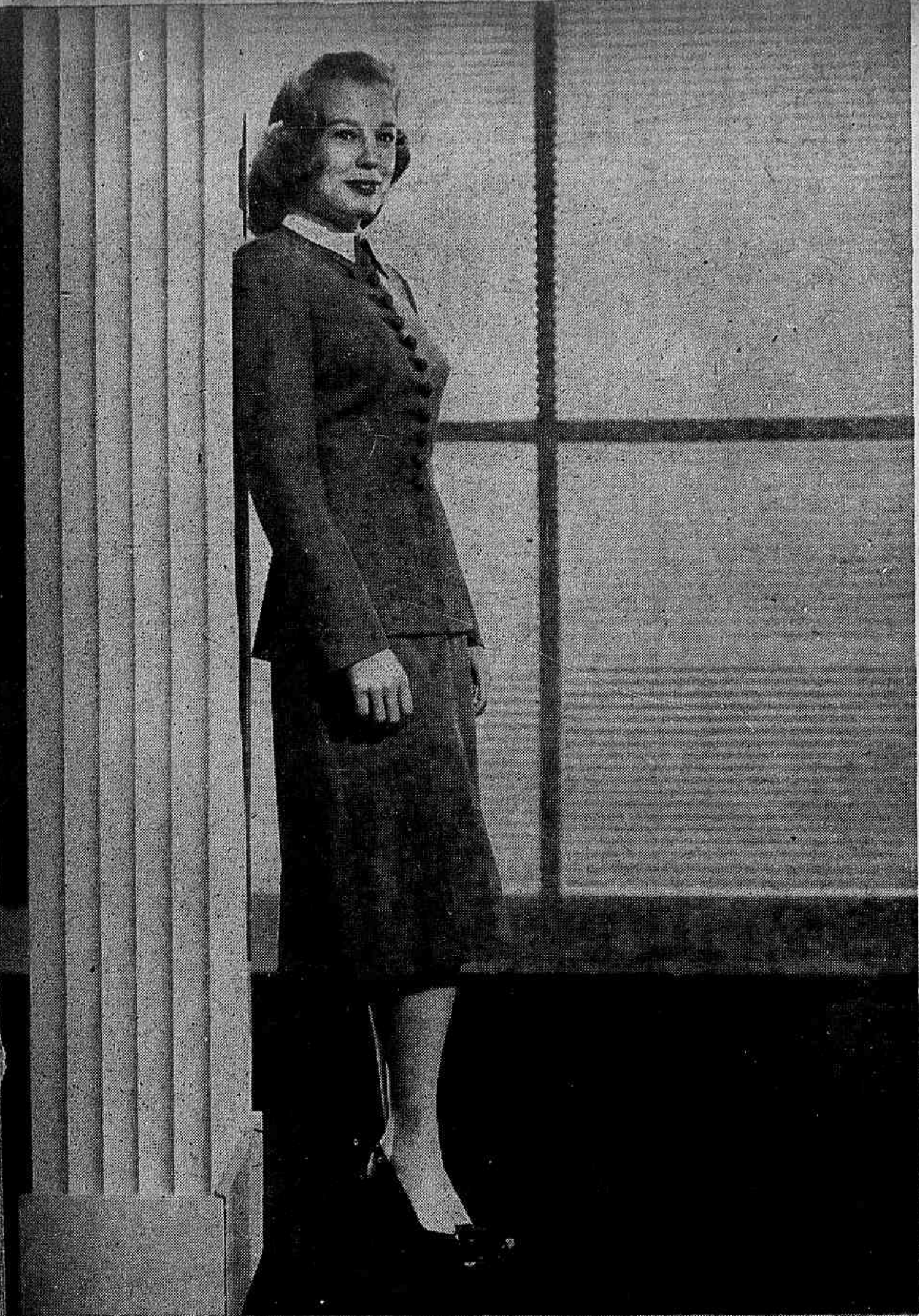
D. MARIA JULIETA — Petrópolis — A sua carta chegou atrasada; só hoje pude lhe responder; espero que a indicação lhe seja proveitosa.



PRETO E BRANCO

O preto e o branco, as cores clássicas da elegância feminina, são aqui apresentadas em cinco modelos maravilhosos, apresentados por outras tantas beldades de Hollywood, nesta página. Alex Smith, na página ao lado ao alto: Frances Gifford e Jane Wyman, em baixo: Bette Davis e Nora Eddington (Mrs. Erroll Flynn).





O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

UMA GRANDE ATRIZ

Uma noite Charles Kemble, o famoso ator inglês, representando a tragédia "Macbeth", de Shakespeare, com a não menos famosa atriz Mrs. Siddons, sacudiu-a com tal violência que a atirou longe, fazendo rebentar, na queda, um candeeiro de vidro, cujos estilhaços penetraram nas carnes da grande trágica. Mas Mrs. Siddons continuou a representar seu papel até o fim, sem se incomodar com o sangue que escorria e com as dores que experimentava. Perguntaram-lhe se não estava zangada com a brutalidade do ator.

— Não... Naquele momento, Mr. Kemble poderia até matar-me, sem que eu me zangasse com ele... Eu sei que eu merecia o castigo pelo que fiz na peça e ele, castigando-me com mais violência, ainda assim não saiu do seu papel...

ULTIMO RECURSO

Mrs. Hamilton, atriz inglesa de grande talento trágico, mas de descomunal figura, pesando quase cem quilos, era de tal modo volumosa que, um dia, representando o papel da rainha Aspasia, na peça "Tamerlão", os figurantes encarregados de conduzir seu esquife para fora de cena, sendo mais ou menos raquíticos, não tiveram forças para transportá-la. A "morta", então, não teve outro recurso que o de "ressuscitar", fazer uma profunda reverência ao público... e desaparecer nos bastidores!

EMENDA PIOR QUE O SONETO...

Mademoiselle Laguerre, atriz francesa conhecida pelo seu mau humor, procurava sua inspiração no vinho e, por isso, às vezes tinha rompantes terríveis. Quando representava "Ifigênia em Táurida", estava uma vez tão "alta" que alguém, das galearias, disse ter havido engano na peça e que estavam representando "Ifigênia em Champagne"...

Um dia, em que ela estava "indisposta", espectadores de uma cidade da província começaram a sussurrar coisas contra ela. Percebendo que o ambiente lhe era adverso, ela exclamou:

— Imbecis! São todos uns imbecis!

E deixou o palco. Mas o comissário de polícia obrigou-a a voltar e a pedir desculpas ao público. Ela o fez, do seguinte modo.

— Eu disse que são todos uns imbecis, é verdade. Mas venho pedir desculpas. E reconheço que procedi mal...

COMBINAÇÃO NECESSARIA

Tendo uma irmã gêmea, — caso sabido por toda gente, — a atriz francesa Mademoiselle Saint-Lambert, depois de ter passado dos quarenta anos, preocupava-se em esconder a idade, mas a irmã geralmente fazia a mesma coisa, com sensíveis diferenças de data... As vezes, isso tinha certa coincidência, pois era inevitável o confronto... e não podia haver gêmeas com quatro ou cinco anos de diferença.

Depois de passar vergonha por causa da irmã, Mademoiselle Saint-Lambert enviou-lhe a seguinte carta:

"Minha querida irmã. — Escrevo-lhe para lhe perguntar que idade deseja que tenhamos no ano que acaba de começar..."

MODESTIA...

Marguerite Lucas, duquesa de New Castle, foi cumulada de elogios pela maioria dos seus contemporâneos. Mas nem mesmo os panegíricos mais entusiásticos satisfaziam sua sede de elogios. Ela própria se elogiava, — embora o fizesse adotando um tom de falsa modéstia. E escrevia, a sério:

"Aprovo a Deus dotar esta sua humilde serva do gênio poético e filosófico, desde a mais tenra idade..."

FRANQUEZA RUDE

A princesa Conti, mãe do príncipe Conti, personagem famosa do século XVIII, era casada com um homem a que assim humilhava:

— Posso dar à luz príncipes de sangue real sem ti, mas não poderás ser o pai deles sem mim...

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)

June Allyson, "estrelinha" da M.G.M. oferece às nossas leitoras jovens, alguns dos modelos de seu guarda-roupa particular. São todos muito interessantes e para qualquer hora do dia, aqui fica pois a sugestão para vocês. Agora, é só escolher o que mais lhe agrada.

DE JUNE ALLYSON

WEEK-END na Cozinha

QUANTAS vezes você já desejou tratar você mesma da alimentação da família? Quantas vezes você já teve ímpetos de pôr na rua essa atrevida que, julgando-se imprescindível, zomba da sua ignorância em matéria de culinária e a ameaça, cada dia, de largar tudo e ir-se embora? Mas o que retém você, é verdadeiramente o seu completo desconhecimento do assunto. Você acha mesmo que si a Benedita, ou coisa que o valha, deixar a sua casa, todos morrerão de fome. Você nunca cozinhou e nunca quis cozinhar. Mas, para alguma coisa há de valer o seu arrependimento; é tempo de agir. Você comerá melhor e terá os seus nervos em melhor estado si passar, você mesma, a cozinhar. Arranje apenas uma menina para o serviço mais pesado da cozinha e o resto faça você mesma. Não esqueça também que muitas vezes um par de luvas de borracha substitui, perfeitamente qualquer ajudante. Agora, o fato de você não saber cozinhar, não é de grande importância, já que você está mesmo disposta a cozinhar, tudo o que lhe resta fazer é aprender. Comece hoje mesmo, aproveite a folga da "bruxa" e vá para a cozinha. Eis um menu que você poderá fazer, sem receio de fracassar:

SALADA DE BATATINHAS

Ingredientes: Batatinhas; azeite; vinagre; sal; pimenta.

Preparação: Lavam-se as batatinhas e levam-se ao fogo em água a ferver com um pouco de sal até que fiquem tenras. Em seguida, escorrem-se numa panela, deixam-se arrefecer, descascam-se e dispõem-se numa saladeira. A parte, faz-se um molho com bastante azeite, um pouco de vinagre, uma pitada de sal e outra de pimenta, e com este molho rega-se a salada, cinco ou dez minutos antes de servir.

MACARRÃO "AU GRATIN"

Ingredientes: 250 grs. de macarrão; 100 grs. de manteiga; 100 grs. de queijo Parmesão ralado; 100 grs. de farinha de rosca; molho de tomates.

Preparação: Cozinha-se o macarrão em água e sal. Em seguida toma-se um prato que possa ir ao forno e arruma-se o seguinte: uma camada de macarrão, uma de queijo e assim se continua, devendo a última camada ser de queijo. Rega-se com a manteiga anteriormente derretida. Polvilha-se com a farinha de rosca, e leva-se ao forno para corar. Serve-se com molho de tomates.

PURE' DE LEGUMES

Ingredientes: 250 grs. de batata; 100 grs. de alpos frescos; 100 grs. de nabos; 100 grs. de alhos porros; 60 grs. de tomates; 50 grs. de manteiga fresca; 1/2 cebola; sal.

Preparação: Descascam-se as batatas, juntam-se aos outros legumes e lavam-se. Põem-se em seguida numa caçarola com água a ferver com sal e depois escorrem-se e passam-se em uma peneira fina. Em seguida, junta-se-lhes a manteiga, mistura-se tudo e leva-se ao fogo mexendo até ferver. Retira-se e despeja-se num prato. Unta-se todo com manteiga derretida e serve-se quente.

CREME DIVINO

Ingredientes: 200 grs. de açúcar; 30 grs. de gelatina branca; 2 copos de leite; 1 colher, das de sopa, de chocolate em pó; 1 colher, das de chá, de essência de baunilha.

Preparação: — Põe-se um copo de leite numa caçarola com a baunilha e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, retira-se e adiciona-se o chocolate, misturando-se bem. À parte, põe-se a gelatina em outra caçarola com meio copo de água quente e leva-se ao fogo para derreter. Em seguida, acrescenta-se o açúcar e, logo que ferver, retira-se, passa-se por um guardanapo, mistura-se com o chocolate, adiciona-se-lhes o leite restante e, depois de tudo completamente frio, despeja-se numa forma e leva-se à geladeira.

MARY COOK



ESTAS saías continuam bem longas... Nos Estados Unidos houve muito protesto, mas as elegantes americanas não quiseram ficar atrás das francesas e resolveram aderir, mesmo contrariando o gosto do sexo forte. Ao alto temos: Barbara Bates, da Warner Bros., ostenta um modelo para a tarde em crepe verde para a saía e estampado verde e amarelo para a blusa. "Basque" drapeada de um só lado, caindo em ponta na frente. Jane Wyman, num elegantíssimo figurino para jantar, em lamé prateado. Saia longa, modelo de grande efeito. Em baixo: Arlen Dahl, da MGM, deu uma nota diferente ao seu modelo de seda rosa pálido, enfeitando-o com uma banda em forma de "V" de angorá azul. Loretta Young usa uma lindíssima blusa de seda com grandes flores em cores vivas. Gola e mangas recortadas. Na página ao lado: Irene Dunne, elegantíssima e simpática num modelo de seda estampada.





CINCO MODELOS ELEGANTES

Caixa de RESSONÂNCIA

Odilon de Azevedo é um nome já consagrado no nosso teatro. Procurou o palco conscientemente, como a profissão do seu agrado, depois de se iniciar como escritor, merecendo juízos consagradores, de personalidades como Agripino Grieco e Monteiro Lobato, ao publicar "Macegas", "A mulher do promotor" e outras obras em que afirmou seus dons de prosador. Há via conquistado, também, como Leopoldo Froes, um canudo de bacharel, que é hoje uma inutilidade, entre as memórias do seu passado. O teatro estava nas suas veias. No seu sangue. Era-lhe impossível fugir ao seu estigma, evadir-se a essa fatalidade. Desde os tempos em que se apresentou, no velho Lírico, entre Leopoldo Froes, padrinho de sua carreira artística, e o gigantesco Chaby Pinheiro, Odilon de Azevedo tem conquistado simpatias e tem merecido as homenagens do público, pela sua fidelidade ao ideal artístico a que se tem consagrado. Fundando, com Dulcina de Moraes e Oduvaldo Vianna, a companhia Dulcina-Odilon, que hoje está apenas sob a responsabilidade da ilustre atriz e do bacharel que se fez ator, tem contribuído, grandemente, para animar o nosso meio artístico, colaborando com entusiasmo em empreendimentos que têm elevado sobremaneira o nível do nosso teatro.



Com o seu concurso, com a sua colaboração de empresário e de ator, foi que tivemos a oportunidade de testemunhar iniciativas como a encenação das peças "Bódas de Sangue", de Federico Garcia Lorca; "Rainha Vitória", de Laurence Housman; "Chuva", de John Colton, Clemence Randolph e Somerset Maugham; "Nunca me deixarás", de Margaret Kennedy; "Anfitrião 38", de Jean Giraudoux; "Santa Joana", "Cesar e Cleópatra", "A bela e a fera", "Pigmalião", de Bernard Shaw; "Anna Christie", de Eugene O'Neill; "Uma mulher do outro mundo" e "Pancada de amor", de Noel Coward; "A mulher inatingível", de Somerset Maugham; "A Filha de Iorio", de D'Annunzio; "O Pirata", de S. N. Berhman; "Deslumbramento", de Keith Winter.

Peças de um tom elevado e, em alguns casos, de montagem caríssima, além de cheias de dificuldades de encenação. E', portanto, um ator e empresário que tem uma folha de serviços digna da melhor consideração e que, além disso, pode juntar a esses méritos, o de já haver feito, ao lado da grande atriz espanhola Antonia Herrero, uma excursão, na qual representou nas principais cidades argentinas quatro diferentes peças em espanhol, inclusive "Chuva", que foi um memorável sucesso de Dulcina em Buenos Aires. Pois é esse ator e empresário que pretende, agora, movimentar ainda mais o nosso ambiente teatral, iniciando uma série de espetáculos às segundas-feiras, com duas vespertais extraordinárias, uma às terças-feiras e outra aos domingos. Tudo isso sem prejuízo da temporada regular do Regina. Essa iniciativa não é da Companhia Dulcina-Odilon. E' uma iniciativa de Odilon, apenas. E para isso o consagrado ator criou uma legenda à parte, — a "Barraca da Comédia", — cabendo a essa organização dar espetáculos leves, risinhos, destinados antes de mais nada a divertir o público. Contou-nos Odilon que seu repertório será de comédias românticas ou satíricas, ou mesmo de peças "vaudevillescas", mas sempre de tom humorístico, alegre! A "Barraca da Comédia" vai inaugurar suas atividades, de resto, com uma peça muito adequada e de sucesso garantido, "O último dos fiéis" (Hipocampo), de Sérgio Pugliese. Esse autor italiano, dos mais festejados entre os grandes nomes contemporâneos do teatro peninsular, narra nessa peça as torturas de um hipocampo, — ou cavalo marinho — se assim preferem, entendendo-se por essa designação um desses maridos raros, incapazes de cair em tentação, inibidos, inteiramente inhabilitados para a prevaricação... E' uma peça de diálogo brilhante, irônico, cheio de vivacidade e de graça. Odilon de Azevedo apresentará de novo ao público, ao seu lado, uma das nossas maiores artistas cômicas, a senhora Conchita de Moraes. O público carioca, que tanto já lhe deve, ficará lhe devendo mais esse serviço, — a inauguração da "Barraca da Comédia".

DEMOSTENES VARELA

**A TINTA "EMULSIONADA"
MAIS VENDIDA EM TODO O MUNDO,
porque...**

QUALQUER UM pode pintar com KEM-TONE

KEM-TONE é tão econômica



Um galão de tinta transforma-se em galão e meio depois de misturado com água, e isto basta para pintar uma sala de tamanho médio.



Sherwin-Williams é também o fabricante de Pestroy - a bomba atômica dos inseticidas.



É tão fácil renovar sua casa... dar-lhe vida e beleza... com Kem-Tone, a tinta mágica da Sherwin-Williams para paredes internas. Kem-Tone é fácil de aplicar — dilue-se com água, cobre com uma demão, até papel de parede ou pinturas escuras, seca em 1 hora, e não deixa cheiro de tinta. Kem-Tone é fabricada em cores suaves, forma

uma camada macia — de aspecto "profissional"... e é por isso que qualquer pessoa pode pintar com Kem-Tone. Pinte uma sala inteira — ponha tudo de volta em seus lugares antes do jantar! Kem-Tone é popularíssima nas três Americas — é a tinta "emulsionada" mais vendida em todo o mundo. **À venda nas boas casas do ramo.**

TINTAS E

VERNIZES

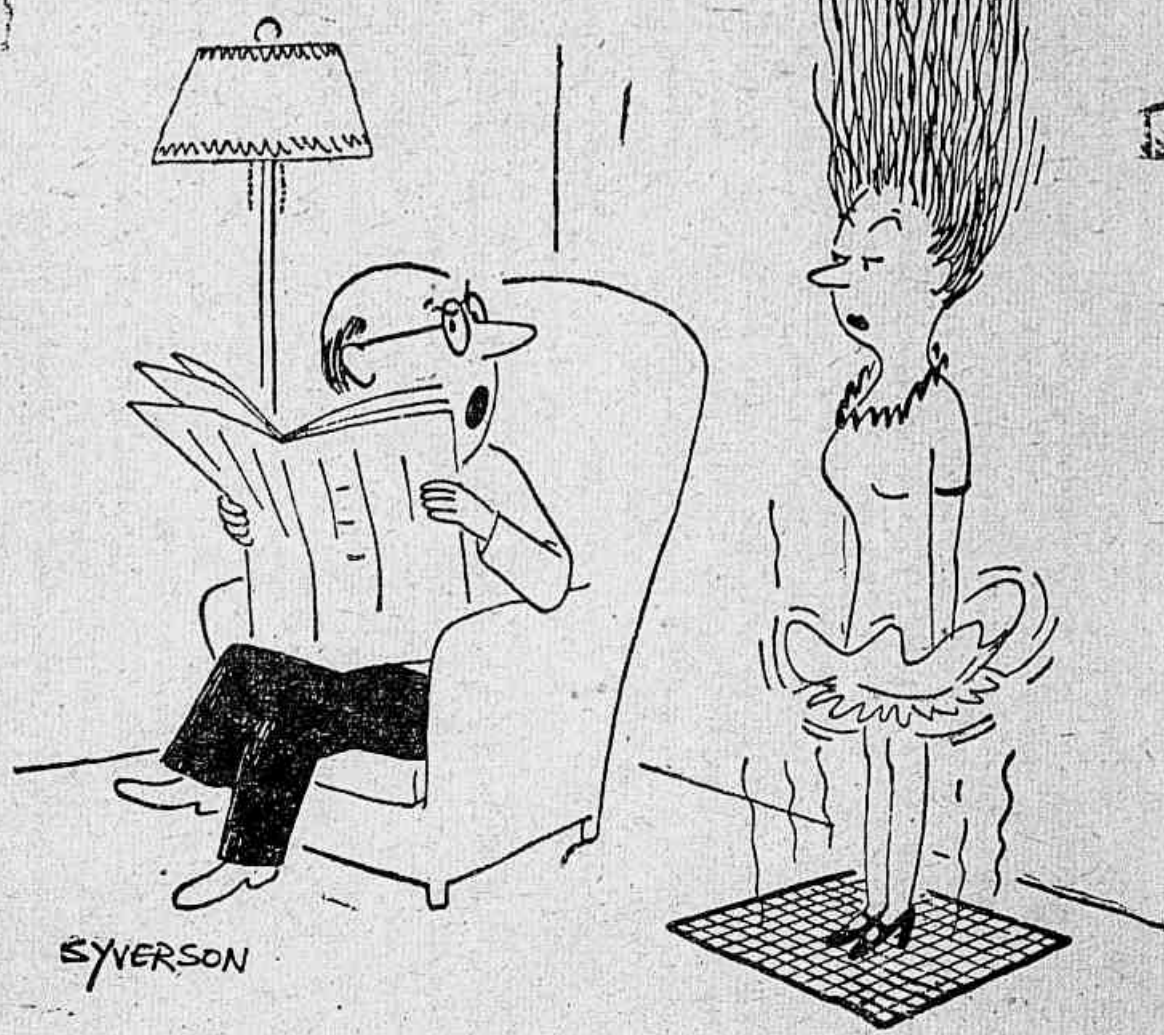
SHERWIN WILLIAMS



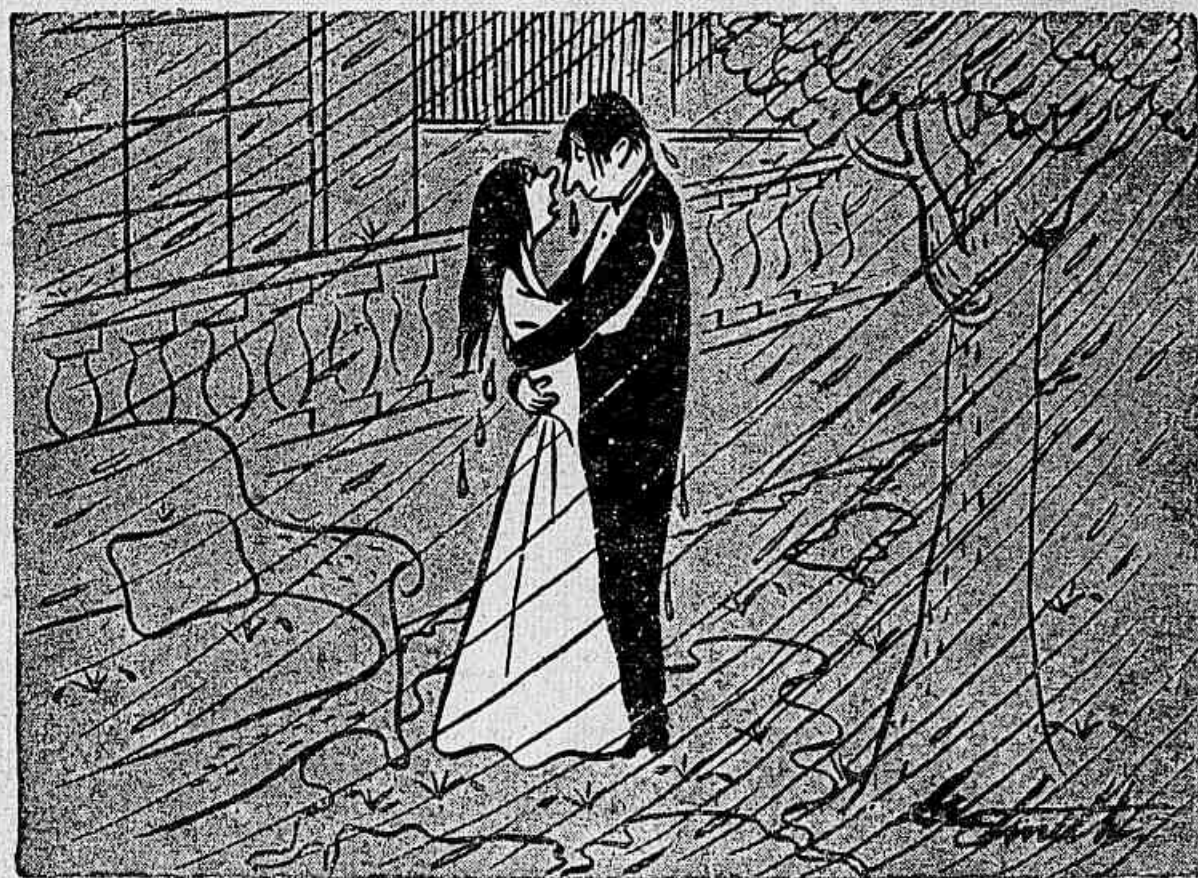
BRASIL

RUA BARÃO DE ITAPETINGA 124, 4.º AND., TELS. 4-6681 e 6-1229
RUA ANDRÉ CAVALCANTE 23. TEL. 32-2077

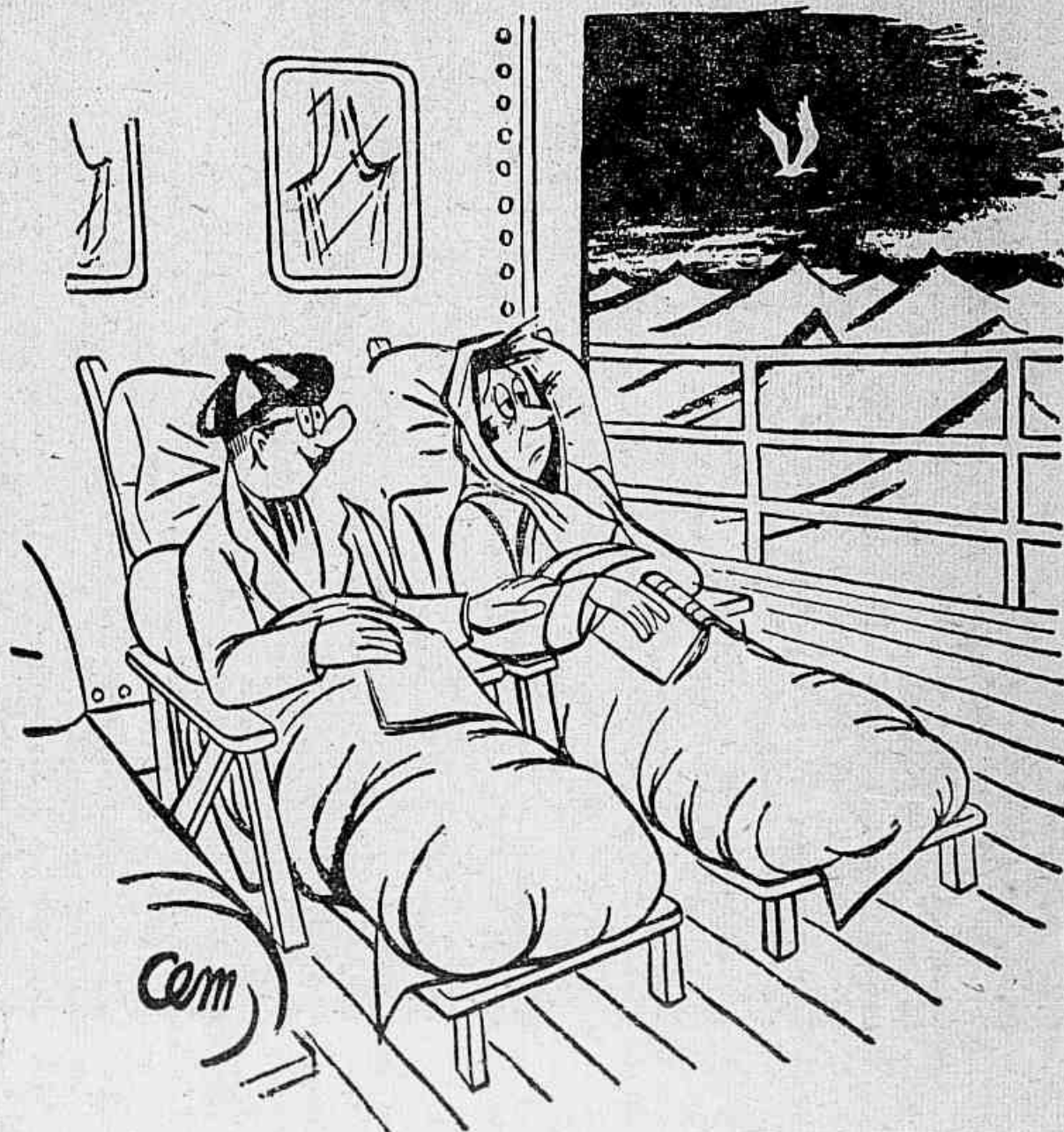
BOM HUMOR



— Perca essa mania de querer me distrair da minha leitura!



— Querida, voltemos para o baile, antes que dêem por falta de nós!

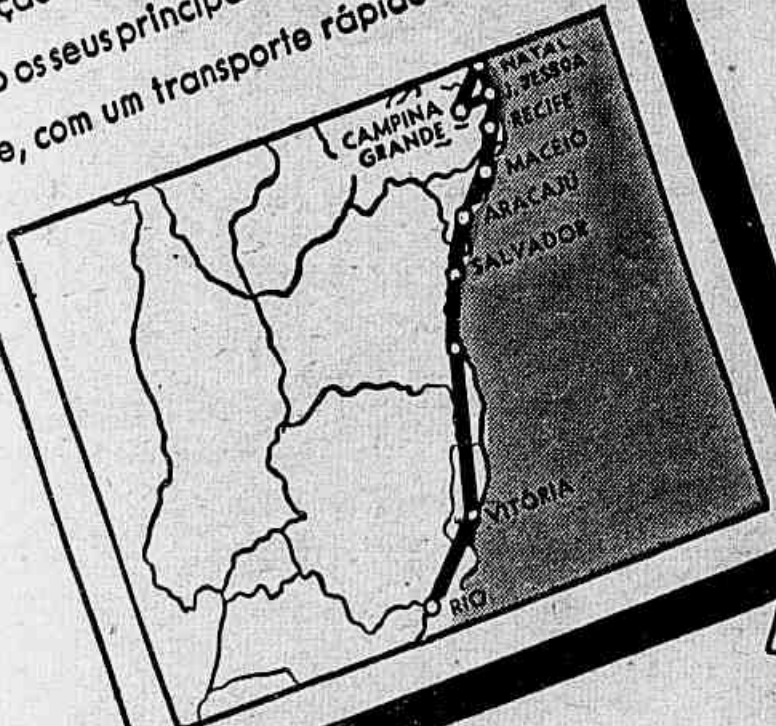


— Bem... Não desanime... Talvez no país para onde vamos a gente possa alugar um apartamento...

NUM PAÍS VASTO...

A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO

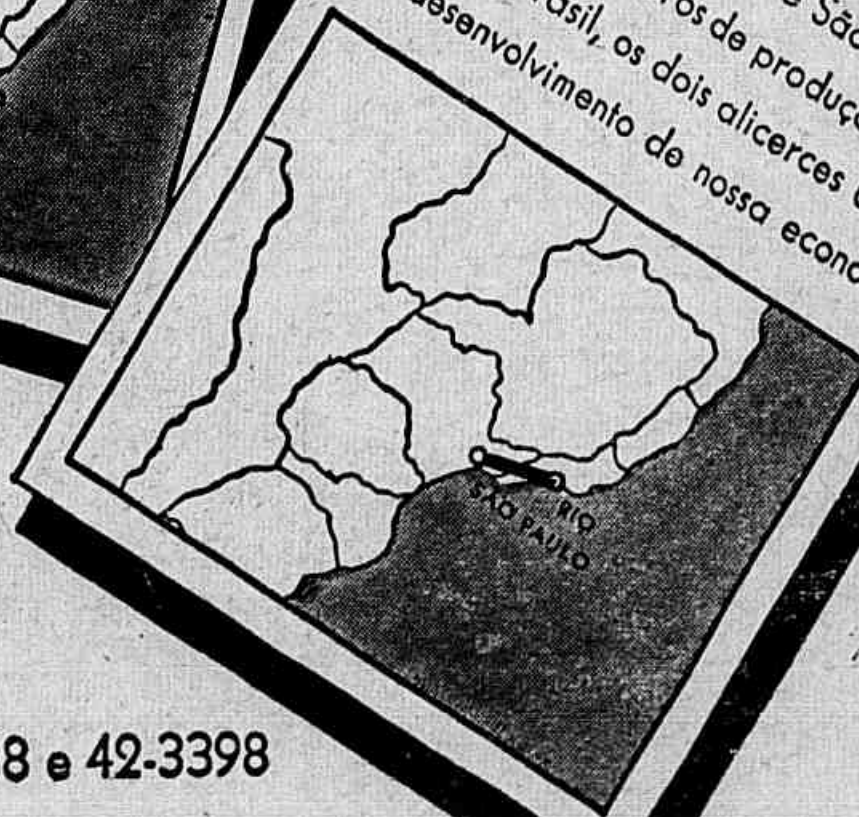
O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condições de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento de nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398

VEN PARA A SALA DE VISITAS, PEQUENINA



SILÊNCIO. Silêncio. Nunca houve outro tão grande, para a criança moribunda. E' um silêncio que fica, em torno, como um corpo. Um silêncio que se inclina e que parece ter braços. Braços para ninar. Tem cor, aquele silêncio. Tem a cor de um peixe fulgurante. E é frio, também. Existem como que escamas a latejar tenuemente. Semelham pequenas ventarolas agitando brisa em torno da testa abrasada de febre.

Pessoas movem-se em redor e nada possui som, como se houvesse um vidro entre as pessoas e a cama ou então como se as pessoas se estivessem agitando numa impassível água de tonalidade verde muito pura, muito pura...

O cansaço é gostoso, nesse mundo sem sons. E, de repente, uma figura fica muito grande, vem à tona e se mostra. Depois, desaparece. Assim foi com a grande mulher negra, agora há pouco. O rosto dela cresceu, ficou perto da cama. Lágrimas corriam os olhos. Pequenina teve vontade de dizer à mãe: — não chore — mas venceu-a a timidez e, também, tinha a certeza de que a sua voz se esfacelaria contra o muro de silêncio. Entretanto, não teve tempo de tomar nenhuma iniciativa porque o rosto diminuiu como se tivesse sido engolido por algodão. Só ficou a brancura do algodão e ela flutuando.

Tinha visto num livro, ou tinha visto no cinema uma princesa carregada nos espaços por cisnes? Não. Maria Clara é que tinha contado. Ela chegou na cozinha à hora em que a mãe areava as panelas.

— Vou te contar uma história.

Pequenina não queria. Sabia que ia ter medo depois, quando tudo ficasse escuro, no quarto. Mas daquela vez a história era bonita. Desprendia luz em cima dela, como o lustre grande da sala de visitas. Tal e qual. Agora, decerto, Maria Clara, a filha da patroa, a tinha levado em baixo do lustre porque à sua volta tudo brilhava e era branco algumas vezes e outras verde muito puro, muito cintilante...

— Vem, boba! Ninguém te vai comer!

Maria Clara a puxava e ela ia sobre tapetes que afundavam. Os trincos das portas eram altos e havia cadeiras bojudas como bichos e sofás que expeliam fogos vermelhos e dourados. Teve medo, de repente, de seu rosto muito negro, muito preocupado.

— Boba! E' você mesmo! Não vê que é o espelho grande?

Depois, na sala, apareceram as rosas brancas mergulhando no vaso de porcelana, junto do retrato do homem pensativo.

— E' o Papai que está no céu.

Pequenina não tinha pai no céu. Tinha na terra. Via-o quando a mãe saía do serviço. Chegavam. Desciam a escada do porão. Toque-toque. A mãe batia com o nó dos dedos na porta. Do outro lado, o pai virava a taramela.

— Tome a benção do seu pai.

O pai mudava constantemente de figura. Às vezes era alto, às vezes baixo, outras gordo, ou-

(Cont. na pág. 47)

CONTO DE HELENA SILVEIRA
ESPECIAL PARA REVISTA DA SEMANA
ILUSTRAÇÃO DE A. ZALUAR

A VIDA DE SIBELIUS

(Conclusão do número anterior)

Sibelius encontrara-se, uma vez, com Gustav Mahler e haviam os dois discutido a definição de uma sinfonia. Sibelius confessara admirar o verdadeiro estilo sinfônico em razão da sua severidade e da lógica profunda que exigia íntima conexão entre todos os motivos. — Não, — respondeu Mahler. — Uma sinfonia precisa ser como o mundo. Precisa abarcar um pouco de tudo sem discriminação. Ao que Sibelius retorquiu: — Se compreendêssemos o mundo, compreenderíamos que há uma lógica, de harmonia e de baixo de suas múltiplas dissonâncias aparentes.

Cada nota, cada matiz de melodia tem, na música de Sibelius, um significado lógico definido. Um dos melhores intérpretes das suas sinfonias, o maestro de Helsingfors, Robert Kajanus, atribui o próprio sucesso ao fato de haver compreendido não só a música senão o espírito de Sibelius. Kajanus costumava, sem ser percebido, estar presente sempre que Sibelius ensaiava as suas sinfonias. Um belo dia, o compositor o surpreendeu e pediu-lhe explicações da intrusão. — Eu queria ver o seu espírito, no processo de pensar, — gaguejou o maestro. Kajanus acreditava que uma sinfonia de Sibelius representa um sistema filosófico definido; e um simples desvio do plano do compositor comprometeria todo o seu pensamento. — Uma vez, — observou ele a um amigo, — dirigi a «Primeira sinfonia» de Sibelius sem a partitura. Tudo correu bem, e cheguei até a receber parabéns pela execução. Depois, entretanto, tive remorsos, imaginando que poderia ter omitido alguns cambiantes, mesmo que ninguém tivesse dado tento da omissão. E protestei nunca mais reger de cor nenhuma das suas obras.

A «Primeira sinfonia» de Sibelius foi escrita aos trinta e seis anos, quando ele já havia dominado totalmente todas as outras formas de música. A obra é edificada segundo linhas ortodoxas e clássicas, com os quatro movimentos usuais. O primeiro movimento é um allegro de Mozart, o segundo um cantabile expressivo, o terceiro um scherzo, o quarto um épico finale, terminando com uma nota de triunfo. É, contudo, por tal maneira única a harmonia, que muitos dentre os espectadores a capitularam de revolucionária por ocasião da estréia. Outros, menos extravagantes em suas apreciações, notaram-lhe, à conta do controle de Sibelius, um parentesco com as melodias escravas de Tchaikovsky e a mesma propensão da música para omper em valsas. A sua disposição, entretanto, não trai exaltações e depressões alternativas, como no caso do compositor russo. Revela, em vez disso, espírito de heroísmo, tremenda coragem — e, ao mesmo tempo, ausência de calor. Quando contemplamos as rochas gráficas do nosso litoral finlandês, conhecemos por que somos capazes de tratar a orquestra como o fazemos! Contornos desarmados e esmagadores, heroicamente trágicos em face de um sólido e arcaico pano de fundo. É uma sinfonia de romance em seu sentido mais verdadeiro — o romance de um povo nórdico dotado de um coração bom e triste. É em muitos sentidos, o derradeiro rebento de uma dinastia de sinfonias e talvez um dos melhores. É o arquétipo da sinfonia heróica tradicional em que o século XIX é tão pródigo. É filha da «Heróica» de Beethoven, sobrinha da «Quarta» de Brahms, primária da «Sinfonia do Novo Mundo» de Dvorak. É a conclusão de um estilo que o tempo consagrou.

A «Segunda Sinfonia» de Sibelius, por outro lado, assinala o início de novo estilo. É ainda construída com os quatro movimentos tradicionais, mas o material temático foi completamente revolucionado. Nas sinfonias anteriores, por exemplo, eram os temas apresentados numa exposição, analisados em várias combinações, fragmentárias e depois novamente reunidos numa recapitulação. No primeiro movimento dessa sinfonia, entretanto, é ricamente invertido esse processo. Os fragmentos do tema são introduzidos na exposição. Posteriormente, a princípio, pedaços desconjuntados de melodia sem nenhuma conexão

recíproca. Logo, porém, são reunidos no conjunto do tema e novamente dispersados em átomos musicais na recapitulação. Nunca se conhecera em música nada parecido com esse «respirar de vida» em segmentos musicais, esse processo de criação orgânica celular que se multiplica em organismos vivos. Diante dos nossos ouvidos transforma-se em flor a semente, a flor absorve a chuva e o orvalho e toda a planta é feita pedaços enquanto que novas sementes reiniciam o mesmo processo. O movimento lento da sinfonia é também absolutamente novo. Nunca foi a melancolia da vida mais sincera ou mais graficamente expressada. É como se quisesse mostrar ao mundo que ele ainda se preocupa com as velhas tradições, Sibelius retorna às formas convencionais no scherzo e no movimento final. Com efeito, apesar de toda a sua força trabalhada e toda a sua tapeçaria bordada, o finale é construído segundo um allegro do tempo de Mozart.

A «Terceira sinfonia» representa um novo passo ainda no progresso experimental de Sibelius. Está escrita em três movimentos. Nela não há nenhum movimento lento próprio, nem scherzo nenhum. O segundo movimento, todavia, sugere ambas as coisas. A guisa de ilustração do contínuo esforço de Sibelius para uma precisão maior é interessante notar que cada sinfonia é mais curta e mais compacta que a precedente. A «Primeira sinfonia» contém 160 páginas de partitura; a «Segunda», 145; a «Terceira», apenas 70. E cada sinfonia é escrita para um número cada vez menor de instrumentos. A «Primeira sinfonia», cheia e resplandecente, que representa Sibelius em sua disposição mais ortodoxa, é escrita para toda a orquestra. A «Segunda», para toda a orquestra, exceto a harpa. A «Terceira» é escrita com maiores restrições ainda. A tuba, que desempenhava parte preponderante nas duas primeiras, é aqui omitida. De fato, toda a acentuação da «Terceira Sinfonia» se baseia nas cordas. É quase que um retorno à música de câmara de que tanto se agradava o compositor em seus primeiros períodos. O pigmento musical é muito mais leve, mais impressionista. As trombetas primam pela ausência. O novo quadro sonoro passa da textura elaborada de uma tela de Velasquez para um Franz Hals sugestivo, sutil e transparente. Não se encontra nessa sinfonia a mesma complexidade de temas das anteriores. Verifica-se uma volta completa à velha simplicidade clássica. Já não tem a atmosfera, impregnada de sol e de alegria, a sombria e misteriosa inquietação da «Segunda» nem o épico heroísmo da «Primeira».

A «Quarta Sinfonia» estabelece um contraste ainda mais estranho. Quem quer que desconheça os fatos será incapaz de acreditar que o homem que compôs as três primeiras seja também o compositor da quarta. Ninguém mais, entretanto, teria sido capaz de escrevê-la, pois trata-se de uma expressão pessoal profunda e única pertencente a um mundo próprio — um mundo que nenhuma outra composição musical pôde jamais penetrar. É tão diferente das obras anteriores de Sibelius como o é de qualquer outro homem. Se a «Terceira sinfonia» manifestava uma tendência no sentido da solidéz e uma propensão para descer às essencialidades simples da música — se a «Terceira sinfonia», no dizer do crítico inglês Cecil Gray, «representa o resultado de um regime de emagrecimento, uma redução dos tecidos adiposos e das curvas tanto ou quanto opulentas da musa sinfônica como esta se nos depara nos dois primeiros exemplos», a «Quarta» é o resultado de um ascetismo puro. O primeiro movimento, inteiramente baseado num tema de quatro notas das cordas, termina em treze páginas. É um novo idioma. O tom é fantástico, sombrio e sugestivo. Nunca houve movimento tão compacto nem que dissesse tanta coisa.

(Continua na pág. 49)

EXCEPCIONAL OFERECIMENTO DA CASA MASETTI

PELO REEMBOLSO POSTAL

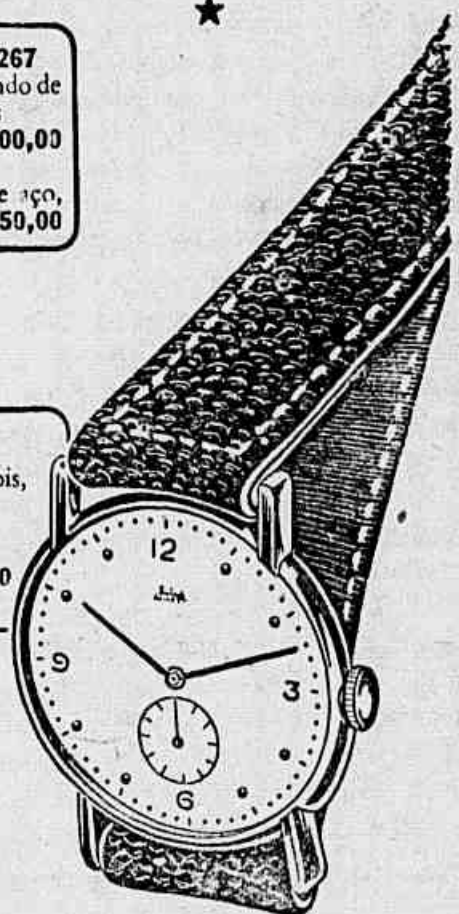
V. S. pode adquirir, agora, um relógio POLDIT, de alta classe, importação Suíça, com 15 rubis, antimagnético, Espiral Breguét produto da afamada fábrica SOLVIL.

PREÇOS CONVIDATIVOS



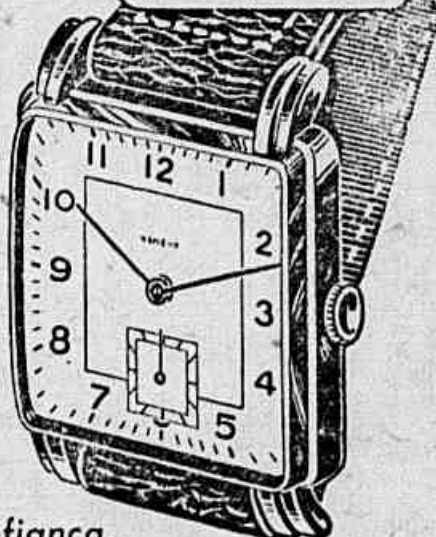
Ref. 49/267
Cromado, fundo de
aço, 15 rubis
Cr\$ 500,00
Ref. 49/268
Folhado, fundo de aço,
Cr\$ 650,00

Ref. 49/257
Cromado, 15 rubis,
Cr\$ 400,00
Ref. 49/260
Folhado, Cr\$ 550,00



Ref. 49/265
Automatico
A prova d'água 17 rubis
Cr\$ 800,00

Ref. 49/262 Cromado,
Cr\$ 400,00
Ref. 49/261 Folhado
Cr\$ 600,00



Todos os relógios são acompanhados dos respectivos certificados de garantia e de um rico estojo de baquelite.

A Casa Masetti é especializada há mais de 50 anos na venda de bons relógios.

Adquira-o com inteira confiança.

Casa Masetti

Rua Seminário, 131-135
Caixa Postal, 291 - São Paulo

PANAM • Casa de Amigos

MÚSICA

UNS COMPASSOS PARA A PÔSTERIDADE — O ANJO E O PADRE — AGORA SOMOS TRÊS — O MANDARIM E O PIANO

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

VÉRON chamou o piano de "metralhadora da paz". Essa designação pitoresca deve ter sido inspirada por pianista de temperamento "liszteano", pois foi a respeito de Liszt que Rossini observou: "Há certos pianistas que, preocupados em demonstrar a sua prodigiosa agilidade, conseguem tocar tantas notas por minuto que o público nem sequer dispõe de tempo necessário para ouvir a primeira antes que sóe a segunda..." nem por isso, porém, o "virtuoso" admitia que, durante os seus concertos, alguém perturbasse o religioso silêncio que exigia. Certa vez, o czar Nicolau I, que não apreciava a música, quis distrair-se conversando, enquanto Liszt tocava para a corte russa. Diante do desinteresse do soberano, Liszt interrompeu o recital.

— Por que parou? perguntou-lhe o czar.

Liszt, contendo sua irritação, replicou:

— Quando o imperador fala, todos devem calar-se.

Essa observação, que hoje nos parece muito tímida, constituía, naqueles tempos de respeito e temor às cabeças coroadas, réplica audaciosa, que expunha o artista a consequências imprevisíveis.

Liszt, porém, não se deixava intimidar. Em Hofburg tocou para Francisco José, em festa de gala. Como, porém, após ter sido muito aplaudido, Liszt fosse convidado a jantar com os criados, recusou, altivamente, dizendo que preferia comer em casa...

UNS COMPASSOS PARA A PÔSTERIDADE

Wagner, a quem Liszt muito ajudou, encontrou uma maneira muito estranha de recompensar o amigo, demonstrando-lhe sua gratidão. Como considerasse suas óperas os documentos musicais mais preciosos do mundo, logicamente não poderia conceber honra maior para Liszt do que a inserção de alguns compassos deste no segundo ato dos Mestres Cantores. Liszt, porém, apesar de ferido em sua vaidade, sabia reconhecer o gênio, quando o encontrava. E, assim, limitou-se a

sorrir, quando soube do gesto de Wagner.

— Bem, dessa maneira, pelo menos, eu posso ter certeza de que uma parte de minha música ficará para a posteridade.

O ANJO E O PADRE

Numa crise mística, Liszt fez-se sacerdote. Sua nova condição, entretanto, não lhe conseguiu mudar o temperamento. Suas aventuras amorosas não cessaram. Seus cuidados para com as belas alunas continuaram, da mesma forma. Mestre exigente, tratava os sexos com uma justa desigualdade: dos homens exigia talento e das mulheres ou talento ou simplesmente beleza... Pois, na sua opinião, uma bela mulher já era uma obra de arte completa. Para que mais arte, então? perguntava às alunas bem dotadas fisicamente mas que, musicalmente, pouco conseguiam realizar.

Em público, admirava certa vez as espáduas de uma moça, descobertas por um decote indiscreto, quando esta, espantada, exclamou:

— Ah! O sr.! Um sacerdote!...

Liszt, sem perder a calma, retrucou:

— Não interprete mal o meu olhar, minha filha. Eu achei em seu rosto uma tal expressão de pureza angelical que estava examinando-lhe as costas, à procura das asas...

AGORA SOMOS TRÊS

Hoje, as qualidades exigidas de um intérprete não se restringem ao puro virtuosismo. Entretanto, tal a importância atribuída à pericia digital, ao tempo de Liszt, que este complicava, propositadamente, suas composições, para torná-las inacessíveis à limitada capacidade de um executante comum. Nem sempre, porém, poudo envaidecer-se de ter conseguido realizar obra que somente ele poderia tocar.

Certa vez, depois de executar uma peça de excepcional dificuldade, proclamou:

— Somente eu e Hans von Bulow somos capazes de executar isso.

Georges Bizet, que estava presente, sentou-se ao piano, sem dar uma palavra, e tocou, de memória, o trecho que acabava de ouvir pela primeira vez.

Liszt, entusiasmado, abraçou-o, dizendo:

— Agora somos três, eu, Hans von Bulow e você.

UM PIANISTA DE SEGUNDA CATEGORIA

Em duas ocasiões de sua vida, pelo menos, Liszt teve de enfrentar um público hostil. A primeira, numa cidade francesa, em concerto ao qual só compareceram cinquenta pessoas. Nessa ocasião, Liszt, desesperado ante a frieza dos presentes, levantou-se, no meio do recital e disse: Bem, chega de música. Os srs. estão convidados para jantar comigo. E verificou, com amargura, que a refeição parecia mais atraente a platéia do que a música.

De outra feita, Liszt ouviu de um pintor que, achando

Mateo Falcone

(Cont. da pág. 19)

dos até muito mais longe do que em qualquer outra parte.) Chamava-se Tiodoro Gamba. Era um homem ativo, muito temido pelos bandidos, dos quais já tinha capturado muitos.

— Bom dia, priminho — disse, aproximando-se de Fortunato. — Como estás crescido. Viste um homem passar por aqui agora mesmo?

— Oh! Eu ainda não sou tão alto como tu, meu primo — respondeu o menino com ar muito simples.

— Não tardará que estejas. Mas, diz-me: não viste um homem passar por aqui?

— Sim, um homem com chapéu pontudo de feltro preto e jaleco bordado de vermelho e amarelo?

— Um homem com chapéu pontudo e jaleco bordado de vermelho e amarelo?

— Sim, responde rapidamente e não repitas as minhas perguntas!

— Esta manhã o cura passou pela nossa porta no cavalo dele. Perguntou-me como estava passando papai, e eu lhe respondi...

— Pequeno velhaco! Estás querendo brincar comigo? Dize-me rapidamente para que lado foi Gianetto! Nós estamos à procura dele e eu tenho a certeza de que tomou por este caminho.

— Quem sabe?

— Quem sabe? Eu sei que tu o viste.

— Pode alguém ver quem passa quando está dormindo?

— Tu não estavas dormindo, tratante. Os tiros te acordaram.

— Então acreditas, primo, que as tuas armas fazem tanto ruído assim? A carabina de meu pai faz muito mais.

— O diabo te carregue, maldito fedelho! Eu tenho a certeza de que viste Gianetto. Talvez até o tenhas escondido. Vamos, camaradas, entrem na casa e vejam se o homem está lá. Ele só podia ir a pé, e o velhaco tem bom senso de mais para tentar alcançar o miquis manquejando daquela maneira. Além disso o rasto de sangue termina aqui.

— Que dirá papai? — perguntou Fortunato em tom zombeteiro. — Que dirá ele, se souber que entraram em uma casa quando ele estava fora?

— Seu velhaco! — gritou o ajudante, pegando-o pela orelha. — Sabes o que me resta fazer para te obrigar a mudar de tom? Depois que eu te tiver dado vinte golpes com a prancha da minha espada, talvez fales diferente!

Fortunato continuou a zombar.

— Meu pai é Mateo Falcone — disse com ênfase.

— Pequeno patife, tu sabes muito bem que eu posso levar-te para Corte ou Bastia. Posso te jogar numa masmorra, em cima de palha, com os pés em correntes, e mando-te guilhotinar se não me dizes onde está Gianetto.

O garoto soltou uma estrondosa gargalhada ouvindo a ridícula ameaça. Repetiu:

— Meu pai é Mateo Falcone.

— Ajudante, — disse um dos soldados em voz baixa, — é melhor não procurarmos desavenças com Mateo.

Gamba pareceu embaraçado. Falou em voz baixa com os soldados que tinham revistado a casa. Não foi uma operação muito longa, pois a cabana de um corso consiste apenas num compartimento quadrado, munido de mesa, alguns bancos, arcas, utensílios domésticos e de caça. Entrementes, o pequeno Fortunato acariciava a sua gatinha e parecia experimentar um maligno prazer vendo a confusão dos soldados e do primo.

Um dos homens aproximou-se do monte de feno. Viu o gato e cravou a baioneta no feno descuidadamente, encolhendo os ombros, como se achasse aquilo uma precaução inútil. Nada se moveu. A fisionomia do rapaz não traiu a menor emoção.

O ajudante e sua tropa amaldiçoavam a sua pouca sorte. Já olhavam na direção da planície como dispostos a voltar por onde tinham vindo, quando o seu chefe, convencido de que as ameaças não produziram a menor impressão sobre o filho de Falcone, resolveu fazer um último esforço, tentando o efeito dos afagos e dos presentes.

— Priminho, — disse, — estou vendo que és um rapazinho muito esperto. Irás longe. Mas não estás procedendo bem comigo, e se não receasse causar dificuldades ao primo Mateo os diabos me carreguem se não te levava comigo para a cidade!

— Ora!

— Mas quando meu primo voltar eu lhe contarei tudo, e ele te chicoteará até fazer sangue, por teres mentido dessa maneira.

— Não digas!

— Verás. Mas espera! Se um bom rapaz e eu te darei uma coisa.

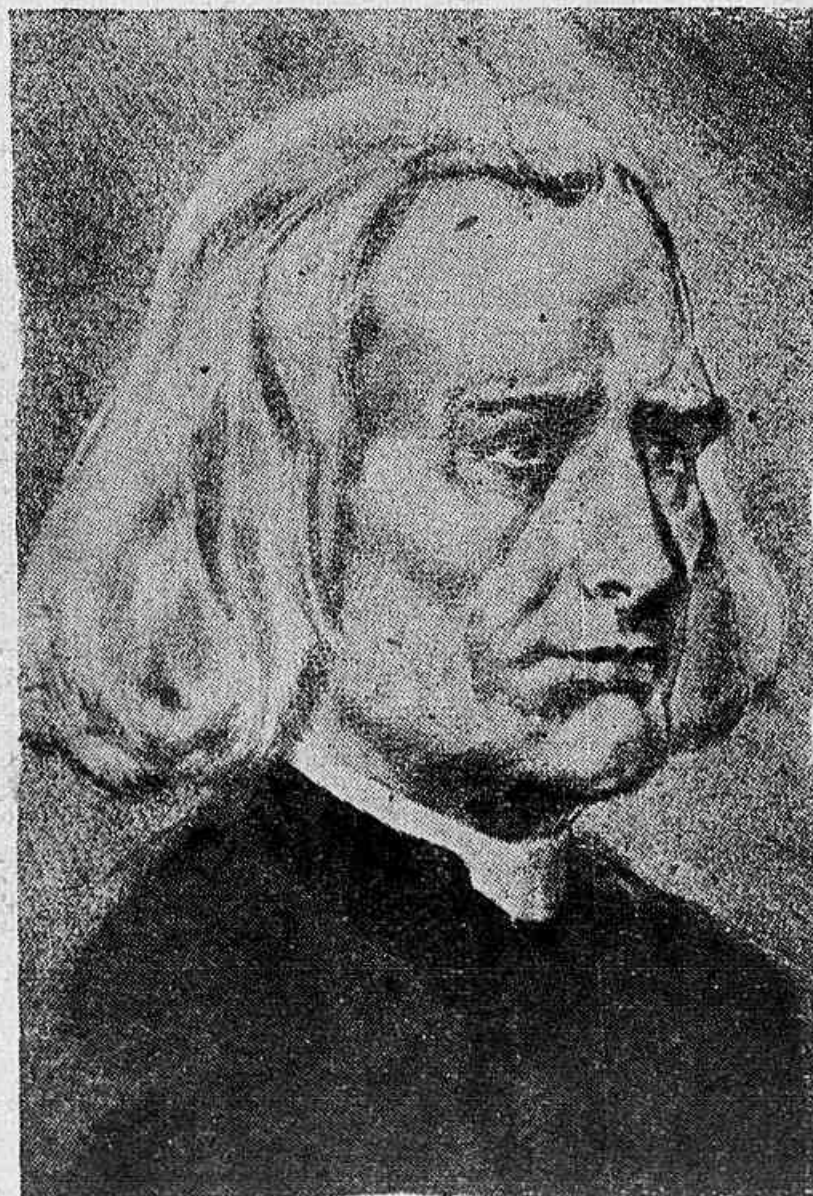
— Primo, vou te dar um conselho. Se ficares mais tempo aqui, Gianetto chegará ao miquis, e então será preciso um homem mais esperto do que tu para segui-lo.

O ajudante tirou do bolso um relógio de prata do valor de dez coroas e, vendo os olhos de Fortunato brilharem, disse, segurando o relógio pela ponta da corrente de aço:

— Patife! Gostarias de ter um relógio como este, pendurado em volta do pescoço? Quando fosses pelas ruas de Porto Vecchio, orgulhoso como um pavão, a gente perguntaria as horas e tu lhe dirias: «Vejam no meu relógio».

— Quando eu for crescido, meu tio, o caporal, vai me dar um relógio.

— Sim, mas o garotinho de teu tio já tem um, e não é tão bom como este. E, contudo, ele é mais jovem do que tu. O garoto suspirou.



FRANZ LISZT

Impressionando os meios científicos do país!

A luta da ciência, durante anos, tem sido para encontrar uma fórmula eficiente e rápida, capaz de debelar os males do fígado e suas consequências, sem perda de tempo, sem sacrifício de dinheiro e sem dieta prolongada.

Este é o segredo do

FIGACOL

medicamento de absoluta confiança, recomendado pelos mais renomados médicos do país.

FIGACOL é um produto vitorioso do Instituto Científico Medicator Ltda.

Fabricante da famosa

EMAGRINA

Atendemos pedidos pelo Reembolso, para a Caixa Postal 2.335 — RIO

(Cont. na pág. 50)

conhecido. Mas o curto espaço que o separava de Mateo pareceu-lhe terrivelmente longo.

— Olá, velho camarada! — gritou. — Como tem passado, meu bom amigo? Sou eu, Gamba, seu primo.

Sem responder uma palavra, Mateo parou e, à medida que o outro falava, levantava lentamente o cano da espingarda. Quando o ajudante chegou perto, o cano da arma apontava para o ar.

— Bom dia, irmão — disse o ajudante, estendendo a mão. — Há muito tempo que não te vejo.

— Bom dia, irmão.

— Eu parei de passagem para te dizer bom dia e à prima Pepa. Fizemos uma longa jornada hoje, mas não temos razão de queixa, pois fizemos uma grande captura. Acabamos de prender Gianetto Saupiero.

— Deus seja louvado! — exclamou Giuseppe. — Ele nos roubou uma cabra leiteira na semana passada.

Estas palavras tranquilizaram Gamba.

— Pobre diabo! — disse Mateo. — Ele estava com fome.

— O velhaco lutou como um leão — continuou o ajudante um pouco mortificado. — Matou um dos meus soldados e não contente com isso, quebrou o braço do cabo Chardon. Mas isso não ter-

muita importância, pois é apenas um francês. Depois escondeu-se de tal maneira que nem o diabo seria capaz de o encontrar. Sem o auxílio do priminho Fortunato, eu nunca o teria descoberto.

— Fortunato! — exclamou Mateo.

— Fortunato! — repetiu Giuseppe.

— Sim, Gianetto estava escondido debaixo daquele monte de feno, mas o priminho me indicou o esconderijo. Dirá a seu tio, o caporal, para que lhe mande um bonito presente pelo seu trabalho. O teu nome e o dele serão incluídos no relatório que mandarei ao promotor geral.

— Maldição! — disse Mateo em voz baixa.

Haviam chegado junto do destacamento. Gianetto já estava deitado na liteira, pronto para a viagem. Quando viu Mateo e Gamba juntos, teve um sorriso estranho; depois, voltando a cabeça para a porta da casa, cuspiu na soleira, dizendo:

— A casa dum traidor.

Só um homem resolvido a morrer pronunciaria a palavra traidor para Falcone. Um bom golpe com o estilete, que não seria necessário repetir, pagaria o insulto imediatamente. Entretanto, Mateo não fez outro movimento que o de

colocar a mão na frente como um homem atordoado.

Fortunato tinha entrado na casa quando seu pai chegou, e, nesse momento, reapareceu com uma tijela de leite que, de olhos baixos, entregou a Gianetto.

— Afasta-te de mim! — gritou o bandido em voz alta. Depois, voltando-se para um dos soldados, disse: — Camarada, dá-me um gole de água.

O soldado colocou-lhe o cantil nas mãos, e o preso bebeu a água que lhe foi entregue por um homem com quem acabava de trocar balas. Depois pediu-lhes que lhes amarrassem as mãos na frente e não atrás.

— Gosto de ir deitado a cômodo — disse.

Os soldados apressaram-se a satisfazê-lo. A seguir, o ajudante deu sinal de partida, disse adeus a Mateo, que não lhe respondeu, e a tropa desceu rapidamente para a planície.

Quase dez minutos se passaram antes que Mateo falasse. O menino olhava com olhos inquietos, ora para sua mãe, ora para o pai, que estava apoiado à sua espingarda olhando-o com uma expressão de raiva concentrada.

— Começas bem — disse Mateo, finalmente, numa voz muito calma, mas terrível para quem conhecia o homem.

— Ó pai! — gritou o garoto, debilhado em lágrimas, e fez um movimento como para se atirar de joelhos. Mas Mateo gritou:

— Para longe de mim!

O menino parou, soluçando, a pouca distância do pai.

Giuseppa aproximou-se. Acabava de descobrir a corrente do relógio cuja ponta pendia para fora do bolso do jaleco de Fortunato.

— Quem te deu esse relógio? — perguntou a mãe severamente.

— Meu primo, o ajudante.

Falcone tomou-lhe o relógio e quebrou-o em mil pedaços contra uma pedra.

— Mulher, — disse, — este menino é meu filho?

As faces de Giuseppa ficaram vermelhas como um tijolo.

— Que estás dizendo, Mateo? Sabes com quem estás falando?

— Muito bem, este menino é o primeiro da sua raça que pratica uma traição.

Os soluços e gemidos de Fortunato redobram, sentindo os olhos de lince de Falcone sobre ele. Então o pai bateu com a corinha no chão, pôs a arma ao ombro e voltou-se na direção do maqui, chamando Fortunato para que o seguisse. O rapaz obedeceu. Giuseppa correu atrás de Mateo e segurou-o pelo braço.

— E' teu filho — disse com voz trêmula, fitando os olhos negros nos do marido para ler o que lhe ia no coração.

— Deixa-me — disse Mateo. — Eu sou o pai dele.

Giuseppa abraçou o filho e, irrompendo em lágrimas, entrou na casa. Aí caiu de joelhos diante da imagem da Virgem e rezou ardentemente. Entretanto, Falcone caminhou uns duzentos passos pelo caminho e só parou quando chegou a uma pequena ravina, onde desceu. Experimentou a terra com a corinha da carabina para ver se era suficientemente mole para cavar. O lugar parecia conveniente para o seu desígnio.

— Fortunato, vai para junto daquela grande pedra.

O menino fez como lhe foi ordenado. Aí ajoelhou-se.

— Dize as tuas orações.

— Ó pai, pai, não me mate!

— Dize as tuas orações! — repetiu Mateo numa voz terrível.

Gaguejando e soluçando, o rapaz recitou o Padre Nosso e o Crêdo. Ao fim de cada oração o pai dizia, alto: Amen!

— São essas todas as orações que sabes?

— Ó meu pai! Eu sei a Ave-Maria e a ladainha, que minha tia me ensinou.

— E' muito longa, mas não faz mal.

A criança terminou a ladainha numa voz quase inaudível.

— Terminaste?

— Ó meu pai, tenha piedade! Perdoe-me! Eu nunca mais farei. Pedirei a meu primo, o caporal, que perdoe a Gianetto.

Ainda estava falando. Mateo ergueu a arma e, fazendo pontaria, disse:

— Que Deus te perdoe!

O rapaz fez um esforço desesperado para se erguer e agarrar-se aos joelhos de seu pai, mas não houve tempo. Mateo fez fogo e Fortunato caiu morto.

Sem um olhar ao corpo, Mateo foi a casa buscar uma pá para enterrar seu filho. Tinha dado alguns passos, quando se encontrou com Giuseppa, que, alarmada pelo tiro, corria ao seu encontro.

— Que fizeste? — gritou.

— Justiça.

— Onde está o menino?

— Na ravina. Vou enterrá-lo. Morreu como bom cristão. Mandarei rezar uma missa por ele. Chamarei meu genro, Tiodoro Bianchi, para que venha morar conosco.



"Absoluta..."

...e confiante em si mesma!

porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Não deixe que um pequeno descuido em sua toilette quebre o encanto de sua presença... Proteja-se com ODO-RO-NO que é de aplicação muito simples e rápida e que não irrita a pele, mantendo sua acção por três dias. ODO-RO-NO não se resseca no pote e não fica arenoso. Mantenha suas axilas enxutas e acetinadas com ODO-RO-NO e a sua atracção pessoal será completa... V. se tornará, em todos os ambientes, dominadora... desejada... "absoluta..."

Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme que qualquer outra marca.



Creme
ODO-RO-NO

A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

DESODORANTE E ANTI-SUDORAL



Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.

Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL
REGULAR

Vem para a sala de visitas...

(Cont. da pág. 42)

tras magro. Mas sempre era preto. No princípio, Pequenina reclamara:

— Este não é o Pai.

— E' sim, sua tonta! E'.

Então ela se acostumara aos rostos incessantemente mutáveis do Pai, aos seus ralhos e aos seus afagos. Sabia que, ao abrir da porta, o Pai podia ser o de dente de ouro ou o que tinha um bigode pequeno e lustroso e cantava ao violão coisas que davam vontade de chorar baixinho.

Agora, Pequenina estava largada na cama. Morria devagar. O porão estava cheio. E muitos pais tinham vindo ver morrer Pequenina. Se ela os pudesse enxergar havia de achar graça de encontrar tantos pais de uma vez pois sempre os vira alternados.

Mas a menina estava envolvida docemente de silêncio e de luz. Sim, era um embalo de luz e silêncio, de alvura do próprio silêncio. O silêncio tinha corpo e se inclinava, e a tomava nos braços. O silêncio eram os cisnes que carregavam a princesa.

— Dona Clara...

Há um ruje-ruje no porão. Figuras negras se levantam. O preto de roupa xadrez se inclina:

— Favor de passar, madama.

— Ai, dona Clara! Coitadinha da minha neguinha! Não vê do jeito que ela está?

— Eu não trouxe Maria Clara. Criança não deve ver essas coisas. Depois, ela nem mais conhece... Você deve se conformar. E' a vontade de Deus.

Qualquer som varou o silêncio, conseguiu atingir Pequenina.

— Maria Clara...

O cabelo de Maria Clara estava se desdobrando. E brilhava.

— Vem sua boba!

— Ai não! A mãe não deixa, Maria Clara.

— Vem sua boba. Ninguém te vai comer. Vamos para a sala de visitas!

A madrinha, agora, entrava no porão, trazia a mortalha.

— Cruz Credo, Marcelina, não presta chorar morte de anjo!

— Que mortalha bonita! As estrêlas são de lamê? Lá no salão êles pregaram umas estrêlas assim, nas paredes. Diz que sábado vão ensaiar pro cordão. A Malvina quer ir de baliza. Mas vai ééééé?

Um tênue fio ainda liga Pequenina à vida. A mão de Maria Clara preme a sua mão. O braço de Maria Clara é um cordão alvo que a puxa. Que a puxa...

— Sua boba! Vamos para a sala de visitas.

Ela quer ir para a sala de visitas, aquela sala de teto tão alto, de dourados tão bonitos! Se a mãe deixasse...

— Coitadinha de minha filhinha que vai morrer! Desde ontem que ela não conhece a gente!

Os olhos de Pequenina estão tão abertos! Quer ver todos os dourados da sala de visitas... quer ver o espelho... o braço de Maria Clara a puxa.

— Vem boba! Vem para a sala de visitas!

Os olhos vão se cristalizando. Como duas pedras. Param. E se petrificam assim com êsse brilho é que, dentro dêles está o grande lustre da sala de visitas. Inteirinho.

— Precisa fechar os olhos dela antes que esfrie.

— Cuidado com a Marcelina que vai cair de ataque!

Mãos grossas das lidas nas cozinhas descem as pálpebras de Pequenina. E sobre a face da negrinha a morte vai modelando um ar frustrado.

ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

Números atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 -- Belém

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima. Se vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc. tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador avier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

PELAS ESTRADAS

MOVIMENTO AERONAUTICO DO BRASIL E DO MUNDO

Um desastre de aviação arrebatou a vida a dois passageiros da Cruzeiro do Sul e a vários tripulantes dessa companhia, a que dedicadamente a serviram e cumpriram, ainda que com risco de vida, as determinações que receberam. O desastre ocorreu em consequência de um vôo noturno, em noite tempestuosa. Quase todos os passageiros, — à exceção de dois, — haviam desistido de suas passagens. Tratava-se de um vôo sem possibilidades financeiras. Mas, em vez de cancelá-lo, quis a Cruzeiro manter o horário, de qualquer modo. Um capricho. O resultado foi trágico, desastroso. Dêle resultou prejuízos que não podem ser ressarcidos: em material, em técnicos, em danos morais. Prejuízo maior do que o que poderia ter tido a Cruzeiro do Sul com o protesto daqueles dois passageiros que queriam ir de qualquer maneira...

Podia ser que o desastre tivesse ocorrido mesmo em dia calmo, à luz meridiana. Mas nas circunstâncias em que se deu, parece que a Cruzeiro do Sul foi menos prudente do que devia, quando em jogo valiosas vidas humanas...

★

O Aeroclube de Birigui está melhorando e ampliando o seu aeroporto afim de permitir o tráfego de aviões comerciais. Birigui espera em breve ser ponto de escala dos aviões da "Real", ficando, assim, diretamente ligada por via aérea a São Paulo, São José do Rio Preto, Lins e Rio. O aeroclube também já instalou a sua nova oficina para reparo e revisão de aviões e está acabando de construir uma estação de passageiros e um novo hangar.

★

A Prefeitura Municipal de Marília votou uma verba de Cr\$ 500.000,00 para o início das obras de construção do novo aeroporto dessa próspera cidade da Alta Paulista, a qual possuirá pistas de 3.000 metros de extensão. Marília, que é a sede do maior centro produtor de algodão de São Paulo, já possui uma linha aérea da "VASP", com aviões diários.

★

Reuniu-se recentemente, em Montreal, Canadá, a Primeira Conferência do Departamento de Estatística da International Civil Aviation Organization, com o objetivo principal de reconstruir o sistema de compilação das estatísticas mundiais, que antes de 1939 era usado pela Comissão Internacional de Navegação Aérea, com sede em Paris. A conferência, à qual assistiram peritos em estatística dos países membros da ICAO, debateu também a redução do excessivo trabalho burocrático que recaía sobre as empresas de aviação e a uniformização dos termos e definições empregados nas estatísticas aeronáuticas.

★

Acaba de ser publicado o minucioso relatório de 166 páginas da Comissão de Política Aérea do Governo dos Estados Unidos, contendo energéticas recomendações para o fortalecimento da arma aérea e a reorganização das agências de aviação civil. Os exemplares do relatório, intitulado "Survival in the Air Age", podem ser adquiridos do Superintendent of Documents, Government Printing Office, Washington, 25, D. C., Estados Unidos, ao preço de 75 centavos, moeda americana.

★

Se bem que o presidente Truman tivesse escolhido o major General Laurence S. Kuter, representante dos Estados Unidos junto à International Civil Aviation Organization, em Montreal para presidente do Conselho de Aeronáutica Civil, a nomeação foi virtualmente bloqueada pelo Comitê dos Serviços Armados do Senado. Disse o comitê que não daria parecer permitindo o general Kuter ocupar a função civil enquanto ele retivesse seu posto e o alto soldo do Exército. E declarou ainda que se opõe à prática de entregar cargos civis a militares e de usar a legislação para evitar o salário-teto estatutário ora em vigor. O general Kuter declarou que não deixará o exército para aceitar a presidência do Conselho.

À vida de São Francisco de Assis

(Continuação da pág. 30)

simplicidade e genuíno devotamento. Como os primeiros poetas da antiguidade, era — embora provavelmente não o admitisse — um panteísta, ou antes, um panzoísta. Para ele, tudo tinha vida e mútua afinidade. Qual uma criança, via nas aves as suas irmãs, no vento e no sol os seus irmãos, e na terra a mãe viva de todos. Encontramos a mesma personalização e humanização das coisas nos poemas épicos primitivos de Homero, que saudava a terra como a mãe dos homens e esposa do céu estrelado. E — para tomarmos o exemplo de outra era e país igualmente primitivos — também a encontramos entre os índios Pawnes, que cantam a seu pai, o sol, e escutam a voz de sua mãe, a vivificante espiga de milho. Para os Paw-

nees, possivelmente para Homero também, e certamente para São Francisco a admissão de um parentesco íntimo entre todas as coisas, vivas ou não, é muito mais que uma simples imagem poética. É uma bela, se bem que algo ingênua, adoção do mundo pela família humana. São Francisco não só falava em suas irmãs, as aves, mas também falava a elas. Quando voltava de sua viagem entre os sarracenos, que tentara converter em cristãos, encontrou no caminho um bando de pássaros; e com a candura e sinceridade de uma criança, tentou converter as aves ao cristianismo. Encantado na música, com que o deleitavam suas chilreantes irmãs, ocorreu-lhe que também ele conhecia uma música, melhor que a delas, com que por sua vez as entreter. «Irmãs», disse com aquela sua voz suave, «se já terminastes, é tempo de eu também me fazer ouvir». E pregou à sua con-

gregação alada um sermão para lhes salvar as pequenas almas.

Se, aos olhos do leitor mundano, isto parece rair pelo ridículo, consideremos outra invocação de São Francisco — a invocação a seu irmão, o fogo, que certamente raia pelo sublime. Francisco estava na iminência de perder a visão, e os médicos lhe disseram que o único meio de salvá-lo da cegueira total era cauterizar um dos olhos — isto é, queimá-lo com ferro em brasa. Quando tiraram o ferro da fornalha, ele se ergueu com graciosos ademanes e falou ao fogo como a um camarada vivo e carinhoso que estava para cumprir uma obrigação desagradável. «Irmão fogo», disse, «Deus te fez belo, forte e útil. Peço-te que sejas cortês comigo».

(Continua no próximo número)

Como é fácil e agradável...

USAR ESTE PRÁTICO BATEDOR ELÉTRICO

Conheça o batedor elétrico "Mix-maid" para massas, ovos, cremes e bebidas em geral. "Mix-maid" transforma o moroso e exaustivo trabalho manual numa operação rápida e agradável.

VENDAS PELO CRÉDITO-MESBLA

MESBLA

PEÇAM CATALOGOS RUA DO PASSEIO, 48/56

ARTURO DE CORDOBA NO RIO!

(Continuação da pág. 15)

filme pela pressa com que foi feito, a deficiência do material, etc. Enfim, deixa que ele o veja e julgue.

O QUE EU QUERO É MOVIMENTO

Arturo de Cordoba continua o mesmo espírito irrequieto de quando moço, apesar dos cabelos grisalhos que lhe enfeitam a fronte e dos quais ele muito se orgulha. Durante a conversa disse, à certa altura, com um ar de zombaria:

— "Estou ficando velho".

De zombaria do tempo, que só conseguiu embranquecer-lhe alguns fios de cabelos. Nenhum outro sinal do tempo se nota no rosto ou no porte do artista mexicano. Nem nas suas idéias. Ele nos fala de sua acidentada carreira. Desde menino sua vida tem sido de constantes mudanças, viagens e imprevistos. Nasceu na cidade de Merida, no México, foi aos sete anos para os Estados Unidos e fez os preparatórios em Nova York. Mal acabara de se formar, ingressou no jornalismo, percorrendo toda a América do Sul, estagiando mais demoradamente no Chile e na Argentina. Em 1930 foi para o México e tentou o rádio. Deu certo. O rádio levou-o ao teatro e este, em pouco tempo, o apresentava ao cinema que o conquistou definitivamente. Tudo isso aconteceu em pouco tempo em sua terra natal. Por volta de 1935 fez a primeira película mexicana que se chamou "Celos" ("Ciúmes" em português). Um ano depois ganhou imensa popularidade representando o papel de Edmundo Dantés, em "O Conde de Monte Cristo". Foi quando Hollywood o atraiu e ele estreou muito bem no cinema norte-americano fazendo um pequeno papel em "Por quem os Sinos do Bram". Apareceu depois em "Refens", "Galvota Negra", "A morte de uma ilusão", "Chispa de Fogo", etc. O cinema americano rouba muitas vezes as possibilidades naturais do artista, querendo apresentá-lo dentro de um tipo pre-estabelecido, estandardizado. Infelizmente é o que tem acontecido, às vezes, com o nosso entrevistado. Parece que na próxima película o talento de Arturo de Cordoba vai ser melhor apresentado. Pelo menos fisicamente, ele já aparenta o tipo que idealizamos para o personagem do filme "Aventuras de Casanova", no qual ele fará o papel de um D. Juan que começa a se aborrecer com suas infundáveis aventuras. E, apesar das cas

Bolo Royal da Semana

Ninguém mais que as crianças adoram bolos. Dê-lhes completa satisfação fazendo bolos esta semana e sempre, sem esperar somente as grandes datas. E como são deliciosos, fôfos e belos os bolos feitos com Fermento Royal!

GRÁTIS!

Obtenha o Cartão Royal e ganhe o "Livro de Recetas Royal"

Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Recetas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

BÔLO DE ABACAXI

3 ovos

1 1/2 chics. açúcar

1/4 chic. água

1 1/2 chics. farinha de trigo

1/2 colh. (chá) Royal

1 colh. (chá) baunilha

Fatias de abacaxi

Bata as claras em neve e junte-lhes as gemas. Acrescente o açúcar aos poucos e depois a água e os ingredientes secos peneirados juntos. Junte a essência e bata bem. Fôrma de alumínio ou vidro, forrada com açúcar mascavo e salpicada com partículas de manteiga. Coloque algumas fatias de abacaxi no fundo da fôrma antes de deitar-lhe a massa. Forno regular durante 50 minutos. Inverta o bolo ao retirá-lo da fôrma e enfeite com nozes e cerejas. Sirva com creme Chantilly.

O SEGRÊDO DA "BOA MÃO"

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. — Rio

ROYAL

FERMENTO EM PO

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, desejamos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuá (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque, da vida nada se leva.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantada à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas, as impurezas e a tendência para pigmentação.

O vício, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

que se destacam na sua negra cabeleira. Arturo de Cordoba tem, naturalmente, um ar de D. Juan, de um D. Juan, que procura aposentadoria...

TALVEZ TRABALHE MAIS DOIS ANOS

A prova de que Arturo de Cordoba não se habitua à rotina, são os seus projetos para o futuro. Disse-nos que pretende trabalhar como ator cinematográfico apenas por mais dois anos. Não é que se sinta incapaz de criar novos tipos.

— Mesmo porque, diz-nos não há idade limite para o ator. Basta que ele se adapte aos novos papéis, condizentes com a sua idade. Mas eu deixarei de ser ator porque tenho outros projetos. Continuarei dentro do cinema como produtor ou diretor. Se possível como uma e outra coisa. Irei dirigir filmes no México. Para isso venho treinando há quinze anos, observando e aprendendo tanto quanto possível.

Se isto acontecer, Arturo de Cordoba se aposentará muito moço na profissão de ator. Tem ele hoje apenas quarenta e seis anos. Sua aparência é de um rapaz de trinta e cinco. Mas ele não faz segredo da idade, como de nenhuma outra coisa. A uma pergunta sobre os seus laços de família, disse-nos prontamente:

— Sou um respeitável chefe de família. Casei-me há dezesseis anos, com uma linda mexicana, que é, atualmente a senhora Enna de Cordoba. Temos duas filhas e dois filhos. Os garotos não pretendem seguir as profissões estafantes do pai. O mais velho, com treze anos de idade, já fez a sua escolha profissional: vai ser médico. Moramos todos no México, mesmo quando as filmagens nos obrigam a uma permanência demorada em outros países.

E é este o intérprete de "Deus lhe pague", que o Rio hospeda no momento. Simples, afável, respondendo a todas as perguntas e recebendo como a colegas de sua antiga profissão, todos os jornalistas que o procuram.

A vida de Sibelius

(Continuação da pág. 43)

O segundo movimento, um allegro gracioso, dura quinze páginas e é exclusivamente impressionista. Um completo ensaio filosófico escrito em taquigrafia musical. Não é tão notável essa música pelo que diz, senão pelo que deixa de dizer. O terceiro movimento, largo, compreende nove páginas. E nesse compasso estreito constrói-se um tema do nada diante dos nossos próprios olhos. Nunca se ouviu em música semelhante autonegação. O movimento final é também reduzido. Desenvolve um tema completo e colorido mas não contém uma única nota supérflua.

Esta sinfonia representa, aproximadamente, um terço da "Primeira". Não obstante, nada lhe falta de essencial pois é, ao revés, prenhe de significação. Escreveu-a Sibelius num tempo em que os outros compositores da época, Strauss, Debussy, Ravel, se entregavam a orgias orquestrais, preguiçando na tapeçaria de ricas melodias, destinadas a aliciar o auditório com a sua súplica voluptuosa. Essa composição de Sibelius ergue-se, porém, como um protesto contra o que era tido como a insinceridade do tempo. É a casta criação de um gênio austero e retrata a força inquieta de um destino esmagador.

Essa obra foi composta em 1910. Só cinco anos depois é que Sibelius escreveu outra sinfonia. Durante esse tempo fôra cumulado de honrarias em toda a Europa e fizera uma viagem triunfal à América. Depois estalou a Primeira

Guerra Mundial. Principiara a vacilar a fé que possuíam muitos homens voltados para as coisas do espírito. Sibelius já atingira em sua música as profundezas do pessimismo. Mesmo antes da guerra impressionara-o profundamente o espetáculo da desumanidade do homem em relação ao homem. No entanto, por curioso que pareça, a guerra devolveu-lhe a fé. Faz-se mister uma grande tragédia para demonstrar a fibra moral do gênero humano: «Esta vida que amo infinitamente» esboroava-se à volta dele. No entanto, «a civilização é força e não fraqueza. Atental para as grandes nações da Europa e para o que suportaram! Nenhuma raça selvagem poderia ter sobrevivido aos padecimentos que elas aturaram. Foi a civilização quem lhes deu tanta vitalidade e tamanha coragem». Ele acreditava profundamente na civilização. E com essa crença emergiu do purgatório das visões anteriores. Já vislumbrava as montanhas que viria a escalar. «Deus abre a Sua porta por um momento e a Sua orquestra executa a Quinta sinfonia». Esta sinfonia é uma volta ao triunfo. É olímpica. Calara-se o fantasma da «Quarta». A nova música é rica e sonora. É uma seqüela da «Quinta» de Beethoven. Proclamando o destino festivo do homem, afirma-lhe a coragem, a persistência e a esperança. A despeito dos campos devastados de Flandres, Sibelius assegura com redobrado vigor, «acredito de fato na civilização!».

Nunca, durante toda a sua longa vida, se apartou ele da sinceridade de sua arte. «Essa arte», observa o próprio compositor, «é um protesto contra as composições de hoje. Nada, absolutamente nada, existe de circense em minhas obras». Confessava que, quanto mais observava a vida moderna, tanto mais clássica se tornava a sua atitude em relação à arte. Em 1924 escreveu a «Sexta Sinfonia», caracterizada por um grande controle após a explosão da «Quinta». O seu espírito recobrou mais uma vez o equilíbrio e a tranquilidade. E (em 1925) realizou em seguida a essa «obra-prima de controle tonal», o derradeiro esforço, a «Sétima Sinfonia». Eterno experimentador, escreveu Sibelius a nova sinfonia com um movimento só — vasto oceano de inumeráveis ondas alongando-se, num só corpo, de praia a praia.

Sibelius encerrou a sua série de sinfonias no número mágico — sete. E nessas sete sinfonias demonstrou uma versatilidade somente igualada por Beethoven. Não somente figura o compositor entre os compositores mais excepcionais, como ainda cada uma das suas sete sinfonias é excepcional em si mesma — uma entidade musical cujo caráter difere de todas as outras. Como no caso de Beethoven e Shakespeare, surpreendemo-nos a fazer a seguinte pergunta: «Pode um espírito humano abranger tamanha diversidade de pensamento?». E ainda assim encontramos em toda a diversidade de Sibelius uma unidade de propósito — uma progressão quase ininterrupta do brilho extravagante para a desadornada simplicidade, da exuberância poética para o controle intelectual. Sibelius foi chamado o último expoente musical dos velhos clássicos. Fôra, porventura, mais exato dizer-se que ele é o primeiro expoente musical da nova matemática. Surgiu Sibelius como o Bach do século XX.

Hoje é um velho. O seu melhor trabalho já está feito. Após a guerra, assistiu à assolação provocada pela revolução finlandesa e experimentou, depois, o terror bolchevista. Emergiu, porém, de tudo isso imperturbado. As cicatrizes da sua luta eram todas mentais, pois havia novos caminhos da arte para serem desbastados, novos obstáculos para serem vencidos e novas canções para serem escritas. Sibelius é, agora, como ele mesmo observa, «um jovem aprendiz velho de setenta e cinco anos», entre-

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua

brilhando em 1948!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

ANEMIA? FRAQUEZA?
DYNAMOGENOL
VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

Recomendamos MESSIAS

Os Vinhos Messias
são grandes Vinhos;

melhor não há

tido ainda, reverentemente, em fazer experiências com «a matemática da escala». E depois de uma garrafa de clarete e um bom charuto, articula o seguinte testamento: «Ninguém suponha que a composição se torna mais fácil com o passar dos anos quando o compositor leva a sério a sua arte. Quanto mais velho o artista, maiores as exigências que faz a si mesmo... A gente vive a topar com problemas novos».

(Do livro «Vidas de grandes compositores».)

Música

(Continuação da pág. 44)

que o som do piano atrapalhava seu trabalho, bateu à porta de Liszt para dizer-lhe que não queria para vizinhos pianistas «barulhentos e de segunda categoria».

Com alternados sucessos e reveses, a vida de Liszt decorreu toda em torno do

piano. Sem um piano ele não podia viver. O piano, esse «singular animal»... Animal? Assim, pensava, pelo menos, um mandarim chinês que, registrando suas impressões de uma viagem à Europa, exprimiu-se nestes termos: «Os povos do Ocidente têm o hábito de criar, em seus salões, um singular animal que denominam piano. Esse estranho ser, quando é pequeno, tem quatro pés. Os tipos maiores, porém, têm apenas três pés. Para fazê-lo cantar, basta tocar com os dedos na sua dentadura. Não obstante, apesar dos enormes dentes, nunca morde.»

Em Belo Horizonte há um...

(Continuação da pág. 11)

No «Sanatório Morro das Pedras» a capacidade é de cerca de 150 leitos. Entretanto, comumente estão ali internados entre 160 a 180 tuberculosos. As vezes ficam dois no mesmo quarto. Po-

demos encontrar alguns deitados pelo chão. Isso se dá porque o internamento é gratuito, e mais desumano ainda seria deixar o doente na rua, ao desamparo. E como em geral os doentes que ali chegam se encontram em lastimável estado de miséria, a percentagem de cura é de 1 para cada grupo de cem doentes. Belo Horizonte possui quatro sanatórios e algumas pensões para doentes da peste branca, e neles calcula-se que estarão internados cerca de 500 tuberculosos, havendo um «deficit» de uns 2.500 leitos. Mas somente nos terrenos do «Sanatório Morro das Pedras» poderão ser construídos pavilhões com capacidade para 2.000 leitos.

Ali estão internados adultos de ambos os sexos e sua idade varia entre 20 e 35 anos na maioria. A mortalidade, pelas condições citadas, sobe a 66% entre o 1º e o 5º dias de internamento. A mortalidade geral é de 80%.

Naturalmente, fizemos muitas perguntas e abordamos diversos aspectos do problema da tuberculose no Brasil e em

Minas. E, naturalmente, chegamos ao momento das estatísticas. Ali o professor Marques Lisboa convida outros médicos. O professor Marques Lisboa não gosta da estatística como elemento de prova. Tudo se pode provar com ela.

Mas queremos saber qual a solução possível, já não dizemos ideal, para o terrível problema. E ouvimos de um dos médicos que, além dos sanatórios, a disseminação do dispensário é o caminho a seguir. Outro especialista contesta e nos declara:

— O problema da tuberculose no Brasil é tão grave, está em tal situação que o que se torna necessário é o problema do albergue: um lugar ao menos onde o doente possa morrer.

Fala-se sobre a profilaxia da tuberculose, o repórter faz perguntas e o assunto descamba para o medo à peste branca. O repórter acha que este medo não existe. O professor Marques Lisboa passa a demonstrar que, na realidade, ele existe, apesar das aparências. E conta que quando veio para Belo Horizonte, há trinta anos, conseguiu alugar uma casa em condições excepcionais, somente porque nela havia morado um tuberculoso. Outro médico, um seu auxiliar, nos conta que há poucos meses encontrou uma casa vazia na cidade, para alugar (isto hoje é tão difícil quanto encontrar uma agulha em palheiro). Ali foi residir. No dia seguinte começaram a chover as telefonemas, prevenindo-o que ali morreria um tuberculoso. Um terceiro médico nos conta outra história. É a história de um despejo na capital mineira. Esse despejo foi concedido pelo juiz porque o senhorio alegou a tuberculose do inquilino.

★

Ali está o Sanatório. Ali está o professor Henrique Marques Lisboa, que naquele dia faz 70 anos de idade e 21 de serviços dedicados ao Sanatório, obra que se confunde com a sua própria vida. Ali estão os médicos José Feldman, Antônio de Oliveira Lucena, Alysson de Abreu, Ernesto Ayer Filho, Edy Campos, Cristóvão Noronha, os que serão seus continuadores.

Ele estende-me a mão em despedida e, como despedida, me diz:

— É, você tem razão. Aquilo de tuberculose... o problema é econômico.

De novo há um sorriso em seus lábios e ele se afasta.

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se tornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. A flatulência, a dispepsia, a má digestão, o mau hálito, a língua saburrosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as câimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Papéis Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno, impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, de atender as suas obrigações diárias. Se V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papéis Bankets. As suas propriedades sedativas e medicamentosas atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.



VARIZES E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes ORIENTAIS (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIÓCA - 67 - RIO

Epoca

CIGARROS

Continental



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz